

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

PEDRO LESSA . . . . . da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitucionaes . . . . . 351
OLAVO BILAC . . . . . da Academia Brasileira	Lendas brasileiras . . . . . 366
MONTEIRO LOBATO . . . . .	A gargalhada do Collector . . . . . 382
RICARDO SEVERO . . . . .	A arte tradicional no Brasil (com illustrações) 394
MAGALHÃES DE AZEREDO . . . . . da Academia Brasileira	Poesia . . . . . 425
LUIZ CARLOS . . . . .	Caravana da Gloria . . . . . 428
OLIVEIRA LIMA . . . . . da Academia Brasileira	A Revolução de 1817 . . . . . 431
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . . da Academia Brasileira	Livros . . . . . 444
JOSÉ ANTONIO NOGUEIRA . . . . .	Luciano, Luz e Strauss 457
FIRMINO COSTA . . . . .	Vocabulario analogico . . . . . 469
FIALHO D'ALMEIDA . . . . .	Eça de Queiroz . . . . . 481
MACHADO DE ASSIS . . . . .	Cartas inéditas . . . . . 498
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . . 500

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 16 - ANNO II

VOL. IV

ABRIL, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Brasil-Allemanha — Alberto Torres — Bibliographia — Artistas Bahianos (*M. L.*) — As armas de S. Paulo — Ensino primario (*Carlos da Silveira*) — Brasil-Allemanha (*Ruy Barbosa*) — Revistas e Jornaes — Cotegipe intimo — Octave Mirbeau — Lloyd George — Porque morreu Metchnikoff — Zorrilla — Barba e cabelo na Politica e na Historia — As cartas anonymas — O systema metrico e a guerra — O Cruzeiro do Sul — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

---

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

---

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA      REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL      SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO . . . . .	15\$000
SEIS MEZES . . . . .	8\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52      S. PAULO  
CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGÍLINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Patz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LEL-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assinatura custa apenas 8\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correlo.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

TELEPHONE, 4305

INSTALLAÇÃO DE LUZ E FORÇA

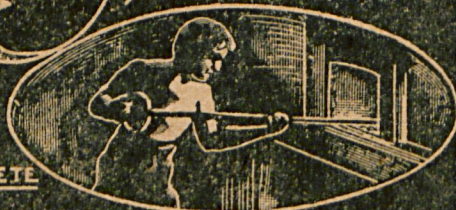
SÃO PAULO

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO

---

---

## O PRECONCEITO DAS REFORMAS CONSTITUCIONAES

---

Taes notas de critica e de combate provocou o artigo, sob o mesmo titulo deste, publicado por mim no primeiro numero da *Revista do Brasil*, que não me parece de todo inutil esclarecer um pouco mais e completar o pensamento dominante naquelle escripto.

Minha these foi, e continua a ser, esta: para curar os males economicos e financeiros de uma nação, e especialmente para regenerar, para restaurar moralmente uma sociedade politica, as reformas constitucionaes são remedios inertes, negativos, sem nenhuma efficacia. Por estar bem convicto dessa verdade, que tem na observação historica e na observação contemporanea uma prova indiscutivel aos olhos de todos os observadores lucidos e imparciaes, escrevi estas proposições, logo no começo do artigo mencionado: "As reformas constitucionaes são os recursos predilectos das nações fracas, incapazes, por sua falta de educação e de energia, de um bom governõ pratico, e das nações decadentes e enervadas, que umas e outras, appellam, mas debalde, para tão desacreditada panacéa."

Não é verdade, retorquiram alguns jornalistas brasileiros, exhibindo como prova de sua asserção as reformas constitucionaes dos Estados-Unidos da America do Norte, e um illustre escriptor portuguez, o sr. Agostinho de Campos, lembrando as modificações por que têm passado a Constituição da Prussia, de 1 de janeiro de 1850, e a do Imperio allemão, de 16 de abril de 1871. As quinze emendas, tão conhecidas, da Constituição norte-americana, as nove altera-



ções feitas, em periodo não longo, á Constituição do Imperio allemão, e as quatorze modificações da Constituição da Prussia, provam bem que nações jovens e muito vigorosas e progressivas, e outras que são “modelos de ordem, de conservantismo e de boa medida politica”, tambem reformam frequentemente as suas constituições, o que significa muito claramente que as reformas dessa especie são necessarias, ou pelo menos uteis aos povos mais fortes, cultos e aptos para uma grande civilisação.

Facil é mostrar o vicio desse raciocinio. Ha uma differença profunda e palpavel entre aspirar constantemente a reformas constitucionaes e realisal-as, para o fim de, só e exclusivamente pelas mutações dos textos da lei fundamental, modificar a vida economica e os costumes de um povo, e ir pouco a pouco corrigindo e melhorando os preceitos de uma constituição, de accôrdo com as exigencias dos factos, com as imposições dos acontecimentos, com o adiantamento da nação, com o estudo mais satisfactorio das necessidades sociaes e dos principios do direito.

Fôra manifesta insensatez negar a necessidade das transformações do direito constitucional, bem como a das do direito civil, commercial, criminal, administrativo, ou judiciario. Entre os que consagram a sua vida ao cultivo do direito em geral, é essa uma verdade, que não se faz mister lembrar em quaesquer circumstancias, porque sempre se subentende. A revogação ou derogação de leis, e a promulgação de novos preceitos, *rebus ipsis dictantibus et necessitate exigente*, ou mesmo como meio de estimular, dentro em certos limites, certas transformações beneficas da sociedade, não ha escola ou doutrina conceituada, que não approve, ou admitta.

O que eu combati, e que me parece uma pretensão absurda, e propria unicamente de povos sem educação e sem instrucção, ou de nações decadentes, é este preconceito, tão commum na America latina, que consiste em suppor que, para corrigir e melhorar um povo pobre e de pessimos costumes politicos, é bastante e efficaz a reforma dos textos constitucionaes.

Em 1791 foram votadas nos Estados-Unidos as dez primeiras emendas á Constituição de 17 de setembro de



1787. Em nenhum desses novos artigos se nos depara a mais leve tendencia para alterar as instituições politicas adoptadas em 1787.

São corollarios logicos, verdadeiros complementos, retoques finaes apenas, da obra do segundo congresso constituinte. Uma rapida leitura das dez emendas revela-nos immediatamente o fim dessas novas regras constitucionaes. A primeira contém principios de ordem constitucional, que são communs a todas as constituições adiantadas; pois, assegura a liberdade religiosa, a de tribuna, a de imprensa, a de reunião e a de representação. Pela segunda se garante a cada cidadão o direito de trazer consigo armas. Veda-se na terceira que ao particular seja imposta, em tempo de paz, a obrigação de alojar soldados, podendo-se exigir a prestação desse serviço unicamente em tempo de guerra e de accordo com as prescrições legaes. Encerram a quarta, quinta sexta, setima e oitava, bem vulgares garantias constitucionaes da liberdade individual, do domicilio e do direito de propriedade, e as duas ultimas declarações geraes de direitos, que haviam sido esquecidas pelas constituintes de Philadelphia. A decima primeira envolve uma restricção ao poder judiciario da União. Na decima segunda temos, não ha duvida, uma alteração dos preceitos acerca da eleição do presidente da União, alteração que pareceu naturalmente reclamada pela pratica e maior ponderação sobre o assumpto, e que não importa absolutamente em modificação da estructura politica primitivamente adoptada. Nenhuma relação de dependencia ha entre a decima terceira e a forma do governo do paiz; porquanto, esta emenda, approvada em 1.º de janeiro de 1865, consagra a emancipação dos escravos. As demais emendas dispõem sobre a qualidade de cidadão dos Estados-Unidos e dos Estados, a eleição presidencial, a divida publica da União, e o direito de voto estendido a todos os cidadãos, posto que tenham sido escravos ou sejam homens de côr. Como se vê, são *aperfeiçoamentos da Constituição*. Têm por fim unicamente *corrigir, ampliar e completar as instituições politicas*.

Esse intuito, ou essa preocupação, ainda é mais evidente nas reformas da Constituição da Prussia e da Constituição do Imperio allemão. Nenhuma alteração funda-



mental, nenhuma transformação da essência das instituições. Os artigos 15, 16 e 18 da primeira dessas leis fundamentaes foram eliminados, depois de haverem sido unicamente modificados. Que é que se fez com essa reforma? Abolir a independência de que gozavam a igreja evangelica e a catholica. A forma do governo não se modificou por isso. As proprias abrogações dos artigos 65 a 68 não desnaturaram a monarchia estatuida em 1850. Quanto ás emendas da Constituição do Imperio allemão, nenhuma tambem foi votada, que imprimisse um caracter diverso á obra de 1871.

Não ha equivalencia, nem sequer similhança possivel entre reformas constitucionaes votadas com taes escopos e com taes alcances, e as que se fazem e desfazem tão frequentemente na America latina, como ficou apontado no artigo precedente. O que se quer na America, e nas nações decadentes da propria Europa, é levantar uma sociedade, cancerada pela immoralidade dos homens publicos e pela miseria economica, a golpes de reformas constitucionaes. Contra esse absurdo innominavel foi que me insurgi.

---

Quaes são os nossos graves defeitos sociaes, que se pretende debellar por meio de reformas da Constituição Federal?

Importa responder com toda a franqueza. Um diagnostico verdadeiro e preciso é o primeiro passo para uma decisiva applicação therapeutica.

Um dos nossos vicios primordiaes é a corrupção e a fraude nas eleições, de que decorre como consequencia necessaria uma verdadeira repulsão do exercicio do voto pela parte mais instruida, moralisada e independente, da sociedade. Corrompe-se o eleitorado, já promettendo e dando empregos publicos, já pela ameaça das demissões e perseguições, e tambem pelo empenho e pelo dinheiro. Fraudam-se as eleições, desnatura-se o suffragio, fazendo-o exprimir resultado diverso da realidade. Vota-se num candidato e aparece votado outro.



Outro grande mal brasileiro é a politiquice ou politica-gem. Desde que a maioria dos politicos se compõe de exploradores da carreira politica, sem preparo, sem predica-dos pessoases, e sem disposição para o trabalho esforçado, que lhes garantam em qualquer profissão honesta os meios de subsistencia ou (o que é muito frequente) a posição social que a politica lhes dá, nada mais natural do que a sua exclusiva preocupação com os assumptos e negocios politicos de interesse meramente individual. Por falta de uma comprehensão exacta e ampla das utilidades e das necessidades sociaes, e da intima connexão entre estas e a utilidade individual, e por uma consequente inferioridade moral, que lhes traz o espirito sempre afocinhado e preso aó seu mesquinho egoismo, não cuidam attentamente e com afinco da agricultura, nem das industrias, nem do commercio, nem das sciencias, nem das artes, nem da educação e da instrução do povo, nem de nenhum dos ramos de actividade social que nos paizes novos precisam de ser protegidos, ou pelo menos orientados pelo governo, ou pelas classes dirigentes.

O baixo nivel, intellectual e moral, da maioria dos nossos homens publicos faz que estes vivam sofismando as leis e transgredindo-as por mil modos, em seu beneficio, ou no dos parentes, amigos e partidarios. Incapazes do amor á gloria, têm na mais alta dose o amor ao poder, ás posições e seus proveitos. Querem, por todos os meios, os cargos politicos para si, para sua familia, para os seus assecclas que lhes parecem mais submissos, e que frequentemente os traem. Em meio desta estúpida e torpe comprehensão da politica não ha logar para os homens de talento, de saber e de character. Os poucos que por circumstancias especiaes logram penetrar, ou manter-se, em collocações politicas salientes, são fortemente hostilizados pela grande legião dos politiqueiros.

E' incrível o desembaraço com que os nossos homens publicos interpretam sofisticamente e fraudam na execução as leis em pról dos seus interesses individuaes. Os mais claros e terminantes artigos da nossa liberrima Constituição não têm escapado aos ardis e ás violencias dos politicos. Querem exemplos? O artigo 73, em que refulge ad-



miravelmente o pensamento do legislador, veda muito democraticamente e só a accumulção de remunerações, permitindo o exercicio simultaneo de cargos não remunerados. Para bem interpretal-o, basta conhecer *os mandamentos da lei de Deus* e ser um homem de bem. Entretanto, quantos raciocinios de má fé não tem accumulado o egoismo dos nossos juristas politicos para fazer passar, á viva força, através das impenetraveis malhas desse preceito constitucional as mais descaradas accumulções! Exprimindo a mais justa previdencia, o art. 5 instituiu a aposentadoria para os funcionarios publicos em caso de invalidez no serviço da nação. Entretanto, invertendo o evidentissimo pensamento do legislador, os nossos politicos militantes transformaram o preceito do art. 75 no mais vergonhoso e aviltante instrumento para exaurir o thesouro publico, aposentando individuos que vão exercer sua actividade muito mais fatigante e penosamente em serviços de ordem privada ou em outros cargos publicos!

Para se manterem e cultivarem todos esses vicios, é indispensavel fazer-se o que vemos constantemente: eleger para os mais elevados cargos da administração federal e estadual os menos competentes, os mais malleaveis, os mais doceis instrumentos dos interesses dos chefes. A lembrança de um grande nome para uma alta posição politica é recebida como uma declaração de guerra, a que se responde com todos as alicantinas da perfidia e com todos os recursos da luta violenta. Como um natural corollario dos factores da nossa vida politica, já chegámos ao extremo de ter como chefe da nação o individuo a que mais qualidades intellectuaes e moraes podiam fallecer para o cargo.

---

Esses incontestavelmente, e em synthese, são os defeitos capitaes da nossa politica.

De relance, vejamos, precisando um pouco a natureza dos remedios, quaes as reformas constitucionaes com que se alimenta a aspiração de curar todos esses males.

Difficilima é a tarefa; pois, são tantos os alvitreos, os medicamentos suggeridos, que não se sabe absolutamente



qual a reforma, ou qual o programma de reformas, que conta maior numero de suffragios.

Um nome ha na politica brasileira que tanto sobreleva pela sua alta competencia, que em tudo lhe é devida e reconhecida uma primazia incontestavel. Eis, resumidamente, as reformas propostas pelo eminente sr. Ruy Barbosa: a) unificação do direito judiciario, isto é, do direito processual e da organização judiciaria; b) a escolha dos juizes confiada aos tribunaes superiores; c) a definição, em termos claros e precisos, dos "principios constitucionaes" da União, que os Estados devem respeitar; d) garantia aos magistrados estaduaes, caso não seja unificada a magistratura, da vitaliciedade, da insuspenbilidade administrativa e da irreductibilidade nos vencimentos; e) outorga ao Congresso Nacional da faculdade de reintegrar a ordem republicana federativa, quando a Constituição de um Estado a contravier; f) reconhecimento á legislatura da União de igual competencia para intervir nos conflictos economicos entre os Estados, quando estes se hostilizarem uns aos outros mediante golpes de impostos, guerras de tarifas, retalições tributarias, que ameacem a paz da União; g) a declaração de que os effeitos do estado de sitio acabam com a cessação deste, e a de que a elle são immunes os membros do Congresso e os magistrados, bem como a de que o art. 80, paragrapho 2.º, só autorisa as medidas da prisão e do desterro; h) regular constitucionalmente a faculdade, natural aos Estados, como aos municipios, de contrahir emprestimos externos, quando estes possam vir a empenhar a responsabilidade, provocar intervenções estrangeiras e arriscar a nossa integridade ou prejudicar a nossa reputação; i) prohibir ao Congresso a inserção nas leis annuas de disposições estranhas aos serviços geraes da administração, ou á consignação de meios para observancia de leis anteriores, e a autorisação ao governo de vetar parcialmente o orçamento da despesa, onde esta collidir com essa regra prohibitiva.

Como facilmente se vê, quasi todas as reformas, propostas pelo egregio brasileiro, são das que se preconizam e effectuam para o fim de melhorar, de corrigir, de aperfeiçoar as leis vigentes; são reformas da mesma natureza e



dirigidas aos mesmos fins das que se fizeram na America do Norte para completar as garantias da Constituição. Não revelam o insensato intuito de sanear moralmente uma nação de pessimos habitos politicos. Não são reformas como as do Mexico, as do Perú, as de Portugal, realisadas com o escopo de, *por si sós, sem o adminiculo de outros factores, sem a educação, sem a instrução, sem a disseminação de idéas verdadeiras, justas e uteis, produzirem a regeneração de um povo.* Não são idéas de visionarios, que tanto mal fazem a um paiz, entretendo e aggravando as molestias sociaes que pretendem curar, pela applicação de remedios inuteis, ou burlescos. Tal tratamento não exclue, antes exige, como indispensavel complemento, a propaganda dos principios e das idéas, que devem formar o ambiente moral de toda sociedade livre.

Mas, entre as proprias reformas aconselhadas pelo acatado mestre do direito constitucional brasileiro algumas ha, a que não se póde ligar o alcance, que parece lhes ter sido dado. Nem julgo provado o mal que, no sentir de alguns, nos tem feito a outorga aos Estados da faculdade de legislar sobre o direito judiciario, nem creio que seja isenta de inconvenientes a reforma suggerida. A independencia das magistraturas locaes tem sido garantida pelo Supremo Tribunal Federal, com a interpretação dada ao art. 33 da Constituição, incluindo-se entre os principios constitucionaes, impostos á observancia dos Estados, os concernentes á vitaliciedade e mais garantias conferidas aos juizes federaes. A diversidade de normas processuaes é uma necessidade incontestavel diante da grande extensão de alguns dos nossos Estados, da escassez de população de muitos, da diversidade de accidentes geographicos, de cultura social e de meios de transporte. Uma só lei de processo tem graves e manifestos inconvenientes. Provou-o a promulgação da lei n. 1785, de 28 de novembro de 1907, que foi preciso substituir dentro em pouco tempo pela de 30 de setembro de 1909. Querendo proceder com muito rigor contra os autores do delicto de introdução dolosa na circulação de moeda falsa, estatuiu-se na lei de 1907 que em caso nenhum poderia a formação da culpa exceder o prazo de vinte dias. Como na maior parte dos Estados, em conse-



quencia das grandes distancias e difficuldades de transporte, é impossivel concluir a formação da culpa no prazo prorogavel da lei citada, o resultado foi, durante algum tempo, serem frequentemente soltos os réus por *habeas-corpus*. A unificação do direito judiciario dar-nos-ia talvez este resultado incomprehensivel ou pelo menos injustificavel, de offerecer o Brasil, sob o regimen federativo, maior centralisação, no que respeita á organisação judiciaria, do que tivemos no imperio, sob o dominio do Acto Adicional, que ao menos dava ás assembléas provinciaes competencia para legislar sobre a divisão judiciaria das provinçias. Se ha assumpto que no Brasil, dadas as differenças de varias especies entre os Estados, não se deve subtrahir á competencia regional, é a organisação judiciaria e o processo. O direito judiciario e a organisação da policia, num paiz vasto como este, e sujeito ao regimen federal, devem forçosamente pertencer aos Estados.

Em parte, são da mesma indole das do sr. Ruy Barbosa as reformas lembradas por este outro notavel politico, tão competente em assumptos economicos e financeiros, o sr. Leopoldo de Bulhões.

Começa o illustre senador por Goyaz, pedindo que se dê independencia á magistratura, cercanda-a de todas as garantias e confiando aos tribunaes superiores a escolha dos magistrados. O primeiro passo que deve ser dado, para esse fim, é a unificação do direito judiciario. — As garantias constantes da Constituição Federal, seriam manifestamente sufficientes, desde que se observassem os preceitos constitucionaes com todo o seu rigor e em toda a sua pureza, observancia que depende, unicamente, da educação moral e da instrucção. Quanto á escolha dos juizes pelos tribunaes superiores, não poderia trazer o inconveniente de limitar as nomeações a cidadãos exclusivamente da classe, o que fôra um grande mal? Tolher de qualquer modo a selecção, para a judicatura, dos professores, advogados e altos funcionarios administrativos, é contribuir do modo mais efficaz para a decadencia da carreira judiciaria.

Quer o eminente senador goyano que se façam leis garantidoras do voto. — Aqui está bem frisantemente um dos pontos do programma de reformas, em que mais pal-



pavelmente se pode sentir a inutilidade das leis, sem a reforma dos costumes. Reformou-se o anno passado a nossa lei eleitoral. Estatuiram-se normas muito severas, que pareciam as mais conducentes a evitar a fraude no alistamento. Logo, á primeira execução da nova lei, foram tantas e taes no Districto Federal, na capital da Republica, as machinações criminosas para fraudar a lei, que a imprensa diaria, num brado unisono de alarma, denunciou os crimes cynicamente praticados, e pediu a punição dos delinquentes.

A responsabilidade dos ministros de Estado, e dos governadores e presidentes de Estados, já está bem clara e positivamente decretada na Constituição Federal e nas regionaes. O que falta, e exclusivamente, é applicar uma e outras leis. Não será a permissão de separar-se o processo dos ministros do do presidente da Republica, que ha de possibilitar a condemnação dos primeiros.

A nova partilha de rendas entre a União e os Estados serviria unicamente para, nos periodos de prosperidade e de grande augmento de receita, a União poder entregar-se a maiores orgias financeiras. Na actual crise financeira, as barreiras, oppostas pela Constituição Federal á decretação de novos impostos federaes, tem sido um dos maiores beneficios que nos podia fazer o nosso pacto fundamental. Sem ellas, os tributos seriam indefinidamente accrescidos, e com elles novas despesas, cada qual mais dispensavel. Os abusos da União nesta materia têm sido muito maiores do que os da maior parte dos Estados.

---

Exemplo eloquentissimo de uma reforma constitucional, pregada com o intuito de se produzir uma regeneração da sociedade, é a substituição do presidencialismo pelo parlamentarismo. Os factos historicos, passados e presentes, depõem a favor do parlamentarismo. Mas, é preciso ter bem presentes sempre estas duas verdades: a superioridade do parlamentarismo, não é de tal natureza que devemos convencer-nos de que fóra d'elle não possa haver progresso, ordem, nem liberdade, verdade que bem cõproavam os



Estados-Unidos em toda a sua existencia de nação independente, e a Argentina nos ultimos tempos; insensatez fôra suppor que as nações cujo grande mal é a falta de educação civica e politica, e o atrazo intellectual, possam progredir e viver com ordem e livremente, pelo simples facto de adoptarem o parlamentarismo, que tambem tem seus defeitos e inconvenientes bem notaveis.

Que espirito observador já descobriu jámais qualquer laço entre o presidencialismo e os nossos innegaveis vicios eleitoraes, a fraude e a corrupção? Que razão temos para crer que no systema parlamentar os chefes politicos procedam correctamente, respeitando os rudimentos da moral publica, nas eleições de qualquer especie? Não será a necessidade vital da maioria parlamentar para a conservação de um governo, razão frequente de mais censuraveis ardis eleitoraes? A irresponsabilidade do chefe da nação de um lado e de outro a responsabilidade do gabinete coberta por politicos destituídos dos necessarios attributos moraes e intellectuaes, concorreriam no systema parlamentar para tornar irremediaveis, e como que para sancionar, todos os defeitos eleitoraes de que nos accusamos.

O descuido dos interesses sociaes, o esquecimento da lavoura, das industrias, da educação e da instrucção, naturalmente se aggravaria sob o parlamentarismo, desde que não se inculcasse um pouco de civismo nas veias do nosso povo. Dado um parlamento como os que temos tido, á maior influencia do mesmo nos negocios publicos haveria sempre de corresponder maior politicagem, e menor preocupação com os verdadeiros interesses sociaes. Passariamos a politicar (no mau sentido do termo) exclusivamente e sem interrupção.

O parlamento fiscalisaria os governos, e facilmente destituiria os maus gabinetes: tal é o argumento constante dos parlamentaristas. Quando os maus governos são obra exclusiva da escolha e do apoio dos chefes politicos, que têm assento no congresso, com que fundamento se pôde esperar a acção benefica do parlamento na formação e conservação dos governos? Uma certa moralidade eleitoral e um certo desenvolvimento intellectual, e respeito pelos principios, entre os eleitos, são indispensaveis para que o



parlamento desempenhe com utilidade o seu papel de seminario e sustentaculo dos governos, no systema parlamentar.

Um dos grandes males da Republica é a incontestavel e revoltante inferioridade moral e intellectual dos chefes politicos. Assignalo aqui este facto, como os nossos outros defeitos publicos, não com o espirito de um partidario, que nunca fui, mas como um mero estudioso dos phenomenos sociaes, um imparcial perquiridor da sociologia, applicando o methodo scientifico da observação. Ora, não é uma perfeita necedade querer abolir os nossos defeitos, entregando escancaradamente, e sem correctivos, a nossa direcção politica precisamente aos cidadãos que são os maiores responsaveis pelo nosso estado presente, os principaes causadores das nossas miserias sociaes? Nem se diga que sob o presidencialismo esses mesmos chefes dirigem o presidente da Republica, e governam, indirectamente. Não é isso verdade. Sabemos todos que o presidente da Republica, pesando a sua grande responsabilidade, não raro se recusa á pratica de actos prejudiciaes ou indecorosos, exigidos pelos chefes politicos.

O parlamentarismo presuppõe uma certa opinião publica, um certo grau de cultura e de civismo da consciencia nacional, que não se confunde com a opposição injuriosa, ou calumniosa, de uma parte da nossa imprensa diaria e de uma parte dos nossos representantes. Sem o estudo consciencioso dos negocios publicos, e sem uma certa imparcialidade, que só se adquire pelo civismo, pela preferencia sempre dada aos interesses sociaes, e pela abstracção do que só respeita ao nosso egoismo, não ha opinião publica, por meio da qual se possa alimentar, e fazer fructificar, o parlamentarismo. Sob o imperio tivemos alguns periodos de brilhante vida parlamentar; mas, os resultados então obtidos representavam uma creação artificial, graças á notoria envergadura moral de D. Pedro II e á rara capacidade e patriotismo de alguns chefes politicos, cercados de immenso prestigio. Sob a republica, o que é facto injustificavel, é que a influencia politica está na razão directa da ausencia das qualidades intellectuaes e moraes. Ao maior dominio corresponde sempre a maior falta de ins-



trução e de respeito pelos mais corriqueiros rudimentos da moral social.

Especialmente para as supremas posições da politica e da administração, o que em regra se tem preferido, são os espiritos malleaveis, vasio, amorpho, que funcionam como joguetes para a turba multa dos politiqueiros.

Já se conjecturou o que seria o parlamentarismo com um chefe da nação perfeitamente inconsciente, e portanto apto para perfilhar todos os erros, todos os desmandos e todos os crimes que lhes suggeriram os seus partidarios? A hypothese, como já vimos, não é gratuita no Brasil. Que seria o parlamentarismo com um tal chefe do Estado? Continuas dissoluções da camara baixa, até se chegar ao nivel intellectual e moral que conviesse aos amigos do presidente? Formação incessante de novos gabinetes, escolhidos entre os peiores elementos da representação nacional? Tudo seria possivel, dada a carencia de opinião publica, que é o nosso grande cancro.

---

Ninguem se oppõe ás correções e aperfeiçoamentos, de que precisa a nossa Constituição. Quem não applaudiria, por exemplo, o artigo constitucional, em que se declarasse positivamente que o art. 60, letra d, da nossa lei magna, é revogado, e que a justiça local é a competente para processar e julgar todas as causas entre habitantes de Estados diversos, ficando assim claramente estatuido que repellimos essa regra do direito publico federal, adoptada pelos americanos do Norte e pelos argentinos; ou o artigo em que se corrigisse a má redacção nesse ponto da nossa lei fundamental, e se affirmasse com precisão que consagramos esse preceito salutar do direito constitucional que elegemos e porfilhámos?

E' preciso não *perder tempo* com inuteis reformas politicas, que servem unicamente para embromar e illudir a nação sem nenhum beneficio pratico. Ahi está o principal inconveniente da preconisação das reformas constitucionaes: em vez de se debellar a causa de nosso mal-estar politico e social, cuida-se longamente, e através de muitas



difficuldades, de curar uma enfermidade imaginaria, de alterar magnificos textos de leis, que, applicados por nações de raças diversas, em climas diferentes, e com muitas outras dissimilhanças, como os Estados-Unidos e a Argentina, têm produzido effeitos admiraveis.

Para os que a analysam de longe, a uma grande distancia, a nossa Constituição tem uma serie de imperfeições, que releva quanto antes expungir. Para os que travam com ella intimas relações, é essa adaptação da obra de Hamilton e seus companheiros um manancial inexgotivel de beneficios e garantias. Nas mãos do sr. Ruy Barbosa que maravilhoso instrumento de progresso e de liberdade!

Cuidemos seriamente de propagar e de incutir no espirito dos nossos concidadãos idéas verdadeiras, justas, sans, uteis, acerca dos negocios publicos. Convençamos os que vivem afastados das preoccupações politicas de que é indispensavel concorram todos para a obra de saneamento, elegendo os mais idoneos, interessando-se pelas questões sociaes, sacrificando um pouco o seu repouso individual em proveito da utilidade commum, o que é tambem promover intelligentemente o bem-estar de cada um, os interesses mais egoisticos.

Desenganemo-nos: não ha, não se conhece, nunca se imaginou, uma reforma constitucional, dotada da extranha efficacia consistente em dispensar a intelligencia, o preparo e a moralidade dos homens publicos. Incontestaveis são estas asserções do artigo, a que alludi no começo deste: "Não ha systema, nem regimen politico, que funcione bem por si, automaticamente, servido por maus funcionarios. A monarchia, o unitarismo, o parlamentarismo, não obstariam ás calamidades procedentes de tal origem. Já apontámos um exemplo bem eloquente numa velha nação da Europa, muito nossa irmã; outros, e não poucos, facilmente apontariamos na Europa e na America... São factores essenciaes do bom exito das instituições de direito privado, como das de direito publico, as leis feitas convenientemente e certos predicados intellectuaes e moraes dos que as praticam.



Propaguemos com afinco as verdades rudimentares e evidentes, que compõem o código do civismo, que em grande parte é feito dos elementos da moral, ensinados em todos os tempos e em todos os paizes pelos sacerdotes, pelos professores, pelos philosophos e pelos estadistas dignos deste nome.

Rio, fevereiro de 1917.

PEDRO LESSA.



---

---

## SOBRE ALGUMAS LENDAS DO BRASIL

---

(CONFERENCIA)

Pedindo-vos que me acompanheis numa digressão por este pequeno trecho da immensa floresta moral, que é o nosso folk-lore, não quero que comnosco venha a sciencia, como guia e mentora, mas a poesia, que, com ser fantasista, não deixa de ter uma philosophia, misturada de graça e de consolação.

Sabeis que o vocabulo "folk-lore" significa: mythologia, compendio de contos populares, literatura do povo, lendas que se alimentam de mythos. Para nós, o vocabulo deve ser "poranduba", do tupi, exprimindo: historias fantasticas, fabulas, abusões. Mas não quero falar propriamente das historias, que se contam em nossa terra, a principio conservadas na tradição oral, e agora impressas, ingenuas e encantadoras invenções da gente simples, tão bellas como os velhos contos das fadas, — a carocha, o jaboti e o urubú, o jaboti e a festa no céu, a raposa e o lobo, a garça e o cágado, o fim do mundo, etc. Pretendo apenas tratar de entes imaginarios, personagens inexistentes, nem animaes, nem vegetaes, nem mineraes, e entretanto, dominando todos os reinos da natureza, feitas de sonho e allucinação, invisiveis, intangiveis, criadas pela illusão, vivendo na illusão, — e immortaes: immortaes, porque só póde morrer o que é real, se é que ha realidades no mundo, e a illusão é perpetua, e o que d'ella nasce eternamente perdura na eterna miragem da vida. Tudo, se existe objectivamente, é porque existe



subjectivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós. Os mythos nascem do nosso pensamento; e só existe aquillo que pensamos e aquillo que amamos. Tudo mais é nada.

O vocabulario philosophico tem duas palavras, que resumem e explicam toda a vida: "macrocosmo", grande mundo, ou o universo, e "microcosmo", pequeno mundo, que é o homem, ou o mundo em ponto pequeno, minuscuro e completo universo. Microcosmo é qualquer corpo organizado, resumindo toda a organização universal; Leibnitz disse que a mónada é um microcosmo, porque, com effeito, é bastante para si mesma, inacessivel ás influencias externas, e sujeita a mudanças internas, de que resulta a percepção, e tendo dentro de si um mundo de percepções... Mas, perdão! o vocabulario philosophico, como todo o vasconço scientifico, é um calão barbaro, que arranha os ouvidos finos. Preferi dizer, em quatorze versos, a theoria do "microcosmo"; a linguagem da poesia, sendo a dos deuses, é a dos homens de bom gosto...

Pensando e amando, em turbilhões fecundos,  
E's tudo: oceanos, rios e florestas;  
Vidas brotando em solidões funestas;  
Primaveras de invernos moribundos;

A Terra; e terras de ouro, em ceus profundos,  
Cheias de raças e cidades, estas  
Em luto, aquellas em raír de festas;  
E outras almas vibrando em outros mundos; -

E outras formas de linguas e de povos;  
E as nebulosas, geneses immensas  
Fervendo em sementeiras de astros novos;

E todo o cosmos em perpetuas flammass...  
Homem! és o Universo, porque pensas,  
E, pequenino e fraco, és Deus, porque amas!

Sendo cada homem o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores, que



dirigem o universo... Existem em nós todas as divindades, que, segundo a crença popular, enchem o espaço: são sentimentos humanos, que saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mythos da communhão.

Sentimentos humanos, — e antigos, velhissimos, legados de milhares de gerações. Não ha na poranduba do Brasil novidades. Quasi todas as nossas lendas são transplantadas da Europa, da Asia, da Africa; e ninguem pode fixar a época em que ellas nasceram: nasceram, quando nasceu a intelligencia humana. Mas, se os europeus não tivessem aportado a estas paragens, se estas ficções da mais remota antiguidade, infinitamente modificadas, mas sempre essencialmente vivas, não se aclimassem na America, — as mesmas idealizações, com outras geneses, outras formas, outros nomes, teriam sido criadas aqui, espontaneamente, nascidas da intelligencia dos selvagens, pela necessidade de pensar e de crer.

Não creio que os jesuítas tenham dado aos indios o seu Deus e o seu Diabo! Elles já tinham o seu demiurgo criador e o seu demiurgo destruidor, o seu Tupan e o seu Anhangá. E' o eterno dualismo, governando todas as phases religiosas, toda a historia mythologica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babylonia, não criou a idéa do dualismo: accentuou-a, precisou-a; a base da crença dos manicheus era a opposição e o contraste da luz e da treva; o mundo visivel era para elles o resultado da mistura d'estes dois elementos eternamente inimigos. Em todos os grandes povos e em todas as pequenas tribus, sempre houve, em todos os tempos, a concepção d'este conflicto, que perdura no catholicismo, e em todas as religiões. Ora, os selvagens das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná, que sempre tiveram o seu Tupan e o seu Anhangá, concebem e adoram estes demiurgos, porque os sentem dentro de si mesmos. Cada um de nós, selvagens ou civilizados, concebe e contém estes dois principios antagonicos. Cada um de nós tem uma arena intima, em que a todo instante combatem um genio do Bem e um genio do Mal:



Não és bom, nem és mau: és triste e humano...  
 Vives anciando em maldições e preces,  
 Como se, a arder, no coração tivesses  
 O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;  
 E, rolando num vortice vesano,  
 Oscillas entre a crença e o desengano,  
 Entre esperanças e desinteresees.

Capaz de horrores e de acções sublimes,  
 Não ficas das virtudes satisfeito,  
 Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,  
 Residem juntamente no teu peito  
 Um demonio que ruge e um deus que chora...

Mas na mythologia brasílica, como em todas as outras, o diabo, o genio mau, não é uno e indiviso. Filhos d'elle, ou partes integrantes e emanações d'elle, sua familia e seu estado-maior, existem muitos pequenos demonios, genios subalternos.

São muitos, e ás vezes confundem-se, trocando as apparencias e os nomes, de região para região. O Jurupary, que tambem é chamado "o diabinho da mão furada", é em certos pontos do Brasil o mesmo grande diabo, Anhangá, ou o pequeno demonio Saci; mas no Amazonas elle é propriamente o pesadelo, o sonho mau que opprime e suffoca, como, segundo Baptista Caetano, indica a significação do seu nome em tupi: "y-ur-upá-ri, — o que nos vem á cama". O Jurupary não tem corpo. Ao passo que os seus irmãos, na grande familia dos nossos pequenos genios do mal, são de carne e osso. O Curupira é talvez o mais antigo dos mythos brasileiros; já d'elle falava Anchieta em 1560. E' o *numen mentium*, o genio dos pensamentos. E' habitante das florestas; extravia os caminhanes, arrasta-os, e suga o seu sangue; é um tapuio pequeno, de dentes verdes; tem os pés ás avessas, com as pontas viradas para traz; ás vezes nú, outras vezes vestido de tanga, com um cocar de plumas. A sua mulher é a Caiçara, cabocla anã, quasi negra, que chicoteia animaes e homens com cipós de japecanga. Com-



panheiro do Curupira, ou sua duplicata, é o Capora, ora gigante, ora anão, montado num caitetú, cavalgando á frente de varas de porcos do mato, fumando cigarro ou cachimbo, pedindo fogo aos viajantes; e, precedendo-o, voam os vagalumes, seus batedores, alumando o caminho. E' elle o génio do azar, do mau olhado, da falta de sorte; é do seu nome que se originou o nosso vocabulo "caiporismo". Outro frequentador e assombrador dos nossos sertões é o Saci, ou Saci-pererê, ou Matinta-perera. O padre Simão de Vasconcellos chamou-lhe Macachera. Ora apparece como um passaro, modulando um canto melancolico, ora como um homem feio, de cabellos vermelhos ou coberto de barrete vermelho, ora sósinho, ora acompanhado por uma mulher preta e velha, coberta de andrajos, chamada Tatá-manhá. O Saci ás vezes tem uma perna só, outras vezes duas pernas com uma ferida em cada joelho. E' o *numen viarum*, o genio dos caminhos. E' o terror dos caçadores. Agil, salta á garupa dos cavalleiros, chibata-os, e tortura-os. Frequentemente, transforma-se em janota: pelas casas de jogo, como jogador, arruina os parceiros, e, pelas casas de familia, corrompe as senhoras e perverte as meninas. Ha ainda o Capeta, diabinho negro, molecote bregeiro, malicioso e perverso, engraçado e perturbador, sujando as casas, desmanchando as camas, envenenando as cosinhas, apagando o lume do fogão, pondo cinza dentro das panellas, azedando o leite. E no Rio Grande do Sul, nos Sete Povos das Missões, ha ainda um outro espirito quasi inoffensivo, travesso como o Capeta: chama-se Generoso. E' tambem um genio domestico: faz estalar o tecto das casas, sacode os moveis, agita invisivelmente as cordas das violas, assobia pelas frinchas das janellas, e faz oscillar a chamma das candeias...

Ora, todos estes demonios, infestadores das nossas selvas, dos nossos campos, das nossas roças, vivem dentro de nós; residem todos no nosso coração e no nosso cerebro. Se os imaginamos lá fora, se os criamos e os atiramos á vida exterior, é porque nasceram de nós. São os nossos familiares e os nossos inimigos. São as nossas idéas baixas, os nossos instinctos bestiaes, os nossos peccados, e os nossos vicios. Estes instinctos viçam constantemente na consciencia dos perversos, no somno e na vigilia, governando-os sempre na



vida. Os homens puros e bons são também assediados pelos gnomos malfazejos; mas, quando estão na plena posse da sua razão, sabem e conseguem amordaçal-os e sujeital-os. Contrariados e subjugados, os Curupiras, Sacis e Caporas, pensamentos maus e ambições torpes, afastam-se, mas não se resignam: acaçapam-se, escondem-se, disfarçam-se durante o dia, e esperam o somno dos justos... E, á noite, quando se entorpecem os centros nervosos, quando só a vida vegetativa funciona, e a actividade cerebral se annulla, e o pensamento hiberna, e a consciencia se ausenta, — então, das secretas furnas do inconsciente saem de rojo, lentos e obliquos, os tentadores malevolos: e no escuro silencio da alma em coma agita-se o candomblé da animalidade. Aparecem os sonhos sinistros ou obscenos, os pesadelos em que a tragedia se entrelaça com a farça, os ephialtas em que a extravagancia se conjuga com a maldade. E' a festa da meia noite, o sabbath no espirito do homem que dorme...

A's vezes, uma vida abominanda  
Vives no somno, em que a horrida matuça  
Dos incubos e súcubos te manda  
O echo do inferno que referve e ullula...

Um mundo torpe nos teus sonhos anda:  
O odio, a perversidade, a inveja, a gula,  
Espiritos da terra, sarabanda  
Das grosseiras paixões que a treva açula.

Assim, á noite, no invio da floresta,  
No mysterio das sombras, entre os pios  
Dos noitibós, o candomblé se apresta:

Batuques de capetas, rodopios  
De curupiras e sacis em festa,  
Em sinistros risinhos e assobios...

Felizmente, também ha, além dos genios perversos, os genios protectores, porque em nossas almas ha bons sentimentos que podem guerrear e vencer os maus. Em certos pontos do Brasil, o mesmo Saci despoja-se da sua malignidade, perde a cauda retorsa e os chavelhos de diabo, e ad-



quire uma auréola e um par de azas de anjo. Aqui mesmo, em alguns sertões de São Paulo, o Saci é, ás vezes, o Negrinho Pastorejo, nume favorecedor, que, no Rio Grande do Sul, tem o nome ligeiramente modificado de “Negrinho do pastoreio”. Nas coxilhas dos guascas, o Negrinho é abençoado, vivendo num doce luar de misericórdia. E’ o espirito de um pobre menino, guardador de cavallos, que, em vida, foi suppliciado pelo patrão, fazendeiro de alma dura. Maltratado, injuriado, esfomeado, espancado, e emfim arremessado a uma toca de formigas bravas, o pequeno pastor foi arrancado da tortura e da vida terrena pela sua madrinha, Nossa Senhora, que o levou para o ceu. Mas o Negrinho desce muitas vezes da mansão gloriosa, e, saudosos dos banhados e dos pastos da sua terra, vem fazer beneficios á sua gente. E’ elle quem encontra os cavallos furtados ou perdidos, os gados tresmalhados, e até os objectos que se extraviam: para isto, é bastante que lhe accendam velas votivas... Como este espirito bom, ha muitos outros pelo Brasil, e por ahi fóra, pelo velho mundo. Espiritos, como este, são os nossos anjos da guarda, ou custodios, cuja existencia a nossa religião affirma; e espirito, como estes, era o famoso “demonio familiar”, a cujo influxo o grande Socrates attribuia toda a sua philosophia e toda a sua conducta. Porque é difficil, no labyrinth mythico, estabelecer uma distincção nitida entre anjos e demonios; na antiguidade grega, o vocabulo *daimon* significava deus ou genio: havia demonios bons e maus; e tambem na religião judaica, todos os anjos eram bons antes da rebellião de Satan; de modo que, no inferno catholico, os demonios não deixam de ser anjos, — anjos decaidos, maus e funestos.

Ora, os bons genios que nos acompanham, os nossos numes inspiradores para o bem, estes espiritos benevolos, que vivem na imaginação do povo de par com os malevolos, são apenas os nossos bons sentimentos, a nossa bondade natural ou adquirida, a nossa justiça e a nossa piedade. Instinctivamente, attribuimos á protecção de entes superiores as felicidades, que realmente nascem de acasos venturosos ou de inconscientes influxos da nossa vontade e do nosso aperfeiçoamento moral. Mas quem é capaz de definir o que é o acaso? e quem é capaz de explicar o mecanismo



psychico? Não sou dos mais credulos; e, ás vezes, sinto que uma leve aza beija a minha fronte, e acredito que uma intelligencia divina dá forma aos meus sonhos:

Como ás vezes, piedoso, o sol se inclina  
Sobre um pantano, e accende-o, e da agua ascosa,  
No atro fundo, ergue Alhambras de ouro e rosa,  
Cathedraes e Kremlins de prata fina,

— Tambem, de alta região que nos domina,  
Tu pairas sobre mim, sombra piedosa:  
Sinto em mim, como numa nebulosa,  
Mundos novos, ardendo em luz divina...

São torres vivas, cúpolas fulgentes,  
Zimborios igneos, toda a architectura  
Dos sonhos que a ambição do Ideal encerra,

Subindo em largos surtos, em torrentes,  
Galgando o ceu, para brilhar na altura  
E desfazer-se em versos sobre a terra...

Mas agora admiremos um certo demonio, ou genio, ou anjo, cheio de gloriosa belleza, a nossa formosa e perigosa Yára ou Mãe-da-agua, cujas façanhas são contadas em toda a extensão do sertão brasileiro. A Yára é uma nympha das aguas, ao mesmo tempo mulher e homem, — mulher para seduzir os homens, e homem para seduzir as mulheres. Quem olha descuidadamente a face do rio ou da lagôa, vê a Yára, na sua radiante formosura: ella abre os braços num perfido convite, attráe a victima, leva-a para o fundo do seu palacio encantado, e mata-a no arrebatamento das nupcias funestas. Velho symbolo, antiquissima criação do sonho humano. E' aquella mesma Sereia dos primeiros gregos, metade mulher, metade peixe, que o errante Ulysses encontrou nas suas peregrinações pelo mar; e é aquella mesma Loreley, fada da Germania, que Heine descreveu em um lindo poema, encantando e extraviando os pescadores do Rheno, impellindo-os a se despedaçarem contra os escolhos.

Que é a Yára? E' a nossa Imaginação; é quem nos dá toda a nossa ventura e toda a nossa desventura, todos os



nossos voos para o ceu, e todas as nossas quedas para o abysmo. A nossa Mãe-da-agua é a mãe de toda a nossa poesia...

Vive dentro de mim, com num rio,  
 Uma linda mulher esquiva e rara,  
 Num borbulhar de argenteos flocos, Yára  
 De cabelleira de ouro e corpo frio.

Entre as nymphéas a namoro e espio:  
 E ella, do espelho mobil da onda clara,  
 Com os verdes olhos humidos me encara  
 E offerece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no impeto de esposo,  
 Na desesperação da gloria summa,  
 Para a estreitar, louco de orgulho e goso...

Mas nos meus braços a Illusão se esfuma:  
 E a Mãe-da-agua, exalando um ai piedoso,  
 Desfaz-se em mortas perolas de espuma..

Em outras tradições da nossa collectanea de mythos, encontraremos a personificação da Illusão.

Uma das mais bellas fabulas do Rio Grande do Sul é a da boitatá. Boi-tatá, cobra de fogo, foi, a principio, boi-guassú, cobra grande, giboia ou boa. A lenda da boi-guassú existe em todo o Brasil, do norte ao sul: esta giboia, quando ha inundações, como quando houve o diluvio, acordada pela enchente, entra a comer todos os outros animaes. No sul, a tradição complicou-se: boi-guassú mata todos os animaes, mas não os come inteiramente; come sómente os olhos da carniça; e tantos olhos devora, que fica cheia da luz de todos esses olhos: o seu corpo transforma-se em ajuntadas pupillas rutilantes, — bola de chammas, clarão vivo, boi-tatá, cobra de fogo. Comprehendeis immediatamente o que é, para a imaginação do povo, esse animal luminoso: é o fogo-fatuo, o mesmo santelmo, ou helena, ou corpo-santo, o pequeno penacho fulgurante, que apparece nos mastros dos navios, devido á electricidade do ar, ou, á noite, sobre os pantanos e nos cemiterios, emanação de phosphetos de



hydrogenio, producto da decomposição de substancias organicas. Boi-tatá é fogo-fatuo, luz inquieta, incerta e fugitiva... Dizem que o viajante, quando a encontra, deve ficar parado, immovel, de olhos fechados, sem respirar; então, o fogo-fatuo desaparece. Mas, quando o viajante o persegue, elle foge, intangivel, e tanto mais corre quanto mais procura apanhal-o o perseguidor; e quando, ao contrario, o homem foge, boi-tatá persegue-o, inferna-o, enlouquece-o, e mata-o.

Ai de nós! todos nós encontramos todos os dias esse fogo errante, essa perfida boi-ta-tá... Que é essa luz vaga e esquiva, que nos foge, quando queremos alcançal-a, e nos acompanha, quando a fugimos? Que é esse clarão enganador, que se approxima de nós, quando o desdenhamos, e desaparece, quando quasi o tocamos? E' a felicidade. A nossa alma é uma eterna caçadora de fogos-fatuos. E é esta inutil perseguição que causa a nossa dysthymia, a nossa inquietação, o descontentamento que opprime os que pensam demais e os que sentem intensamente:

Cabellos brancos! dae-me, emfim, a calma  
 A esta tortura de homem e de artista:  
 Desdem pelo que encerra a minha palma,  
 E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espirito me encalma  
 E logo me enregela; esta conquista  
 De idéas, ao nascer, morrendo na alma,  
 De mundos, ao raiar, murchando á vista:

Esta melancolia sem remedio.  
 Saudade sem razão, louca esperança,  
 Ardendo em choros e findando em tédio;

Esta anciedade absurda, esta corrida  
 Para fugir o que o meu sonho alcança,  
 Para querer o que não ha na vida!

No norte do Brasil, ás vezes, o fogo-fatuo chama-se tambem "luz dos afogados". E' o o effluvio putrido e phosphorescente dos brejos, dos banhados traiçoeiros, em que muitas vezes os viajantes se atolam e perdem. O povo diz que esses



lampejos bruxoleantes são as almas dos que alli se afogam. Reminiscencia do que existiu, remanescente de vidas acabadas... Todos nós temos as nossas "luzes dos afogados". Cada alma é talvez uma abafeira moral, em que ha o sedimento de varias existencias anteriores. Sentimos, ás vezes, uma vaga saudade do que nunca vimos, uma indecisa consciencia de outras almas e de outras vidas. Parece, ás vezes, que em cada homem ha outros homens, que já soffreram ha seculos e ainda estão penando no soffrimento actual. Estas incertás recordações são as nossas "luzes dos afogados". Um dia, a um triste disse o que era a sua tristeza:

Outras almas talvez já foram tuas.  
Viveste em outros mundos. De maneira  
Que em mysteriosas duvidas fluctuas,  
Vida de vidas multiplas herdeira...

Servo da gleba, escravo das charruas  
Foste, ou soldado errante na sangueira,  
Ou mendigo de rojo pelas ruas,  
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso, arquejas num pavor sem nome,  
Num luto sem razão: velhos gemidos,  
Angustias ancestraes de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,  
Desesperos talvez de heroes vencidos,  
Humilhações de victimas e santos...

As almas penadas. Alma penada ou alma do outro mundo, diz o povo, é alma condemnada ás penas do purgatorio, vagueando na terra com forma humana, apparição ou espectro, morto redivivo, que amedronta e "assombra", — de onde "assombração" ou "assombramento", e "casa assombrada", casa que apparecem fantasmas. Esta crença na volta dos mortos ao mundo e na communicação dos mortos com os vivos é a abusão mais velha da civilisação humana. A animisação dos finados, no systema dos mythos, appareceu antes do feiticismo e do deismo. Os mais velhos povos tinham, como teem hoje os agrupamentos selvagens, a religião e o terror da Morte e dos mortos, porque para elles a

cessação da vida nunca foi um facto natural, mas sobrenatural, "acção de algum feitiço", sendo cada morto "quasi um deus, ou demiurgo, medianeiro entre o visível e o invisível pela estrada mystica, de que a porta é a Morte.." Mas para que tratar de povos primitivos e de tribus selvagens? Entre os mais civilizados homens, a Morte é ainda e sempre será, como a Vida, um mysterio sagrado e terrível. As religiões e as philosophias passam, e a nossa ignorancia fica, a nossa anciedade perdura, a nossa tortura permanece. Para ver quanto é profunda e irresistível a crença nas almas penadas, basta ver a vasta synonymia d'este vocabulo: almas penadas, almas do outro mundo, aparições, fantasmas, desenterrados, evocados, redivivos, espiritos, avejões, espectros, estrias, estriges, liliths, lobishomens, mulas, sem cabeça, papões, brucolacos, empusas, ephialtas, lamias, lemures, larvas, visões, manes, duendes, sombras, vampiros, trasgos...

Como não acreditaremos na vida das almas penadas, que assombram as casas e os caminhos, se cada um de nós tem o coração cheio de almas penadas? Que são as nossas saudades, senão a resurreição dos entes que amámos, dos dias que tivemos, dos sonhos que alimentámos, da vida que vivemos? Quem tem vinte annos não tem visitas de mortos. Mas para quem passa dos cincoenta annos...

Conheço um coração, tapera escura,  
Casa assombrada, onde andam, penitentes,  
Sombras e echos de amor, e em que perdura  
A saudade, a presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,  
Num tatalar de tibias e de dentes,  
Revivem os fantasmas da ternura,  
Arrastando sudarios e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,  
E os corredores enchem-se de prantos...  
Um mundo de avejões do chão se eleva

Resuscitado pelas horas mortas:  
Frios abraços gemem pelos cantos,  
Beijos defuntos fogem pela treva.



Conheceis de certo a floresta ou a cidade encantada. Ora é uma floresta inundada, cuja existencia se presente pelo ramalhar das arvores, pelo rugido das feras, pelo canto dos passaros, que se ouvem atravez das ondas; ora é uma cidade submergida, que do fundo das aguas envia echos da sua agitação. A mais bella lenda da cidade encantada é amazonica. Na foz do rio Gurupy, a nove milhas da cidade de Vizeu, no Pará, existe um grande rochedo, em que se cava uma profunda gruta. E' crença que alli, sobre o rochedo, houve uma cidade, que foi por uma inundação arrastada para o fundo do rio. Nas noites claras, de luar, ouve-se distintamente, lá em baixo, um rumor de vozes humanas, musicas abafadas e repiques de sinos. E no sul, ha muitos annos, encontrei esta mesma lenda, ouvida em Santos de pescadores de São Vicente.

Todos nós guardamos commosco cidades encantadas, resoando hymnos e rézas, numa confusa palpitação de lembranças e esperanças. Eu sinto em mim muitas cidades mortas e futuras, todo um paiz, que brilhou e soffreu, soffre e rebrilhará, — o Brasil de hontem, de hoje e de amanhã:

No fundo do meu ser, ouço e suspeito  
Um pelago em suspiros e rajadas,  
Milhões de vivas almas sepultadas,  
Cidades submergidas no meu peito...

A's vezes, um torpor de aguas paradas...  
Mas, de repente, um temporal desfeito:  
Festa, agonia, jubilo, despeito,  
Clamor de sinos, retintim de espadas,

Procissões e motins, glorias e luto,  
Chôro e hosanna... Ferver de sangue novo,  
Fermentação de mundo agreste e bruto...

E ha na esperanza, de que me commovo,  
E na grita de duvidas, que escuto,  
A incerteza e a alvorada do meu povo!

Para remate d'este singelo estudo, deixei a lenda das Amazonas, que deu nome ao mais bello e forte rio do Brasil.



Esta lenda é uma resurreição de uma das mais velhas tradições hellenicãs. As Amazonas, seegundo Herodoto e Plinio, eram mulheres guerreiras, fabulosas cavalleiras, que viviam em nação mysteriosa, na Capadocia, ás margens do rio Thermodoonte. Hercules venceu-as e destroughou-as, e aprisionou a sua rainha, Hippolita ou Antiopa, dando-a em casamento a Theseu. Foi Francisco de Orellana, aventureiro hespanhol, companheiro de Pizarro, primeiro explorador do Amazonas em 1541, quem encontrou ou sonhou encontrar nas margens do portentoso rio as viragos americanas. Pizarro encarregara Orellana de descer até o mar a prodigiosa corrente, descoberta por Pinzon, e então denominada Mar Dulce. O fim da expedição, sortida de heroismo alto, era o achamento da magnifica região do Eldorado. Durante muitos mezes de combates, de miserias, de fadigas, de fomes, procurando, cada dia, ao alvorecer, avistar as torres e as armaduras de ouro do paiz fantastico, os heroes percorreram mil e setecentas leguas até a foz do immenso curso. Regressando á Europa, Orellana narrou o seu encontro com as bellicosas indias, cuja existencia começou a ser ardentemente discutida, affirmada e negada, durante muito tempo, por viajantes e geographos. As Amazonas brasileiras eram, segundo uns, brancas e louras; segundo outros, morenas e de cabellos negros; eram fortes e bellas, ageis e valentes, zelosas da sua independencia; e tinham costumes extraordinarios, como os das guerreiras do Thermodoonte. "Mulheres monstruosas no modo de viver", como escreveu o padre Simão de Vasconcellos, autor da Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil", que vivem per si sós, entre grandes montanhas, habitando povoações de uma provincia inteira, cultivando as terras, sustentando-se de seus proprios trabalhos. "Um escriptor moderno (\*) descreve assim a sua vida e os seus ritos: "Chamavam-n'as *icamiabas*. Eram especie de Atilas femininos; o terror supersticioso ou a sua valentia nos combates fazia que as outras tribus se deixassem facilmente vencer nas correrias que ellas lhes davam. Deposta a flecha, desarmado o

---

(\*) J. Coutinho de Oliveira, "Lendas Amazonicas".



arco, as icamiabas tornavam-se mysticas pythonisas, como as vestaes de Roma, adorando a Lua, que vivia, como ellas, sósinha, sem marido, nos desertos do espaço errante e nômade. O templo para as suas expiações era o lago Jaci-uaruá ou Espelho da Lua, de onde traziam as mueraquitans, pedras verdes da côr do mar, que eram offerecidas aos noivos, na epoca prescripta pelo rito. Findo o prazo da festa, os guerreiros das outras tribus eram obrigados a voltar ás suas tabas; se resistiam, eram trucidados.. Os filhos, se eram meninas, eram criados com carinho; se eram meninos, olhados com rancor, como futuros inimigos, eram sacrificados, ou, segundo outra versão, amamentados durante algum tempo, e enviados aos paes”.

Tal é a lenda das Amazonas. Não é possível que Orellana tenha inventado de todo esta fabula. E’ possível que o aventureiro hespanhol tenha visto, entre os indios que o guerrearam, algumas indias, e tenha acreditado que a multidão dos combatentes fosse exclusivamente composta de mulheres; ou, talvez, como acreditam alguns escriptores, elle pelesse com tribus de Omaguas ou Cumuris, todos homens, mas parecendo mulheres pela sua apparencia ou pelo seu vestuario; ou, ainda, talvez, como alvitrou o padre Ivo d’Evreux, existiram realmente no Amazonas tribus só de mulheres, da raça dos Tupinambás, que, fatigadas do captivo, em que os seus maridos as retinham, d’elles se separaram e viveram á parte das outras tribus... Tudo é possível. Mas lendas não se discutem. E, por mim, como poeta, creio que as Amazonas existiram; e mais: acredito que ellas voltarão um dia...

Folheae a nossa Historia: nas suas paginas encontraeis as nossas verdadeiras Amazonas. Estas guerreiras de estranha formosura e rara nobreza, ciosas da sua independencia, bravas e castas, admiraveis na esplendidez do seu valor e na pureza da sua virtude, são as idéas fortes, os desejos de gloria, os impetos de heroismo, as generosidades sublimes, as supremas abnegações, que operaram o cyclo da descoberta, da exploração e da conquista do Brasil nascente, as façanhas das entradas e das bandeiras, a expulsão dos invasores, as revoltas dos libertadores, o ardor da guerra da independencia, as lutas pela unidade e pela soberania, e o



incomparavel fulgor do apostolado da redempção dos captivos. Fechado o cyclo heroico, as Amazonas desapareceram... Mas outra nova era de ouro voltará, depois d'estes dias de estagnação moral e torpe ambição, de diffamação e inveja, de politica sordida e triste mercantilismo, de des-terro de justiça e mingua de enthusiasmo. A era de ouro voltará! E com ella voltará a ficção de Orellana, e ouviremos de novo, entre nuvens, o galopar sonoro e rutilante das Walkirias brasileiras, e o seu hymno victorioso:

Nem sempre durareis, eras sombrias  
De miseria moral! A aurora esperas,  
O' Patria! e ella virá, com outras eras,  
Outro sol, outra crença, em novos dias!

David renascerá contra Golias,  
Hercules contra os pantanos e as feras:  
Os corações serão como crateras,  
E hão-de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, força e bondade,  
Justiça e paz virão, sobre estas zonas,  
Da confusa fusão da ardente escoria...

E, na sua divina majestade,  
Virgens, reviverão as Amazonas  
Na cavalgada esplendida da gloria!

OLAVO BILAC.



---

---

## A GARGALHADA DO COLLECTOR

---

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo duns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro, aos 32 annos de idade entrou a pensar sériamente na vida.

Até ali, como de natural engraçado, vivera á conta da veia comica e com ella amanhára casa, boa mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens e pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cor a Encyclopedia do Riso e da Galhofa de Fuão Pechincha, a creatura mais dissaborida que Deus plantou no mundo; mas era tal a arte do Pontes que as sensaborias mais de chorar ganhavam na sua bocca um raro chiste e os ouvintes babavam de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ac uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães, e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou pe-rorava de patriota em sacada. Que vozeio, positivo ou negativo, de bipede ou quadrupede, não copiava elle ás maravilhas, em havendo na sua frente um auditorio bem fornido dos "musculos da alegria" que a Sra. A. Bertha inventou?



Descia ainda á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes se os ouvintes não eram pecos, reconstituia para gaudio da sciencia delles os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos, roncões de mamutes amorosos das mastodontas no cio, ou berros de stegosaurios ao avistarem-se com "homos" pelludos, repimpados nos fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do Sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote d'amigos parados á esquina, approximava-se de mansinho, e *nhoc!* arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o *passa!* nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, o qual gargalhava dum modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offembach. Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo, da creatura humana, unica que ri além da raposa bebedea, e estacava de golpe, sem transição, cahindo n'um serio de irresistivel comico.

Em todos os gestos, e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem se differenciava dos demais no sentido de amócal-os prodigiosamente.

E chegou a ponto que lhe escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para torcer em risos a humanidade. Bastava-lhe a presença. Mal o avistaram de longe e as caras já se illuminavam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros affrouxavam os cós, um terceiro, desabotoava o collete; se entreabria o bico, nossa Senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afóga!

E se o pandego innocentava-se, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo do riso incoercivel.

Com o decorrer do tempo, bastava o seu nome para deflagrar a hilaridade.



Em pronunciando alguém a palavra "Pontes" acendia-se o estopim das fungadelas pela quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até a idade do Christo, numa parábola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada de serio — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz. Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso.

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou um tantinho o nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil e seiscentos, valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atraz desse vieram outros, e outros, uns fincados de leve, uns até á cabeça.

Tudo cança. Farto d'aquella vida, o hilarião entrou a sonhar nas delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem presentir na piúgada um côro de "Evem o Pontes!" em tom de quem se esprime na contensão do riso ou prepara-se para uma barrigada das boas.

Reagindo, Pontes tentou a seriedade. Desastre. Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez; antes divertia como clown, agora como Tony. O estrondoso exito do que se affigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo, então, que se não poderia traçar outro caminho na vida além daquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes.

O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe estadista risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á especie humana,



fóra os estadistas, ou então incluil-os numa especie que não ria, a dos ratões, por exemplo. Ora, tudo isto estava vedado ao Pontes. Pobre rapaz!

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio cristalisou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura de cunhar; já não a fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreocupada como outr'ora. Comparava-se a si proprio, mentalmente, a um palhaço de circo, velho e achacoso, que a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares, como as quer o publico pagante.

Já engasgava em meio, engulhado de si proprio, com ganas de desandar em choro.

Pontes deu de fugir dos homens, e gastou mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto para a sua actividade. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem dum botequim, que tudo lhe era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu-se a mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo ao cabo um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição o gallego, e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar como sob coegas.

— Esta é boa! E' de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vae socegado, que me dou por pago, e bem pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma... Ouviu, José, a boa piada? quá! quá! quá!

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão, e até gente que passava na rua parou na calçada para "aproveitar" o lance, desboccaram-se em *quás* de matraca até doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado, e serissimo, tentou desfazer o equivoco.



— Falo serio, e o sr. não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus, não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala serio, pff! Quá! quá! quá! Olha, Pontes, tu...

Pontes, largou-o em meio da frase e se foi com a alma atanzada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repellia, então? Correu a outros balcões da cidade, explicou-se como melhor pôde, implorou. Nada. O caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do “incorrigivel”, e muita gente commentou-o com a observação cbstumaria:

— E’ sempre o mesmo! Não se emenda, o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado no commercio, Pontes voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedia o feitor e expo-lhe o seu caso. O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas por uma offerta de capataz, explodiu:

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-nre rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E’ muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih! E’ magnifica!

Nesse dia, Pontes chorou. Compreendeu que se não desfaz do pé para a mão o que levou annos a cristalisar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e cimentô para que assim esbo- roasse de repente.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio — o caminho da salvação, pois, imbicava por ali.

Estudou as possibilidades da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e o resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha na collectoria federal cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado a qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricaço, em via de influenciar a politica, caso se realizasse uma certa viravolta no governo. Lá correu Pontes atraz delle, e tantas fez para movel-o á sua pretensão, que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado que em a coisa rebentando por cá e o teu collector rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vae e avisa-me da morte do homem, sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou radioso de esperança, e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veiu afinal; saíram ministros, entrarm outros, e entre estes um politicão negociista, socio do parente, tal qual se esperava.

Pontes exultou. Meio caminho era andado. Restava a segunda parte.

Infelizmente a saude do Major encruára, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave que ao menor esforço estourava; mas o precavido do velho não tinha pressa de ir-se a melhor, e deixar uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e assim lá ia emganbelando a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria esse esforço.

Ora Pontes, já meio dono daquella sinecura, impacientava-se contra um equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desempeçar o caminho d'aquelle importuno? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o



Dr. Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui, á puridade, não entendia de coisa nenhuma.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si, a gargalhada, portanto, mata... ora eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheiado do mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, que crime lhe cabia a elle, Pontes? Nenhum, está claro. Culpa era da sua aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de lucta onde o "plano" se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e sabe elle quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores, filho aliás das suas entranhas.

Como era de prever, venceu a serpente e Pontes resurgiu para o mundo mais magro, de olheiras cavadas, mas com um brilho estranho de resolução victoriosa no olho. Tambem notaria nelle o nervoso dos modos, quem o observasse com argucia, mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!

O futuro funcçionario, então, forgicou meticulosos planos de campanha. Em primeiro lugar, era mister approximar-se do Major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lerias; insinuar-se-lhe na intimidade, estudar suas venetas, suas cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha elle o calcanhar d'Achilles.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar cizas, extrahir guias, coisinhas. Fizera-se serviçal aos amigos que traziam negocios com o fisco.



O Major estranhou tanta assiduidade, e disse-lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpelação com os pés d'uma pilheira, e perseverou n'um bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dois mezes já Bentes se habituára áquelle se-relepe, como lhe chamava, o qual, afinal de contas, parecia um bom rapaz, sincero, amigo de servir, e sobretudo inofensivo. D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e depois tel-o como uma especie de addido á repartição, foi um passo. Para certas commissões, não havia outro. Que diligencia! que finura! que tacto!

Bentes, ralhando certa vez o escrivão, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado. Aprende com o Pontes que tem jeito para tudo, e inda por cima tem graça.

Nesse dia, convidou-o para jantar. Grande exultação na alma de Pontes. A fortaleza abria-lhe as portas, e aquelle jantar era o inicio d'uma serie onde o serelepe, hoje *factotum* indispensavel, teria um campo de primeira ordem para a evolução da sua estrategia.

O Major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a erguerem-se da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava de leve os labios do velho. E se não era a graça de superfina agudeza, o collecter mofino desmontava o contador sem piedade.

— Isso é velho, Pontes, já n'um almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vendido, e consolava-se, dizendo lá por dentro, dos figados para o baço, que se não pegára aquella, outra pegaria.

Toda a sua sagacidade convergia para o fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou de chalaça. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pella-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. Todos adoram a



chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilheos — o meio mais commodo que a nossa gente achou para demonstra-se, pelo contraste, que ella é um alho de intelligencia.

Mas o major Bentes? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero? Um trabalho systematico de observação na alma do velho, e uma methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do riço adversario. O major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso que viessem juntos. Negava fogo, sé apparecia cada um de per si. Exquisitices de velho. Mas se se conjugavam bifés vermelhaços, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, e frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço da mastigação, como criança a que se acena com cocada; e quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero, e não mais sahiu dali. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dose de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas, pedia esclarecimentos ou continuação:

— “E o raio do bifstek?” “E dahi?” “Mas mister John não apitou?”

Embora a gargalhada fatal demorasse, o futuro collector não desesperava, confiado no apologo da bilha que com tanto ir á fonte lá ficou.

Não era máu o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve por si tambem a quaresma. Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno d’uma enorme piabanha recheiada, presente do escrivão.

O entrudo modificára as almas dos commensaes, e a do amphitrião, que estava naquelle dia contente de si e do



mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cosinha valia por todos os aperitivos de garrafaria, e punha em todos os rostos um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, os olhos do major scintillaram. Pescado fino era com elle. A's primeiras garfadas foi de silenciosa beatitude a sensação do gastronomo. A cosinheira primára n'um tempero que excedia ás raias da culinaria e guindava-se ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vatel assignaria aquelle prato com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrivão, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles d'uma rica vinhaça, ia o peixe penetrando nos estomagos com religiosa unccção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio.

Pontes presentiu opportuno o momento para uma cartada decisiva. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades bernardos, anecdota que elaborára a custa da melhor materia parda do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias tinha-a de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperança do fascinora, o ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia uma bala nos miolos.

Reconhecia como impossivel manipular torpedo mais engenhoso; se o aneurisma lhe resistisse ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrorio, a medicina uma miseria, o Dr. Iodureto uma cavalgadura e elle, Pontes, o mais chapado pedaço d'asno jámais alumiado pelo sol, indigno portanto de viver. Suicidava-se. Ora se!

Matutava Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veiu ao seu encontro, e lhe piscou um olho.

E' agora, pensou o bandido, e com infinita naturalidade pegando na garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— Perrins, Lea and Perrins. Será parente daquelle Lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?



O major, inebriado pelos amavios do peixe e do vinho, alumiou um olho concupiscente, guloso de chulice:

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca F . F. F., com certeza. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente, absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu, capciosa, pelos fios naturaes, narrada com arte de mestre, segura e firme, n'um andamento estrategico onde havia genio, até ás proximidades do desfecho. Por essas immediações, a maranha empolgou por tal maneira o collecter que o pobre cardiaco suspendeu-se, de bocca entreaberta, e uma azeitona, figada no garfo, detida a meio caminho. Um ar de riso—riso parado, riso estopim, que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminou-lhe as faces.

Pontes vacillou, presentiu o estouro da arteria. A consciencia travou-lhe da lingua. Mas por um instante só. Pontes cuspihou-a fóra de si e com voz firme desfechou o gatilho. O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada igual á de Teufelsdröckh diante de João Paulo Richter; primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas attonitos viram-no cair de borco sobre o prato, de passo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

Pontes ergueu-se, pallido, e aproveitando a confusão, esgueirou-se para a rua, como um Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira e suou gelado. Os menores rumores retranziam-no de pavor: seria a policia?

Dias mais tarde é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda a gente levava á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre diante dos olhos a mesma visão: o velho de bruços no prato, golfando sangue, enquanto no ar inda vibravam os echos da sua deradeira gargalhada.

E foi nesse estado deploravel que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro, mas



era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este latim: *tarde venientibus ossa*, e sê mais esperto para o futuro”.

Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave do quarto, com a lingua de fóra, rigido. Enforcára-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia circulou, toda a gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou entre os caixeiros:

— Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforçar-se na ceroula! Só mesmo o Pontes. E reeditaram em côro meia duzia de *quás! quás!* o unico epitaphio que lhe deu a sociedade.

MONTEIRO LOBATO.



---

---

# A ARTE TRADICIONAL NO BRASIL <sup>(1)</sup>

## DA ARCHITECTURA

### I. NO BRASIL-COLONIA.

Ensaio de archeologia. Meio physico e social; architectura colonial. As matrizes portuguezas. Caracteres originaes da architectura da Renascença em Portugal e suas modalidades (Seculo XVI a XVIII).

### II. NO BRASIL-MONARCHIA.

A missão artistica franceza de 1816; sua acção e influencia. A fundação da Academia de Bellas-Artes. A arte após a independência. Degenerescência da architectura colonial.

### III. NO BRASIL-REPUBLICA.

Desorientação artistica. Ecletismo immigratorio. Reacção nacionalista e moderna corrente de tradicionalismo. A arte e o caracter nacional. A architectura do edificio publico e da habitação. A cidade moderna e a tradição. Architectura tradicional.

## I

Não é um estudo completo da Architectura no Brasil que vou expôr-vos, e simplesmente, em uma lição, algumas notas sobre o seu passado e sua evolução até o presente, pesquisando ahi alguns vestigios do filão precioso da Tradição Nacional.

Pretendendo fazer historia da arte, terei de ensaiar portanto uma monographia archeologica. A classica epigraphie de *Archeologia* não deverá, porém, indispor contra mim a bondosa intenção que vos trouxe a esta solemnidade de estudantes, cuja esperançosa juventude e intelligente iniciativa bem quizera tambem, em minha pouquidade, estimular com a honra e o brilho que merece.

---

(1) — Conferencia realisada no dia 31 de Março, a convite do Gremio Polytechnico de S. Paulo.



Bem sei que nestas nações de recente formação, á falta de passado proprio, se pretende tomar o cyclo do presente como ponto de partida para a traça do futuro, de cuja directriz se tenta arredar o tropêço de todos esses anachronismos archeologicos a que tanto se apegam as civilisações dos velhos povos. E' talvez uma illusão americana; porque, qualquer povo é parcella da Humanidade, ligado organicamente a esse passado desde as suas primeiras origens; e nunca poderá eliminar de si, por mais que faça o seu genio de differenciação, a herança indestructivel dessas primitivas civilisações, que o cercam e o abraçam por completo, como os tentaculos de um polvo immenso, cujo corpo se estende e se esconde pelos mais escuras antros do passado.

A archeologia não é apenas o estudo da antiguidade, analysada como uma ossadura morta, ou dissecada como um cadaver em laboratorio de anatomia. Não se prende ás coisas do passado, como petrificações immobilizadas na rocha sedimentar que é o seu eterno jazigo. Estuda manifestações da vida da humanidade, phases de civilisação; analisa as creações do homem como integrações da collectividade em determinado meio e tempo. E' sciencia social, fundamentalmente tradicionalista, porque considera a obra d'arte como crystalisação de uma tradição, na qual o artista representa apenas um factor de expressão, accidental e temporario; é uma philosophia de logica evolucionista, porque estabelece os cyclos, os rythmos, as leis evolutivas da arte nas suas manifestações através do tempo e do espaço.

A archeologia não compete, pois, tão sómente a paizes velhos, a essas ruinosas decadencias, que pela America se menosprezam na anciosa esperança de vida nova; a archeologia é tambem de paizes novos e dos povos innovadores; e porque estes, na sua febre de innovação, jámais poderão isolar do seu meio tradicional o homem da actualidade, que é como retirar a celula viva do seu meio gerador. Por isto mesmo é que falham na historia, na philosophia, nas artes, e tambem na politica, os que se julgam aptos a crear fóra do ambiente natural em que vive o genio humano, fecundado pela Tradição.



Estas considerações justificam o criterio archeologico desta lição, e definem de começo uma attitude de opposição ao sentimento de indiferença, que por vezes se manifesta em alguns publicistas do Brasil, pelas tradições que se ligam á formação da nacionalidade, levados pelos motivos expressos: de que foi de lamentavel pequenez o povo creador, a raça decadente e inerte no seu conservantismo, a historia um martyrologio de oppressão e revoltas, a civilisação tacanha e de arte nulla.

E' vêzo de escriptores modernos, mais do que dos antigos. E este menosprezo filia-se, não só em auctores dos tempos de revolta nativista, como tambem em auctores da metropole, entre os mais recentes dos quaes prima Oliveira Martins, historiador e philosopho, cuja vasta obra por aqui se espalhou com o successo conquistado pelo seu notavel brilho litterario. Conduzido por um criterio racionalista, afastado do methodo de investigação directa — da analyse ethnographica e archeologica—O. Martins não retratou com verdade os quadros historicos que descreveu, desvirtuando-os sob uma logica e uma ética que não se adaptam á natureza regional, á civilisação da epocha, á religião e á moral do povo. O mesmo raciocinio de imaginativo humanismo tem guiado os innovadores e revolucionarios de todos os tempos, que se devotam a um typo de *homem ideal*, o qual, de verdade não existe em nenhures; pelo contrario os naturalistas e tradicionalistas reportam-se ao *homem real*, com todas as suas características especiaes, producto do meio presente, gerado pelo passado, donde provêm todos os elementos creadores da sua individualidade physica e do seu character moral.

Segundo aquelles auctores, humanistas e moralistas d'aquém e d'além-mar, o meio social do Brasil-colonia terá de considerar-se como da peor especie para a cultura de homens ou formação de um povo, e peor ainda para o desenvolvimento e progresso da Civilisação.

O quadro dessas eras de formação teria sido em resumo o seguinte: A metropole, decadente — após as ultimas florescencias do seculo XVI — lançou sobre a America Portugueza o virus dessa decomposição infectante; para este degredo foram deportados judeus e criminosos,



transformando a terra de Santa-Cruz em retiro de quantos degenerados aqui procuráram couro e homisio; e, desta sorte se iniciou a colonisação. A seguir, foi partilhada a terra em capitánias, partindo da costa, a oito, pelo sertão sem limite; e os donatários destas immensas coirelas começaram por devastar a terra, dizimando os povoados, pilhando e escravizando o indigena. Da misera população nativa, a que escapava, ia-se internando pelos sertões, fugindo á barbarie branca, onde a attinge a tenaz perseguição das *Bandeiras*; e enquanto uns, os aventureiros batalhadores, conquistavam pelas armas, outros, os missionarios jesuitas, dominávam os homens pela evangelica persuasão do culto catholico, do mesmo geito escravizando e explorando o martyrisante labôr do indigena. Falhando o indio para a exploração extractiva da terra, veio o negro africano, aprisionado pelo mesmo brutal direito de conquista. E assim foi que, com o portuguez degenerado, o indigena manso e aniquilado, o negro escravo, se caldeou o povo que foi colonizando o opulento territorio do Brasil. Montada na colonia uma burocracia de titulares com um Vice-rei investido de poderes magestaticos, a metropole nunca fez mais do que extrahir da colonia o maximo de riqueza, não retorquindo com o minimo beneficio, não prestando á gente e á terra a assistencia da civilisação que progredia no velho mundo sob o brilho do Renascimento. Fechou a colonia dentro de um monopolio absoluto, isolando-a do resto do mundo, sem liberdade de pensamento, de acção e de progresso; e desta sorte o Brasil-colonia teria sido duplamente victima de Portugal, pela origem e pelo fatalismo desta infeliz hereditariedade. Eis, resumido, o tenebroso quadro.

As côres são verdadeiras, a composição, porém, é falsa. A critica historica não deve considerar os factos pelo que deveriam sêr mas pelo que fôram e são; o homem não foi nunca o modelo imaginado pela razão humanista, mas uma realidade no seu meio physico e social de gestação e de vida.

Haverá talvez organismos politicos decadentes, nações destruidas nos seus vinculos historicos, povos vencidos, opprimidos, escravizados; não ha, todavia, povos



decadentes. Os povos que ainda existem, vivem e envolvem dentro do seu meio tradicional e local, onde persistem como nucleos vitais, de potencia latente, creadora de novas nações. Para os definir e classificar, cumpre estudar esse meio em todas as suas realidades passadas e presentes, mas estudá-lo no tempo e no espaço, segundo o criterio experimental, ethnographico e archeologico, para o qual não ha escala de hierarchias moraes no que diz respeito a raças e povos, seus usos, costumes, mythos, religiões, artes e industrias.

A composição do quadro, de conformidade com a razão natural e tradicionalista, é outra. Conservaremos as brilhantes côres do meio physico com a sua riqueza geologica, a belleza infinita da sua paisagem, a multiplicidade dos seus climas, a rica variedade da sua fauna e flôra. A este torrão de bemaventurança aportou o descobridor e o colono, irmãos gêmeos da mesma raça; aquelle de uma nação em plena phase de epopeia, este, mais tardio, trazendo o vinculo dessa tradição heroica e o estygma de um povo, então dominado pela oppressão da Contra-Reforma—influencia que no velho mundo immobilisou, por mais de um seculo, os ideaes humanos, despertados pela refulgente aurora da Renascença, para a obra gloriosa do progresso. Em presença do novo mundo, o colono encontrou-se só, apenas com os recursos da sua imponente robustez physica e moral; e luctou *in natura* pela vida, batendo-se contra os elementos contrarios do seu recente *habitat*, vencendo-os, escravizando-os ou destruindo-os; e construindo, com os elementos favoraveis que o novo meio lhe forneceu, o lar, a familia, uma nação nova. A patria de origem nunca pôde prestar-lhe o patronato que lhe cumpria, impossibilitada pela sua pequenez de colonisar e gerir a immensidade mundial que conquistára, seguindo o determinismo do seu cyclo historico, supportando as crises da sua vida politica nesses tempos de ambições imperialistas, ora estrangulada pelo dominio estrangeiro, ora absorvida pelas campanhas da independencia, e soffrendo as desordens intimas das luctas religiosas e das revoltas dos ideaes democraticos.

Organisou a colonia e explorou-a consoante os seus recursos e necessidades, os moldes do tempo, e estadio da ci-



vilisação. Ninguém por essa epocha, ao que conste, colonizou melhor; a tradição não réza que fossem superiores os modelos classicos das colonias gregas, carthaginesas ou romanas. Occupou a terra, povou-a em quanto foi possível á tão pequena metropole, e defendeu-a da pirataria estrangeira, trespassando-a ás gerações vindouras, integra na sua immensidade, e, o que é mais ainda, com as condições fundamentaes de um poderoso imperio ou d'uma grandiosa republica: uma população fixa ao sólo, em que ora domina o sangue lusitano ora se caldeia em uma mestiçagem de firme adaptação ao meio, um só idioma unindo todos os habitantes deste paiz colonial, e uma tradição que os liga mais intimamente ainda do que o mesmo céu e o mesmo sólo sobre que padecem em commum o martyrio da vida quotidiana. A celebrada barbarie dessa colonisação, é muito inferior á da escravatura branca no coração da Europa culta, para dominio dos povos menores, victoria do catholicismo e gloria da democracia christã; minima é em confronto com a crueldade dos corsarios invasores que lhe ameaçaram os portos, e atacaram o commercio maritimo, ás portas da propria Europa e do seculo XIX; e nada é se a compararmos então á barbarie inexcusable da invasão teutonica, a que presentemente assistimos, pasmos de horror e desillusão, quando ao raiar do seculo XX se idealisára o governo pacifico do mundo consoante as taboas divinas da liberdade, egualdade e fraternidade.

O quadro do Brasil colonia transforma-se, pois, sob este ponto de vista, e o antepassado colono, injustamente calumniado *in memoriam*, é com plena justiça reintegrado no quadro verdadeiro do seu meio natural de existencia, no cyclo historico e politico do seu meio social; de tyranno passa a victima, de martyr a heroe nacional.

Claro é que, sendo apoucados os meios, elementares as necessidades, as artes e as industrias limitáram-se a esse meio circumscripto de formação e desenvolvimento. A habitação reduziu-se ao abrigo do lar, adaptando as suas formas á natureza dos materiaes e do clima; a povoação aconchegou-se em torno do primitivo templo, cuja protecção foi durante longo periodo a unica guarda da primeira colonia, e distribuiu-se conforme a disposição do terreno,



serpenteando as suas ruelas pelos valles ou rodeando as encostas, adquirindo esse carácter pittoresco que só dá a perfeita cohesão entre a obra do homem e da natureza, essa harmonia que constitue o character regional da architectura de uma aldeia ou villa.

A cidade formou-se em torno do nucleo aldeão, que tomou esse desenvolvimento nos portos maritimos e nos centros interiores de grande cultura ou mineração. No regimen patriarchal do antigo povoado produz-se, entretanto, a differenciação social que traz a riqueza e a categoria official dos cidadãos; a architectura teve que vestir com diversa pompa a casa rico, o palacio do nobre, a séde do governador, tambem o templo da opulenta Confraria e o mosteiro da Ordem, e por ultimo o edificio publico em que se instállam as repartições do governo, da justiça e da assistencia do povo. Formada a cidade com a sua *élite*, as bellas-arts não acompanham esse crescimento, e a architectura, que sobre todas as artes melhor exprime uma era historica e uma phase social, conserva-se dentro de modestas proporções, mas na mais completa concordancia com a tradição, com as condições physicas e sociaes do meio.

Não se méde uma civilisação pela grandeza dos seus monumentos; nessa avaliação intervém a archeologia, para a qual sciencia as mais rusticas ruinas têm um valor maximo e o mais modesto edificio têm uma brilhante significação, pela natureza dos seus materiaes, technica constructiva, character architectonico, epocha, estylo ou escola, seu destino e tradição.

Nos mais rudimentares motivos ornamentaes, por vezes grosseiros, surprehende-se uma concepção artistica, um symbolo religioso ou tradicional, uma orientação que descobre a sua origem e que, na sua adaptação a um meio novo nos conduz a uma nova concepção esthetica, a qual entra com todos os direitos na vasta grammatica da Arte.

Não ha pois elementos archeologicos despresiveis, quando se pretende reconstituir uma arte ou civilisação; ha unicamente difficuldades innumeradas a vencer, para colleccionação dos documentos, sua classificação e interpretação, analyse archeologica e ethnographica, restabelecimento das formas tradicionaes, seus modelos e propor-



ções, e finalmente para a criação esthetica de expressões novas consoante a differenciação do velho e novo meio, isto é... fazer arte tradicional.

Este trabalho não está ensaiado no Brasil, e, conforme no começo anotei, alguns dos escriptores que se têm occupado das artes entre nós, sob um ponto de vista critico ou historico, fundam-se no quadro, já reproduzido, que explica a decadencia ou incapacidade do periodo colonial; e passam por alto todo esse labor artistico, que não julgam digno de nota, e menos ainda do interesse das gerações hodiernas. Não se julgue que pretendo fazer esse estudo, para o qual por completo me fallecem as posses. Pretendo apenas, em grosseiro esquisso, orientar o estudo das artes no Brasil segundo o criterio ethnographico-archeologico e despi-lo por completo das falsas condemnações de historiadores e esthetas, cuja erudição se reporta aos typos monumentaes das grandes metropoles (colleccionados em livros ou rapidas viagens), das epochas mais brilhantes da sua civilisação, modelos que muitas vezes se encontram deslocados no meio local e tradicional que os envolve, como creações de extranha sumptuosidade, fulgurações de um genio exótico, produzindo admiração e apreço, mas não o respeito e veneração do seu povo.

Em uma conferencia anterior me referi á habitação no Brasil desde os tempos coloniaes, analysando-a nas suas componentes e procurando difinir as características de cada uma. Ahi ficou demonstrado como certos typos coloniaes de habitação realisavam, sob o ponto de vista tradicional, um modelo perfeito, capaz de adaptar-se ás condições actuaes do meio e ás exigencias dos modernos preceitos de hygiene, e como, com as suas características locaes, se poderão compôr typos de architectura tradicional.

Vamos occupar-nos agora mais especialmente da architectura do templo, porque nelle se manifestou uma arte monumental, e á arte religiosa (pintura esculptura, e architectura) se devotáram em especial os artistas nacionaes.

Não temos que ir buscar muito longe a origem dos estylos em que foi construida a maioria das egrejas no Brasil, as quaes datam do seculo XVII, XVIII e XIX. N'ellas



se manifesta a influencia de todas as phases da arte portugueza da Renascença, tomando como fundo o estylo pseudo-classico, do tempo do reinado dos Philippes, em que se enxerta o barôco italiano e o churrigueresco, mas em que se reflecte uma original phantasia, como succedeu ao romano-bysantino no Norte do paiz e ao gothico na sua modalidade do *manoelino*, que tomou em Portugal fóros de estylo nacional pela sua extraordinaria e brilhante originalidade. O portuguez deu sempre um cunho particular á arte que importou, e este phenomeno que é notado pelos mais illustres historiadores da arte portugueza, sobresahe tambem no Brasil-colonia onde o barôco, dito jesuitico, tomou expressões de modesta singeleza, mas de um cunho local digno de nota. Não me foi possivel organizar uma resenha chronologica dos principaes typos de egrejas no Brasil, e tambem compendiar photographias de todas, tendo que limitar-me á exposiçào de uma série, organizada apenas de algumas, segundo o criterio archeologico da sua composiçào architectonica, definindo alguns typos genéricos.

Começando pelos exemplares de maior simplicidade, abrimos a serie com os templos da Capitania de S. Vicente, com os exemplos da Est. I, capellas de Monserrate e da Fortaleza da Barra (figs. 1 e 2) egrejas da Conceiçào de Itanhaem e Santo-Antonio (figs. 3 e 4) e as antigas matrizes de Santos e S. Paulo (figs. 5 e 6), as quaes pela sua architectura de rustica ingenuidade formam um typo, que se vae repetindo pelos antigos povoados do Brasil, onde a piedade dos christãos levantou esses devotos padrões, sob a invocaçào do santo patrono.

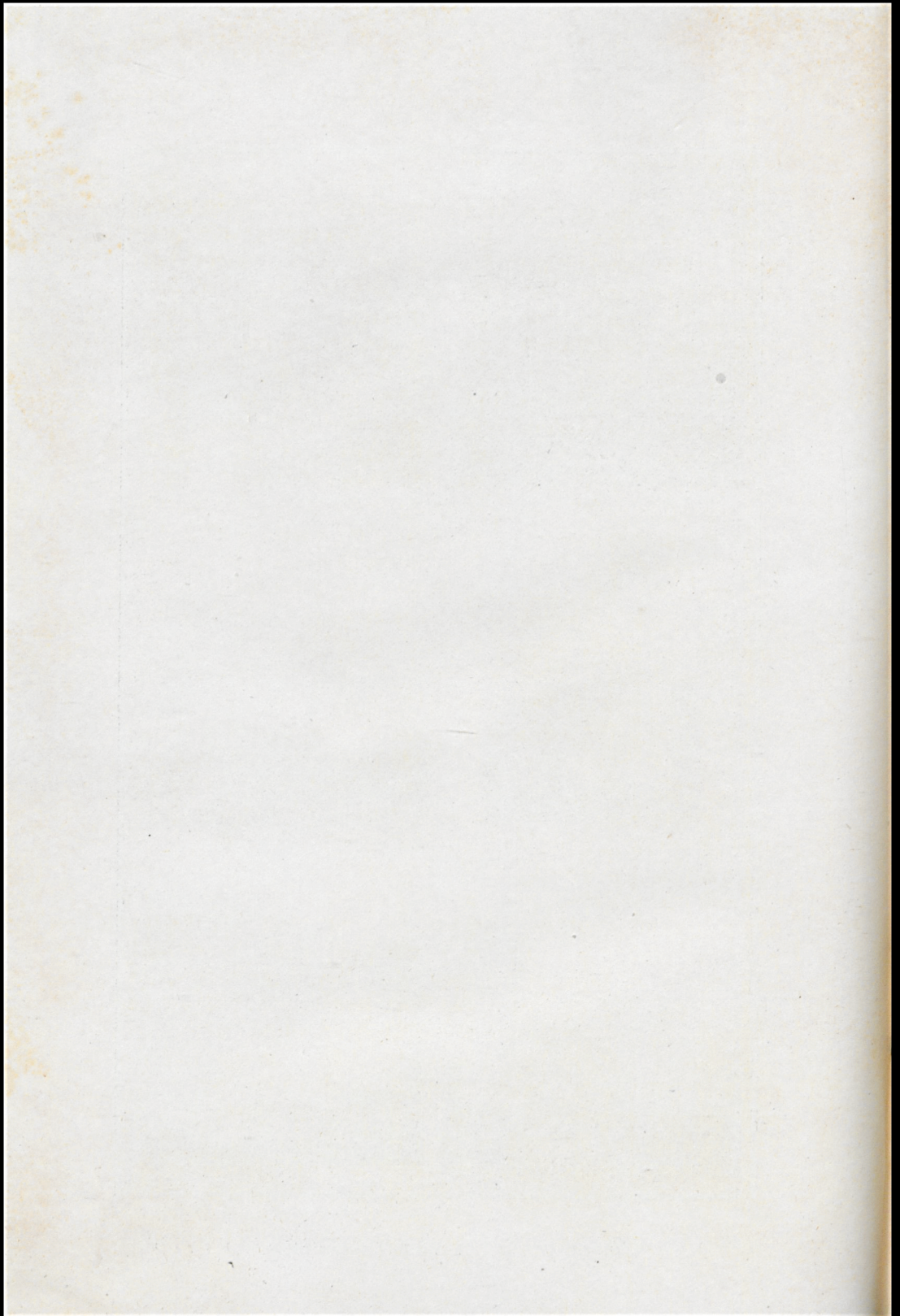
Estes templos, que se filiam no estylo da media renascença, barôcos na curvatura caprichosa dos seus frontões, cimalthas e padieiras, são de um extravagante rococo na sua ornamentaçào, em que entram por vezes elementos do mais rude naturalismo. Dão uma nota commovente no quadro de algumas dessas velhas povoações, hoje afastadas, e quasi esquecidas, das grandes estradas da civilisação. Entretanto, a pequena ermida, caiada, leve e ondeante na gracilidade das suas curvas, é como branca pomba, poitada sobre o outeiro do povoado, ave symbolica desse bando angelico, que do céu vem descendo á terra desde as eras bi-





ARCHITECTURA COLONIAL — GRUPO PRIMITIVO





blicas com a graça divina da paz, do amor e do Espirito-santo.

As proporções de humildade desses templetos, melhor definem o seu caracter; e com elles se pôde formar um primeiro grupo archeologico. Onde, porém, está patente a belleza architectonica dessas rudes egrejas de taipa, de grosseira composição, que nada mostram de Arte? Perguntaes com razão; e respondo-vos que não se percebe com os olhos mas com o coração, não se vê, mas sente-se.

Só o sentimento profundo da tradição, é que pôde transportar-nos em espirito até essa crença antepassada, e reavivar-nos a mesma esperança infinita com que os nossos maiores erguêram para os céus essa rude oração, bella de sinceridade; só o culto do passado é que nos faz perceber a linguagem das ruinas, traduzir o encanto e a poesia dessas grosseiras fabricas de taipa, amassada com a propria terra que nos alimenta a vida e nos dilue a morte na perpetua alma do universo. Para os que nada sentem, emudecem os poetas da antiguidade, e de bôamente se recolhem á sombra do passado, onde pouco importa que os não percêbam ou que os esqueçam.

Um segundo grupo pôde constituir-se com edificios de maior pôrte, em que a architectura é mais erudita e esthetica. Começamos pela Cathedral da Bahia (Est. II fig. 7) que constitue um modelo classico, cujo severo estylo tem certa imponencia. Com a sua fachada em tres corpos e duas torres lateraes, fornece-nos um typo, em que o frontão central domina o edificio, com as suas monstruosas volutas lateraes, deixando em nivel inferior as duas torres, cobertas por uma pyramide tetraedra, e que parecem appendices secundarios da fachada. Em todos os outros typos de duas torres, estas tomam maior desenvolvimento em relação ao corpo central e sobrelevam-se acima do frontão de contornos barôcos, com as suas cupulas de linhas curvas, terminando em flechas ou acompanhadas de pinaculos, como por exemplo nas egrejas da Penha (Recife) e do Carmo (Olin-da), esta ultima em ruinas. (fig. 8).

A paixão pelas linhas curvas passa dos elementos decorativos da architectura ao proprio plano da egreja e suas torres, como no Rosario e S. Francisco de Assis de Ouro



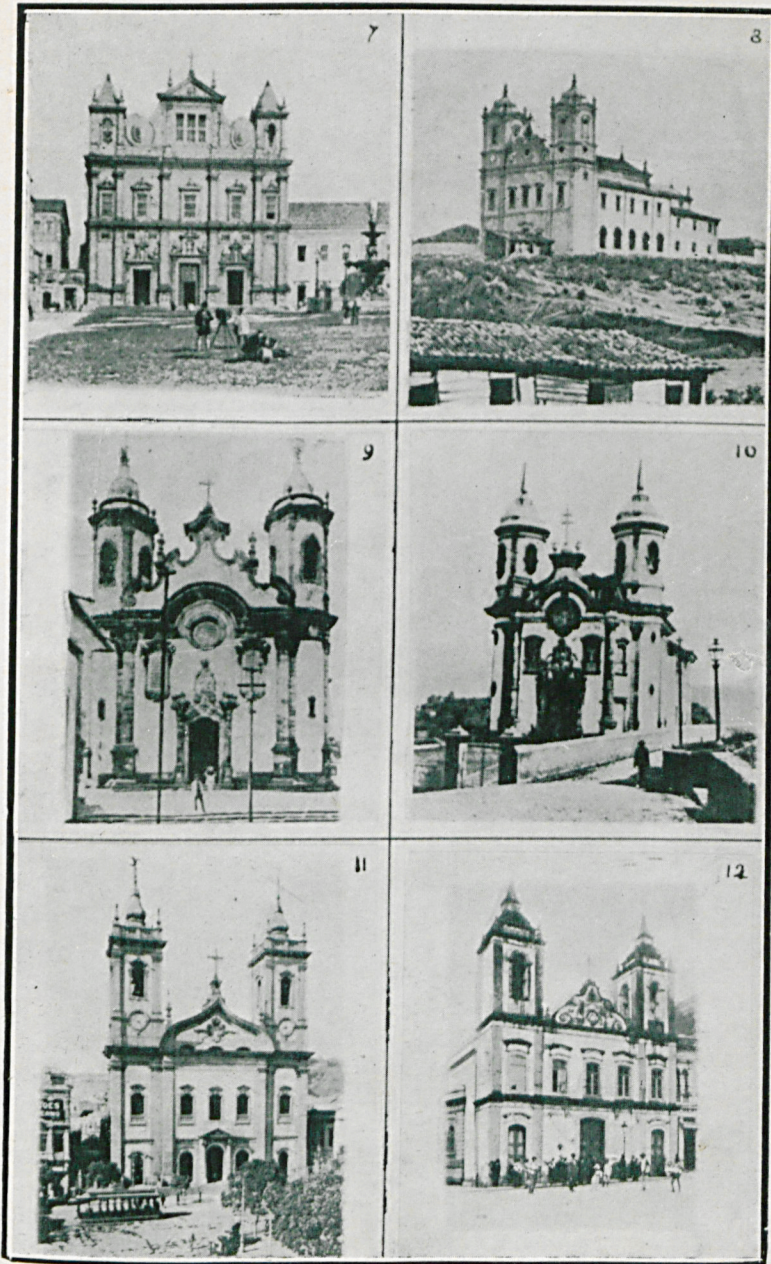
Preto, (fig. 10), e na E. do Carmo em São João D'El-Rei (fig. 9); são as duas ultimas de igual modelo, tendo de notavel a graça particular das suas portas e janellas, de ornamento *rococo*, e a applicação em saliencia nas arestas da fachada da columna jonica em todo o fuste. Póde dizer-se que este typo de plano curvileno é original nessa parte do Estado de Minas, como se fosse composição do mesmo architecto (o "Aleijadinho") da 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII. A fallada matriz de Caéthé já se approxima mais do typo do Recife e Olinda.

Não se repete esta forma curvilinea; conserva-se o typo prismatico, com o corpo central de tres vãos em dois planos, e frontão de perfil curvo terminando em ponta, em geral com a cruz; as duas torres elevam-se a altura muito superior, terminando em agulha, pyramide, ou zimborio, por vezes forrado de azulejos. Dou-vos como exemplo deste quarto grupo, no Rio, as egrejas do Carmo e de S. Francisco de Paula (fig. 11) e em S. Paulo a do Carmo e S. Pedro (demolida) (fig. 12).

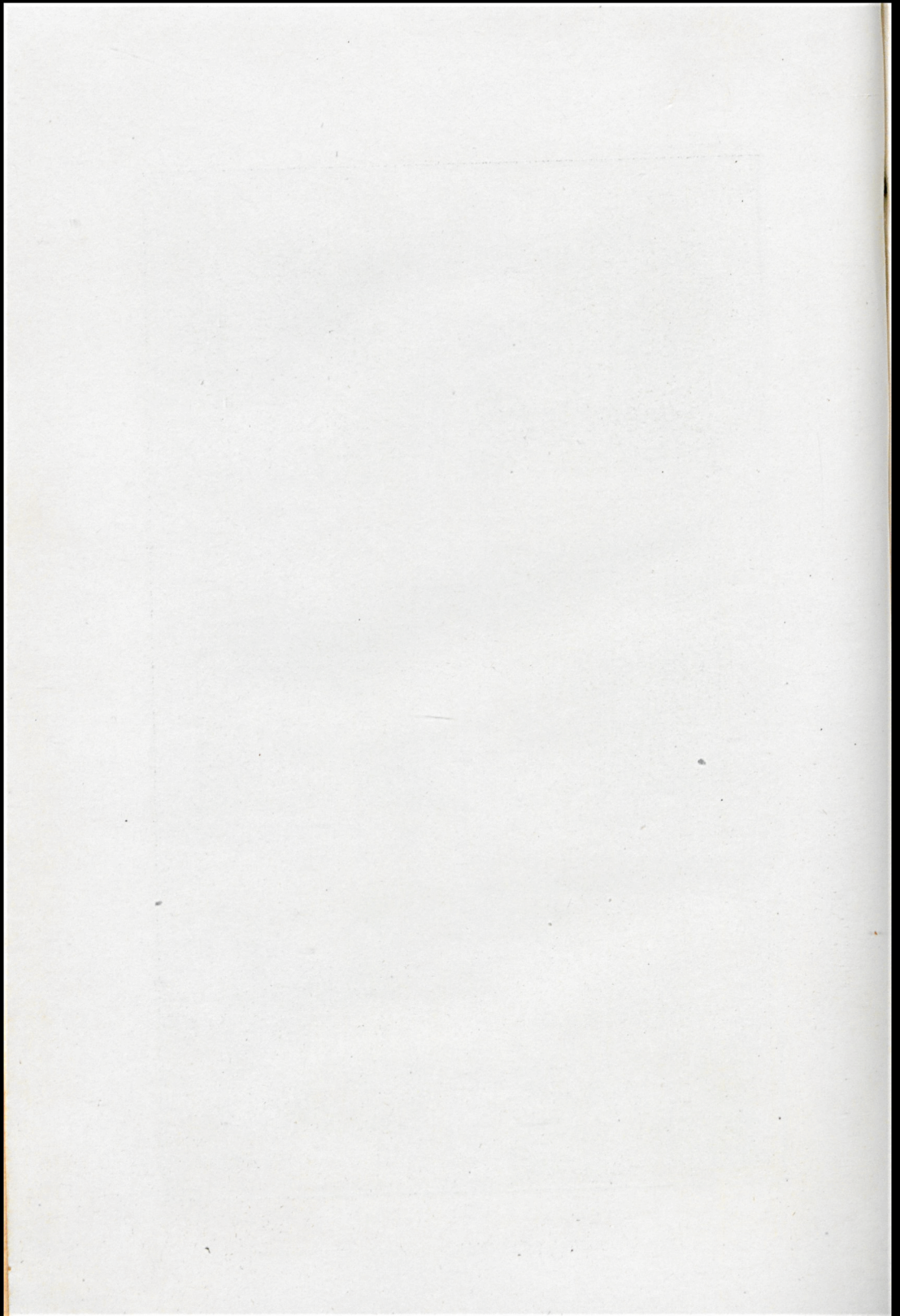
Lamento que o cliché do Carmo (no Rio) não reproduza a torre que lhe fica proxima, já visivel, da matriz em construção, coroada pela Virgem de ouro; teria occasião de mostrar com evidencia como o novo campanario, no seu desenho, composição architectonica e ornamentação, é de valor muito inferior ás visinhas torres coloniaes; denunciaria, em flagrante corpo de delicto, não só a dissonancia entre certas modernidades e o meio local, como tambem a falta de character e inferioridade esthetica de muitas dellas, em confronto com esses banaes e toscos productos da arte colonial.

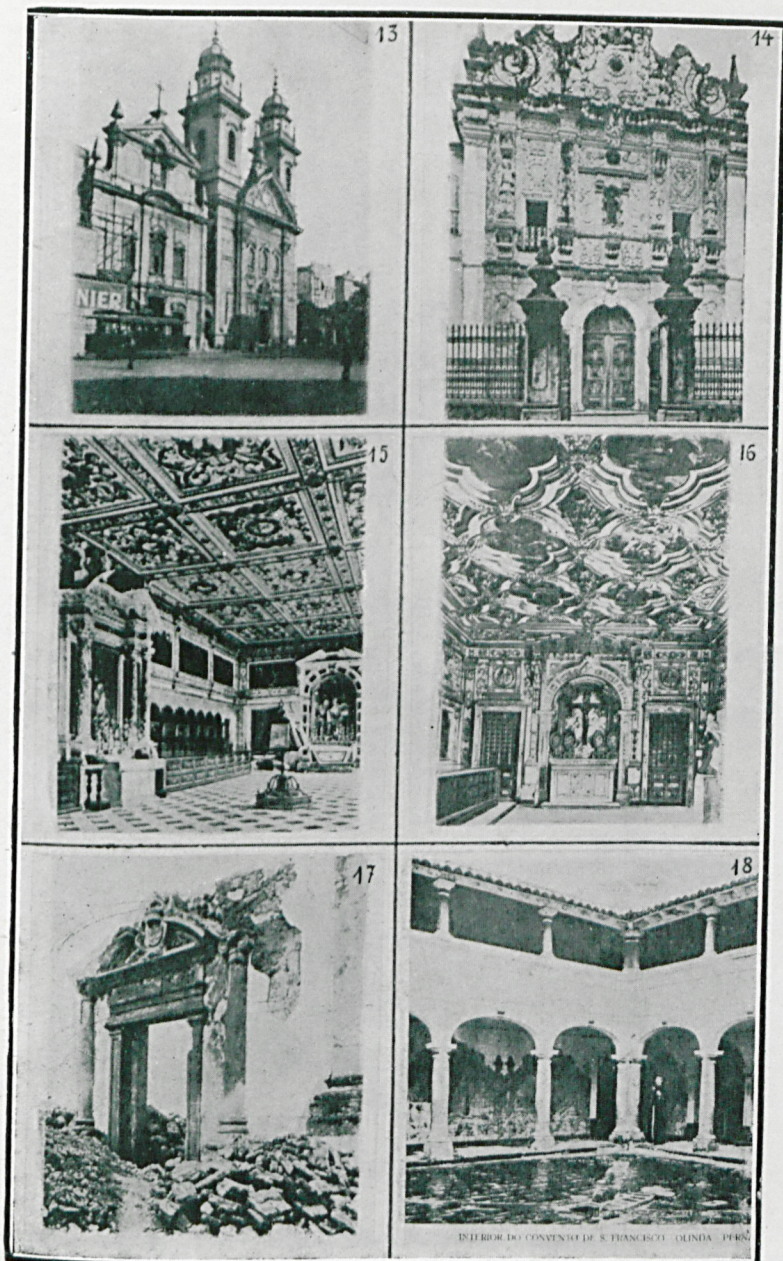
Poderemos formar ainda um quinto grupo com as egrejas sem torres lateraes em que se manifesta um barôco neo-classico com o frontão triangular, tambem com a composição *triptica* das janellas, de que são exemplares mais modernos a Igreja de Santa Cruz no Rio e a Capella Imperial (Est. III fig. 13). Deste typo vou mostrar-vos um exemplar curioso da Bahia, da epocha em que dominou a arte dos entalhadores; é a Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco (fig. 14). O architecto foi certamente um entalhador que transportou para a fachada toda a exuberante riqueza de



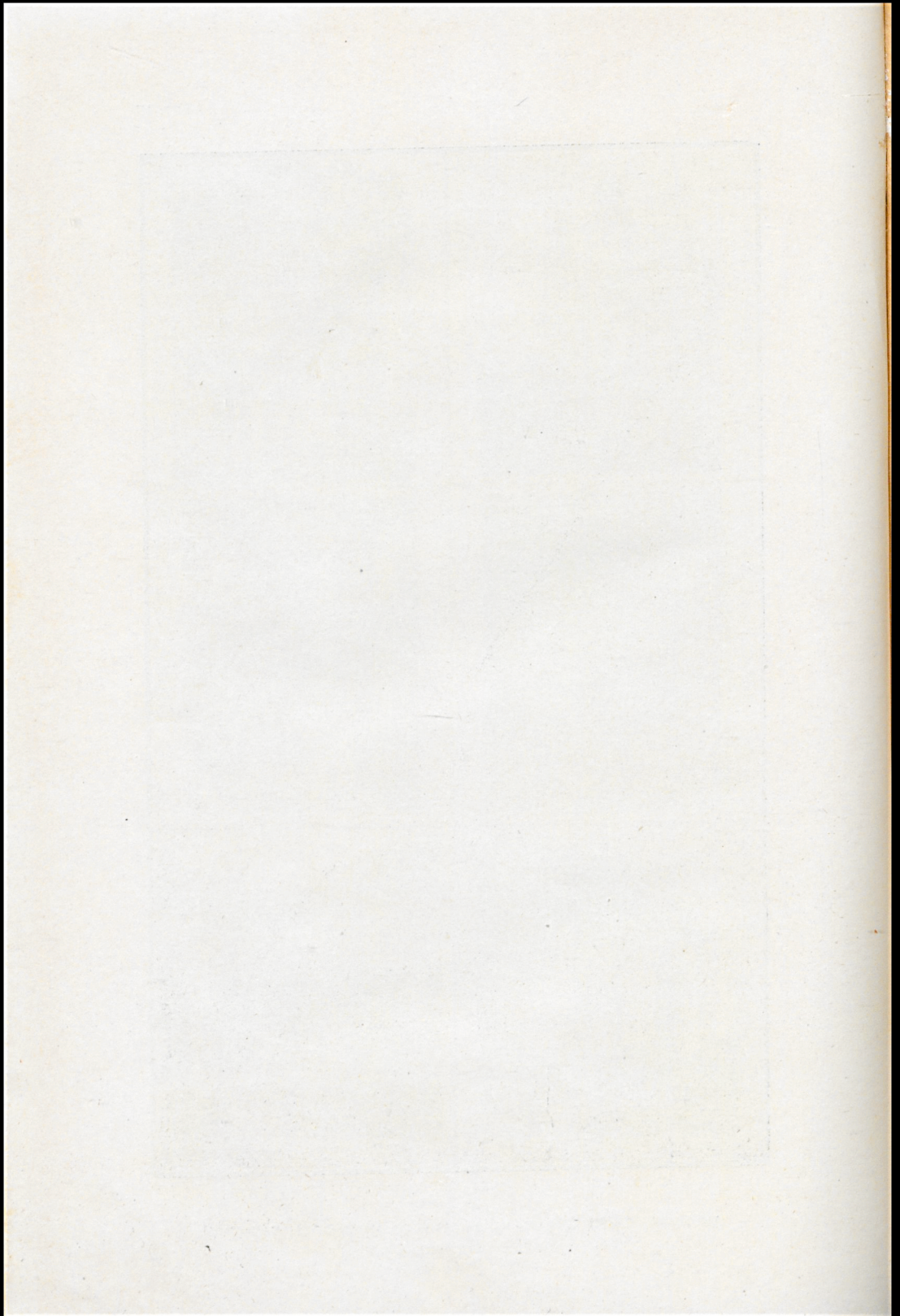


ARCHITECTURA COLONIAL — GRUPOS SECUNDARIOS





ARCHITECTURA COLONIAL — TEMPLOS, INTERIORES, DETALHES



ornamentação da esculptura em madeira que decora o sumptuoso interior das egrejas na Bahia. Ahi se tornou notavel essa pompa de ornamento em talha dourada, na qual se empregou a imaginação do artista em encher os vasilios com todos os motivos do barôco e do rococo, em applicações do mais flagrante naturismo: folhas, flôres, fructos, aves, cariatides, archanjos e anjos de incarnação viva. E toda esta imaginosa obra de talha enquadra pinturas religiosas e imagens, com uma harmonia de colorido e uma habilidade de composição taes, que parece sahir de uma escola de artistas sacros votados a esta pomposa e opulenta ornamentação dos templos christãos. De facto parece que a Bahia formou uma escola; em um recente livro biographico de artistas bahianos (de Manuel Querino — 1911) conta-se, entre pintores, esculptores e entalhadores do primeiro periodo, 114 notabilidades, alguns dos quaes trabalharam em outras cidades do Brasil.

Não consegui clichés bastantes perfeitos desta obra prodigiosa de madeira. Apresento dois exemplos de muita distincção, de interiores da Bahia, um com o tecto em caixotões rectos, da sachristia da Cathedral (fig. 15), outro com caixotões curvos, da sachristia do Carmo (fig. 16), que nos mostram a riqueza da ornamentação interna dos edificios religiosos daquella Capital.

Teríamos muito ainda que apreciar, no tocante a detalhes architecturaes dignos de estudo e que demonstram uma orientação artistica muito superior ao mediocre apreço que no Brasil se dispensa a sua architectura colonial; faltam-me as reproducções, muito embora as aguarde para obra de mór folego; mostro-vos apenas uma porta de original barôco das ruinas do Carmo, em Olinda (fig. 17), e um claustro do Convento de S. Francisco (fig. 18), tambem de Pernambuco. Este pateo, de pequenas proporções, com a sua arcadura em aza-de-cesto e a *loggia* superior em columnata, supportando o frechal de madeira e a caibradura do telhado, com os seus altos alisares de azulejos recortados, representando quadros do *flos-santorum*, realiza um conjuncto de harmoniosa belleza, uma composição typica que poderia generalisar-se á habitação na sua forma tradicional de pateo interior.



Não creio que dos poucos exemplos expostos se possa concluir pela nullidade da architecturá no Brasil, a qual manifesta, de facto, um cunho nacional que se conserva até meados do seculo XIX, não só no conjuncto urbano, como na propria villa agricola, conforme demonstram as duas gravuras de Ribeyrolles que vou reproduzir-vos: uma vista geral do Rio de Janeiro com as elegantes torres da Candelaria, e uma vista da Fazenda do Beco em Campos (Est. IV, fig. 19), que é typo interessante e completo da architectura agraria com o seu caracter tradicionalista e regional.

Como exemplos de habitação da era colonial apresentarei algumas velhas casas do Rio de Janeiro, as quaes constituem um typo architectonico generalisado pelas cidades do littoral: a casa de Nitheroy (Est. IX figs. 20 e 21), a Casa do *Derby* (fig 22), a Casa da Praia de Santos (fig. 23) com a varanda fechada por caixilhos vidrados. Este typo foi assignalado como *caracteristico* por J. B. Débuet na sua bella obra, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, que constitue um precioso repositorio da archeologia e ethnographia da ultima phase colonial. Ahi terão um typo original e local de architectura com um caracter proprio.

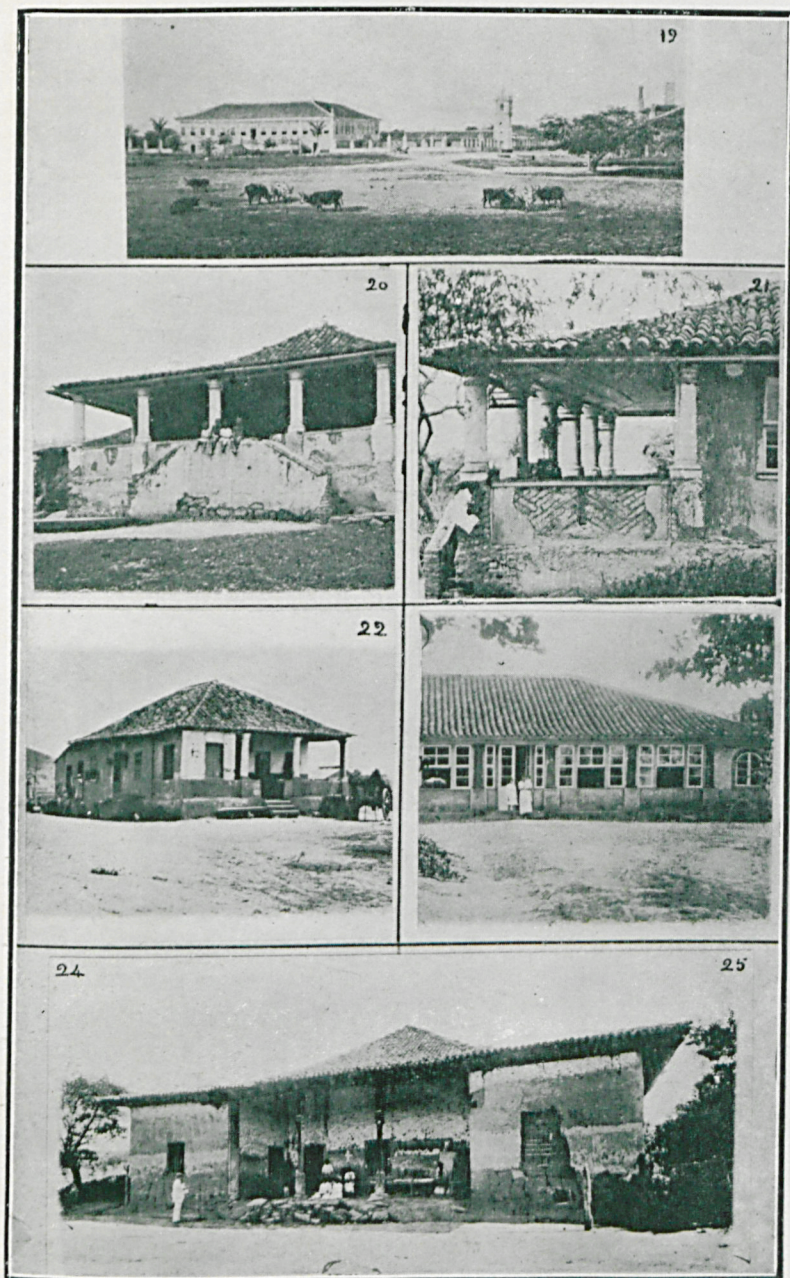
Em S. Paulo, a casa de *Cotia*, (figs. 24 e 25) nas proximidades da Capital, representa igualmente um caso typico que, na sua apropriação ao quadro local e no seu aspecto de caracteristica originalidade, deve entrar na nossa serie tradicional. Já della me occupei noutra publicação.

Bem quizera dar-vos um quadro mais completo da Architectura Colonial; os exemplos que apresento porém, bastarão para a these desta lição, em que, consoante um criterio archeologico se pretende apenas definir o que é, ou poderá ser, a Architectura Tradicional no paiz brasileiro.

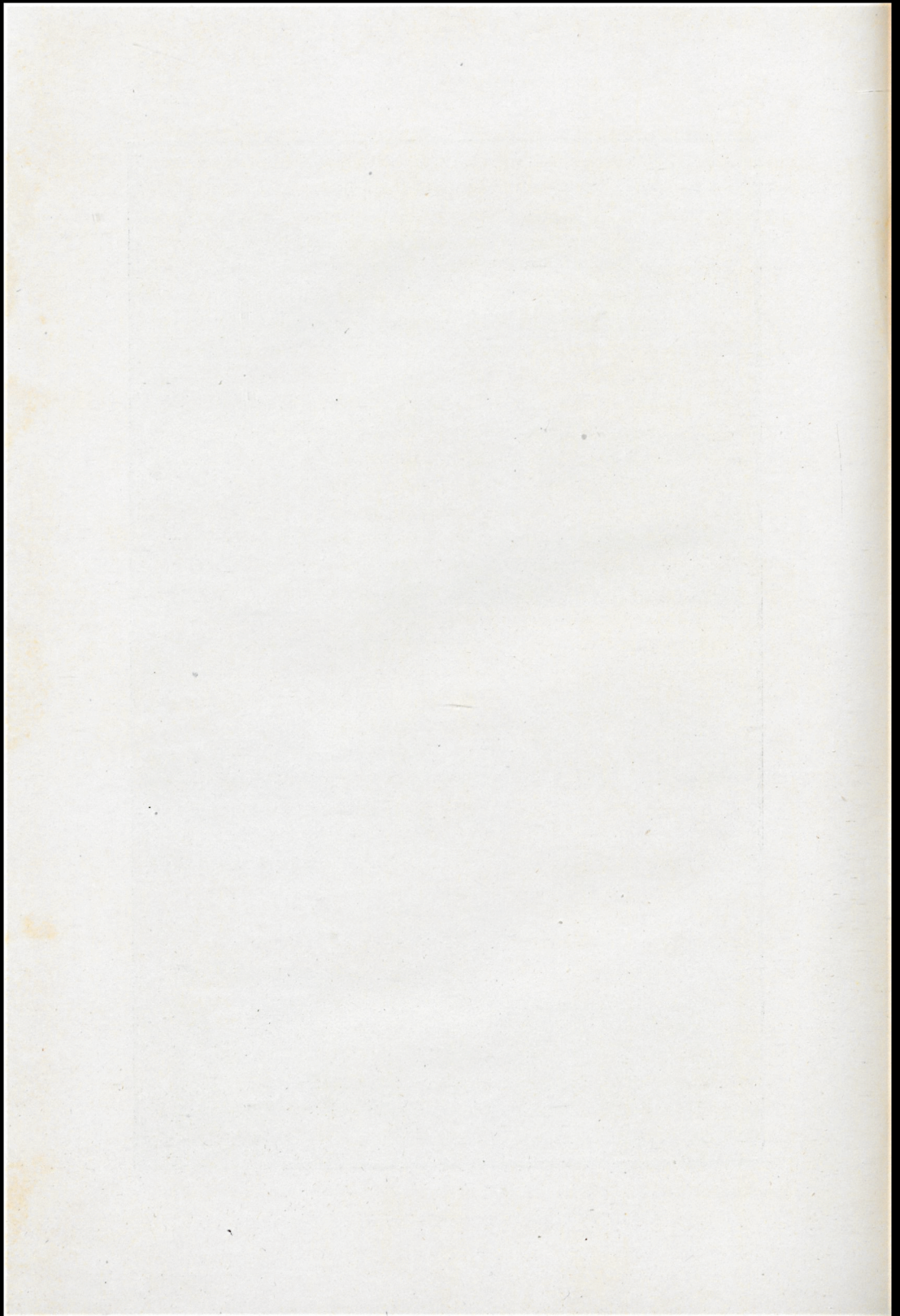
## II

Os que condemnam esta architectura, pelo mesmo espirito de parcialidade systematica condemnarão tambem as suas origens archeologicas. Não obstante, seguiremos esse roteiro historico através do pequeno paiz lusitano. donde partiram para as Indias Occidentaes os constructo-





ARQUITECTURA COLONIAL - TIPOS DE HABITAÇÕES



res da nacionalidade brasileira; e procuremos demarcar os afloramentos desse filão tradicional, para vêr se, em troca do ouro e das pedras preciosas que daqui levou a metropole, topamos crystallisações da tradição, diamantinos reflexos da arte, essenciaes da alma nacional, isto é, da alma brasileira.

Durante o seculo da descoberta pairou pela Europa o renascimento das artes do mundo classico grego-romano. Nasceu este em Italia, provindo de Roma e do Papado, que, na suprema victoria da sua autoridade espiritual e temporal, procurava governar todo o mundo. E' pois uma arte aristocratica, cujo espirito de grandeza, de poder, e de dominio, a levou pelas autocracias europeias, vencendo as velhas artes medievas que eram a expressão elevada da democracia christã. A' nobreza dos poderosos da Igreja e das côrtes reaes, juntou-se uma aristocracia de heroes, cuja fama é eterna, multidão brilhante de principes-artistas, os quaes, mais do que os grandes da terra, governaram o mundo espiritual e divino da Arte. São uma legião, com chefes como Bramante, Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, Palladio, Fontana e muitos mais.

Ao pequeno paiz do extremo occidental da Europa chegou tambem a influencia desse poderoso Renascimento; mas aqui encontrou a resistencia dum estylo original, que havia adaptado as ultimas labaredas do gothico flamejante á opulencia dessa pequena monarchia, tambem em periodo aureo de renascença, que imperava em um mundo novo de dilatados limites. O estylo da epocha, denominado *Manuelino*, representa em Portugal um periodo glorioso de brilhante prosperidade; mas tem raizes fundas no periodo medieval, e mais profundas ainda na tradição popular, na alma desse povo navegante; por isso a Renascença italiana se enxertou nas suas obras como floração parasitaria, e só progrediu quando essa grande epocha findou, começando a manifestar-se no seu cyclo os primeiros symptomas da decadencia. Os caracteres daquelle estylo poderão ser originarios uma parte do Norte, outra parte do Oriente, das civilizações descobertas e conquistadas através dos oceanos; os artistas dos seus monumentos, porém, são portugueses natos: Affonso Domingues na Batalha, os Casti-



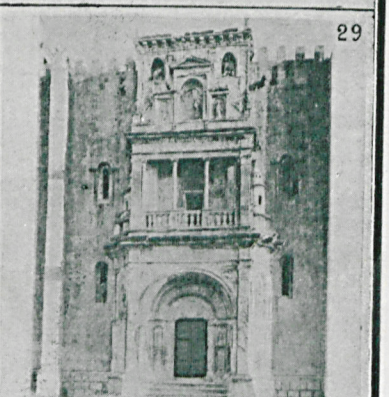
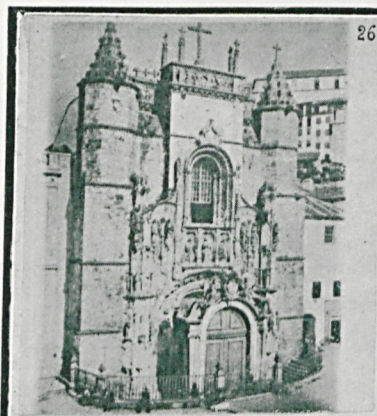
lhos nos Jeronimos, Garcia de Rezende na Torre de Belém. Quaesquer que sejam as características gothicas, platerescas, mudejares, ou idianas, o facto é que, sobre essas influencias, e dominando-as por completo, surge uma ornamentação de riqueza extraordinaria, que mais parece obra de lavrantes de metaes preciosos do que de esculptores da pedra, com motivos dum flagrante naturalismo, que provêm da flora da terra natal e do mar immenso que lhe banha as costas, e sobre o qual se expandiu e brilhou a epopeia maravilhosa do povo e do seu destino.

Por esse facto, o puro estylo antigo, grego-romano, não se fixou definitivamente em Portugal; se não fôra o catholicismo politico, o jesuita, a inquisição e o dominio estrangeiro, o imaginoso lavrante portuguez continuaria, com a persistencia do seu conservantismo ethnico, a esculpir e a burilar o Manoelino, com a riqueza ornamental com que mais tarde entalhou na pedra e na madeira (cobrindo-as de laves e de ouro) o Baroco italiano.

De resto, semelhante alteração soffreu o renascimento classico nos paizes de raça latina; o compendio de Vitruvio teve de soffrer as modificações que no seculo XVII notabilisaram Borromini, Bernini, Cortone, e Rainaldi; a frieza hieratica da arte classica não podia abranger por completo o renascimento humanista, que se transformou em um movimento popular; por um lado a hierarchia theocratica (que aceitou a severidade do estylo classico), por outro a aristocracia da arte para as castas nobres ou privilegiadas, não se adaptaram mais ao espirito liberal do seculo XVII. A victoria da Igreja Catholica, a necessidade de adaptar o culto á sua obra de prôpaganda, e de decorar os templos para a sua sumptuosa liturgia, concorreram para a libertação da nova arte. A igreja transformase em um salão de festas para glorificação da obra triumphal do catholicismo; os Concilios permittiram estas liberdades: " nihil profanum nihilque inhonestum apparent".

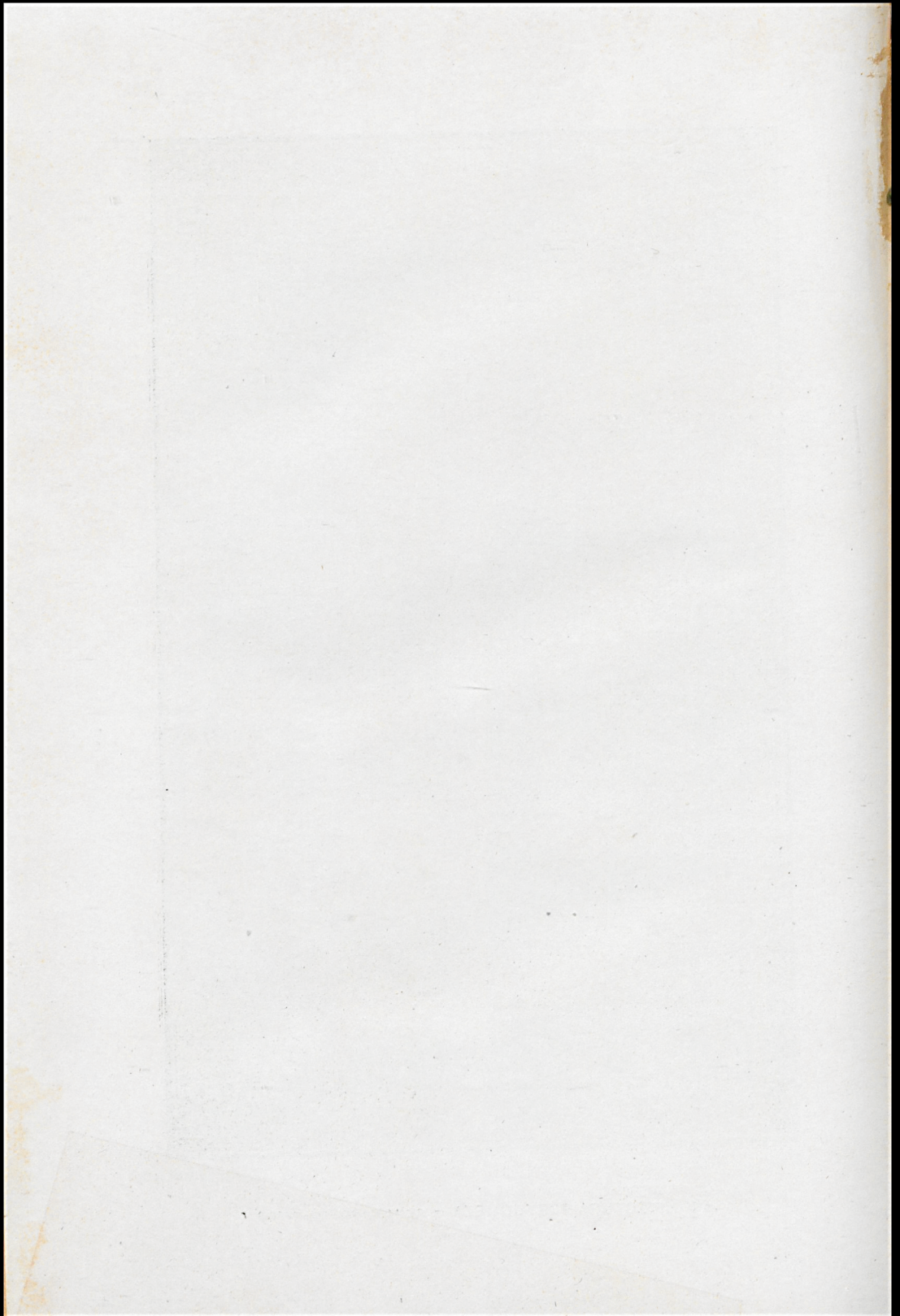
O novo estylo ou nova renascença propaga-se pelo seculo XVIII cada vez com maior excesso de ornamentação; e produz em Portugal o *rococo* do tempo de D. João V, monarcha com habitos de ostentação, que a igreja amimava na sua ambição de cathechése universal pelo deslumbramen-





ARCHITECTURA PORTUGUEZA — RENASCIMENTO-TYPOS





to. A' exuberancia da esculptura e da pintura, junta-se a riqueza dos marmores, alabastros, lapis-lazulis, serpentinas, jadeites, malachitas, etc., e só faltou que gemmas preciosas brilhassem tambem sobre o ouro dos retabulos, entrando como material decorativo da architectura religiosa de então.

O Renascimento apparece, pois, em Portugal como um enxerto exótico, de que vos darei um exemplo historico na portaria da igreja de Santa-Cruz de Coimbra — obra de Diogo Castilho — com a feição manoelina (Est. V, fig. 26), mas em cuja esculptura apparece a influencia da renascença; a janella superior é que conservou a pureza do estylo nacional. Accentua-se a penetração da arte italiana, e vae-se perdendo a rica imaginativa que levou os esculptores lusitanos á creação maravilhosa do convento de Thomar, da Ordem de Christo. Neste monumento repassa-se a historia da arte em Portugal desde o romanico do seculo XII ao manoelino e ao renascimento classico. Apresento-vos um cliché da sala capitular com a janella central, tão celebrada e discutida, mostrando ao lado um pequeno claustro de comezinho estylo renascença, semelhante ao de Olinda, que já vimos. Neste convento ha um grande claustro, chamado dos Philippes, attribuido a Terzi ou Torralva, successor do mestre Castilho na direcção das obras; é de puro renascimento romano, e constitue um exemplo deste estylo em Portugal, justificando a serie archeologica na historia artistica do paiz (fig. 28). Todavia nem só de Italia vieram as influencias da renascença, mas tambem dos paizes do Norte como na porta lateral da Sé-Velha de Coimbra (fig. 29), que é o mais notavel templo romanico do paiz (Sec. XII). Este pequeno modelo de variedade flamenga é da mais fina composição e execução, comprazendo-se com o espirito popular, facil de enthusiasmar-se, quando a arte toma uma expressão bem falante ao seu sentimento tradicional.

No monumental mosteiro de Alcobaça, a primitiva fabrica gothica foi revestida com o baroco do seculo XVIII, delineado com proporções taes que, destoando por completo do estylo primeiro do templo, não lhe tirou a magesto-



sa imponencia no seu quadro local, na vasta praça da Vila. (fig. 27).

Do estylo da Renascença é tambem a Cartucha de Evara (Sec. XVI) construida em finos marmores, com a sobreposição das tres ordens—dorica, jonica, corinthia—, modelo que se encontra na Italia e na França e foi reproduzido com variantes barocas em egrejas coloniaes (fig. 30). Como exemplo curioso de desharmonia do segundo periodo do barôco apresentar-vos-hei a capella de N. S. do Desterro de Alcobaça (fig. 31), em que se combinam os principaes elementos deste estylo e a propria caracteristica, assáz repetida em muitas outras capellas do paiz, desta modalidade desharmonica e defeituosa.

Do seculo XVIII, do reinado de D. João V, teria que prehencher a serie com o Mosteiro de Mafra, colossal edificio em que se pretendeu offuscar o monumento espanhol do Escorial, traçado por Herrera no estylo classico; muito mal se tem dito desta monstruosa construcção, mas a critica, sempre facil, tomou de ouvido a toada de maledicencia, sem a analyse dos seus detalhes architectonicos, da riqueza da sua ornamentação interna com os mais bellos marmores, e das proporções do seu conjuncto monumental. A fachada principal é um tanto desharmonica, mas as partes do edificio — mosteiro, paço, basilica — têm qualidades artisticas de valor que lembram as composições da epocha de Bernini; e por toda a parte se revela a expressão de colossal grandeza que se pretendeu dar a este composto architectonico massiço e monumental. O immenso edificio teve diversas applicações simultaneas — para convento, habitação real, universidade e escola de risco, da qual sahiram alguns *tracistas* notaveis da epocha.

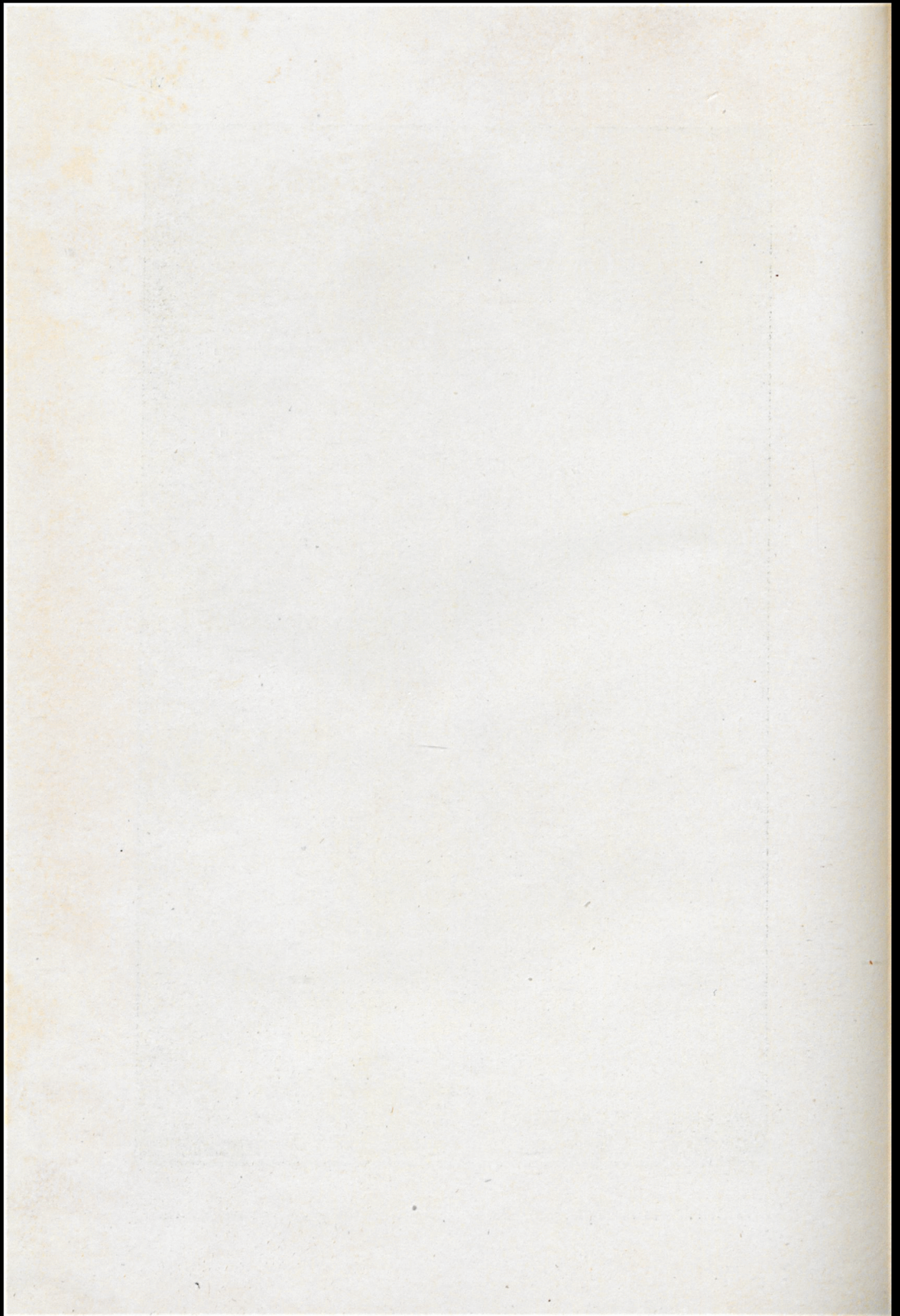
A Basilica do Coração de Jesus, no alto da Estrella, em Lisboa, é da escola de Mafra, e foi delineada no tempo de D. Maria I; como a de Mafra tem o zimbório sobre o cruzeiro, caso pouco commum nos templos de Portugal. O estylo é elegante, harmonico e conserva um caracter accentuadamente nacional na sua ornamentação do segundo periodo do barôco; neste templo se espelha a Candelaria do Rio de Janeiro. A reproducção dos typos portuguezes é aqui accentuada; para muitas das obras vieram até da metropole os proprios materiaes; um exemplo curioso des-





ARCHITECTURA PORTUGUEZA - RENASC. - EDIFICIOS RELIGIOSOS E CIVIS





sa adaptação, em um caso exótico, é a frontaria da ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco (Bahia), cujo traçado, estylo e feito da esculptura estão representados na cadeiral da Egreja da Victoria, no Porto (Est. VI, fig. 33). Parecem obra do mesmo entalhador. E neste particular a nossa serie tradicional teria em Portugal um riquissima documentação.

Vou apresentar-vos, de corrida, alguns typos de architectura civil portugueza, onde encontrareis a filiação que vem do gothico e as características nacionaes que se fixáram no paiz e se transportaram para varios padrões coloniaes, nos quaes todos os seus elementos architectonicos principaes se adaptam perfeitamente ás condições regionaes do meio. Por exemplo: o palacio dos Condes da Carreira em Vianna (manuelino) (Est. VI, fig 34), a casa da Misericordia, tambem de Vianna (renascimento), (fig. 35), o Solar de Matheus, de Villa Real (barôco) (fig.36), e a casa da Quinta dos Calheiros, de Ponte do Lima (fig. 37), typos de palacetes provincianos, abastadas habitações de ricos-homens. Por ultimo vos dou um exemplo de Palacio Real, o Paço de Queluz, nas cercanias de Lisboa, ligado á vossa historia por acontecimentos da Casa Real de D. João VI, (Est. VII, fig. 38), onde nasceu e morreu o primeiro Imperador do Brasil; foi o *Versailles* da côrte de Lisboa; o seu estylo e dos seus parques, na graciosa arte do seculo XVIII, dá-nos um modelo digno de ser mostrado no ponto de vista artistico e archeologico. A sua Architectura não deshonra uma epocha de turvação politica, em que mal podia cuidar-se em Portugal das artes e dos monumentos nacionaes, recentemente violados, demolidos, saqueados, pela invasões das aguerridas phalanges napoleonicas, contra as quaes o pequeno reducto lusitano teve mais de uma vez de defender o sagrado reliquario da patria, unico que ficou intacto, porque jáz no coração do povo, velado pela mais bella e pura alma da liberdade e independencia.

Em rapidos traços fiz uma exposição da architectura da renascença, do barôco, no Brasil e Portugal, firmando a linha central duma tradição, que poderá ser o tronco de uma luxuriante ramificação artistica, se ás variadas condições do meio, os novos *tracistas* houverem por bem ap-

plicar-lhes os principios de composição e decoração deste estylo admiravel, duma maleabilidade que o mantém ainda hoje nas multiplas produções da architectura moderna.

Não faltam pois os moldes tradicionaes, faltam apenas os seus artistas; e só não existem aquelles para quem os ignora ou não os quer vêr.

Nada valem tambem para os que detestam o *barôco*, porque dizem ser uma decomposição avariada do neo-classicismo. Entretanto aquelle estylo é, como o gothico, das mais bellas expressões artisticas duma epocha e dum meio social, tem uma legitimidade tão legal quanto o dogma classico das ordens architectonicas dos pantheons greco-romanos. Na arte não ha estylos privilegiados.

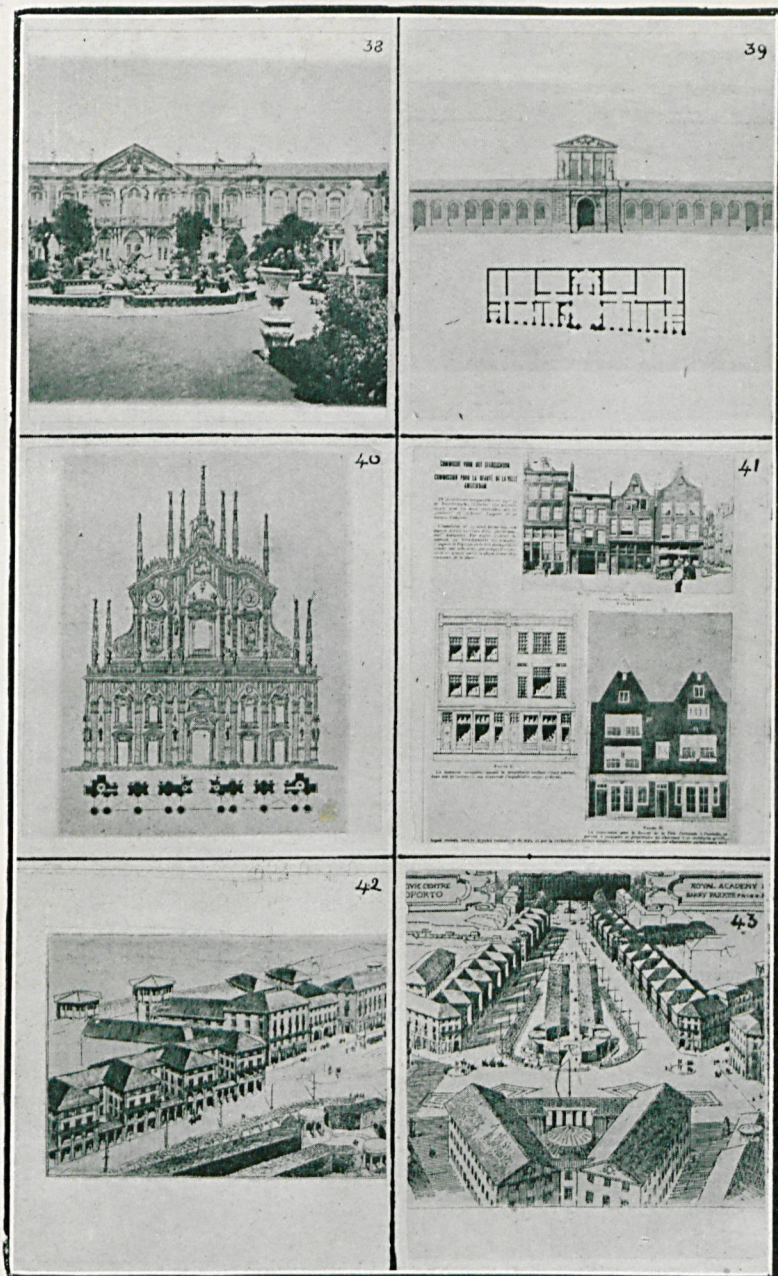
Não me compete fazer aqui a rehabilitação do Barôco. Apresentarei para fecho deste commentario um projecto desenhado em 1648 para o Duomo de Milão e que symbolisa as qualidades estheticas, do barôco; foi executado no monumento milanez o projecto anterior de Carlo Buzzi (1638); mas este, de Francesco Castelli, ficará em desenho como uma das mais surprehendentes creações de architectura, acolhido com entusiasmo pelos mais distinctos architectos da Italia. Bernini diz deste projecto que era “a maravilha dos olhos e a ultima palavra da arte”. Estão ahi todos os elementos capitaes do barôco unidos em um conjuncto de expressão gothica; e é uma verdadeira synthese das aspirações da arte religiosa no seculo XVII, querendo dar ao templo christão uma alta expressão de mysticismo religioso, de elevação para o firmamento—adonde vão todas as préces e sóbem a chammas dos cirios, luzes espirituaes dos altares da fé, erigidos ao Deus omnipotente das infinitas alturas.

O desenho de Francesco Castelli é o poema da arte Bernini; e nada mais me cumpre dizer a bem da sua gloria.

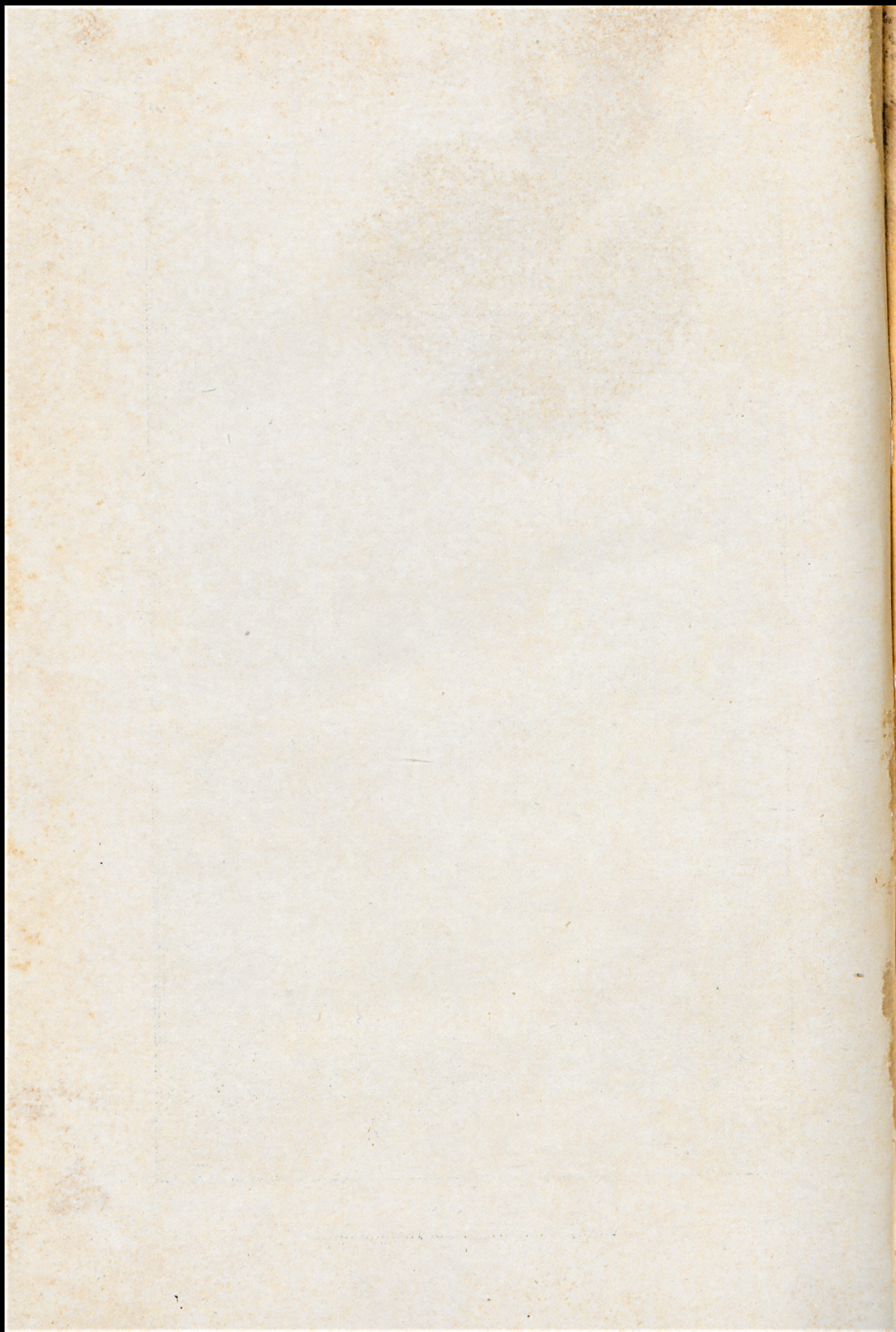
### III

Com a vinda da Côrte de D. João VI para o Rio de Janeiro tomou novo impulso a architectura da Capital, e os factos mais notaveis desta nova Era foram a escolha da





VARIA — ARCHITECTURA TRADICIONAL



missão franceza de 1816, por empenho do Conde da Barca e do Marquez de Marialva, e a fundação da Academia de Bellas-Artes.

A Missão, chefiada por Lebreton, compunha-se de: dois pintores, Nicolau Taunay e Debret, um esculptor Augusto Taunay, um architecto Grandjean de Montigny e, como adjuntos, os esculptores e gravadores Pradier, Irmãos Ferrez, os auxiliares architectos Levvasseur e Meunié.

Eram portadores do neo-classicismo francez, e o architecto, discipulo querido de Percier e Fontaine, manifestou de começo a sua escola no projecto para o edificio da Academia de Bellas-Artes, que é do mais severo estylo classico. (Est. VII, fig. 39). Esta arte, que define a orientação da missão franceza—na qual sobresahe Nicolau Taunay como pintor de raça—não encontrou echo no sentimento popular, nem podia accommodar-se ao meio physico e social da epocha, devido á imperturbavel rigidez dos seus moldes classicos. Não constituiu aqui uma escola; ensinou porém e propagou a grammatica da arte, a technica perfeita do desenho, e creou uma academia de artistas que foi o laço entre o meio colonial e a orientação da renascença artistica do seculo XIX. Nenhum dos discipulos, porém, reproduziu rigorosamente os modelos desse atticismo grego-romano; o meio tradicional emmuldorou-os na sua influencia absorvente, e foram persistindo os typos coloniaes do barôco até á independencia da nação brasileira.

Desde então, a febre de crear uma nacionalidade nova, differente da colonia e da metropole, provocou a degenerescencia da architectura colonial. Os artistas nacionaes recebem directamente o influxo das civilizações estrangeiras, e, emancipados, transportam materiaes, modelos e estylos com que compõem obras sem um caracter definido, na sua faina de differenciação e de construir rapidamente uma nova patria, que nada tenha dos tempos ominosos do dominio portuguez; que seja sómente brasileira.

Vou narrar-vos, a este proposito, um episodio historico passado no dia 7 de Abril de 1831, em que a exaltação dos animos não consentia vestigios de *estrangeiros* em ter-

ra brasileira. Na capella do Carmo estava exposto um dos melhores retratos de D. João VI, pintado pelo habil artista nacional José Leandro; a multidão protestava em tumulto que se destruísse o painel; foi reclamado o autor; aos gritos de *viva o Brasil*, Leandro entrou na capella, pallido, a cabeça baixa, os olhos postos no chão; atraz delle o aprendiz com uma caçarola e uma broxa. O artista subiu então por uma escada e começou a pincelar de colla o painel, que era a sua obra-prima; desceu, mais pallido ainda, murmurando: "está consumado". Grossas lagrimas lhe desciam pelas faces entristecidas, e sumiu-se por entre a multidão satisfeita, refugiando-se em Campos, onde morreu quatro annos depois.

A scena passada com o pintor Leandro constitue um quadro historico que representa ao mesmo tempo uma phase nas artes brasileiras; a nobre revolta da Independencia, o violento resurgimento do nativismo, pretendeu destruir tudo quanto era tradição, e, tal como o desventurado pintor Leandro, cobriu de novos vernizes a obra dos antepassados e até a luxuriante paisagem do solo brasileiro.

Em uma interessante memoria sobre o Brasil, preparada para a Exposição Universal de 1889, na vespera do advento da Republica, diz o Barão de Rio Branco: "a architectura parece, ha trinta annos, ter retrogradado, excepto para a construcção das habitações particulares e sobre tudo das casas de campo"; attribue a insufficiencia nacional de cultura artistica á falta de modelos, ao pequeno numero de professores, á ausencia quasi completa de educação artistica nas classes dirigentes, á diminuta clientela de amadores e colleccionadores, e por consequente ao pouco encorajamento concedido aos artistas de talento. E denuncia ainda o inconveniente da taxa alfandegaria *ad-valorem* sobre as obras de arte estrangeiras, consideradas mercadorias não favorecidas pela tarifa. Com effeito, neste particular o Brasil parece ter imitado o antigo monopólio da metropole, pela muralha chinesa da sua alfandega, impedindo o livre inter-cambio das Artes; não leva a melhor o antigo descaso do Reino, do qual a colonia foi tão queixosa victima.



## IV

Depois do advento da Republica persiste a desorientação artistica provocada pela diversidade dos elementos immigratorios. E estas variegadas influencias estão estampadas nas frontarias das construcções da segunda metade do seculo XIX, em que se manifesta o máu gosto do proprietario e do mestre-de-obras, combinados em mutua collaboração de inteiriça harmonia.

A influencia do Mestre Valentim — que representa uma epocha e um grupo — de G. de Montigny, e dos discipulos da primeira phase da Academia de Bellas-Artes, não conseguiu vencer a resistencia dos habitos estabelecidos na construcção das casas. Os habilidosos estucadores que vieram de Italia e de Portugal (das bandas de Vianna e Affife) trouxeram um elemento valioso de decoração architectonica, mas produziram por excesso o abuso do ornamento modelado applicado sobre fachadas completamente lisas, sem discreção, sem compostura architectural, sem o minimo senso esthetico. Uma mistura de formas exóticas surge pelo casario urbano dos novos bairros; a fachada procura estylos incompreensiveis e que chocam principalmente pela sua desconnexão com o quadro local e o seu destino; surgem as platibandas com cimalhões e filas de consólos, os beirões de telhões de faixa azul e branca do Porto, os frisos e requadraturas de estuque, e os pannos de azulejos portuguezes; como coroamento de pilastras e frontões, os vasos, as pinhas de ceramica de Gaya, allegorias das cinco partes do mundo, do commercio, da industria e da navegação! Aparece tambem o *chalet* com lambrequins de madeira recortada e longos avarandados nas casas burguezas, cuja variedade mais humilde — em forma de cazota de cachorro — se espalhou profusamente pelos arrabaldes do Rio de Janeiro, substituindo o antigo modelo do telhado de quatro aguas, com beiral saliente, que tão bem se apropriava ao clima local. Nas melhores ruas despontam variadas casas do cathalogo europeu, que são a surpresa do visitador erudito em viagens, com aberturas mouriscas, ogivães ou redondas, sem a menor harmonia esthetica. Modernamente desponta na Capital o estylo



das altas mansardas, das cúpulas, dos zimbórios, das flechas e dos torrões; mas nesta nova Era, suspenderemos o nosso commentario.

Os engenheiros das cidades novas procuram dar uma razão de ordem a este desordenado crescimento dos povoados, e estabelecem um plano geometrico, em xadrez, de ruas travessas e praças. O Barão do Rio Branco julga, tambem, que tem sido um grande mal no Brasil a intervenção do engenheiro na architectura dos edificios publicos, máu habito este que já vem do periodo colonial, durante o qual grande numero de egrejas foi construido segundo planos de officiaes de engenharia militar: Santa-Cruz pelo brigadeiro Sá e Faria, a Candelaria pelo sargento-mór de engenheiros João Rocio. O facto, porém, é que tempo houve em que a profissão de architecto era considerada de inferior categoria social, como grosseiro mistér de *tracistas*, officio leve de riscar casas, cuja genealogia vêm do simples operario—antigo servo, passando pelo mestiço esperto e contra-mestre—ou então proprio de gente vinda de fóra, diplomada por vezes, mas de suspeita linhagem.

Como quer que seja, perdeu-se completamente o fio tradicional nesse ecletico labyrintho de influencias extranhas, que se precipitam em carreira vertiginosa para acompanharem o desenvolvimento que tomaram as principaes cidades do Brasil. Deixou-se de considerar o meio physico, na conformação orographica do seu terreno e paisagem local, o quadro social com seus usos e costumes, habitos da vida familiar e collectiva, e não se adoptáram com justeza as formas constructivas proprias dos materiaes do paiz.

E' este um phenomeno natural em um paiz no seu periodo de desenvolvimento, que tem pressa de attingir a méta da civilisação e do progresso; e esta consideração fundamental, que responde ás exigencias da critica, muito mais valorisa as excepções notaveis que se manifestam no ultimo quarteirão do seculo XIX, e que têm produzido um periodo de verdadeira reforma nas artes brasileiras, em especial na architectura da habitação, do edificio publico e dos centros urbanos.



A cidade de São Paulo é um exemplo brilhante desta ultima era de melhoramento no campo da architectura, pela sabia applicação da arte de construir—que tambem é a sciencia da justa medida e proporção—pela cuidadosa formação do operario nacional, aproveitamento e escolha dos materiaes do paiz, applicação dos mais modernos recursos e processos da industria das construcções, da hygiene domestica e urbana.

Acompanhando a orientação universal de todos os velhos paizes, segundo o principio das nacionalidades, surge tambem no Brasil uma nova reacção popular de nacionalismo, movimento centripeto de concentração, que procura equilibrar o effeito dispersivo e desnacionalisante do moderno e utilitario cosmopolitismo. E' impulsionado este movimento por intellectuaes brasileiros de talento e prestigio, e fundamenta-se no estudo ethnographico do povo brasileiro, na reviviscencia do seu folk-lore, no renascimento da tradição que é a alma da nacionalidade, o laço invisivel que reúne em torno do lar sagrado da patria, que é um só, toda a familia brasileira que deverá ser sempre una e inseparavel sobre a terra e através do tempo.

Formado um caracter nacional, surgirá uma arte propria; mas esta só nasce quando a nacionalidade é uma entidade moral, integrando a alma de todo o povo. O artista pôde inventar ou imitar obras primas, a que o seu genio imaginativo ou habilidade da sua technica poderão dar o maximo de perfeição; a sua obra, porém, não terá a sa-gração da popularidade, quando não crystalisar em si a tradição desse ideal artistico; e sómente quando deixar de ser artificial para ser nacional.

Na architectura é este caracter o que deve predominar, porque é por excellencia uma arte social. E o seu conservantismo pronuncia-se ainda mais na simples habitação do que no edificio publico, porque aquella é que está mais intimamente ligada aos elementos tradicionaes do organismo familiar, que é a unidade constituinte da nação. Conservar o caracter da habitação familiar não é portanto um acto de retrocesso, de resistencia ao progresso, mas de elementar defeza do passado, que é a fonte original do presente; e cada qual, individuo, familia ou nação, que deixar



estancar este manancial de crystalina limpha, deixa fal-  
lecer a misteriosa essencia da vida que anima o seu orga-  
nismo tradicional.

A arte do monumento tem outra significação; não só  
é uma arte de commemoração e de culto patriotico ou re-  
ligioso, como tambem representa uma *élite* social e um ex-  
poente da cultura superior da collectividade; é obra do Es-  
tado mas nem por isso deverá deixar de obedecer a um  
principio fundamental da esthetica, que impõe a mais per-  
feita harmonia entre a sua forma e o seu destino, no seu  
logar e no seu tempo.

Dum interessante opusculo do Bourgméstre de Bru-  
xellas, o sr. Ch. Buls, escripto em 1893 sobre a *Esthetica  
das Cidades*, vou transcrever alguns periodos que se appli-  
cam á nossa thése; preciso munir-me de documentos de au-  
toridade. "Não vemos senão duas fontes de inspiração para  
os artistas do seu tempo e do seu paiz. E' a interpretação  
ornamental das formas que derivão dos materiaes empregados  
na construcção e adaptação de motivos tirados da nos-  
sa architectura nacional ao destino do edificio. Não se cria  
por deliberado proposito um estylo novo; os estylos de ar-  
chitectura formaram-se lentamente conformando-se insen-  
sivelmente ás exigencias dos materiaes, do uso e do cli-  
ma... Desgraçadamente em certas epochas os architectos  
desconheceram o transformismo da floração architectural,  
transportando bruscamente edificios exóticos para climas  
que não lhes convinham, adaptando-os cruelmente, ao mes-  
mo tempo, a usos para os quaes nunca foram destinados...  
Romperam a tradição nacional para importar um estylo  
proveniente de outras raças que não tinham nem o nosso  
ideal nem as nossas necessidades".

Como se applicam perfeitamente ao nosso caso estas  
justas considerações dum Prefeito que estuda o desenvol-  
vimento da sua cidade! De certo lhe foram oppostos os  
mesmos argumentos que por aqui se levantam a proposito  
de arte tradicional, forjados pela moda do dia e pelo que  
se chama o *bom-gosto* da occasião.

Desde o começo desta exposição ficou bem definido  
que a architectura foi sempre o reflexo do meio social  
em que evoluiu. Todos os estylos soffreram a influencia dos



meios, moldando-se dentro de cada um ás suas condições geraes e especiaes e ao seu character artistico. A Renascença classica evoluiu tambem, consoante o tempo e as civilizações que percorreu; cada paiz teve a sua renascença, differente das outras, mas conservando a mesma filiação no renascimento grego-romano. As leis da *tradição* e da *evolução* acompanham todos os cyclos e os rythmos da Arte por toda a parte do mundo; esta é a pura verdade.

Aqui, a architectura teve um cunho esthetico e um character proprio emquanto foi tradicional, muito embora tenham sido humildes os seus principios; deixou, porém, de ter essa particular expressão artistica quando foi cópia de estylos ou de modelos estrangeiros. Readquirirá os fóros de arte brasileira, quando se reintegrar no seu meio local e tradicional, mesmo com modelos importados, e desde que estes provenham de uma civilização ou raça affim da nossa e se amoldem por completo ás condições mezologicas nacionaes.

Não me atrevo a insistir no filão portuguez, origem da tradição brasileira, porque é certamente o que menos se conhece aqui na sua evolução ethnographica e archeologica, e porque, por demasiada insjstencia, poderia o meu lusitanismo ser tomado em suspeição pela vossa muita benevolencia. Para vos indicar esse velho roteiro, atravez do passado commum aos dois paizes, é que esbocei este ensaio critico de archeologia portugueza e brasileira do qual sobresahe uma arte em que o principio da esthetica é satisfeito com originalidade e com character. O valor da arte lusitana não é sómente celebrado por escriptores nacionaes, mas tambem por summidades do estrangeiro; poderia citar-vos os inglezes Murphy e Watson, o polaco Conde Rakzynski, o italiano Vasari, os allemães A. Haupt e C. Justi, os franceses Dieulafoy e Bertaux, os quaes escreveram livros sobre essa arte originalmente portugueza; mas não desejo enfadar-vos com o abusivo prolongamento desta leitura.

O progresso do urbanismo no Brasil confirmará a these tradicionalista, no que diz respeito ao plano das cidades sobre o seu fundamento regional, os seus parques e jardins, a architectura da habitação e dos edificios publicos. Na cidade, que é obra da collectividade, deverá paten-



tear-se a tradição nacional na sua synthese superior, como razão de estado, se este estado dominar todas as influencias estrangeiras, todas as affluencias da immigração, todas as torrentes de intempestivo exotismo, que deverão fundir-se intimamente em uma só caudal, cuja nascente está no passado e banha generosamente todo o solo da Patria.

A Camara Municipal do Porto—a segundo cidade de Portugal—entendeu reformar e melhorar o seu centro civico. Convidou entre outros o sr. Barry Parker, architecto da primeira cidade-jardim de Letchworth, da aldeia jardim de Earswich, do suburbio-jardim de Hampstead, modernamente considerado como um dos mais distinctos *town-planners*. Este illustre architecto planeou o centro civico da cidade do Porto na mais completa harmonia com o meio tradicional do velho burgo portuense. No seu relatório, dirigido á Municipalidade do Porto, dá a orientação-base da arte ou sciencia urbanista, que constitue hoje, não só uma profissão especializada, mas tambem um ramo importante da engenharia e architectura civil. Transcreverei alguns dos seus conceitos que, pela sua definitiva precisão, podem tomar-se como dogmas tradicionalistas do urbanismo moderno.

“Um dos primeiros deveres do planejador duma cidade é de observar os habitos do povo no meio do qual é chamado para trabalhar. O seu principal dever é de analysal-os e determinar quaes delles são devidos ao genio da raça (racial genius), quaes ás condições da natureza e quaes á ignorancia de outros habitos; póde tomar como certo que todos os usos e costumes que sobreviveram durante longo tempo e são ainda seguidos, têm as mais solidas e melhores razões da sua existencia. Considerará que não obstante estas razões não serem apparentes á primeira vista, todos os usos e costumes que conservam o cunho do tempo têm geralmente a sua origem no temperamento nacional, nas condições do clima ou na natureza do sólo e do paiz. Cabe-lhe descobrir e ajudar a perpetuar os que têm bom fundo, abandonando aquelles cujas razões não tem base real.”



O sr. Barry Parker religiosamente cumpriu estes preceitos, planeando o centro civico portuense de accôrdo com a sua architectura tradicional. Conservou os caractéres da habitação que julgou uteis e reaes, os motivos da sua arte regional e mesmo a disposição do conjuncto urbano no seu conspecto archeologico. Aproveitou habilmente o typo da fachada em arcaria que abrange a loja e sobre-loja; e assim, com a successão das casas alinhadas, fórma uma galleria continua em columnata, marginando a avenida, conforme se vê nas antigas ruas e rocios peninsulares; e deu uma nova applicação ao pateo das nossas casas, de fundo romano-arabe, interrompendo a linha das fachadas para constituir o typo modelar da hygiene urbana de rua, em linha de serra, ou *cour ouverte*, fórma que melhor realisa as condições de sanidade, de aeração e insolação; respeitou o beiral, o typo das janellas e a propria ornamentação architectural de que fazem parte integrante as applicações dos azulejos de faiança colorida. Realisou um typo ultra-moderno de centro civico, adoptando com intelligencia e criterio a sua propria architectura tradicional.

Apresento-vos deste notavel trabalho, em via de execução, duas projecções que devo á amavel concessão do seu illustre auctor, ha dias entre nós, a convite da Companhia S. Paulo Improvements. (Est. VII, figs. 42 e 43). E' a prova de como pôde fazer-se a arte tradicional, modernisando-a na sua applicação á civilisação da actualidade.

Ora acontece que o problema da construcção das cidades está neste momento na ordem do dia, nos paizes devastados pela invasão allemã. A União Internacional das Cidades e Comités de Arte Civica Pro-Belgica, com séde em Haya, e a "Associação Geral dos Hygienistas e Technicos Municipaes da França", estão-se occupando desta obra grandiosa de arte e de patriotismo, para a reconstituição das cidades, villas e aldeias destruidas. A União organisa um Comité Neerlandico-Belga da arte civica e uma *Encyclopedia-das-cidades* a que aggrega a collaboração de todos os institutos technicos da Europa e da America. A sua divisa é "a reconstrucção da Belgica para os Belgas" e colloca em primeira linha o regionalismo e o character physionomico dos districtos, os estudos systematicos das relações



entre estes e a cidade, verdadeira escola de urbanistas e architectos que ahí se habilitarão a descobrir os rythmos geradores das relações e correspondencias entre a Natureza os Sêres e as Coisas.

No seu prospecto ha uma pagina, que vou reproduzir da "Commissão para a belleza da cidade de Amsterdam", e que define a orientação tradicionalista da arte moderna da urbanisação. O proprietario de duas casas urbanas quiz reformar as suas fachadas e, procurando um constructor incapaz, este concebeu um plano rectangular cuja expressão anodyna revoltou a Comissão da cidade; esta persuadiu então amigavelmente o proprietario a procurar um architecto qualificado o qual conseguiu, sem o menor falseamento do estylo e com as mais simples formas, compôr um conjuncto que se harmonisa perfeitamente com o ambiente archeologico e o caracter nacional do quarteirão.

A associação franceza organisa por sua vez a Exposição da Cidade Reconstituída, com um programma de esthetica e hygiene que abrange a restauração das cidades e aldeias destruidas, planos geraes das casas de habitação e edificios publicos, construcções ruraes e industriaes, materiaes de construcção, processos e legislação. O programma abrange varios grupos, mas especialmente se orienta segundo o respeito absoluto dos estylos regionaes, conservação dos monumentos historicos e dos sitios particularmente bellos. De Julho a Agosto de 1916 inaugurou-se o Concurso das Aldeias, que principiou por levantar protestos do sentimento regional, por causa dos projectos em que eram propostas construcções uniformes, geometricas, economicas; eram, com effeito, resoluções mathematicas perfeitadas, mas contrarias ao espirito da tradição regional. Novo concurso se estabelece com melhor successo, em que a orientação é completamente tradicionalista. A este respeito diz o sr. A. Agache, illustre architecto-urbanista: "a physionomia dos agglomerados ruraes da nossa velha França é diversa, e convém que, mesmo restaurados, resuscitados, elles evoquem, senão as lembranças dum passado destruido, pelos menos o encanto do torrão natal, que se exterioriza no aspecto e na disposição das habitações."



Foi organizada uma bella serie de conferencias pelos mais distinctos engenheiros, architectos, hygienistas, e economistas da França. Alguns topicos duma conferencia do sr. Joseph Reinach sobre a *aldeia reconstruida* servir-me-hão para pôr o problêma do tradicionalismo na sua exacta equação. Surprehendo ahi a citação dum critico allemão propondo que a restauração das povoações belgas e francezas das regiões conquistadas, seja confiada a architectos do Rheno ou do Sul da Allemanha, que conhecem e sentem melhor as necessidades dos seus vizinhos do Oeste, de preferencia aos architectos da Allemanha do Norte.

Os proprios allemães mantêm, neste particular, o criterio regionalista, e não pretendem fazer na França ou na Belgica *arte allemã*, nem adapta-la ás condições do meio regional; não desejam mesmo empregar o modern-style, tão sympathico aos imperios centraes, extravagante criação da modernidade, destinada a desapparecer, felizmente, em presença da corrente tradicionalista, que é a verdade na arte, contra a mentira de todos esses caprichos de exotismo ou nevropathia artistica.

Todavia, nem um, nem outro excesso; e não deve reduzir-se tambem o regionalismo a um dogma absoluto, tyrannizando a liberdade que é a condição vital da Arte: orientação geral, criterio e methodo tradicionalista, mas, livre expansão do espirito creador do homem, apenas adstricto á terra e á alma nacional, que são os motivos naturaes de inspiração em toda a arte representativa da ideia de Patria e do ideal do Bello.

Architectura tradicional, não quér dizer, portanto, reproducção litteral de coisas tradicionaes, de fosseis archeologicos, de casas de taipa ou pau-a-pique, de egrejinhas de adôbo, de velhas ruelas entre tugurios de 3 braças craveiras, com porta e gelosia, ou de sorumbaticos sobrados dos centros urbanos d'antanho, sem hygiene e sem apparencia esthetica.

Arte tradicional é a estylisação das formas artisticas anteriores que integram em determinado tempo o meio local, o character moral dum povo, o cunho da sua civilização; é o producto duma evolução rythmica de cyclos successivos de arte e estylos; é uma expressão collectiva, ex-



tranha á vontade individual, do pleno dominio do sentimento, determinada em povos de tradição definida, nos quaes o sentimento esthetico é estavel como o sentimento da nacionalidade e a ideia da patria.

Dentro do determinismo da sua criação e desenvolvimento, a architectura tradicional será uma realidade no Brasil-republica, se fôr integro o organismo nacional, como um crystal diamantino, cujas multiplas facetas de irrisados reflexos são as infinitas modalidades da sua brilhante civilisação.

Tomem os mais diversos estylos ou modelos para a architectura no Brasil, se assim o quizer a phantasia dos seus artistas; mas se, em vez de os copiar, procurárem imita-los apenas, adaptando-os ao meio physico e social, ao character tradicional do povo, terão praticado, de qualquer forma, *Arte Tradicional*.

Um movimento de concentração nacional se vae manifestando no povo brasileiro, guiado por um dos seus maiores poetas, heroe de uma nova cruzada, contra a decomposição da nação brasileira, pela crystallisação da patria no meio tradicional da nacionalidade. Se esta some-nos palestra valer um voto mais, junto aos votos de todos os brasileiros, neste seu culto perante o altar da patria, terei a satisfação de não vêr desperdiçada esta lição e a bondade com que a haveis escutado.

RICARDO SEVERO.



---

## POESIA

---

*Ao moço de alma e rosto resplendentes,  
disse o velho filósofo benigno  
com serenas palavras experientes:*

*"Tu vais amar (como do amor é digno  
teu bravo e ingenuo coração!)... tu amas,  
tu amas já! Vejo o divino Signo*

*na frente arder-te com vermelhas chammás,  
e assediar tua existencia inteira  
de sortilegios e infrangíveis tramas.*

*Sentes, surprêso, pela vez primeira,  
uma alegria lânguida e maguada,  
uma ancia timorata e aventureira.*

*Passas o dia em vão, sem fazer nada,  
numa preguiça longa e peregrina;  
e a noite toda em claro, alvoroçada.*

*Se por pouco adormeces, repentina,  
uma forma se acérca do teu leito,  
alva, esbelta, flexuosa; e te fascina.*

*Suas nitentes mãos tocam-te o peito,  
e sentes — com que espasmo doce e agudo! —  
em pura lava o coração desfeito...*



*Já desde a aurora, pensativo e mudo,  
a incomparavel impressão regosas;  
outro anhelos não tens, nem outro estudo.*

*Sabes onde ela mora; entre altas rosas  
e verdes heras fieis branqueja o ninho  
em que ela aquieta as azas luminosas.*

*Mas só de longe, do áspero caminho,  
ousas espiar-lhe a habitação singela,  
como um mendigo pálido e mesquinho.*

*Oh! se a entrevês a um canto da janella...  
se a cortina soergue... oh! se um sorriso  
nimba de sol a fronte lisa e bela!*

*Chegar-lhe ao pé, falar-lhe, e, de improviso,  
ter o contacto d'esse corpo augusto,  
porta carnal e ideal do paraíso!*

*Só de o pensar, te empolga um frio, um susto!...  
E tremes, como treme e se agonía  
nas mãos do vento forte um leve arbusto.*

*— Não quero! — clamas — não resistiria  
a tal procéla de felicidade! —  
Resistirás! resistirás!... Um dia,*

*o perpetuo agulhão da Humanidade,  
o omnipotente e universal desejo,  
que os corpos urge e as mentes persuade,*

*vos unirá, numa nudez sem pejo,  
no triunfal impudor com que o destino  
os sangues mescla e faz fecundo o beijo!*

*E num vórtice ardente e purpurino,  
embriagados de jubilo, de glória,  
e delirantes de furor divino,*



*voareis com grandes gritos de vitória,  
gemia constelação no alto traçando,  
bem no alto, a livre e ousada trajetória!*

*A terra para baixo irá ficando...  
a terra com seus liames e preceitos,  
em que o vulgo se enreda trepidando,*

*mas vãos e inúteis para vós, Eleitos,  
unicos! para vós, donos da Vida,  
ignaros de deveres e direitos!*

*Quanto, na excelsa altura desmedida,  
perdurareis? ser-vos-á dada a sorte  
rara de ali ficar, sem mais descida?*

*ou das traições a livida coorte,  
a saciedade, o tédio, o esquecimento,  
vos irão dividindo antes da morte?...*

*Outorgasse-te embora um só momento  
o Amor, e houvessem de o pagar cem annos  
de fundo, amargo e esteril sofrimento,*

*ah! venerando os seus fatais arcanos,  
abençoa-o devêras... na miséria,  
na saudade... e nessa hora em que os profanos*

*pensamentos nos deixam, e a funerea  
treva nos cerca, erguer-lhe um transbordante  
hino — adeus da alma aos laços da matéria:*

*Amor! Senhor! Consolador possante,  
por quem o mundo não é todo inferno!  
Por obra tua, ao menos um instante,*

*mortal não fui, mas infinito e eterno!*

(Do livro *Vida e Sonho*)

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.



## CARAVANA DA GLORIA

I

## DIES IRAE

*Ao fragor do trovão e ao tragico regougo  
Do vento a despertar a colera do oceano,  
O Espaço é uma explosão das forjas de Vulcano,  
Azorragando a Terra a lategos de fogo!*

*E a grande ré, debalde erguendo o ultimo rogo,  
Ao Céu, que a estigmatiza, assim, como um tyranno,  
Accende os seus vulcões e, num raivar insano,  
Chammeja contra o Céu, em largo desafogo!*

*E espedaça-se... Então, extincta a extranha guerra,  
Sobre as ruínas, pompeando entre arreboés venustos,  
—Genio da gloria—a aurora o seu clarão descerra.*

*E sobem, no esplendor dos Cesares e Augustos,  
Em marcha para o Sol, como trophéos da Terra,  
Os poetas, os heróes, os martyres e os justos.*

II

## O POETA

*Ninguém saiba quem sou. Quero viver sepulto  
Na minha solidão grandiloqua de asceta,  
Preferindo aos clarões do mundo a luz secreta,  
Que aclara, quando é sonho, e abraza, quando é culto.*

*Imite eu pela vida o perpassar de um vulto  
Envólto no pudôr de uma visão discreta.  
Mas, que surja, por fim, transfigurado em poeta,  
Da crysallida azul em que o meu ser occulto.*

*E, atravez da effusão fecundante do dia,  
Suba ao páramo infindo, onde os sóes não se somem,  
No equilibrio genial da suprema harmonia.*

*E paire, no esplendor que as eras não consomem,  
Provando, pela gloria extranha da poesia,  
Como pôde caber um deus dentro de um homem!*



## III

## O HEROE

*Loura illusão do Sol palpita-me no peito.  
Minha viseira é a aurora e o sonho—o meu escudo.  
Paladino do ideal, jámais me desilludo  
No aneio de plasmar em mim o homem perfeito.*

*Sinto pela visão todo o horizonte estreito.  
Tenho azas: sou condor, de surto ardente e mudo.  
Ou na defeza da honra, ou no esforço do estudo,  
Crystalliso o meu sêr ao sacrificio affeito.*

*Tem-me a vida a expressão de um biblico martyrio,  
Purificando em mim a substancia incorporea,  
Tal no aroma se apura a alma virgem de um lyrio.*

*E, na morte, ébrio, emfim, do vinho da victoria,  
Transverbera o meu corpo o clarão de um delirio,  
Dissolvendo-se em luz, ao beijo aureo da gloria!*

## V

## O MARTYR

*Sinto a condemnação do lazaro proscripto!  
Mas, nesta evolução em que a magua me eleva,  
A raiz do meu sêr, aprofundada em treva,  
Florescerá, por fim, como astro, no Infinito!*

*De quebrada em quebrada, o echo vibra o meu grito,  
Que a todos os demais da vida sobreleva,  
Por ser o paroxysmo atroz do grito de Eva,  
Exacerbando a dôr do peccado bemdito!*

*Sim, porque eu não maldigo o destino fecundo,  
Que me irmana a Jesus e, appondo-me a corôa  
De espinhos, só me elege entre os mortaes, no mundo!*

*Proclamam-me infeliz e a sorte me é tão bôa!  
Ninguém sabe, como eu, que os ais vindos do fundo  
São azas pelas quaes da Terra ao Céu se vôa...*



V  
O JUSTO

*Doce como Jesus; como Jesus violento  
Na persuasão do bem, imito — evangelista —  
Lucas, Marcos, Matheus e João, na ardua conquista  
De eternizar no mundo o austero ensinamento.*

*Entre martyr e heróe, recalco o soffrimento:  
Minha consciencia vê, cerrando a minha vista,  
Para que o coração — só musculo! — resista  
A' alheia dôr, que, humana, eu proprio experimento!*

*Desmaio, sempre que erro, infiel á investidura  
De juiz—laureis na dextra e na sinistra açoite—  
Sinistra, que acha o mal; dextra que o bem procura!*

*Mas, dado que ao perdão—sonho da lei—me afoite,  
Desmaio como o Sol, que, pallido, se apura  
No luar — a redempção seraphica da noite!*

LUIZ CARLOS.

S. Paulo, 1916.



---

---

## A REVOLUÇÃO DE 1817

---

(Conferencia realisada a 19 de Março na Parahyba)

A revolução de 1817, cujo primeiro centenario o Brasil inteiro está celebrando numa convergencia de sentimentos, de saudade, de affeição e de admiração pelos precursores da independencia e martyres da liberdade — convergencia que representa o melhor augurio para esta nossa união, que é a condição da nossa grandeza — constitue um acontecimento historico da maior relevancia.

Seu alcance só agora vai sendo exactamente medido.

Seu lado tragico ha muito tocára nossos corações: magoara-os, ferira-os profundamente, fizera-os pulsar apressadamente de horror e sangrar de dôr no proprio dia das execuções inuteis e crueis com que a metropole pensára amparar um dominio que cambaleava.

Sua feição idealista estava conforme ao movimento geral de emancipação americana, que partira dos Estados Unidos e varrera todo o continente, após tocar em França e ahi adquirir a força e a velocidade de um furacão revolucionario.

O aspecto propriamente brasileiro é que tem sido justamente o menos considerado, a saber, o que aquella revolução exprime quando localmente examinada. Ella traduz a vitalidade do principio particularista através das vicissitudes da nossa historia, espirito que se manifesta politicamente pelo federalismo. Nossas antigas capitancias têm todas el-



las sua historia propria e suas tradições peculiares, quando mesmo, como a Parahyba, haja nascido d'outra e continuado por longo tempo a receber o impulso de um certo propulsor visinho.

Senão a idéa, pelo menos a acção da independencia lhe proveiu mais tarde de Pernambuco, desse centro de educação religiosa e civica que foi o seminario de Olinda nos ultimos tempos da época colonial; mas a separação, isto é, a autonomia operou ahi por um processo distincto, que dá um character seu á revolução parabybana, a qual teve um inicio e um desenlace á parte e contou igualmente e em numero avultado seus martyres. A evolução deste movimento, embora resultante do outro, foi uma evolução completa e que a elle só pertence.

Eu penso que a republica fundada no Recife a 6 de março de 1817 assumiria fatalmente a fórma federativa sob pena de sossobrar. Unidas, as capitancias rebeldes poderiam vir a formar um bloco respeitavel, outras ainda se juntando ás primitivas; desaggregadas, não passariam jámais de pequenos estados como os da America Central, cahindo cedo em luctas a que se não pôde dar bem o nome de internacionais, pois sempre parecem intestinas. Isto bem entendido, no caso da principal dellas ter podido levar vantagem a uma metropole que dispunha de recursos muito superiores, entre elles o senhorio do mar, para contrastar os quaes não seriam demais todos os recursos da colonia, já elevada a reino unido.

A republica discerniu bem o escolho dessa fragmentação de forças, pois que o padre João Ribeiro, um dos melhores cerebros do novo regimen, já fizera um appello de solidariedade futura, na phase pacifica e constructiva, ao governo provisorio da Parahyba, assim como tambem enxergou outro escolho na supremacia militar, a saber, numa continua dictadura a breve trecho sanguinolenta, quando não grotesca pela sua empafia desproporcionada ao seu valor.

Tratou ella de evitar este ultimo escolho, tanto em Pernambuco como na Parahyba, por meio das suas juntas civis e militares a um tempo, a pernambucana representativa das classes sociaes — o clero, a magistratura, a agricultura, a defesa publica e o commercio. O que se seguiria porém a um triumpho das tropas revolucionrias sobre as tropas



realistas? Quem poderia resistir á pressão da popularidade de um general victorioso, de um salvador da patria em perigo? Se os salvadores são tão poderosos na paz, pela idolatria que suscitam, quanto o não serão na guerra ao colherem louros de verdade?

O elemento civil estaria, entretanto, a braços com uma difficuldade gravissima que não poude ser sanada no primeiro momento, porque o levante não fôra bastante efficaz ou, por outra, bastante radical para permittir tão amplas medidas — a da escravidão, que o Imperio tampouco poude resolver num sentido definitivo e que a propria Constituinte tão liberal, tão adeantada, tão democratica, teria, quando houvesse levado a cabo sua obra, deixado sem solução, apesar dos sentimentos abolicionistas de José Bonifacio.

A nossa lei organica não se preocupava com o assumpto e a Constituinte annunciada, se delle viesse a occupar-se, seria certamente para o tratar com palliativos. Como convencer os capitães-móres de 1817, aquelles de quem dizia o jurista José Luiz de Mendonça que nem em 40 annos aprenderiam o real sentido da palavra Liberdade, de que o asucar se podia fabricar sem trabalho escravo, quando, educados em principios inglezes, os plantadores da Virginia, das Carolinas e da Georgia proclamavam que a Biblia justificava a servidão do negro?

No Brasil havia porém o que não havia nos Estados Unidos — mulatos gosando de consideração social, como era Cruz Cabugá, mandado de plenipotenciario, como era o poeta Natividade Saldanha, que foi o secretario da junta rebelde de 1824. Estes pardos eram o exemplo vivo de que a gente de côr podia aspirar no nosso meio a posições de destaque; mas extendia-se por ventura nelles o altruismo com elles usado até pretenderem fazer bandeira de combate da redempção da sua raça?

Em todo o caso, pelos depoimentos que nos ficaram, negativos sobre a materia, se sabe que se nos campos, melhor dito, nas senzalas foi escassissima a agitação provocada pela mudança do regimen, na cidade negros e mestiços tomaram-se, como é natural, de vaidade, e arrotaram mais importancia do que agradava aos brancos, que então se lembraram de que o eram. Foi esta uma circumstancia que da-



ria tambem que pensar aos dirigentes e os levaria a conceder a preferencia a uma terminação gradual e ordeira do captiveiro, em vez de se decidirem a introduzir de sopetão na communitade um affluxo semelhante de elementos boçaes, arrancados num bello dia á sua miseravel dependencia para participarem na administração.

O chamado periodo de reconstrucção nos Estados Unidos foi um triste exemplo desta combinação feita sem precauções, e o proprio Norte reconheceu que para haver paz e progresso naquella sociedade, era preciso deixar as cousas como estavam — os antigos senhores governando, e os antigos escravos aprendendo a soletrar a liberdade antes de a decorarem. Apenas no Brasil a transformação ter-se-ia feito com mais benevolencia, com mais sympathia, porquanto estava isso nas idéas e nos sentimentos de uma nação onde neste ponto impera uma concepção mais verdadeira de egualdade

O problema da emancipação não foi portanto alheio em absoluto ás cogitações dos dirigentes do movimento: apenas estavam persuadidos de que adviria mal de precipitar-se o desfecho. Não é licito portanto asseverar que houvesse podido a republica, isto é, a pequena minoria que a comprehendia, a proclamou e a sustentou com o ardor dos seus idéaes, ter tido as cousas á sua inteira feição, a emancipação do elemento servil haveria sido immediata, embora com as consequencias talvez nefastas que adviriam dessa medida extrema. José Luiz de Mendonça definiu com muito criterio o salto repentino da escravidão para a liberdade como um salto mortal, e elle foi o Castellar da revolução, o homem de palavra arrebatadora, fascinado pelos novos principios, mas sentindo-se á ultima hora peiado pelas responsabilidades do governo. Os direitos do homem eram o evangelho politico do seculo XVIII, do seculo da Encyclopedia e da Revolução, mas já tinham sido accomodados na America por Jefferson, que era sulista e plantador, *á la sauce noire*.

O nosso sentimento latino de egualdade, que é mais vivo e comprehensivo que o de outras raças, levaria Bolivar, abolicionista convicto e ardoroso, a dizer que a egualdade legal é indispensavel onde existe a desigualdade physica,



para corrigir de certo modo a injustiça da natureza: o libertador no entanto não conseguiu elle proprio ultimar a reforma que Monagas faria prevalecer só trinta annos depois. Bolivar, contudo, dispoz em algumas occasiões a seu talante dos destinos da Grande Colombia que fundou, situação bem differente da junta pernambucana de 1817, tendo contra si o commercio nas mãos dos portuguezes, desconfiada das milicias e mesmo das tropas de linha, e carecendo do apoio da lavoura arredada de toda idéa de alforria de escravos. Já não foi pequena coragem moral confessar a junta em documento publico que abominava a instituição servil e que almejava por vel-a desaparecer. Tal desassombro só volveu a manifestar-se entre nós muito mais tarde, quando a incompatibilidade já era absoluta entre a instituição nefanda e o sentimento publico.

A tolerancia religiosa, que foi tambem uma das grandes conquistas espirituaes da philosophia orientada pelo livre exame, antes que ella propria cahisse num sectarismo ainda mais feroz que o religioso, os homens de 1817 a perfilharam, pois que se acha ella inserta na Lei Organica; e mais ampla a teriam concedido, isto é, sem discriminação nem preferencía, se não fosse a contetmplação devida ao exclusivo sentimento catholico da maioria da população acostumada a enxergar nos dissidentes da sua fé herejes a exterminar. Aquelles doutrinarios tinham porém o sangue frio de homens de governo e mediam até onde podiam e deviam ir. Ao vel-os com a mão no leme, já não surprehende que a Constituinte de 1823 tivesse dado o spectaculo que deu: o de uma reunião de homens capazes de abalançar-se e realizar a organização completa de um paiz chamado a reger seus destinos.

A sociedade colonial brasileira, a do seculo XVIII pelo menos, não podia ter sido a sociedade atrazada e dominada pelo obscurantismo em que no geral se acredita. Auto-didacta como era, na grande maioria dos que sabiam, estava á altura de qualquer outra da America e de quasi todas da Europa. Apenas, como acontecia com a sociedade russa com que conviviam Diderot e Ribeiro Sanches, achava-se muito longe, espiritualmente, das camadas inferiores: faltava-lhe por alicerce um povo. Este povo, o governo da



metropole não podia ter pensado em preparal-o conscio dos seus deveres civicos.

Seria essa a tarefa da nação independente no seu elemento mais culto, mas não pôde infelizmente dizer-se que foi cumprida. Por uma serie de razões, physiologicas umas, sociologicas outras, semelhante tarefa acha-se ainda muito atrazada, do que entretanto não advem culpa aos revolucionarios alçados ao som magico das palavras — Liberdade e Democracia, — e que mal tiveram tempo para as proferir antes a brutal reacção que tão pesada e sinistra mão descancou sobre esses *illudidos* como os chamava Luiz do Rêgo — *illudidos* por uma chimera gerada na sua propria, generosa fantasia.

Na cadeia da Bahia os revolucionarios de 1817, que alli foram amontoados em condições de sordidez de que nos ficou amplo testemunho, portara-se modelar e admiravelmente. Naquella enxovia reviveu o carcere dos giron-dinos; a chamma da intelligencia aguçada pelo soffrimento, alli despediu um outro clarão immorredouro. A idéa principal desses presos foi a de educarem ainda melhor seus espiritos para melhor servirem á liberdade. Dalli sahiram professores, administradores e homens de Estado que ajudaram a formar o nosso Brasil, dando á sua monarchia, que de outro modo poderia cahir na orbita do systema europeu, de intolerancia e autocracia, caracteristico da Santa Alliança, o cunho americano da tolerancia e da democracia.

Já no discurso que, reunidos, dirigiram os procuradores geraes das provincias do Brasil ao Principe Regente D. Pedro, delle requerendo a convocação de uma Assembléa Constituinte, se declarava: "O systema europeu não pôde pela eterna razão das cousas ser o systema americano; e sempre que o tentarem será um estado de coacção e violencia, que necessariamente produzirá uma reacção terrivel!"

Que é que vibra nessas palavras senão o espirito da nossa revolução de 1817, engendrada e tramada nas lojas maçonicas do Novo Mundo? Essa contraposição do espirito americano ao espirito europeu encontra-se, mais de seis annos antes de formulada a doutrina de Monroe, nos



appellos endereçados ao governo de Washington pelo plenipotenciario da republica pernambucana, appellos em que pulsa o idéal de pan-americanismo, ao qual os Estados Unidos não julgavam ainda então que devessem corresponder no sentimento de fraternidade em que eram concebidos.

Por uma ironia das muitas que a historia encerra, um dos ministros do Principe Regente D. Pedro que ouviram pronunciar a representação dos procuradores do reino brasileiro, e que se sentava no conselho ao lado de José Bonifacio, era Caetano Pinto, o capitão general de Pernambuco que a sedição depoz e embarcou com a brandura e pode mesmo dizer-se a consideração devida ás suas excellentes qualidades de particular e á probidade e equidade com que desempenhou suas funcções publicas, sendo no exercicio dellas apenas accusado — accusação que tanto o honra — de respeitador em demasia escrupuloso das formulas e formalidades legais.

No decorrer da devassa encontrei relatado um episodio que me deu o porque dessa como que vacillação no perseguir e condemnar, que distinguio a ultima phase do governo de Caetano Pinto. Um pobre preto da então comarca das Alagôas fôra sentenciado e executado por um crime que se verificou depois não haver sido por elle commettido. Os erros judiarios não datam de Dreyfus. Caetano Pinto ficou sob essa impressão que tomava no seu espirito a fórma de um remorso, e desde então contemporeizou o mais que pode ao tratar-se de penalidades. Pode-se ser um capitão general da epoca colonial, com os poderes tão discrecionarios, e ter-se a consciencia sensivel, e nutrir-se o respeito da vida humana, que a nossa civilisação tão apurada, tão requintada, parece haver por completo abolido.

A revolução neste ponto não abriu soluçào de continuidade, antes proseguio na tradiçào que lhe legára o governador contra quem estalára a revolta, dando todavia a essa tradiçào a largueza de um principio politico e a consciencia de uma disposiçào constitucional. — O Padre João Ribeiro escrevia para aqui que o governo, a saber, o executivo não devia assumir em si o poder judicial, o



que seria uma verdadeira tyrannia. De facto, a Lei Organica elaborada para reger temporariamente a sociedade em transição, que tanto podia sossobrar no parcel do despotismo como no baixo da anarchia, determinava a liberdade de acção da justiça e a inamovibilidade da magistratura.

A Lei Organica foi elaborada para Pernambuco: a Parahyba formava outra comunidade. Suas disposições basicas tornar-se-hiam porém extensivas á confederação em projecto, pois que se planeava um congresso geral e se ideava uma Constituição commum. Nem creio que o vosso amor proprio se melindre com o dizer-se que, composta muito embora de elementos privativos da capitania, a revolução parahybana foi um reflexo da revolução pernambucana. Sem esta, aquell'outra não teria vingado, nem teria sequer, rebentado. O impulso veio de lá e operou aqui sobre elementos de natureza identica — o que havia de mais genuinamente, de superiormente nacional. Dos cinco martyres justificados com dispensavel creueza, um, o padre Antonio Pereira de Albuquerque, era sacerdote e filho de senhor de engenho, dous, Amaro Gomes Coutinho e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, eram agricultores, o primeiro tambem coronel de milicias; dous finalmente, Francisco José da Silveira e José Peregrino Xavier de Carvalho eram militares. Parahybanos todos, ou de muito perto da Parahyba, excepção feita de Silveira, que era mineiro, e que fôra em 1813 mandado servir nesta capitania, onde, por occasião da revolução, formava, com o ouvidor e o vereador mais velho, a junta interina na ausencia de um governador: dir-se-ia que a sua vinda tinha obedecido a uma mysteriosa instigação no intuito de associar o movimento de libertação politica do Norte do Brasil com o movimento latente no sul desde a conspiração de Villa Rica, fundir num só o anhelos de José Peregrino e o sonho do Tiradentes.

Os agricultores, que foram parte importante destes successos dramaticos que nobilitam a historia de uma nacionalidade, agiram mais por suggestão do que por iniciativa: o que nelles palpitava intensamente era sobretudo o nativismo — podemos já dizer o nacionalismo —



sua educação limitada não podendo guindar-se até os raciocínios philosophicos. Os padres porém foram mais ainda do que os militares, a mentalidade dirigente de um movimento revolucionario que foi perfeito na sua manifestação, e que teve em si duas grandes distincções que são outras tantas glorias: o ter sido consciente e o ter sido honrado.

Os que o instigaram sabiam bem o que queriam, aquillo a que visavam e tambem aquillo a que se expunham, isto é, o martyrio; mas nem por isso recuaram, nem hesitaram, e seu desinteresse foi tamanho que o juiz da alçada, interrogando a Muniz Tavares na Bahia, admitiu que realmente não constava que o governo rebelde tivesse provido em beneficio ecclesiastico ou civil clerigo algum partidario da revolução.

E que partidarios! Partidarios que a prepararam, que a modelaram, que a defenderam com a palavra, com a penna e com o sangue, e que por ella supportaram o patibulo, a enxovia e a miseria. Varios dentre elles sahiram do carcere poetas como para lá tinham entrado: não obstante os grilhões dedilhavam a lyra, uns carpindo elogios, outros perpetrando dithirambos, todos deixando-se inspirar pelos themas do amor e da liberdade. E' esta associação de ternura e de exaltação, de carinho familiar e de paixão politica, que dá ao seu lyrismo um tom inconfundivel, como o que nelle se revela, a um tempo de melancolia e de confiança.

Padres politicos participaram tambem desses accentos humanos, confundindo-se com as demais victimas e não perdendo com isso seu destaque intellectual. O clero brasileiro, se não contasse já no seu activo tudo quanto contava, desde a primeira entrada dos Jesuitas a pastorearem e a aldearem o gentio, que os colonos queriam resgatar escravizando-o, ficaria perennemente benemerito graças á sua attitude nesse movimento de larga envergadura, no qual é mister não empregar sómente os traços locais, a feição particular, mas a visão mais ampla, o sentido mais profundo, a asseveração da independencia nacional, que esteve assim para fazer-se no Recife, em vez de fazer-se no Ypiranga.



Que digo, para fazer-se? que se fez aqui, em Pernambuco e na Parahyba, porque Dom Pedro I e José Bonifácio, quando se abalançaram á sua empresa de reparação do Reino Unido, contavam sobretudo, apoiavam-se mais que tudo no sentimento brasileiro de autonomia que pouco antes se tinham visto surgir tão impavido e tão digno, tão soffrêdor e tão heroico nestas nossas terras nortistas.

O Imperio offereceu, é verdade, a esse sentimento o que um regimen republicano lhe não poderia offerêcer: um centro simultaneamente de convergencia e de irradiação, de que tanto se carecia que o proprio movimento de 1817, particularista como estava sendo, precisava, no entender do padre João Ribeiro, o cerebro mais constructor desta revolução, de corrigir semelhante aspecto, o qual resultaria dispersivo. Este é aliás, através das considerações criticas que ella comporta e que abonam o seu comprehensivo golpe de vista politico e sua criteriosa analyse dos phenomenos sociaes, o *leit motiv* da carta escripta por aquelle sacerdote illustre, nutrido de sã economia e de philosophia renovadora, na qual aconselha menos pressa nas reformas e mais uniformidade na legislação das duas comunidades, que juntas tinham sacudido uma tutela estreita e suspicaz que extendia além da sua maioridade e juntas deviam tratar de fundar os alicerces do regimen independente.

Para isto viria um delegado de Pernambuco representar o pensamento da junta desse Estado no seio da junta parahybana e aventava-se desde logo a idéa da erecção de uma capital federal, distincta das capitaes provinciaes, para que a preferencia por uma destas não desper-tasse ciumes.

Já em si, pelo seu character antes civil, era a junta, aqui ou lá, um anteparo contra qualquer ameaça de governo militar que pudesse pretender desvirtuar a significação moral do movimento, todo elle de libertação, e substituir o despotismo da lei pelo despotismo da caserna. Mau grado porém todas essas ancoras democraticas lançadas para segurar a náu do Estado no mar revolto em que ella navegava, a reacção trouxe a breve trecho uma calmaria peor do que a tempestade. Para ser a bonança, faltava-lhe



o arco-iris da bandeira, symbolo da concordia offerecida aos adversarios. Era a paz de Varsovia, barbara e descaroavel.

Na Parahyba o desfecho foi mais rapido ainda do que em Pernambuco, porque tendo o movimento muito de reflexo, producto como era de suggestão intellectual além do impulso natural á sociedade que abandona a menoridade, o impulso contrario logrou operar de dentro mais espontaneamente, com todo o poder dos habitos e com todo o vigor das tradições.

O espirito europeu transplantára-se para a America com os que a vieram colonizar e que consigo trouxeram suas idéas e seus prejuizos. No Novo Mundo foi a mentalidade emigrada passando por uma transformação continua, gerando novos pensamentos, adaptando-se a novas formas, adquirindo porventura novos preceitos no logar dos antigos, de maneira a abrir-se uma distancia marcada entre a primitiva intellectualidade e a intellectualidade que se crystallizou sob o céu americano — um céu tão fulgurante e tão fascinador que o pedaço que sobre nossas cabeças desdobra suas galas, inspirou ao maior compositor brasileiro uma das suas arias mais formosas.

Na America o espirito europeu adquiriu ao par de mais flexibilidade, que o tornou mais agil, uma dose maior de sympathia humana, que se revela entre outros traços por uma aversão mais pronunciada ás soluções violentas entre nações, contrastando aliás singularmente com uma inclinação revolucionaria na esphera domestica dos Estados, que o tempo e a educação vão felizmente amortecendo.

A conflagração actual fornece uma prova indirecta dessa divergencia. Os que desejariam ver o nosso paiz envolver-se numa lucta que lhe não diz respeito, mesmo porque as ambições e as cobiças que a determinaram são extranhas á sua evolução e aos seus interesses, representam talvez inconscientemente o espirito europeu de guerra e de conquista, numa modalidade atavica: os que, protestando muito embora contra toda e qualquer solução do direito das gentes, venha ella donde vier, preferem ver nosso continente reservar seu esforço para o restabelecimento da harmonia no mundo e para nossa maior autonomia das



Que digo, para fazer-se? que se fez aqui, em Pernambuco e na Parahyba, porque Dom Pedro I e José Bonifácio, quando se abalçaram á sua empresa de reparação do Reino Unido, contavam sobretudo, apoiavam-se mais que tudo no sentimento brasileiro de autonomia que pouco antes se tinham visto surgir tão impavido e tão digno, tão soffredor e tão heroico nestas nossas terras nortistas.

O Imperio offereceu, é verdade, a esse sentimento que um regimen republicano lhe não poderia offerecer: um centro simultaneamente de convergencia e de irradiação, de que tanto se carecia que o proprio movimento de 1817, particularista como estava sendo, precisava, no entender do padre João Ribeiro, o cerebro mais constructor desta revolução, de corrigir semelhante aspecto, o qual resultaria dispersivo. Este é aliás, através das considerações criticas que ella comporta e que abonam o seu comprehensivo golpe de vista politico e sua criteriosa analyse dos phenomenos sociaes, o *leit motiv* da carta escripta por aquelle sacerdote illustre, nutrido de sã economia e de philosophia renovadora, na qual aconselha menos pressa nas reformas e mais uniformidade na legislação das duas comunidades, que juntas tinham sacudido uma tutela estreita e suspicaz que extendia além da sua maioridade e juntas deviam tratar de fundar os alicerces do regimen independente.

Para isto viria um delegado de Pernambuco representar o pensamento da junta desse Estado no seio da junta parahybana e aventava-se desde logo a idéa da erecção de uma capital federal, distincta das capitaes provinciaes, para que a preferencia por uma destas não desperdasse ciúmes.

Já em si, pelo seu character antes civil, era a junta, aqui ou lá, um anteparo contra qualquer ameaça de governo militar que pudesse pretender desvirtuar a significação moral do movimento, todo elle de libertação, e substituir o despotismo da lei pelo despotismo da caserna. Mau grado porém todas essas ancoras democraticas lançadas para segurar a náu do Estado no mar revolto em que ella navegava, a reacção trouxe a breve trecho uma calmaria peor do que a tempestade. Para ser a bonança, faltava-lhe



o arco-iris da bandeira, symbolo da concordia offerecida aos adversarios. Era a paz de Varsovia, barbara e descaravel.

Na Parahyba o desfecho foi mais rapido ainda do que em Pernambuco, porque tendo o movimento muito de reflexo, producto como era de suggestão intellectual além do impulso natural á sociedade que abandona a menoridade, o impulso contrario logrou operar de dentro mais espontaneamente, com todo o poder dos habitos e com todo o vigor das tradições.

O espirito europeu transplantára-se para a America com os que a vieram colonizar e que comsigo trouxeram suas idéas e seus prejuizos. No Novo Mundo foi a mentalidade emigrada passando por uma transformação continua, gerando novos pensamentos, adaptando-se a novas formas, adquirindo porventura novos preceitos no lugar dos antigos, de maneira a abrir-se uma distancia marcada entre a primitiva intellectualidade e a intellectualidade que se crystallizou sob o céu americano — um céu tão fulgurante e tão fascinador que o pedaço que sobre nossas cabeças desdobra suas galas, inspirou ao maior compositor brasileiro uma das suas arias mais formosas.

Na America o espirito europeu adquiriu ao par de mais flexibilidade, que o tornou mais agil, uma dose maior de sympathia humana, que se revela entre outros traços por uma aversão mais pronunciada ás soluções violentas entre nações, contrastando aliás singularmente com uma inclinação revolucionaria na esphera domestica dos Estados, que o tempo e a educação vão felizmente amortecendo.

A conflagração actual fornece uma prova indirecta dessa divergencia. Os que desejarium ver o nosso paiz envolver-se numa lucta que lhe não diz respeito, mesmo porque as ambições e as cobiças que a determinaram são extranhas á sua evolução e aos seus interesses, representam talvez inconscientemente o espirito europeu de guerra e de conquista, numa modalidade atavica: os que, protestando muito embora contra toda e qualquer solução do direito das gentes, venha ella donde vier, preferem ver nosso continente reservar seu esforço para o restabelecimento da harmonia no mundo e para nossa maior autonomia das



paixões européas e de toda ingerencia alheia na nossa economia, representam o espirito americano de paz e de benevolencia, proprio de um hemispherio que serviu de refugio a sectarios de todas as crenças, a rebellados contra oppressões politicas, a dissidentes de muitas convenções sociaes, e até a malfeitores e criminosos em conflicto aberto com a lei e que neste outro meio mais se conformavam com a bondade e entravam a practical-a.

A revolução de 1817 foi neste ponto perfeitamente americana. Se se armou e sustentou hostilidades, foi porque precisava defender-se e de resto se defendeu mal. Não aninhavam instinctos bellicosos os que a dirigiram, nem os proprios officiaes, que mais fiavam da propaganda pela educação do que da propaganda pelos combates, que antes aspiravam a convencer do que a dominar, que valerosos muito embora e dispostos a pelear pela causa com que se tinham identificado, prezavam muito mais seus devaneios democraticos do que quaesquer aspirações de supremacia militar.

Domingos Theotônio, aclamado director e repudiando o alvitre de saquear a cidade, trucidar os portuguezes e incendiar-lhes as casas, recorda a figura republicana de Hoche. Elle teria tambem sido um pacificador, nunca um verdugo, se a revolução houvesse triumphado e a comarca das Alagôas se convertesse numa Vendéa. Seria capaz de exclamar como Bolivar, ao pedir ao Congresso Constituinte de 1830 que acceitasse sua renuncia como dictador da Columbia: "Se um homem se tornasse indispensavel para manter o Estado, este Estado não deveria existir e acabaria por não existir". O vosso José Peregrino, peregrino na verdade, esse, pela sua extrema mocidade, pelo seu natural heroismo, pela sua abnegada obediencia á prece paterna, pelo seu desapego ás considerações do interesse, lembra Siegfried, e lembra-o ainda no desapparecimento prematuro, na indifferença com que encarou a morte, os olhos da alma cravados na visão espiritual que tão pouco tempo levaria para concretizar-se.

A Parahyba deve orgulhar-se delle e das outras victimas de um movimento generoso que se não maculou nem com a vingança nem com o roubo nem com o terror, que



foi sob semelhante aspecto mais nobre incomparavelmente do que a Revolução Franceza, a qual espalhou seus principios humanitarios ensopando-os primeiro no sangue mais illustre e mais virtuoso.

Os paizes não medem sua valia moral pelo tamanho, nem pela densidade da sua população. O meu Pernambuco tem nos seus fastos a guerra aos holandezes e a revolução de 1817, gloria pelas quaes eu não trocaria as de outras collectividades mais importantes, e que são tão brilhantes quanto a Reconquista feita aos inglezes e o 25 de maio, que tamanho lustre dão a historia Argentina. A vossa Parahyba participou de uma e de outra: destes á guerra holandezza André Vidal de Negreiros, seu capitão mais esforçado e mais clemente; destes á revolução algumas das suas victimas mais patheticas. E não exgottastes com essas personagens vossa capacidade geradora. Destes ao Brasil, na arte, Pedro Americo, a mais notavel organização de pintor que o Brasil já produziu; destes-lhe, na sciencia, o botanico illustre que foi Arruda Camara, e nos dominios das invenções o padre Francisco João de Azevedo, cujo nome deixou de encher o mundo só porque não teve ao seu alcance os meios de divulgar sua descoberta da machina de escrever.)

Bastaria tal quinhão na marcha de nossa civilização para se avaliar a relevancia do que historicamente vos cabe, para outorgar os fóros de cultura que justamente reivindicades e de que eu, convidado a partilhar dos vossos jubilos civicos e das vossas emoções patrioticas, levarei commigo, hospede agradecido, a impressão profunda e indelevel.

OLIVEIRA LIMA.



---

---

## LIVROS...

---

GILKA DA COSTA MACHADO

— Estados de alma.

A abundancia de livros de poezias que se publicam no Brazil é tamanha que uma bibliografia exata das nossas produções é sempre, mais do que tudo, uma lista de volumes de versos.

Um dos mais recentes é o de D. Gilka Machado: *Estados de Alma*. Sem que seja uma obra notavel, tem caracteristicos interessantes. Tem mesmo um cunho de originalidade, que falta a quazi todos os versos femininos.

A situação das mulheres, quando se dispõem a cantar o amor, é muito mais embaraçoza do que poderia parecer á primeira vista. Os homens tem o direito, não só de aludir ao sentimento amorozo no que nele ha de abstrato, como de decer a minucias descritivas, que nos parecem deliciosas. Mesmo sem chegar, como alguns autores, a percorrer uma por uma as belezas femininas e compôr um poema especial para louvar cada uma, qualquer autor masculino pode aludir a um pormenor qualquer da formozura de mulher, sem que isso cauze extranheza. Que alguém pense num corpo feminino da cabeça aos pés, e, por pouco que tenha manuseado poetas; verá que não ha nada nele que não tenha excitado o entusiasmo deste ou daquele escritor.

Permitir-se-ia ás mulheres fazer o mesmo? Parece que não. Até hoje pelo menos não se tem permitido.



No entanto, si se acredita no que dizem todos os antropologistas o homem é mais bonito que a mulher. Em regra, as proporções no homem entre o tronco, o corpo e os meembros são muito mais justas e harmoniozas. E nada mais natural que seja assim, porque a regra em todo o reino animal é que o sexo feminino seja o mais feio. Citam-se sempre os exemplos familiares, conhecidos de todos, do galo e da galinha, do pavão e da pavôa, do leão e da leôa...

Mas quando os naturalistas fizessem essa prova para todos os seres vivos e sexuados, nada teriam adiantado. Faltar-lhes-ia dizer-nos o que pensa o pavão da pavôa, o galo da galinha, o leão da leôa — e assim por diante. Talvez a esses animais suceda o mesmo que a nós.

Um poeta disse:

“La beauté de la femme est dans les nerfs de l'homme.”

A beleza de todas as femeas ha de assim estar no modo de julgar de todos os machos.

Mas a inversa não é menos verdadeira.

Não ha poetizas entre as galinhas. Si houvesse, talvez algumas cantassem a beleza de Chantecler. Por que então as poetizas da nossa especie não hão de ouzar cantar os homens, que lhes pareçam belos?

Isso, entretanto, não tem sido feito. Ha talvez no fato uma prova do ciume masculino. Parece que um homem não lê nunca com muito prazer um elogio á beleza de outro homem. E, assim, todas as tentativas a esse respeito chegaram sempre a ser um pouco ridiculas.

O interessante é que as mulheres acabaram por aceitar esse ponto de vista, que só se justificava emquanto a literatura era exclusivamente feita pelos homens. A maior parte das poetizas deixou inteiramente de lado os seus amores. Algumas falaram disso, do modo mais abstrato que lhes era possível, cantando o Amor, — uma especie de amor teorico e impessoal — sem referencia alguma aos homens que elas amavam. Ou, si referencia havia, era tambem a tipos psicologicos: o Ingrato, o Inconstante, o Infiel...

Uma poetiza franceza, de orijem norte-americana, Renée Vivien, tomou uma decizão extranha: a de cantar



o amor com outras mulheres. Si o houvesse realizado em versos mediócrees ou grosseiros, sua tentativa não teria importancia; mas, bem ao contrario, deixou seis volumes de versos, que são de uma doçura, de uma suavidade, de uma meiguice encantadora. Renée Vivien sabia bem o grego antigo e ha nas suas poezias uma mistura deliciosa de inspiração classica e de tecnica moderna do verso. No emtanto, sem a menor cerimonia, proclama o direito de amar outras mulheres e faz-lhes versos, que Sapho não desdenharia:

“Sous ta robe, qui glisse en un frôlement d'aile,  
je devine ton corps, — les lys ardents des seins,  
l'or blême de l'aissele,  
les flancs doux et fleuris, les jambes d'Immortelle,  
le velouté du ventre et la rondeur des reins.”

Em outro ponto ela diz:

“On m'avait condamnée aux laideurs masculines.”

Mas libertando-se dessa condenação, ela conta a outras mulheres qual o seu desejo:

Être tout à la fois des amants et des soeurs.”

A obra extranha de Renée Vivien é uma delicia e uma aberração. Uma delicia, pela pureza encantadora dos versos, uma aberração pela impureza mórbida dos sentimentos. Apenas Baudelaire, o cantor de *Femmes Damnées* a tinha deixado de antemão justificada naquela imprecação celebre:

“Maudit soit à jamais le rêveur inutile,  
qui voulut le premier, dans sa stupidité,  
s'éprenant d'un problème insoluble et stérile  
aux choses de l'amour mêler l'honnêteté.”

Mas ainda banindo “l'honnêteté” das couzas do amor, pode-se não chegar ao ponto de vista de Renée Vivien.



Madame Burnat-Provins não se importou com o “sonhador inútil” que Baudelaire amaldiçoou, mas foi para ouzar cantar os amores simples e normais.

Em toda a literatura franceza, a sua obra tem um caracter á parte. Nenhuma outra se lhe assemelha. Quando o *Livre pour toi* ápareceu, foi um escandalo. Ele revelou esta couza incrível: que a beleza do homem é sucetível de ser cantada!

Tantos outros animais haviam acendido a inspiração de varios poetas — os passaros, os gatos, os cães... —, faltava apenas o macho da especie do *homo sapiens* de Linneu...

Madame Burnat-Provins preencheu essa lacuna. Ela escreveu

“Je dirai l'emprise de tes mains longues qui font à ma taille une ceinture frémissante; je dirai ton regard volontaire qui anéantit ma pensée, ta poitrine battante soudée à ma poitrine et tes jambes aussi fermes que le tronc de l'érable, où les miennes s'enroulent comme les jets onduleux des houblons.”

E em outro lugar:

“J'ai regardé ton corps debout, simple et altier comme un pilier d'ivoire, ambré comme un rayon de miel.”

E todo o livro é neste tom: um hino pagão, fremente de amor: do amor, em todas as suas manifestações.

O curiozo é que muitas vezes as mesmas expressões que nós empregamos falando da beleza feminina nos chocam applicadas á masculina. Um homem pode descrever aquela atitude a que alude Madame Burnat-Provins de estar enroscado a um corpo de mulher. Quantos o tem feito! Mas, si é a mulher que diz exatamente isso, parece a couza brutal, luxuriosa, cínica. Trata-se da evocação da mesma cena: feita por um dos atores, é aceitavel, feita pelo outro, é pelo menos incorreta...

Ha nisso uma certa contradição. Por um lado, nós achamos que uma Renée Vivien, exajera, quando se queixa de ter estado “condenada ás fealdades masculinas”; mas si uma mulher se decide a cantar as belezas masculinas



nas, — isso, que nos devia lizonjear, se nos afigura improprio.

A poetiza dos *Estados de Alma* está lonje das audacias da autora do *Livre pour toi*; mas, em todo cazo, tem a orijinalidade de confessar certas inclinações que em geral as poetizas escondem. Um critico que seguisse as instruções de Hennequin e quizesse indicar quais os sentidos predominantes na obra dessa poetiza, não teria muito trabalho; são exactamente os mais elementares: o tacto, o olfacto e o paladar. E ha pelos seus versos afora, exactamente por essa predominancia das sensações do tacto, uma nota de sensualidade exaltada, que não põe falsos pudôres em confessar-se, em proclamar-se abertamente.

Num gesto de revolta, ella diz:

“Eu quizera viver dentro da Natureza!  
Sufoca-me a estreiteza  
desta vida social, a que me sinto preza.”

E quando em torno della tudo se cala, é o seu organismo que ella sente vibrar:

“Silencio cheio de alaridos,  
silencio de revolta  
dos nossos miseros sentidos  
contra o dever que nos escolta.”

E isso não deve ser apenas uma attitude simulada, porque é impossivel achar na nossa literatura um cazo tão nitido de uma poezia em que predominem aqueles trez sentidos elementares.

Ella só entende o amor como uma fuzão de corpos. Mesmo tratando de outras couzas, a imajem que mais lhe ocorre é a de absorção de um ser por outro ser:

“Parece até que Deus se fluidifica  
em luz e entra-me o ser e enche-o de crença.”

“Amo-te (e neste amor o meu gôzo se apura)  
porque me perco em ti qual numa vastidão,  
porque ao teu lado sinto a vertijem da altura.”



"Ser a atmosfera que respiras,  
**conter-te em mim** como numa redoma,  
**entrar-te pelo olfato** assim como as espiras  
 invizíveis do aroma."

"Oh! meu prazer!  
 — **sentir-te e penetrar-te;**  
 — em toda hora, em toda parte,  
 gozar teu ser!  
**ser por ti absorvida,**  
 encher com minha vida a tua vida!"

"E, de ti perto, toda a estancia se resume  
 em ter a persuazão de que te evaporizas,  
 em ficar a absorver-te, a gozar-te em perfume."

E, como estes, não faltam exemplos que mostram como a poetiza só compreende que um prazer seja realmente forte, quando ele envolve uma aproximação, uma absorção. E' difficil abuzar mais do que ela do verbo *absorver* e seus derivados: a treva a absorve, suas mãos são absorventes... E tudo para ela tem perfumes.

Isso não é um finjimento literario. O fundo do seu espirito, os alicerces psicologicos do seu pensamento são os trez sentidos elementares.

Um poeta, em que predominam as sensações vizuais, dirá, sentindo um perfume violento, que ele é brilhante, que ele sucita uma impressão forte de vermelho ou de branco. A poetiza dos *Cristais Partidos* e dos *Estados de Alma* inverte essa operação. Si vê uma cor, ela lhe evoca um perfume; si sente um perfume, ele lhe dá uma ideia material, de qualquer couza que a penetra, que a afiga, que lhe corre á flôr da pele. Si se considera que na hierarquia dos sentidos o primeiro é o tacto, o segundo a olfação e os superiores são o ouvido e a vista, ela rebáixa sempre cada sensação á sensação imediatamente inferior. Ouvindo por exemplo um sino, o que lhe parece é que o ar está impregnado de um perfume especial.

Esta psicologia, tão nitida, tão caraterística, dá um tom de sinceridade á sensualidade dos seus versos — porque, mesmo que a sensualidade amoroza seja o produto de



um sentido á parte, como querem certos fiziolojistas, os outros sentidos de que ella não dispensa o concurso são o tato e a olfação.

E ao longo dos *Estados de Alma* de D. Gilka Machado o que ha é o constante apelo áqueles sentidos elementares.

Estes dois sonetos parece que bastariam a fazer a prova dessa affirmação.

"Muitas vezes, a sós, eu me analyso e estudo,  
os meus gostos crimino e busco, em vão, torcel-os;  
é incrível a paixão que me absorve por tudo  
quanto é sedoso, suave ao tacto: a côma... os pellos...

Amo as noutes de luar porque são de velludo,  
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos  
meus frageis membros, sobre o meu corpo desnudo,  
em caricias subtis, rolarem-me os cabellos.

Pela fria estação, que aos mais seres errica,  
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,  
ás luvas de camurça, ás bôas, á pellica...

O meu tacto se estende a todos os sentidos;  
sou toda languidez, somnolencia, preguiça,  
si me quedo a fitar tapêtes estendidos.

**Tudo quanto é macio os meus impetos dôma,**  
e flexuosa me torna e me torna felina.  
Amo do pecegueiro a pubescente pôma,  
porque afagos de vëllo offerece e propina.

O intrinseco sabôr lhe ignoro; si ella assoma,  
no rubôr da sazão, sonho-a doce, divina!  
goso-a pela maciez cariciante, de côma,  
e o meu senso em mantel-a incólume se obstina.

Toca-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contôrno,  
saboreio-a num beijo, evitando um resábio,  
com um lento olhar te oscûlo o labio môrno.

E que prazer o meu! que prazer insensato!  
— pela vista comer-te o pécego do labio,  
e o pécego comer apenas pelo tacto.



Em alguns pontos essa declaração de que todos os sentidos parecem vizar na autora apenas uma aspiração de gozo sensual chega ao extremo. Ela escreve claramente:

“Pelos do luar silencios longos, lentos  
os nossos pensamentos  
são forças genitais que igualmente se dão.”

E quando não vai tão lonje, os seus versos se espreguizam molemente, felinamente, como um corpo beijado, que tem arrepios de prazer:

“Teu veneno letal torna-me o corpo langue,  
numa circulação longa, lenta, macia,  
a subir e a descer no curso do meu sangue.”

Não ha aliaz para a poetiza dos *Estados de Alma* comparação melhor para os olhares que as de mãos que se estendem, que tomam o corpo amado, ou brutalmente como si o quizessem absorver (o seu verbo preferido), ou ameigando-o, acarinhando-o:

por me fitares,  
eu sinto a todos os instantes  
que os teus olhares  
são como dedos: acariciantes.”

“As minhas mãos... não sei si as gozas,  
não sei si as sentes,  
porém, suponho as tuas vaporozas  
e as minhas absorventes.”

E mesmo o silencio, si de alguma couza lhe parece povoado, é de sugestões de revolta contra as convenções sociais e de apêlos voluptuosos:

“...o silencio febril dos olhos, quêdos  
em espasmos de amor, — e o silencio das mansas,  
lentas caricias de amorozos dêdos.”

Com toda a audacia de escrever serenamente tudo isto, a autora não duvidou cantar a beleza masculina dos câbêlos. Teve, porém, o cuidado de escrever uma dedicatória



conjugal, que está ali como uma advertencia, gritando aos maliciosos: "*Honni soit qui mal y pense!*"

No entanto, essa cautela é talvez um inconveniente. No caminho do mal e do pecado, perdoam-se mais as exhibições de amores extra-conjugais. Quando alguém encontra um casal, munido de todas as formalidades matrimoniais que lhe legitimam as caricias, beijando-se em publico, o fato parece irritante. Tem-se vontade de perguntar: "Pois não lhes basta a alcôva conjugal?" Com os amantes, sobretudo com os que são obrigados aos amôres defêzos, ha maior tolerancia...

Mas o mal dos versos da autora dos *Estados de Alma* não é só que os seus versos não se insurjam nem contra o nono mandamento do Decalogo, nem contra o Codigo Civil. E' que eles não são sinceros.

A ter de cantar uma beleza masculina, devia chegar a alguma das audacias da autora do *Livre pour toi* e escolher uma que fosse caraterística.

Os cabelos não estão nesse cazo. Amor e calvicie acomodam-se muito bem nos homens — repelem-se formalmente nas mulheres... De mais, é notorio que a autora esticou, alongou excessivamente os cabêlos que cantava. Aplicou emfim aos masculinos o que só dos femininos se tem dito.

Não faltam em versos, tanto de poetas como de poetizas, aluzões a cabêlos masculinos; trata-se, porém, sempre da caricia das mãos femininas pelas cabeças dos homens amados. Mas o que faz a autora dos *Estados de Alma* é muito mais do que isso:

"Si do torso retroz da tua côma escura  
meu beijo, como um passarinho,  
gorjeando, célere, procura  
o morno e fôfo ninho,  
que cheiro verde meu olfato sente!  
— cheiro de rezedá que em flores regorjita..."

E o exajêro vem logo apoz:

"Quando pela fadiga molentada,  
sobre o leito me estiro em completo descuido



(talvez loucura minha, uma obsessão talvez),  
passo a sentir, Querido, o teu cabelo em tudo:  
na palna da almofada,  
nas mãos, nos labios, no proprio ar que é fluido,  
sobre a minha nudez  
cobrindo-a qual um manto de veludo..."

E por aí adiante vai até o ponto de se sentir enrolada nesses estranhos cabelos masculinos.

Decididamente os homens não são felizes em poezia — pelo menos em poezia amoroza, que é, no fim de contas, a melhor de todas: ou não os cantam ou os cantam mal!

Mas, si em D. Gilka Machado, que é uma poetiza digna de aplauzos, o que predomina é essa nota de sensualidade clamada e proclamada de verso em verso, ha tambem outras, que merecem menção.

Falando ao Mar, ela parece inspirar-se em Baudelaire:

"Mas te amo, ó Mar, porque minh'alma e a tua  
são bem iguais; ambas profundamente  
sensíveis e amplas e espelhantes..."

E os versos do autor das *Flores do Mal* cantam na nossa memoria:

"Homme libre, toujours tu chériras la Mer.  
La Mer est ton miroir: tu y contemples l'âme  
dans le déroulement infini de la lame  
et ton âme n'est pas un gouffre moins amer."

Um soneto melancolico e delicioso diz a tristeza das venturas que chegam, quando já a alma, que tanto as desejou, não as pode mais acolher com satisfação. Tarde de mais!

"Sonhei-te tantos annos! tantos annos!  
eras o meu ideal de amôr e de arte,  
buscava-te a toda hora e em toda parte,  
nessa ancia inexplicavel dos insanos.

Emfim, vencida pelos desenganos,  
 como quem nada espera que lhe farte  
 a alma faminta, exausta de sonhar-te,  
 abandonei-me do destino aos damnos.

Surjes-me, agora, em meio da jornada  
 da vida: vens do inferno ou vens da altura?  
 — não sei: mas de ti fujo, apavorada!...

E, em lagrimas, minha alma conjectura:  
 uma felicidade retardada  
 quasi sempre se torna desventura."

Não falta tambem beleza a este admiravel soneto:

Dias em que fremindo os meus nervos estão,  
 em que estranho meu ser passivo e scismarento;  
 dias em que meu corpo é uma palpitação  
 de azas, da natureza ante o deslumbramento!

Num dia, assim, como este, os meus tedios se vão,  
 e ao céu de escampo azul e ao Sol, de ardôr violento,  
 eu só quero sentir a forte vibração  
 da vida, num prazer ou mesmo num tormento.

Saem dos labios meus as expressões em trovas;  
 quero viver, gosar emoções muito novas,  
 amo quanto me cerca, amo o bem, amo o mal.

E, numa agitação de anseios incontinentos,  
 nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos  
 são aves ensaiando o vôo para o Ideal.

E afim de citar uma poezia em nota diversa, vale a  
 pena transcrever a que se intitula *Numa rêde*:

"Bem sei porque me sinto creança,  
 quando uma rêde me embalança!  
 — é que ha na rêde um rythmo igual  
 ao da canção lenta e macia,  
 com que eu, em creança, adormecia  
 no rôfo seio maternal.



A minha rêde é mansa, mansa,  
de me agradar nunca se cança,  
é a minha amiga mais perfeita;  
como ao meu gosto se conforma,  
e do meu corpo toma a formá,  
e toda a mim se torna affeita!

A minha rêde no ar se lança,  
como num mar todo bonança:  
nella navego em ondas de ar,  
para um paiz que é o da Chimera,  
de onde me acena alguém e espera  
alguem que eu vivo a desejar.

A rêde tem o gesto e a nuança  
da hesitação: recua... avança...  
e ao seu balanço leve e lento,  
por mais que nella o corpo encôlha,  
sinto-me fragil como a fôlha,  
julgo-me toda entregue ao Vento.

Qual uma larga e basta frança,  
a rêde vae e vem, balança...  
e adormecendo ao seu vae-vem,  
sobre o seu corpo quasi fluido,  
sonho-me posta com descuido  
nos braços languês desse alguém...

Na rêde o corpo, a rir, descança,  
como num sonho uma esperança.  
Dos meus pezares esquecida,  
muito ao meu gosto posta, vêde:  
ao molle embalo de uma rêde,  
fico oscillando para a Vida...

D. Gilka Machado é uma bôa poetiza. Seus versos tem a ciencia do ritmo, um cunho pessoal inconfundivel.

Não seria, entretanto, difficil encontrar-lhes algumas imperfeições. E', por exemplo, horrivel que ela tenha empregado o verbo "ligar" com a expressão de giria que pàs-sou recentemente a ter no Brazil:

"sem que ninguem ligasse aos meus cantares."



*Ligasse* está aí como “*désse apreço*”, “*ligasse importância*.”

Em dois lugares, ela emprega o adjectivo *ábsono*, errando-lhe a pronuncia, como si fosse *absôno*.

*Estados de Alma* é aliaz um livro em nada superior ao que o precedeu *Cristais Partidos*. Tem-se a impressão de que os merecidos aplauzos feitos a este levaram a autora a precipitar a publicação do segundo, deixando de os polir tão pacientemente como seria para dezejar. E ela ainda não tem o direito de fazer dois livros a seguir com o mesmo valor. Parar, na sua idade, é diminuir-se.

Si ela aspira, como tem o direito de aspirar, a ser entre nós o que é a Condessa de Noailles na França, precisa pôr um intervalo maior entre a publicação dos seus livros — e decidir-se a poli-los e repoli-los mais carinhosamente.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



---

---

# LUCIANO, LUZ E STRAUSS

(NOVELLA)

Ha idéas chegadas ao estado crepuscular e idéas que são como uma aurora. Levantam-se disputas para saber quaes são as que vão tornar-se em noite e as que se converterão em luz. O dia, só com mostrarse, põe termo ao debate. A historia desmentirá as afirmações de uns e dará razão a outros.

A. Fouillé.

Já vae em cerca de dez annos que os conheci, ao Luz, a Luciano e ao doutor Strauss. Este ultimo era medico e allemão. Moravamos juntos em uma casa de pensão afastadissima do centro da cidade, nas abas de S. Paulo, extremo do bairro do Belemzinho. Lembro-me perfeitamente do seu aspecto — Estatura enorme, massiço, pernas finas, tinha o rosto vermelho, côr de lagosta cozida, e redondo á maneira de um sol bonachão. Os olhos eram infinitamente azues, de um azul mysterioso, longinquo, todo de sonho e nebulosas irrealidades.

Luz, o Luz, como lhe chamavamos, era bacharel em direito, padecia do figado e usava um chapéo em fórma de melão.



Quanto a Luciano, não se lhe conhecia ao certo nenhuma profissão. Era discursador e patriota. Corpulento, de um moreno tirante e escarlate, olhos chispantes, labios grossos, cabellos em desordem, como que varriods de um sôpro quente, dava a imagem de um vendaval feito homem.

Lá vae em cerca de dez annos... Passeavamos, certa noite, meu amigo Strauss e eu, pela rua Quinze de Novembro.

Eis senão quando, ás portas de um café, ouvimos vozes alteradas, que se destacavam de todas as outras. A principio supuzemos que fosse alguma altercação o urixa entre empregados do estabelecimento e consumidores exigentes, pois ouvia-se repetida insistentemente a expressão: "Não presta para nada", ao que contravi-nha uma voz tonitroante e pathetica: "Perdão! E' um producto de primeira ordem..." Entrámos. Qual não foi a minha surpresa, ao reconhecer no trovão que, em me vendo, entrára a bradar: "Aqui está quem vae dizer verdade ao illustre amigo!" o meu velho conhecido Luciano Aymoré da Penha e no seu contradictor o não menos intimo camarada bacharel Benício da Silva Luz! Aclarou-se a situação. Ninguem punha em duvida a excellencia da rubiaceia com que o Faria (Faria era o dono do café, se não me falha a memoria) preparava o nectar destinado aos freguezes. O producto de que se tratava, não era nada mais nada menos do que "o brasileiro". Doutor Luz, em som de troca, tivera a infelicidade de contrariar os enthusiasmos patrióticos de Luciano, e este a protestar, a declamar, a attrahir a attenção de todas as mesas! Tal publicidade irritára o fígado, já minado, do bacharel, que resumira a treplica num obstinado e escarninho "Não presta para nada".

Ao approximarmo-nos, o patriota precipitou-se ao nosso encontro. Fiz as apresentações, pois elles e o medico allemão ainda não se conheciam, e sentamo-nos todos á mesma mesa, proxima da sahida.

Serviu-se o café em meio de medonha algazarra, dominada, porém, pela infatigavel oratoria de Luciano, que não se esquecia de aproveitar a occasião para ir fazendo allí mesmo, de corpo presente, um bocado de propaganda regeneradora, na esperança talvez de integrar sem maiores detengas no organismo superior da patria o admiravel specimen de dolicho-loiro que apparecêra a meu lado. "Reunir os povos num abraço fraternal, sem distincções de raças nem de nacionalidades, chamando filhos a todos os que se viessem abrigar á sombra do pendão auri-verde, tal era a missão historica do Brasil. Terra de todas as liberdades, aqui não devia haver desavenças nem hostilidades... Razão tivera Silva Jardim de dizer que nos nossos dictionários não existia a palavra "estrangeiro"... Amassem embora os recém-vindos os seus paizes de origem. Era esse um dever sagrado... Amor de filhos para com as mães longinquoas, porém inolvidaveis. Mas amassem tambem a esposa, a terra hospitaleira, a nova patria..."

Tão pandas iam as velas e tão alheias ao primeiro rumo, que o Luz já se dava por descartado da infelicissima disputa em que atabalhoadamente se mettêra.

Eganára-se, comtudo. Luciano, ganhando maior vehemencia com a chegada de mais dois ouvintes, voltava á carga. Appellava

agora para a opinião do "illustre discípulo de Hippocrates", mas encarregando-se de responder por elle, como se o medico o hou-  
vera constituido seu porta-voz e depositario de todas as suas  
idéas.

— Aqui está quem vae dizer verdade ao distincto amigo, bra-  
dava em voz melodramatica e ia atirando phrases, que attribuía  
ora a Humboldt, ora a Martius, ou a algum outro sabio illustre da  
"cultá Germania", convencido de que representavam o juizo do  
doutor Strauss, bem como o de todos os allemães do mundo. Ao  
parecer de Luciano, os tudescos, sem excepção, professavam pelo  
Brasil o mesmo enthusiasmo lyrico do autor do "Cosmos" ou do  
grande botanico que sonhou dormir o ultimo sommo á sombra das  
palmaceas destes climas.

— Quem pisa terra brasileira começa desde logo a tornar-se  
brasileiro! vociferava com grandes gestos, enquanto Strauss, mui-  
to vermelho, acabava de tomar sua chicara de café e o Luz, ama-  
rello e sarcastico, olhava para as mesas visinhas, como que a avi-  
sar aos demais que o companheiro era maniaco e não havia outro  
remedio senão terem paciencia.

A chavena de Luciano continuava cheia e intacta.

— Tome o café, homem, disse o Luz.

— Obrigado, amigo... acudiu o patriota, inclinando-se e fa-  
zendo signal que ia attender, mas proseguindo com o mesmo fer-  
vor inaudito na exposição das grandes idéas destinadas a salvar  
a patria. "Não, o brasileiro não estava condemnado a desappare-  
cer... Illusão das illusões! Muito ao contrario, sahiria trium-  
phante da refrega. O primeiro passo estava em clamar, nos jor-  
naes, nas revistas, nos comícios, nos salões, em toda a parte, que  
o Brasil se estava levantando e o Brasil se levantaria na realida-  
de. As raças mais ddiversas eram chamadas a contribuir para a for-  
mação da vasta consciencia nacional. O passado, a historia seria  
apenas o ponto central em torno do qual se haviam de agrupar  
as formidaveis torrentes humanas vindas das mais remotas para-  
gens. Aqui tempestuariam as forças do futuro... Aqui seria a  
forja, a confusão, a mixtura caotica dos mais extremados ele-  
mentos... Mas desse caos surgiriam estrellas de oiro e de toda  
essa apparente desordem sahiria illesa, mais formosa que nunca, a  
alma grandiosa da patria..."

— Você não quer o café, Luciano, interrompeu o Luz deses-  
perado. Nós queremos sahir...

— A's suas ordens, illustre amigo, obtemperou o fogoso de-  
clamador. Obrigado... Não quero café!...

E ia reatar o fio, todo deslumbrado pelo fulgor da propria  
palavra, quando Strauss o atalhou, levantando-se:

— Preciso sahir, senhor... Desculpe...

— Oh! meu caro e illustre doutor... Perdoe-me... Estou inteiramente ás ordens dos meus bondosos amigos...

Até que afinal nos levantámos e batemos em retirada, perseguidos por olhares de esconso e risinhos zombeteiros das mesas proximas.

Uma vez na rua, o medico desapareceu no meio da multidão que a enchia. Debalde o procurámos. O homem havia-se evaporado.

O seu allemão, meu caro, disse-me o Luz em voz baixa, foi com certeza suicidar-se de puro horror...

Puzemo-nos a rir. Luciano, colossal e apoplectico, abria caminho, á frente, rumo do largo do Thesouro.

Ficámo-nos, mui deliberadamente, para traz, saudosos de uma vida á flor da terra, a Deus e á ventura, sem atroada nem espalhafato.

— Você já leu "Port-Tarrascon", de Daudet? perguntou-me Luz.

— Já. Porque? respondi, sorrindo.

— Porque isto aqui se parece com Port-Tarrascon... Lembra-se da fertilidade assombrosa e exquisita da terra descripta por Daudet? Plantavam couves... Nasciam uns pés de couves enormes, que nem arvores, mas exóticos, estapafurdios, inuteis... Tudo brotava com uma exuberancia descompassada e ridicula... A terra zombava dos cultivadores, mettia-os a troça, pagava-lhes os esforços com destemperos malignos...

— Mas a que vem isso?

— Ora essa! Pois não fallavamos do Luciano? E' o pé de couve de Port-Tarrascon...

— Você tem cada uma...

— Tenho, não. E' verdade dura de roer para estes Brasile, mas verdade... Não somos nós que nos fazemos... Somos quaes nos fez um longo passado... Não podemos fugir á hereditariedade nem ao meio... Os exaggeros explosivos do Luciano valem o mesmo que os meus desalentos... Quando considero a arvore de que sou fructo e reflecto que não posso modificar a somma nem a qualidade das forças de que sou resultante, convengo-me de que tanto os entusiasmos comicos do Luciano, como esta minha fraqueza, este desanimo, esta incapacidade de acção, este tédio que você sabe, tudo isto, meu caro, são os ultimos arrancos de uma raça agonisante, de um povo que falhou...

— Diabo! Você está lugubre...

— Está enganado. Não faço tragedias... Fallo verdade... E a verdade para nós não tem nem o merito de ser tragica... E' simplesmente aborrecida...

Iamos já desembocando no largo do Thesouro, mui logradigos e certos que estavamos livres de Luciano, pois havia muito



que o tínhamos perdido de vista, quando a sua voz estentorea nos chegou das bandas do edificio dos Correios:

— Illustres amigos, façam o favor de vir para este lado...

O desespero do Luz pareceu-me tão grande, que desatei a rir perdidamente.

— Hoje esse athleta da palavra não nos deixa, antes de nos haver impingido todos os compendios patrioticos feitos para as escolas publicas, exclamou rindo tambem, mas de má vontade, só por me acompanhar na irreprimivel hilaridade.

Iamos a atravessar, porém um bonde que subia da ladeira João Alfredo fez-nos recuar.

— Abjecção de movimento! pragueou o Luz, irritado.

— Vamos dar volta, propuz.

— Venham até cá, amigos... Quero mostrar-lhes uma maravilha... bradava Luciano.

— Depressa, disse já resignadamente o meu companheiro, senão esse tragalhadanças é capaz de encher o largo de basbaques, para condemnarem a nossa falta de civismo...

Ao cabo vingamos arribar, são e salvos, ao passeio para onde nos chamava o patriota.

Luciano então, com largos gestos, levou-nos até a entrada do Jardim do Palacio e, virando-se para o Luz, disse em tom de discurso, mas como sempre sinceramente commovido:



— Tenham a bondade de olhar, meus amigos, para esse magestoso edificio — E apontava o palacio do Governo — Perguntou-me o presado doutor Luz que haveria de commum entre o Brasil de hoje e o Brasil do futuro, em que, a seu ver, predominarão elementos estranhos a nossa raça... Mas olhem-me essa soberba construcção... Ha trezentos e sessenta annos, sabem os illustres amigos o que existia nesse mesmo logar... Uma miseravel casa de palha, cujas portas eram de esteiras de cannas, com o nome pomposo de collegio... Era o collegio do excelso apostolo do Novo Mundo,

padre José de Anchieta, um dos maiores creadores de nossa patria, vulto ingente, que a alma reconhecida do Brasil não poderá já-mais esquecer...

Luciano tirou o chapéo côco, vivamente enternecido.

— Ponha o chapéo, que está garoando, aparteu o Luz, trocista. Começava na verdade a cahir uma chuvinha fina e impertinente. Luciano attendeu logo, como meio mais facil de não distrahir a attenção das sublimes idéas que trazia prevenidas para dar combate ao pessimismo do bacharel.

— O doutor Luz, o meu caro amigo e compatriota doutor Luz, a cujo alto saber rendo homenagem, não falla de coração, não pôde fallar de coração... Elle sabe que o soberbissimo palacio que ahi vemos, é o prolongamento, atravez dos tempos, da pobre choupana onde, ha mais de tres seculos, se reuniam, sob as bênçãos do grandioso apostolo, os bronzeados filhos das selvas, os guayanazes e tamoyos, que aqui vinham receber, ao ar livre, armados de arcos e flechas, os ensinamentos divinos... Que ha de commum entre tão humildes começos e esse palacio, essas luzes, toda essa vida borbulhante e agitada? (Fazia aqui um largo gesto circular, destinado a abranger a cidade inteira). Parece que não ha nada e ha tudo... E' a mesma lingua, fallada no mesmo logar... E' o mesmo ideal, a mesma alma, a mesma nação — assombrosamente ampliada, mas a mesma nação... Não, amigos, não houve solução de continuidade... Venham outras raças, outro sangue, outras energias... Que importa? Uma coisa permanecerá — E' a alma da nação, que não morre... Pois o Brasil maravilhoso do futuro, o Brasil estupendo, que, dentro de alguns seculos, ha de assombrar o mundo, estará para o Brasil de agora como o S. Paulo de hoje está para o S. Paulo de trezentos e tantos annos atraz, — como esse majestoso palacio está para a casinha de palha do excelso José de Anchieta...

O chapéo côco tornou a desenhar no espaço movimentos de adoração religiosa.

O Luz, porém, que já vinha aborrecido, quiz atormentar a Luciano. Com um sorriso maligno, observou:

— Olhe, Luciano... Ha de ser uma coisa realmente esplendida o futuro da nossa terra. Mas sinto-me tão extranho a elle como á constellação de Hercules... E' bôa! Que restará de nós nesse Brasil?

Luz fallou e olhou para mim, com expressão de quem dizia: "Você vae ver a caixa de maribondos em que mexi".

Luciano espumava. Parecia possesso. Foi a custo que esperou o bacharel pronunciar taes palavras.

— Perdão! bramiu. Perdão! Que restará de nós? E' incrível, caro doutor, é incrível que faça semelhante pergunta! Ainda que no futuro se transforme quasi tudo... Transforme-se a lingua, transformem-se as instituições, transforme-se o sangue, a raça, o povo — o Brasil será sempre o Brasil...

— Mas que quer dizer isso? Você contenta-se com palavras...

— Palavras?!



Luciano não sabia ao certo que dizer, de tão esbofado e ferido. Levantou espectacularmente os braços possantes, como quem procurava apanhar idéas baralhadas e sumidiças.

— Palavras?! exclamou. Não restará então nada de nós? Ora, doutor, faço justiça ao seu talento, mas, perdoe-me... Acima de tudo está a alma da nação, alguma coisa divino que lhe dá a personalidade superior, um *quid* que não morre...

Meditou um instante (a primeira e ultima vez que o vi entrar em conselho comsigo mesmo) e proseguiu:

— Que ha de commum entre o doutor Luz de dez, de vinte annos atrás e o de hoje? As idéas, as paixões, as aspirações — tudo mudou. O seu proprio organismo, segundo os physiologistas, não contem mais uma parcella sequer da materia que nesse tempo o constituia... Entretanto não me dirá por certo que não ha nada de commum entre o doutor Luz de cinco annos...

— Nessa epoca felizmente ainda não era bacharel...

— ... entre o Luz de cinco annos, continuou Luciano um pouco desconcertado, entre a intelligente e promettedora creança de cinco annos e o doutor Luz de trinta...

— Aliás, vinte e oito, emendou o Luz, rindo.

— Perdão... e o illustre amigo de hoje, com os seus vinte e oito annos de vida, cuja maior parte está cheia de inestimaveis serviços prestados á causa da instrucção e ás letras patrias...

— Vencido... Estou vencido! exclamou o Luz, galhofando. Não acha você, perguntou-me, que com tantos predicados que tão generosamente me dá o nosso amigo...

— Faça justiça ao seu merito e nada mais.

— ... não acha que seria impolido persistir em discordar? Luciano, você é um homem feliz... Você tem fé. Seria uma crueldade roubar-lhe esse thesouro. A fé não deve ser raciocinada. *Credo quia absurdum*, dizia Santo Agostinho...

O Luz ria, batendo conciliadoramente ao hombro de Luciano. Este, muito vermelho, parecia desmontado por aquella familiaridade. Mas foi obra de um relampago. Já o possuia todo — verdadeiro furor épico. "Por maiores que fossem os desalentos da epoca, a nossa historia nos dava direito de esperarmos do povo brasileiro milagres de energia. Não houvesse receio de que a inundaçáo immigratoria viesse a afogar a alma da patria. Essa alma invisivel, mas profunda e forte, vivia em todo o vasto territorio do paiz. Formara-se atravez de luctas encarniçadas, tornando-se inviolavel e immortal. Cada pagina da nossa historia era uma prova de vitalidade, de ardor, de força incomparavel... Podiam vir, muito bem vindas, as novas torrentes humanas collaborar conosco no engrandecimento da nação. Encontrariam uma realidade

indestructivel — o Brasil, a alma indomita e adamantina do Brasil...”

E Luciano, ao fallar, mostrava os dentes fortes, alvos e agudos, com expressão de vehementissimo enthusiasmo. Era um como sorriso nervoso e deslumbrado, revelador de tão intensa sinceridade, de tal violencia de commoção, que eu e o proprio Luz, embora achassemos graça áquella creança grande e tempestuosa, sentimos, realmente sentimos, um instante, alli presente e formidavel, em torno de nós, no ar, nas arvores do jardim, no palacio, na cidade, no paiz inteiro a alma bravia e heroica do passado a desafiar destemerosamente todas as investidas e vicissitudes do futuro.

\*  
\* \*

Já passava de dez horas da noite, quando entrei no largo da Sé, para tomar o meu bonde. Estava bastante reduzido o movimento. Apenas no cruzamento da rua Direita com a Quinze de Novembro havia ainda alguma nimção. Avancei distrahidamente para o logar de espera, onde já se encontrava um pequeno grupo de pessoas. Logo ao approximar-me, dei com os olhos num alentado sujeito, mettido em espesso e comprido casacão de abundantissima e pardacenta lan — tudo coroado por um chapéu duro, enterrado na cabeça a modo de se querer communicar com a gola da pesada vestimenta.

— Ora esta! Onde estava eu, que não o tinha conhecido, doutor! exclamei rindo — Fazia-o já em casa, livre da garça e da eloquencia do meu amigo Luciano...

Strauss (pois era elle) preparava-se para fallar, quando chegou o nosso bonde. Houve um movimento de precipitação á escolha de logares.

— Aqui, doutor, disse eu, subindo a alojar-me num dos derreiros bancos. Aqui vamos melhor... Ahi não se pôde fumar.

O allemão, que já se ia querendo accommodar á frente, retrocedeu com difficuldade e foi sentar-se a meu lado.

— Aqui pôde-se fumar á vontade...

Strauss tirou o cachimbo de osso e acendeu-o socegradamente.

Foi dado o signal. Soou furiosamente a campana, e o carro partiu, rumo da Varzea do Carmo.

Então o medico, cruzando descansadamente as pernas, observou, como quem se dignava de pensar em voz alta algumas das vastas e profundas coisas que lhe iam passando pelo espirito contemplativo:

— Aquelle senhor não parece pertencer á classe das pessoas que não sabem agir sem primeiro fundarem a sua actividade em



um princípio de ordem intellectual... — E accrescentou, aspirando com prazer o fumo do grosso cachimbo: De sorte que toda a acção dissolvente do raciocinador em nada pôde diminuir a exaltação do apóstolo.7..

O apóstolo era evidentemente Luciano, e o raciocinador devia de ser o Luz. Procurei fazer-lhe esclarecer o que dissera.

— Então o doutor acha que o Luz tem razão em depreciar a raça a que pertence e condemnar a propria patria?

— Se tem razão?... Tem razão quem pensa e falla a sua verdade — e a verdade d'elle é a verdade de um vencido... Fallando contra si mesmo e contra os seus, adoptando a verdade de outras raças, os valores, os juizos dos povos superiores, por esse acto se confessa vencido, renuncia á lucta... A attitudo que toma é a de um fraco, de um aspirante ao suicidio, de um quasi-morto... Não é ainda a renuncia total e absoluta. Essa só se manifestaria com um gesto de auto-eliminação. O facto de querer mostrar que não se illude a respeito de si mesmo, que tem consciencia da propria inferioridade, ainda é uma manifestação de vida e um signal de lucta... Lucta ás avessas, lucta de subterfugios, mas sempre lucta... O que elle faz é affirmar indirectamente a predominancia do senso critico sobre os demais valores — e, como se julga dotado dessa qualidade, assim procedendo, procura de certo modo eximir-se paradoxalmente á condemnação que é o primeiro a lançar sobre todo o seu povo...

O allemão expelliu vasta baforada e poz-se a acompanhar com os olhos infinitamente azues as ondulações caprichosas da fumaça por sobre as cabeças dos passageiros do bonde.

— De sorte que, a seu ver, o outro, o Luciano é, a despeito de tudo, um forte? inquiri, sorrindo.

Strauss desceu as palpebras, como se tivesse necessidade de volver para dentro o olhar, afim de com elle illuminar, aqui, allí, as paisagens nebulosas do espirito, e, passados momentos, respondeu:

— Se tomarmos o partido da vida contra a morte, se assentarmos que vale a pena viver, ou que a vida é preferivel á morte, por certo que a fé e o entusiasmo daquelle senhor são dignos de louvor... Vê-se que elle representa um povo que não quer morrer e que se dispõe a luctar... Força illusoria, que se affirma muito mais por palavras do que por actos, mas emfim — força... Prefiro-o ao outro. Porque? Porque esse é o meu ponto de vista, o imperativo da minha grande razão, para me servir da expressão com que Nietzsche designa a somma dos innumeraveis factores inconscientes do nosso ser, em opposição ás miragens inconsistentes e moveis da consciencia... Depois... sabe que sou allemão, esta palavra diz tudo...



Doutor Strauss, visivelmente satisfeito consigo mesmo, levou á bocca o alvíssimo cachimbo, que ameaçava apagar-se, e em seguida entrou a explicar o pensamento. “Os allemães, a seu ver, haviam decididamente tomado o partido da vida ascendente, da vida em toda a exuberancia. Desagrada-vas-lhes o espectáculo da fraqueza e da renuncia. Eram um povo de guerreiros, incapazes de abdicar... Não obstante sua cultura philosophica os conduzir

ao mais radical dos scepticismos, tal era a sua aptidão para a lucta e para o triumpho, que sobre o terreno arido varrido pela critica extremada e despiedosa, sobre o vacuo final a que arrastam as analyses destruidoras, souberam lançar os fundamentos de uma vida poderosa e incomparavel... Todos os homens sentiam mais ou menos a necessidade de resolver os formidaveis problemas metaphysicos. Mas, pelo commum, satisfazião-se com a primeira explicação dada. Elles, porém, os allemães tinham sido mais exigentes. Havião attendido ao appello do grande Goethe, que os convidára a “resolver o enigma sagrado do universo”. Advertiram, todavia, que para se proceder a um inquerito dessa natureza, o primeiro passo a dar, o mais logico e plausivel era cuidar preliminarmente de apurar bem qual o valor do conhecimento, qual a força da razão humana, até onde ia a sua capacidade de explicação. Antes de tudo tinha sido necessario examinar o instrumento mesmo com que determinavam violar o mysterio da existencia universal. E esse exame vestibular, essa obra gigantesca e immortal que subverteu de vez, irremissivamente, todo o racionalismo, todas as ontologias e metaphysicas, desde Platão até os nossos dias e provavelmente até o fim dos seculos, esse prodigio, havia-o realisado Emmanuel Kant, offerecendo ao mundo a sua “Critica da Razão Pura”. Pena era que o maravilhoso autor de tal milagre se houvesse sentido como que trasbordado pela vastidão de sua obra vindo a recahir, com a “Critica da Razão Pratica”, nas illusões pueris que acabára de destruir. Mas não importava. O gesto illuminador do espirito germanico ficára. E mais tarde Nietzsche levára-o ás suas ultimas consequencias. Desde logo patenteou-se a inanidade das metaphysicas. Era a propria razão que se declarava incapaz de mover-se na atmosphera rarefeita das especulações transcendentis. Deante desse golpe magistral que condemnava o espirito humano a não mais alimentar velleidades de fugir ao circulo do relatorio, seguir-se-ia declarar a vida e o universo invio-

laveis e recolher-se a gente a vegetar mesquinamente na treva irremediavel... A tamanha humilhação não se resignará, porém, o espirito allemão. Embora a sua veracidade, a sua extrema lealdade para consigo mesmo o impossibilitasse de vir a ser joguete cego de nova illusão, vingára arrancar das entranhas profundas da Vida todo um mundo de virtualidades incommensuraveis. Em face da barreira intransponivel, ao envez de se confessar vencido, levantára-se heroicamente contra a mudez das coisas e determinára — uma vez que a Natureza não tinha segredos para revelar, nem a vida, escôpo algum — inventar para si mesmo fins maravilhosos e crear todo um universo com a violencia e o esplendor dos seus desejos... Nietzsche fôra eminentemente allemão e d'ahi o seu amor á vida triumphal, o seu gosto á lucta, o seu horror invencível ás fraquezas e abdicções... Preferia por todas essas razões o Luciano ao Luz... O primeiro assumia attitude de vida, ao passo que o segundo tirava gloria da consciencia da propria fraqueza... Luctava ainda, porque a agonia tambem é um modo de viver, mas dava um espectáculo repugnante e abjecto, só comparavel ao *morituri te salutant* dos escravos de todos os tempos... Os ceares-natos, os senhores, os dominadores haviam de desejar inimigos dignos de provarem forças com os fortes, capazes de crear uma resistencia, de provocarem um esforço e de darem aos adversarios o sentimento do proprio valor, a sensação de que violentos obstaculos vão sendo removidos e superados..."

Era realmente curioso aquelle homenzarrão redondo e molle, tão loiro e inoffensivo, usar com delicia de imagens marciaes, como se acabasse de sahir de combate encarniçado. O cachimbo apagára-se e reentrára no estojo. As rodas do bonde trilavam numa curva, já na avenida Intendencia, hoje denominada Celso Garcia. O numero dos passageiros havia-se aos poucos reduzido. Eramos nós e mais dois sujeitos — um já em pé para saltar e outro a cabecear, meio adormecido, a um canto.

Aqui Strauss, com aspecto de quem ia fazer uma revelação estupenda, explicou-me, a modo de confidencia, que as nações haviam de se ir organisando á semelhança dos individuos, pois era uma lei da Vida constituir conjunctos harmoniços que, aperfeiçoando-se, viessem a obedecer a um *sensorium* unico. Assim a vida do vertebrado, por exemplo, era resultante das vidas individuais de todas as vertebraes e a consciencia de um ser animado provinha da consonancia de milhares de consciencias elementares... Do mesmo modo as nações podiam ser comparadas a celulas destinadas a agruparem-se em torno de uma força central e ordenadora. E não seria difficil conceber-se a formação lenta de uma futura consciencia da humanidade, formada do concerto de todas as consciencias de individuos, de cidades, de estados e nações, á maneira de um unico ser animado e divino... Então co-

meçaria realmente a idade de oiro do planeta Terra. Cessariam as guerras. Reinaria uma paz nobre e honrosa, não a paz dos fracos e humildes, senão uma paz resultante da hierarchisação das forças, a paz dos fortes e dos triumphadores...

— E a Allemanha será a consciencia ou *sensorium* unico, como diz o doutor, desse ser immenso que se vae formar? perguntel, disfarçando um sorriso que me queria aflorar aos labios.

— Assim o creio, respondeu Strauss bondosamente. Já houve quem lhe chamasse á Allemanha "a consciencia da Europa". Esperamos que o venha a ser da humanidade...

Mas o bonde approximava-se do ponto terminal. O homem que cabeceava de somno já havia sahido. Os dois ultimos passageiros, Strauss e eu, descemos então, suspendendo as golas dos sobretudos, que cahia uma garôa cada vez mais fria, mais penetrante e insupportavel...

\*  
\* \*

Dez annos são passados que vi pela ultima vez os meus tres amigos. O Luz daquelles tempos não existe mais. Foi para Goyaz, onde casou com a filha unica de um fazendeiro muito rico. Está um sertanejo acabado, não padece mais do figado e, segundo me affirmaram, é chefe politico de grande prestigio. Strauss zarpou para a Allemanha. Actualmente presta os seus serviços medicos ao exercito encarregado de fazer triumphar os idéaes que teve a bondade de me explicar. Quanto a Luciano, soube que, durante certo estado de sitio, no Rio de Janeiro, foi preso como agitador e exportado para longinquas e pestilentas paragens, donde tornou para morrer num hospital, isto ha cerca de dois ou tres annos.

Máo grado, porém, taes informações, allás recentes, estou convencido de que o unico que está realmente vivo é o meu forte e ingenuo Luciano. Anda elle agora disperso por todo o Brasil. E se é verdade que as idéas e aspirações são forças superiores ás demais forças, um dia virá em que o nosso Quixote, tão incomprehendido e ludibriado, terá convertido á sua loucura, não só os "illustres amigos" a quem se dirigia, senão todos os habitantes deste vasto paiz de oiro e esmeralda.

JOSE' ANTONIO NOGUEIRA.



# VOCABULARIO ANALOGICO

## III

### PEJORATIVOS

Advogado: chicaneiro, chicanista, leguleio, legulejo, pégas, rabula, rabulista.

Alfaiate: albardeiro, remendão, remendeiro.

Argentino ou platino: gringo.

Arvore: chaparro, garrancho.

Baile: arrasta-pé, bailarico, bate-chinela, can-can, chinfrim, chodó, dançarás, forró, forrobodó, salsifré, sarambeque.

Barbeiro: barbeirola, esfolaras, sarrafaçal.

Barriga: bandulho, barrigão, pança, panturra.

Cabeça: bestunto, cabeçorra, cachola.

Cabello: arapuá, caraminhola, carapinha, cupim, falripas, farripas, gadelhas, goforina, guedelha, grenha, melena, répa, trunfa.

Cachimbo: catimbau.

Café: escolha.

Caixeiro: marçano.

Calçado: abarca, chanca, chuzos, chuzes, patola, sapaterra, sapaterra, xorcas.

Cama: catre, enxerga, grabato.

Caminho: atalho, batida, brocotós, carreiro, picada, senda, tareco, travessio, trilha, trilho, vereda.

Cara: caramono, caranchona,

carantonha, carranca, focinho, fuças, lata.

Carne: badana, chamban, chambão, langanho, palhada, pellanga, muxiba.

Carpinteiro: rapa-tabuas, sarrafaçal.

Carro de bois: chiola.

Carruagem: calhambeque, carrimonia, tipola.

Casa: arapuça, arranchamento, arribana, cabana, cafua, cafurna, caritó, casalejo, casebre, casinhola, casiteu, casoto, chafurda, choça, choupana, cochicholo, cochicho, colmado, cortiço, cubiculo, curral, espelunca, mansarda, meia-agua, palhal, palheiro, palhoça, palhote, pardieiro, pocilga, quimbembe, rancho, tapera, tugurio.

Catholico: artólatra, catholcão, papista, romano, theóphago.

Cavalleiro: batisella, maturranço, maturrenço.

Cavallo: azemula, cangalheiro, catatau, catrapão, cavallicoque, cavallo de meirinho, eguado governo, matungo, murrão, pileca, pilungo, punga, rocinante, sendeiro, trotão.

Chapéu: caqueiro, casquete, chapelão, chapeleta, chapelete, chaspelete, quico.

Charuto: clarineta, quebra-queixo, trabuco.

Cidade: aldeia, aldeóla, logarejo.

Cirurgião: magarefe.

Comediante: cabotino.

Comida: chanfana, massamôrda, mistela, paparrotada.

Comerciante: adelo, belchior, bufarinheiro, chatim, especulador, ferro-velho, melchior, merca-tudo, tarega, traficante, trapeiro, zangam, zangano.

Crença: abusão, credulidade, crendeirice, credíce, fanatismo, preconceito, prejuizo, superstição.

Critico: critiqueiro, palmatoria do mundo, tesoura, zoilo.

Dentista: saca-molas.

Discurso: amphiguri, apontoado de rodilhas, aranzel, arenga, bestialogico, engrimanço, galimatias, lenga-lenga, manta de retalhos, nariz de cera.

Doença: macacôa, manha.

Drama: dramalhão.

Enxada: cacumbú.

Escriptor: escrevedor, escrevinhador, plagiario, rabiscador.

Espada: catana, catatau, chanfalhão, chanfalho, chanfana, chifarote, durindana, espadagão, fandango, farrancha, farrusca, ri-peira, tarrasca.

Espingarda: bacamarte, catarlau, pica-pau.

Faca: cacherim, caxerenguen-gue, cotó, quicó, xerengue.

Ferradura: canelo.

Frade: fradalhão, fradeco, fradegão, fradépio, masmarro.

Hotel: albergaria, albergue, estalagem, frege, frege-mosca, hospedaria, mosqueiro, tasca.

Inglez: bife, John Bull.

Italiano: carcamano, macar-rone.

Jogador: batoteiro, patinho, pato, patoteiro, pechote.

Jogo: batota, patota, trapaça, tribofe.

Jornal: corsario, jornaleco, papelejo, papeleta, papelucho, pasquim, pastelão.

Jornalista: foliculario, periodi-queiro, plumitivo.

Lan: churdo, churro.

Laranja: rabo de gato.

Lenço: lençalho, marotinho.

Letra: açangalhada, garabulha, garabulho, garafunho, garatuja, garavunhas, garrancho, gatafunho, gravunhas, gregotins, paparatos, rabiscas, rabiscos.

Linguagem: aravia, argot, algaravia, burundanga, calão, engrimanço, entelêchia, gerigonça, giria, jargão, palavracho, vasconço.

Lisbonense: alfacinha.

Livreiro: alfarrabista, caca-sebo, caga-sebo, sebo.

Livro: alfarrabio, bacamarte, cadeixo, calhamaço, cartapacio, livresco, livrorio, palheirão, rabe-co.

Mãe: madraستا, megera.

Mão: manzorra, manapula, manopla.

Medico: bento, benzedeiro, benzedor, carimbamba, charlata, charlatão, curandeiro, doutor da mula russa, jalapeiro, matasão, matasano, medicastro, mediquito, mezinheiro, raizeiro.

Mercadoria: alcaidê, canudo, eneravo, pinoia.

Mineiro, (natural de Minas Geraes): baeta.

Mulher: bruaca, bruxa, caiçara, calhamaço, camafeu, cangalho, canhão, carcassa, cascata, catatau, centopeia, cuca, coruja, dorna, jarreta, seresma, serpente, tartaruga, toupeira, urca, velhota.

Nariz: batata, beque, bicanca, bitacula, nariganga, narigão, narigueta, penca, pimentão, pône.

Navio: calhambeque, chaveco.

Noticia: balela, canard.

Official mechanico: albardeiro, aldravão, chamborreirão, sarrafaçal, verrumão.

Ouro: alchime, ouropel, pechisbeque, plaqué.

Padre: cabeça rapada, corôa, coroado, formigão, morcego, padreca, padreco, padre de requiem papa-hostias, rapado, raso, rou-peta, samarra, sotaina.

Patriota: chauvin, chauvinista, demagogo, jingo, jingoista, patrioteiro.

Pé: canastra, chanca, pata, patola, patonha, pesunho, prancha, toêsa.

Pelle: pelhancas, pelianga, pelharancas, pellanca, pés de galinha, ruga.

Pedreiro: trolha.

Pharmaceutico: boticario, pharmacopóla, punquista.

Pintor: borrador, caidor, marracho, pinta-monos.

Poeta: poetaço, poetastro, rimador, trovista, verzejador.

Político: politícote, politiqueiro, politiquete.

Portuense: tripeiro.

Portuguez: abacaxi, bicudo, carne-seca, emboaba, gallego, novato, pé de chumbo, portuga.

Povo: arraia, arraia miuda, canalha, escoria, escoria social, espuma, escumalha, gentaça, gentalha, gentioga, gentinha, patuléa, plebe, populaça, populacho, poviléu, povoléu, povo miudo, rale, relé, rolão, sarandalha, vulgacho, vulgo, zé-povinho, zé-povo.

Quadro ou tela: pastiche.

Rei: regulo, reizete.

Religioso: altareiro, beato, beatorro, beguino, capona, carola, fanatico, igrejeiro, papahostias, papa-missas, papa-santos, patamaz, rato de sacristia, rezadeiro, rezador, santarrão, tartufo.

Remedio: pungarécós, panacéa, tisana.

Roupa ou vestido: albarda, andrajo, burjaca, farrapo, frangalho, molambo, trapo.

Rua: beco, bitesga, congosta, quêlha, ruela, viella.

Sabio: pedante, sabichão, sabidorio, sabichoso.

Sacristão: escorropicha-galhetas, patachoca, sacrista.

Sapateiro: chuméco, remendão, remendeiro.

Soldado: bisonho, gallucho, recruta.

Tabua: casqueira, costaneira, falheiro.

Terreno: arneiro, baldio, carascal, catanduva, charabasca, charabasco, charabasqueira, charaviscal, charneca, chavascal, feltal, gandara, jardia, landa, pragal, rapador, rapadouro, safara, sapezal, sarandy, terréu.

Trastes: badanos, cacarecos, cacareus, cacos, cangalho, caraminguás, tarecos, xurumbambos.

Venda, tenda ou mercearia: baiuca, bitesga, bodega, boliche, chafarica, locanda, taberna, tasca, vendola.

Veterinario: alveitar.

Vinho: agua-pé, briol, cangica, carrascão, gesso, graxa, matoratos, morraça, mistela, timbó, vappa, vinagreta, vinhaça, vinheta, vinhoca, vinhote, zurrapa.

## RELAÇÃO ALPHABETICA

Abacaxi, alcunha depreciativa dada aos portuguezes no Rio de Janeiro. A. Taunay, Lexico de lacunas.

Albarca, calçado largo e mal feito.

Abusão, crença supersticiosa. Aulete considera esta palavra do genero masculino, e Figueiredo, do feminino.

Açangalhada, porção de rabis-cos ou gatafunhos. Fig. Dic.

Adelo, negociante de roupa e outros objectos, usados.

Aguapé, vinho muito fraco.

Albarda, roupa mal feita.

Albardeiro, mau alfaiate, mau official.

Albergaria, hospedaria sem conforto e de pouco asseio. Neste sentido usa-se tambem do termo **albergue**.

Alcaide, mercadoria de difficil venda. Com a mesma significação se emprega a palavra **encravo**, e como antonymo deste se usa o termo **cannela**.

Alchime, ouro falso, pechisbeque.

Aldeia, diz-se de uma cidade muito atrazada ou decadente.

Aldravão, mau operario ou mau official.

Alfacinha, alcunha que se dá aos naturaes de Lisboa, por gostarem muito de alface: "Que immenso contraste entre a lavadeira de fóra da terra, como nós dizemos, e a lavadeira **alfacinha**, toda ella prosa, toda ella encenrada, toda ella alvo da jurisdicção municipal". L. A. Palmeirina, Galeria de figuras, 25.

Alfarrabio, livro velho e de leitura aborrecida.

Alfabarrista, o que negocia em livros antigos.

Algaravia, aravia, linguagem confusa, que não se entende.

Altareiro, exageradamente religioso.

Alveitar, veterinario empirico.

Amphiguri, discurso sem sentido.

Andrajo, roupa esfarrapada.

Apontoado de rodilhas, composição disparatada: "O que chegam a expor, é um **apontoado de rodilhas** que ninguem os entende". Castilho, Colloquios Aldeãos, 36.

Aranzel, discurso ou escripto enfadonho e sem importancia.

Arapuá, (N. do Brazil), cabelleira emmaranhada. R. de Magalhães, Voc. Popular.

Arapuca, casa velha, esburacada, que ameaça ruina. Macedo Soares, Dicc. Brasileiro.

Arenga, discurso fastidioso.

Argot, termo francez usado em portuguez e significando calão.

Arneiro, terreno arenoso, esteril.

Arraia, as classes mais baixas da sociedade. Tambem se diz **arraia miuda**. Arranchamento, rancho, casebre, choça com todos os pertences rusticos, como curraes, etc. Romaguera, Voc. Sul Rio-Grandense.

Arrasta-pé, (bras.), baile sem importancia.

Arribana, choupana, caça de capim.

Artolatra, nome dado por zombaria aos catholicos. Ramiz Galvão, Vocabulario.

Atalho, caminho estreito e mais curto que a estrada commum.

Azemula, burro ou cavallo velho e cansado.

Bacamarte, espingarda de cano curto e largo; livro velho e volumoso.

Badana, a mais vil carne de açougue que ha; ovelha que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadouro. Garrett, Dona Branca, 267.

Badanos, trastes em mau estado de conservação. Bessa, Gíria Portugueza.

Baeta, mineiro, habitante de Minas Geraes. Vem das jaquetas de baeta com que se veste a gente dos campos. Macedo Soares, Dicc. Brasileiro.

Bailarico, baile popular; pequeno baile.

Baiuca, taberna pequena e suja.

Baldfo, terreno inculto.

Balela, noticia falsa.

Bandulho, pança, barriga grande.

Banzé, festa ruidosa, barulhenta.

Barbeirola, mau barbeiro.

Bas-bleu, designação depreciativa da mulher letrada, pretenciosa, pedante. Fig. Dicc.

Batata, nariz muito grosso.

Bate-chinela, (N. do Brazil), baile de gente ordinaria.

Batida, (bras.), caminho improvisado, no mato, pela passagem de carros.

Batisella, mau cavalleiro.

Batota, patota, jogo desleal.

Batoteiro, patoteiro, o que faz patotas.

Bazé, (N. do Brazil), fumo ruim.

Beato, religioso fingido. Ha o derivado **beatorro**.

Beco, rua estreita e curta.

Beguino, o mesmo que beato.

Belchior, vendedor de objectos velhos ou usados.

Beleguim, designação depreciativa do official de justiça.

- Bento, (Viseu), curandeiro. Gonçalves Vianna, Apostilas.
- Benedeiro, benzedor, aquelle que faz benzeduras para curar doencas.
- Beque, nariz grande.
- Bestialogico, discurso empo-lado, cheio de logares communs.
- Bestunto, cabeça de pouco juizo.
- Bicana, nariz grande.
- Bicudo, alcunha dada ao portu-guez na Amazonia. Rev. Acad. Brasileira, n. 3, 101.
- Bife, pessoa de nacionalidade ingleza, em sentido depreciati-vo.
- Bilhostre, depreciativo de es-trangeiro.
- Bisonho, soldado inexperiente.
- Bitacula, nariz grande; vendo-la, taberna ordinaria.
- Bitesga, rua pequena e estreita; vendola.
- Bodega, venda pouco aseada.
- Boliche, o mesmo que bodega.
- Borrador, mau pintor.
- Boticario, termo que ás vezes se usa como depreciativo de pharmaceutico.
- Brejeiro, cigarro barato, ordi-nario. Bessa, Giria.
- Briol, vinho ordinario.
- Brocotós, (bras.), estrada cheia de morros e de barrancos.
- Bruaca, (bras.), casaca ve-lha; mulher velha e feia.
- Bruxa, mulher idosa e feia.
- Bufarinheiro, vendedor de bu-gigangas.
- Burjaca, roupa mal feita.
- Burundanga, linguagem con-fusa.
- Cabana, pequena casa rustica.
- Cabeça rapada, pejorativo de padre: "Fôra o padre! até os ca-beças rapadas nos querem dis-putar o terreno!". J. Ribeiro, Crepusculo dos Deuses, 30.
- Cabecorra, cabeça grande.
- Cabotino, mau comediante.
- Cacareus, trastes velhos e de pouco valor. Usa-se geralmente a fórma cacarecos.
- Caca-sebo, o que negocia em livros usados. Tambem se diz ca-ga-sêbo ou simplesmente sêbo.
- Caçarrêta, (prov. alent.) ruim caçador.
- Cacherim, (bras.), faca velha ou usada.
- Cachola, (vulg.), cabeça.
- Cacos, trastes e louças estra-gadas.
- Cacumbú, (bras.), enxada ve-lha ou estragada.
- Cadeixo, (prov.), livro velho. Fig. Dicc.
- Cafúa, habitação pequena e improvisada, para trabalhado-res de estrada de ferro, etc.
- Cafurna, o mesmo que cafúa.
- Caiaador, mau pintor, borrador.
- Caicara, (bras. do N.), mulher velha e feia.
- Calão, linguagem especial dos gatunos e classes inferiores.
- Calhamaço, livro grande e usado; mulher velha.
- Calhambeque, navio ou barco arruinado; carruagem velha.
- Camafeu, velha feia. A. Bessa, Giria Port.
- Canalha, a classe mais baixa da sociedade.
- Canastra, (bras. de Minas), pé grande.
- Cancan, dança affectada, im-pudica. Fig. Dic.
- Cangalhê, objecto velho, fer-ramenta imprestavel. J. Ribeiro, Dicc. Gram., 261.
- Cangalheiro, cavallo que só-mente serve para carga, para cangalha. Em Macedo Soares, Dicc. Brasileiro: cavallo aiva, punga, de maus andares, canga-lheiro, mofino.
- Cangalho, pessoa velha, inu-til: "O Viegas, um cangalho de setenta invernos". M. de Assis, Braz Cubas, 192.
- Cangica, vinho que não pres-ta. Bessa, Giria.
- Canhão, mulher muito feia.
- Canelo, ferradura velha, ser-vida.
- Canudo, mercadoria pouco vendavel, alcalde. Bessa, Giria.
- Capôna, o mesmo que beato.
- Caqueiro, chapéu velho.
- Caraminguás, arreios velhos e de quasi nenhum valor; cousas ou objectos, moveis de pouco va-

lor. Romaguera, Voc. Rio-Grandense.

Caraminhola, o mesmo que gadelha.

Caranchona, (prov. trasm.), cara feia, carantonha. Fig. Dicc.

Caranguejola, armação de madeira pouco solida.

Carantonha, cara feia.

Carapinha, cabelo crespo, como o dos negros.

Carcamano, alcunha dada aos italianos.

Carcassa, mulher magra, velha e feia.

Carimbamba, o mesmo que curandeiro.

Caritó, (bras. do N.), casa pobre. Fig. Dicc.

Carne-secca, (bras.), depreciativo de portuguez.

Caroca, obra manual, artefacto de pouco trabalho e de pouco valor, principalmente obras de carpinteiro. Cortesão, Dicc. Addit.

Carola, religioso fingido ou exaltado.

Carranca, cara carregada ou de sobrancelhas cahidas, testa enrugada, que indica mau humor; cara feia. Aulete, Dicc.

Carrascal, mato ruim, baixo, sujo.

Carrascão, vinho ordinario, adulterado.

Carreiro, caminho estreito feito pela passagem de carros.

Carrimónia, carruagem velha ou ordinaria.

Cartapacio, livro grande e esmagado.

Casalejo, casa rustica e miseravel. Fig. Dicc.

Cascata, velha pretenciosa e feia.

Casebre, casa pequena ou arruinada.

Casitéu, casa pequena e ordinaria. Cortesão, Dicc.

Casoto, casa pequena e reles. Fig. Dicc.

Casqueira, tabua velha ou ruim. Vianna, Apostilas.

Casquete, chapéu velho.

Catana, pequena espada curva.

Catanduva, conforme Eucly-

des. Os sertões, 44: "E pouco mais especialisa quem anda, pelos dias claros, por aquelles descampados, entre arvores sem folhas e sem flores. Toda a flora, como em uma derrubada, se mistura em baralhamento indescriptivel. E' a caatanduva, matto doente, da etymologia indigena, dolorosamente cahida sobre o seu terrivel leito de espinhos!"

Catarlau, espingarda velha ou reles.

Catatau, pessoa velha e magra; animal grande e velho; espada ruim.

Catimbau, cachimbo ordinario.

Catrapão, (t. do Fundão), cavalgadura pesada, feia e de mau passo. Fig. Dicc.

Catre, leito pobre e tosco.

Cavallicoque, cavallinho de pouco valor.

Caxerenguengue, faca velha e ordinaria. Tambem se diz xerenguengue, conforme Romaguera, Voc. Sul Rio-grandense.

Caxixi, (bras. Norte), aguardente muito fraca. R. de Magalhães. Voc. Popular.

Ccntopeia, mulher feia, de aspecto repellente.

Chafarica, loja pequena, mal sortida.

Chafarda, casa immunda.

Chama-rita, musica ordinaria, especialmente nos Açores. Bessa, Gíria Port.

Chambão, chamban, carne de má qualidade.

Chamborreirão, (prov. alent.) official grosseiro, imperfeito no seu trabalho. Tambem se diz champorreirão.

Chanca, pé grande; calçado largo e mal feito.

Chanfalho, espada velha e sem córte.

Chanfana, comida mal feita; carne magra; chanfalho.

Chaparro, arvore pequena e tortuosa, chaparreiro.

Chapeleta, chapelete, depreciativo de chapéu.

Charabasca, terreno esteril. Ha as fórmas charabasco e charabasqueiro.

Charaviscal, o mesmo que **charabasca**.

Charlatão, medico empirico, sem diploma. Usa-se egualmente a fórma **charlata**.

Charneca, terreno inculto, em que sómente existem plantas rasteiras.

Chavascal, terra pouco productiva; taverna immunda.

Chaspelete, chapéo ordinario: "Chaspelete de palha já encardido". Azevedo Junior, Quadros, 53.

Chatim, commerciante pouco serio em seus negocios.

Chauvin, aquelle que tem sentimentos exaggerados e ridiculos de patriotismo e de guerra. Fig. Dicc.

Chauvinista, o mesmo que **chauvin**.

Chaveco, embarcação pequena e mal construida.

Chebê, toicinho baixo, ruim. J. Ribeiro, Dicc. Gram., 261.

Chicaneiro, advogado trapaceiro. Diz-se tambem **chicanista**.

Chinfrim, baile popular.

Chiola, (prov. trasm.), carro de bois, fraco ou prestes a desconjuntar-se. Fig. Dicc.

Chitêlha, chita de má qualidade.

Choça, cabana feita de ramos de arvores ou de capim.

Chodó, (bras.), namoro descarado; baile de gente ordinaria.

Choupana, casa rustica de madeira ou de ramos de arvores.

Chuços, ou chuizes, botas mal feitas. Bessa, Giria Port.

Chumeco, sapateiro remendão.

Churdo, ou churro, lan de inferior qualidade e baixo preço.

Clarinetta, charuto ordinario ou estragado.

Cochicho, casa pequena; chapéu velho.

Cochicholo, casa muito acaanhada.

Colmado, choupana, palhoça.

Congosta, rua estreita e comprida.

Coroado, pejorativo de padre. Diz-se tambem **corôa**: "Fôra o padre! Fôra o corôa!" J. Ribeiro, Crepusculo dos Deuses, 30.

Corsario, pasquim, jornal difamatorio.

Cortiço, (bras.), casa mal conservada, onde residem diferentes pessoas.

Coruja, mulher feia e velha.

Costaneira, a primeira ou a ultima tabua de um tronco serrado, mais estreita e menos perfeita do que as outras; papel grosso e ordinario.

Cotó, (bras. Sul), faca pequena e ordinaria. Romaguera, Voc. Sul-Rio-grandense.

Credulidade, crença simples, ingenua.

Crendice, crença absurda ou ridicula.

Crendeirice, o mesmo que **crendice**.

Critiqueiro, mau critico.

Cubiculo, casa pequena.

Cuca, mulher velha e feia.

Cupim, (bras. Norte), carapinha dos pretos. R. Magalhães, Voc. Pop.

Curandeiro, aquelle que trata de doencas sem ter conhecimentos de medicina.

Curral, casa immunda.

Dançarás, o mesmo que **baillarico**.

Demagogo, agitador que excita as paixões populares.

Dorna, mulher gordá e baixa.

Dramalhão, drama de pouco valor.

Durindana, espada grande, espadagão.

Duro-a-fogo, (bras. Norte), fumo de pessima qualidade.

Emboaba, (bras.), apelido dado aos portuguezes, no principio das Minas, por andarem de calças, equivalente a **pintos calçados**.

Engrimanço, discurso inintelligivel.

Entelêchia, linguagem difficil de entender.

Enxerga, cama grosseira.

Escolha, (bras.), café da peor qualidade.

Escoria, a parte mais baixa do povo. Tambem se diz **escoria social**.

Escorropicha-galhetos, depreciativo de sacristão.

Escrevedor, escrevinhador, mau escriptor.

Escrevedura, composição de pouco merecimento.

Escuma, povo baixo, escumalha.

Esfola-caras, mau barbeiro.

Especulador, negociante aventureiro, sem a devida seriedade em suas transações.

Espelunca, casa immunda; casa de jogo.

Estalagem, hotel de segunda ordem.

Estamenha, tecido ordinario de lan.

Falheiro, primeira tabua serrada de um tronco, que é sempre falho na face externa.

Falripas, ou farripas, cabelos ralos.

Falsete, voz fina e contrafeita, voz de pipia.

Fanatismo, religião exaggerada que leva a pessoa a actos censuraveis.

Fandango, dança alegre e mais ou menos licenciosa; espada velha, não inteira, reduzida a facção.

Farrancha, (prov. bair.), espada velha, chanfalho. Fig. Dicc.

Farrapo, roupa suja e rôta.

Farrusca, espada ferrugenta.

Feital, terra cansada. Rev. Acad. Bras., n. 2, pag. 394.

Ferro-velho, negociante de objectos usados.

Foliculario, periodiqueiro, autor de artigos diffamatorios.

Formigão, depreciativo de seminarista ou de padre.

Forrobodó, (bras.), baile de gente ordinaria. Diz-se tambem forró.

Fradepio, fradalhão, fradegão, frade pouco escrupuloso.

Frangalho, o mesmo que farrapo, trapo.

Frege, ou frege-mosca, (bras.) restaurante de infima ordem.

Frisa, tecido grosseiro de lan.

Gadêlha, ou guedelha, cabelo comprido e desgrenhado.

Gaforina, cabelo embaraçado, em desalinho.

Galimatias, discurso confuso, incomprehensivel.

Gallego, (bras.), alcunha dada ao portuguez.

Gallucho, soldado novo, bisonho.

Gandara, terreno arenoso, esteril.

Garatuja, letra mal feita, escripta pessima. São fórmãs equivalentes garabulha, garabulho, garafunha, garafunho, garavunhas, gravunhas.

Garrancho, arbusto tortuoso; o mesmo que garatuja: "Cujos garranchos, que não letras, por vezes se viu obrigado a encostar aos olhos para poder decifrar." Taunay, Innocencia, 152.

Garras, arreios velhos e grosseiros. Romagueza, Voc. Sul Rio-Grandense.

Garra, panno ordinario de algodão.

Gentalha, gentaça, genticinha, povo miudo, povo baixo.

Gentiaga, o mesmo que gentilha: "Era um borbórinho de gentiaga á roda delle que ninguém se entendia". Castilho, Colloquios, 277.

Geringonça, o mesmo que calão; obra mal feita.

Gesso, vinho ordinario. Bessa, Gíria Port.

Gíria, calão; linguagem peculiar aos que exercem uma mesma profissão.

Grabato, cama pequena e pobre.

Graxa, vinho ordinario. Bessa, Gíria.

Gregotins, garatuja, letras mal feitas.

Grenha, cabelo emmaranhado, não penteado.

Gringo, (bras.), alcunha dada aos naturaes da Republica Argentina.

Hospedaria, hotel de segunda ordem.

Igrejeiro, grande frequentador de igrejas, beato.

Jalapeiro, curandeiro: "Vem tarde, e muito tarde um Jalapeiro, quando o celtico humor no corpo é velho". A. de Macedo, os Burros, 44.

Jardía, (prov. alent.), o mesmo que charneca.

- Jargão, calão; giria; linguagem estropiada.
- Jarrêta, pessoa velha e ridicula.
- Jingo, patriota exagerado e ridiculo. Fig. Dic.
- Jingoista, o mesmo que **jingo**: "E' esta a politica chamada patriótica quando em sua fórmula benigna, e **jingoista** na sua fórmula exaltada". Oliveira Lima, Nos Estados Unidos, 406.
- Jornaleco, jornal sem importancia.
- Landa, charneca, terreno inculto.
- Landes, planícies paludosas e quasi inculdas, em França, Fig. Dic.
- Langanho, (bras. N.), carne magra; fragmento de carne dilacerada. R. Magalhães, Voc. Popular.
- Lata, (chulo), cara.
- Leguleio, chicaneiro, rabula. Tambem se diz **legulejo**.
- Lençalho, lenço grande e ordinario.
- Lenga-lenga, discurso enfadonho.
- Livreco, livro de pouco valor, livrorio.
- Locanda, o mesmo que baiuca.
- Logarejo, cidade ou logar pequeno, atrazado.
- Macacôa, doença sem importancia.
- Macarrone, alcunha de italiano. João Ribeiro, Livro de exercicios, 82.
- Madrasta, mãe desnaturada. "Assim como a negligencia é **madrasta** das virtudes, assim a diligencia é mãe de todas ellas". Heitor Pinto, Imagem, I, 4.
- Magarefe, cirurgião inhabil.
- Maleta, toureiro sem merito. Fig. Dic.
- Mamarracho, mau pintor.
- Manha, doença fingida.
- Mansarda, agua furtada; morada ordinaria.
- Manta de retalhos, discurso sem valor.
- Manzorra, mão grande e mal feita, manapula, manopla.
- Marçano, aprendiz de caixeiro, caixeiro da vassoura. Fig. Dic.
- Marotinho, lenço, ordinario.
- Masmarro, frade leigo, marufo; fradalhão.
- Massamôrda, comida mal feita.
- Mata-ratos, vinho ordinario.
- Matasano, ou matasanos, curandeiro. A Rev. da Acad. Bras. n. 2 de 1910, regista a fórmula **matazão**.
- Matungo, cavallo velho e quasi sem prestimo.
- Maturrango, (bras do S.), mau cavaleiro. Fig. dá tambem a fórmula **maturrenço**.
- Maturrão, besta velha e imprestavel.
- Medicastro, fórmula pejerativa de medico, mediquito.
- Megera, mulher de mau genio; mãe desnaturada.
- Meia-agua, "Quando entrou em casa uma **meia-agua** situada num recanto da larga praia branca". V. Varzea, Mares e Campos, 127.
- Melchior, o mesmo que belchior.
- Melena, cabelo desgrenhado.
- Merca-tudo, negociante de artigos usados.
- Mezinheiro, charlatão, curandeiro.
- Mistela, zurrapa; comida ou bebida desagradavel.
- Mocambo, (bras.), choça, em que os escravos se abrigavam, quando fugiam para o mato; (ext.) choça.
- Morraça, o mesmo que zurrapa.
- Mosqueiro, (bras. N.), hotel de infima ordem.
- Mulambo, (bras.), andrajo, farrapo, roupa velha ou rasgada.
- Muxiba, (bras.), pelle de carne magra.
- Narigão, nariz grande, mal feito.
- Nariz de cera, discurso cheio de logares communs, que só serve para encher o tempo.
- Novato, depreciativo de portuquez.

- Ouropel, ouro falso.
- Padreca, padreco, pejorativo de padre.
- Padre de requiem, padre ignorante. Anlete.
- Palavreado, conjunto de palavras sem importancia, palavrorio; logorréa, verborréa.
- Palhada, palavreado; carne ordinaria.
- Palhal, casa coberta de palha, palhoça, palhota, palhote, palhar.
- Palheiro, livro extenso e confuso.
- Palheiro, casa de habitação ordinaria.
- Palhiço. "Mas o grande jubileu, esse era celebrado pelos recantos da fazenda, nos palhiços dos escravos". C. Netto, Rei Negro, 153.
- Palmatoria do mundo, aquelle que tem por costume criticar tudo.
- Panacéa, remedio para todos os males.
- Pança, barriga grande.
- Panturra, o mesmo que pança.
- Papa-hostias, pessoa muito beata, papa-missas, papa-santos.
- Papa-ratos, garatujas, garafunhos.
- Paparrotada, alimento mal preparado.
- Papelejo, jornal sem importancia, papeleta, papelucho.
- Papista, depreciativo de catholico.
- Pardieiro, casa velha e suja, ou em ruinas.
- Pechote, mau jogador.
- Pasquim, jornal diffamador.
- Pastiche, obra ordinaria de pintura.
- Pata, pé grande.
- Patachoca, servente de sacristia.
- Patamaz, santarrão, beato.
- Pato, mau jogador. Tambem se diz patinho.
- Patola, pé muito grande; calçado mal feito.
- Patonha, pé muito grande.
- Patota, vide batota.
- Patuléa, povo miudo, plebe.
- Pechisbeque, ouro falso, ouro-pel.
- Pé de chumbo, (bras.), designação depreciativa dos portuguezes: "O pé de chumbo não queria saber de conselhos". V. Varzea, Nas Ondas, 3.
- Pêgas, advogado rabula.
- Pellanga, pelle molle e cahida; carne magra. Ha as fórmãs **pellhancas**, **pelharancas**, **pellanca**, **pellangana**.
- Penca, nariz grande.
- Pezunho, pé grande e mal feito.
- Pharmacopóla, pejorativo de pharmaceutico.
- Picada, "Sem difficuldade acnou a entrada da **picada** que levava á morada do Pereira". Tau-nay, Innocencia, 114.
- Pica-fumo, lavrador pobre.
- Pica-pau, (bras.), espingarda antiquada de carregar pela boca.
- Pileca, cavallo pequeno e ruim.
- Pilungo, (bras. do S.), cavallo ruim, sem prestimo.
- Pinoia, mercadoria ordinaria, mau negocio. Em Lisboa exprime o contrario.
- Pinta-monos, mau pintor, borrador.
- Pinta-ratos, o mesmo que **pinta-monos**. "Este **pinta-ratos** em materia juridica". Ruy Barbosa, Esfolia da calumnia, XXIX.
- Plagiario, aquelle que apresenta como seu o que pertence a outros escriptores.
- Plaquê, metal imitando ouro.
- Plebe, povo baixo, ultima camada da sociedade.
- Plumitivo, depreciativo de jornalista. Fig. Dicc.
- Pocilga, casa immunda.
- Potaço, mau poeta, poetastro.
- Pona, nariz achatado.
- Populacho, populaça, o mesmo que plebe.
- Portuga, pejorativo de portuguez.
- Povileu, povoleu, o mesmo que plebe.
- Preconcelto, superstição, prejuizo, crendice.
- Punga, cavallo ordinario, de maus andares.
- Pungarécós, (bras.), drogas de charlatão.

- Punguista, (bras.), pharmaceutico charlatão, sem diploma.  
Quebra-queixo, charuto ordinario.
- Quêlha, rua estreita.  
Quicé, faca em mau estado.  
Quico, chapéu muito pequeno e ridiculo.
- Quimbembe, (bras. N.), habitação pobre; cabana.  
Rabeco, livro inutil.  
Rabiscador, escriptor mediocre, escrevinhador.  
Rabisco, letra mal feita, rabisca.
- Rabo de gato, (bras.), laranja de má qualidade; cavallo, que não é de raça.  
Rabula, advogado sem diploma, ou que é chicaneiro.  
Ralé, ou relé, camada mais baixa da sociedade.  
Raizeiro, (bras.), curandeiro que trata por meio de raizes.  
Rancho (bras. S.), cabana, casebre feito de pau a pique e coberto de folhas. K. maguera, Voc. Sul Rio-Grandense.  
Rapado, depreciativo de padre.  
"Em que a ti te hei-de metter, meu rapado,  
Descarado,  
A comer  
Um presunto  
Com seu unto  
Apesar de São Mafona,  
E do velho lá de Roma".  
Al. Herc., O Bobo, 68.  
Rapador, ou rapadouro, pasto ruim e estragado.  
Rapa-tabuas, carpinteiro ordinario.  
Raso, pejorativo de padre ou de frade.  
Rato de sacristia, o mesmo que carola ou beato.  
Recruta, soldado novo, que ainda não sabe exercicios militares.  
Reizete, rei pouco importante, regulo.  
Remendão, remendeiro, alfaiate, sapateiro ou outro official inhabil.  
Répa, cabelo ralo.  
Rezador, rezadeiro, beato.  
Rimador, mau poeta, versejador.
- Ripeira, espada velha.  
Rocim, cavallo pequeno e fraco.  
Rocinante, nome do cavallo de D. Quixote, cavallo fraco.  
Rolão, gente ordinaria, populacho. Fig. Dicc.  
Romano, nome dado por desprezo aos catholicos.  
Roupetta, depreciativo de padre.  
Ruela, rua pequena ou estreita.  
Sabichão, diz-se ironicamente de quem sabe muito, sabidorio, sabichoso.  
Saca-molas, mau dentista.  
Sachrista, synonymo vulgar de sacristão.  
Safara, terreno esteril.  
Salsifré, ballarico, baile ordinario.  
Samarra, padre, em sentido depreciativo.  
Santarrão, beato hypocrita.  
Sapatorra, ou saporro, sapato grosseiro e mal feito.  
Sarandalha, gente ordinaria, plebe.  
Sarandy, terra maninha, improductiva.  
Sarrafçal, mau barbelro; official imperito.  
Senda, caminho estreito.  
Sendeiro, cavallo velho ou ruim.  
Seresma, mulher imprestavel; mulher velha e feia.  
Serpente, pessoa má; mulher velha e feia.  
Sol-e-dó, banda de music ordinaria.  
Sotaina, depreciativo de padre.  
Superstição, crença falsa e ridicula.  
Taberna, ou taverna, venda ordinaria.  
Tapera, (bras.), casa abandonada e quasi sempre em ruinas.  
Tareco, (bras. de Minas), caminho mau.  
Tarecos, trastes velhos e de pouco valor.  
Tarega, negociante de trastes usados.  
Tarrasca, (prov. beir), espa-

da velha, durindana, chanfalho.  
Fig. Dicc.

Tartaruga, mulher feia e velha.

Tartufo, hypocrita; religioso falso.

Tasca, o mesmo que taberna.

Terréu, terreno safaro.

Theophago, epitheto injurioso dado aos catholicos.

Tibira, mau tirador de leite; vacca que dá pouco leite. R. de Magalhães, Voc. Popular.

Tipóia, carruagem velha ou estragada.

Toêsa, pé grande.

Toupeira, pessoa estúpida; mulher velha mal vestida.

Trabuco, charuto ordinario.

Traficante, negociante fraudulento.

Tratante, mau pagador, velhaco.

Trapeiro, negociante de trapos.

Trapo, pedaço de panno velho ou usado; roupa velha ou estragada.

Travessão, (bras.), o mesmo que atalho.

Tribofe, trapaça em corridas de cavallos.

Trilho, caminho estreito, trilha.

Tripeiro, (deprec.), habitante da cidade do Porto, portuense.

Trólha, pedreiro ordinario; servente de pedreiro.

Trotão, cavallo ruim, que sómente trota.

Trovista, mau poeta, versejador.

Trunfa, cabello em desalinho.

Tugurio, choupana, cabana.

Urca, mulher gorda e feia.

Vappa, (des.), vinho fraco; zurrapa.

Vasconço, linguagem quasi incomprehensivel.

Velhote, velho, em sentido burlesco; velhusco, velhustro, velhaças, velhão.

Vendola, venda pequena e ordinaria.

Verbos. Além dos verbos pejorativos, derivados de outros verbos, como **escrevinhar**, de escrever, **pedinchar**, de pedir, ha uma

classe interessante, conforme os seguintes exemplos: — **albardar**, **aldravar**, **alinhar**, **chavascar**, **escorchar**, isto é, fazer mal, imperfeitamente, (qualquer serviço); **atabalhoar**, executar ou falar com precipitação, inconsideradamente; **chanfalhar**, tocar desafinadamente; **pinturilar**, pintar sem arte; **atamancar** uma obra, fazel-a mal feita; **esgaratujar** uma novella, escrevel-a sem cuidado; **petiscar**, conhecer superficialmente; **gaguejar** algumas desculpas, etc.

"O primo vae ao piano e arranha um fado". G. Lobato, Comedia de Lisboa, 202.

"Engorolava o latim da misa comendo periodos de afogadilho, dando syllabadas extraordinarias". C. Branco, A Corja, 138.

A mulher, falando ao homem, **estropiava** o portuguez de uma maneira horrivel". Alencar, Sonhos d'ouro, I, 25.

"Valsinhas e operazinhas que eu martellava". Alberto Costa, Livro do Doutor Assis, 10.

Vereda, caminho estreito, trilho.

Verrumão, operario inhabil, especialmente nos Açores.

Versejador, mau poeta, poetastro.

Vuela, rua estreita.

Vinagreta, vinho azedo.

Vinhaça, vinho ordinario, vinhoca.

Vinhete, vinho fraco, vinhote.

Vozeirão, voz muito grossa e forte, vozeiro.

Vulgacho, vulgo, plebe.

Xorcas, (prov.), sapatos grandes, acalcanhados e mal feitos. Fig. Dicc.

Xurumbambos, (bras.), trastes velhos e sem valor.

Zangano, o mesmo que adelo ou bufarinheiro.

Zé-povo, zé-povinho, povo miúdo.

Zollo, (nome de um critico de Homero), critico maligno, invejoso.

Zurrapa, vinho ordinario.

Firmino Costa.

---

---

# PAGINAS ESQUECIDAS

---

## EÇA DE QUEIROZ

Duma irmandade tuberculosa, que se foi indo, mais ou menos elegantemente, para as bolorencias do sepulchro, Eça de Queiroz tem sido, depois de uma irmã que resta ainda, a mais resistente vergonhea da familia que o magistrado Queiroz creou entre os exemplos da sua proverbial e austera probidade. Conheci-lhe dois irmãos, (1) Alberto e Carlos, dum dos quaes fui camarada de escola e companheiro d'esturdia, em annos juvenis, e que com seus ditos mordentes, sua viveza macabra, suas fallas litteratigas, seu janotismo inglez pretencioso, dir-se-iam socialmente encarregues de vulgarisar pelo mundo edições baratas do irmão José Maria, o grande homem da familia, nas duas phases de bohemia artistica anteriores á sagração que lhe veio do **Padre Amaro**.

Eça de Queiroz foi sempre uma organisação debilitada, um poste d'osso suspendendo fios electricos de nervos, este predominio nevrotico explicando as sensibilidades d'estheta que lhe fizeram na vida litteraria o temperamento intenso de humorista, assim como na material em coisas de mesa, vestuario, amor, arte e conforto, um desses typos d'aristo, cuja degenerescencia recorda, pelas predilecções sensuaes, scepticismo delicado, inconstancia do dilettantismo, raridades frustes d'elegancia, o que trazem as chronicas sobre certos principes perversos da Renascença.

Quem via a sua cara chupada, verde terra, o seu bigode sem força, as temporas deprimidas, a bocca murcha, de sorriso rugo-

---

(1) Destes rapazes até o mais novo, Carlos, ainda em plena posse da saude, estando a familia de nojo pela morte d'Alberto, lhe aconteceu vir uma vespera de Santo Antonio á janella do quarto andar do Rocio, onde moravam. Era deshoras: na praça, grande assoisse de gente, em descantes e dansas populares: e o moço, a conversar com uma das visitas á varanda, dizia lastimando a horrivel tara que lhe carreára os irmãos p'ra sepultura — "qual de nós será que váe agora?" Inda não disséra estas palavras, torna uma voz da rua — "agora, és tu". Carlos Queiroz nunca mais pôde esquecer o vaticinio, que effectivamente se cumpriu, mezes depois, fallecendo aquelle de febre galopante.

so, e como conjugando os beijos para uma especie de beijo vicioso — quem olhava essa figura de fadiga, marrêca de cansaço, bambaleante no ramerrão arhythmico dos passos — esses olhos de esclerosis enxundiacea, sem viço, em que toda a **verve** parecia vibrar na quasi continua circumflexão das sobranceiras, essa elegancia de cabide, onde, pelo escanzelamento da figura, as sobrecasacas nunca cingiam, e as calças fluctuavam sem lhe cairem bem nas tibias de cegonha, mal diria que naquella apparente morte da vontade, sob tão valetudinarias quebreiras, estivesse um dos mais altos sensationistas do Portugal contemporaneo, um espirito de facetas, refrangendo a civilisação por paradoxos, um satanaz emfim, varrido da mocidade, absorto na idéa suprema de belleza, e morrendo, positivamente morrendo, como todos os artistas, de habitar, com aquella alma apollinea, esse desmantelado corpo de fante!

A sua agonia era já longa, datava de quatro ou cinco annos, quando a tuberculose hereditaria se lhe fixou na fórma mesenterica, e mais prosaica para um **dandy** amoroso da graça poetica, e a que mais offensivamente devia contundir os seus pudores de gentilhomem. Com intervallos pequenos de melhora, viveu todo esse tempo em supplicios de digestões intestinaes, mal ultimadas, febriculas nocturnas, irritações, suores, extenuantes insomnias, todos os rebates dum esperecer gradual de seivas e energias, de cuja noite abysmal, a certas horas, a face verde terra e o olhar encinzeirado traíam o mortal presentimento.

Pela complexa tempera d'escriptor, pelo mundanismo da vida e das viagens, Eça de Queiroz é um caso de cosmopolitismo, raro bastante, senão unico, na litteratura portugueza, e como tal o havemos de julgar, longe e bem longe da disparatada apotheose dos encomios bombasticos, das farofias exhibitivas d'alguns jornalistas inconscios da justiça e rebeldes ao criterio do **justo meio**. Em 1878, escrevia elle, na **Renascença**, em artigo a respeito de Ramalho: "Ha quasi doze annos, appareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte d'acolá, uma extraordinaria geração, educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Rêvolução e para a Rêvolução... "Esta geração nascera, toda a gente o sabe, da bestificação em que caíra, por mingua de creadores originaes, a litteratura portugueza, reduzida a traducções de poetas latinos e á immundicie do elogio mutuo, causas longinquas da dissidencia coimbrã contra o pontificado de Castilho, codificada principalmente no pamphleto d'Anthero, **Bom senso e bom gosto**; e tomára fóros de grupo dirigente, no **Cenaculo**, especie de bohemia artistica formada em Lisbôa pelos insurrectos de Coimbra, já bachareis e sem emprego, de roda aos deslumbramentos do cavaco d'Anthero, cujo mysticismo metaphysico fazia d'elle uma especie de genio perturbante, illuminado, ajuntando-se-lhes outros de proveniencia vária,

de rustilhão com alguns janotas simplesmente interessados de fistar, pela evidencia, modo de vida ou casamento. Não posso mesmo afirmar que o **Cenaculo** tenha tido existencia de sociedade litteraria ou centro de cavaco regular; por ventura, a palavra não passaria dum modo de designar, na litteratura nova dentre 1866 e 1872, o grupo preponderante, vivendo em communiidade de patuscadas e de idéas, e celebrando polemicas e conferencias um pouco ao acaso dos encontros, nalguma esquina celebre, num botequim nocturno, em casa dum, em casa doutro... O certo foi que deste grupo saíram, por suggestões do espirito organisador de José Fontana, as chamadas conferencias democraticas do Casino, de que se fizeram poucas, por o duque d'Avilla as ter mandado cessar quando se ia discutir materia religiosa, e que, a proseguirem, teriam feito nos cerebraes uma renovação mais rapida d'idéas a avançar de muitos annos o ramerrão philosophico e artistico da terra.

As conferencias do Casino fôram, como mais tarde as duas reuniões preparatorias do **Grupo Republicano de Estudos Sociaes**, o rebate duma consciencia nova, formulando na morrinha nacional, sédes d'ar puro; a rotina governativa, sempre acanhada de andar por mãos de caixeirólas politicos, asphixiou-as á nascença, o que nem foi preciso fazer aos vagidos do Grupo, circumscriptos á divulgação dum programma curto d'estudos, que ninguem inaugurou, de sorte ao Grupo morrer bem antes de ter nascido, no meio das chufas da pulhastraria da imprensa e da má lingua, sempre irritadas pelo advento de qualquer idéa intelligente.

A conferencia d'Eça de Queiroz chamava-se **Realismo na arte**; ahi se punha a theoria de Proudhón, modificada, talvez, no criterio do artista pela resplandecente idéalidade esparsa da **Comedia Humana** e dos romances de Stendhal e Flaubert. Assim como, quem historiar, na litteratura portugueza, a renovação romantica, tem de deter Garret, Castilho e o illustre Herculano, como avocadores desse periodo à la fois très arbitraire e très exalté, surtout sublime... diz Bourget, trazido por elles da emigração e das leituras, com a sua necessidade de sensações intensas, a nostalgia das grandezas, das decorações sumpuosas, do exotismo huguesco e byroniano, dos typos excepcionaes e das fortes seivas phisicas, focadas pela selecção das guerras napoleonicas — assim, quem entre nós disser do realismo, recordará por seu turno o grupo do **Cenaculo**, como aquelle de cujas assimilações litterarias e criticas brotou a, poderemos dizer, moderna e ultima renovação das letras patrias, emquanto se não definir outra que normalmente possa derogal-a. Nesta sorte d'êmeute intellectiva punha-se a urgencia d'alliar a philosophia á poesia, que, deixada ao subjectivismo metaphysico, ia forçosamente resvalar num pessimismo mystico e idiota — reclamava-se uma philosophia inspiradora, indispensavel a toda a concepção esthetica, e disciplina critica que, applicada á historia,

á philologia, ás tradições, aos costumes, aos idéaes e ás tendencias, engatassem Portugal ao formidavel comboio da Europa activa, "evitando, diz Theophilo, a especialisação que amesquinha as intelligencias ou a dispersão incoherente dos estudos, que leva á banalidade acobertada com o verniz do estylo". Referindo-se á gente do **Cenaculo**, dizia Eça de Queiroz, no artigo da **Renascença**, já citado: "esta geração tem o aspecto de ter falhado". Falhar, nem toda. E' mesmo das borregadas litterarias que mór numero de trabalhadores tem produzido — veja-se a obra d'Oliveira Martins e de Theophilo, de João de Deus, Eça e Ramalho, alguns livros d'Anselmo d'Andrade, os profundos sonetos d'Anthero, e coisas dispersas mais, obra minuscula que não vem agora destrinçar.

Eça de Queiroz, bacharelado com o seu **R** de cabula mergulhador e jogador de porta, d'inquilino chronico da **coelheira**, facilmente accitou, á volta de Coimbra, (como ainda não fôsse celebre e nem sequer rico nascesse) umas destas dobradiças que a politica tem sempre ao dispor das vadiagens que promettem. Desde a saída das aulas e a vinda para a casa dos paes, uma pouca murcha, visto não abundar o dinheiro, e elle sentir, nitidamente, no conflicto da vida, a irrisão da carta de bacharel — desde a saída das aulas que começára a mostrar, na **Gazeta de Portugal**, primicia dum estranho amojo d'arte, manando em preciosas paginas poeticas. Quem fôr ler esses bocados errabundos, dum estylo fluido, franquez, voltando em **boutades**, e todo cheio de maravilhosas azas que o baloçam, a elle — humorismos, payzagens, historias phantasticas, visões onde o romantismo francez e o humorismo inglez se dão o braço, onde João Paulo surge entre Carlyle e Michelet — coisas de sonho, coisas de humor, coisas de tédio, em que peróra o bacharel foragido da magistratura pelo **R**, e se allucina o cerebro do antigo leitor de Quincey e de Poe, para logo diagnostica um temperamento acido d'estheta desdenhoso, de narrador estudando as trivialidades da vida á luz duma especie de logica sardonica de doido, e na parte biographal o preparo lento, antigo, que desde Coimbra elle secretamente cumulava, para surgir em publico, escriptor feito. Tentou minal-o, disse, a camarilha partidaria.

Redactor de um jornal politico em Evora, em que julgo collaborou depois João de Deus; administrador de concelho em Leiria por alguns mezes, ahí soffreu directamente a quietação deletéria da provincia, onde, sob artificios de hospitalidade e bonhomia, os fermentos da velhacaria humana misanthropisam cedo as almas delicadas, pois lá a perversidade lorpa tem um rechaço grosseiro que os bons ruraes não sabem mascarar sob esses **abat-jours** de côr ironica ou graciosa que a civilisação lhe põe para fazer suportavel ás pupillas doidas e sensibilidades estancadas. Em Evora, veria elle o fundo de intriga padresca que no **Padre Amaro** move, de roda da igreja de Leiria, onde até figuras, como as Gançosos,

o Libaninho e o sr. Chantre, algumas com os seus nomes, são recordações pessoasas da sua fastidiosa vida de jornalista trastagano.

De administrador de concelho em Leiria, onde um namoro com mulher casada lhe deu, por algum tempo, o papel, um pouco almasso, que tem mr. Léon, na **Bovary**, Eça de Queiroz passou para as esquinas da Havaneza, a fazer concurso de consul, derreado pelo nihilismo bestificante do campo, e a irritação d'orgulho causada pelo meio bossal daquelle burgo d'agricolas, onde as suas preocupações de traje passavam por toleima, e a terrível, posta refreada, ironia do seu labio, chamava o odio das victimas a uma conspiração de calumnia sempre alerta. A' entrada em Lisboa, trazia começado o seu romance **Crime do Padre Amaro**, que viu luz na **Revista Occidental**, em 75, numa versão com todos os mordidos da moldagem primitiva, esses barbarismos pictorescos, duma sensibilidade hiper-aguda, tropeçando em obtusidades de prosa inexperiente, esses néologismos de fórmula gravativa que um novo encontra para enquadrar a idéa, fresca, a escorrer vida, nos instantaneos da expressão — e que para os artistas, como peça de processo, é a mais bella das tres fórmulas que Eça de Queiroz deu ao romance, nas successivas edições em que appareceu.

A idéa do **Padre Amaro** viéra-lhe em Coimbra, estudante, servindo, como disse, os desterros provinciaes para o proverem de notas, detalhes, typos com que vestir a acção e povoar o quadro de figuras. Longo tempo, o manuscripto andou pelas gavetas e malas de viagem, hibernado, trabalhado pelo escriptor na angustia do segredo, cerzido e acrescentado no meio das folhas de gestão que faz o cerebro dos nervosos, alternativamente estúpido e vidente, segundo a aura em que a columna atmospherica, a humidade do ar, o repouso da noite, a digestão e os ventos dominantes lhe modalisaram o espirito doente: e já o **Senhor Diabo** e as **Singularidades duma rapariga loira**, a primeira narrativa realista escripta em portuguez, tinham vindo, com o seu estylo desarticulado, kodakizado do real, cheio de ironia aguda e lyrismo pessimista, espavorir a chapa rotineira das artes d'escrever em Portugal, a ponto do proprio Herculano repulsar o bocado como "uma traducção peor de francez pessimo", o que bem mostra o abyssmo que, tão perto ainda, separava já as duas epochas.

Com a permanencia de Queiroz em Lisboa, a aguardar a nomeação de consul, promettida, resultou a collaboração das **Farpas**, com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brasil, voga notavel, e foi moda seguir como evangelho de **dandysmo** e **bel esprit**. Essa collaboração se cha hoje em separata de volume, appensa á edição nova das **Farpas**, sob o titulo d'**Uma companha alegre**, me parece, e ahi se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da **Gazeta de Portugal** prenunciavam: uma juvenil desenvoltura, a phantasia escandinava, ultra-poetica, um esylo de nervos e

d'esgares, uma verve de paradoxos e contrastes; sómente a mão do escriptor é mais feita, e ganha justeza a fôrma, brunhindo-se de flexuosidades d'aço e d'oiro fino.

Em 1872, ficaram as **Farpas** exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciára uma especie de phase scientifica, apregoada por Theophilo como inspiração "da forte disciplina mental recebida no curso de Philosophia Positiva, de Augusto Comte" — patacoada de mestre demasiado baboso pelo alumno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do pamphleto celebre, que não podia fazer pensar os antigos fieis, com biologices e sociologices da bibliotheca de dois sous, e por outro lado perdera a graça, o **dandysmo**, o riso, o encanto litterario, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

E' tambem deste periodo (1870) o romance epistolar **Mystério da Estrada de Cintra**, que os dois amigos escreveram para o folhetim do **Diario de Noticias**, barulhada emocional, escripta sobre o joelho, mas desgrenhadamente brava e antonyesca, com os seus lances patheticos, seus quintos actos candentes, sua condessa loira, seu cadaver d'inglez num cuté mysterioso, seus mascarados fidalgos, sua hespanhola ao mar, seu corsario correndo a plenas vélas, que fez bater o coração de muita gente, e é o ultimo adeus, ironico embora sob as lagrimas, do romantismo congenito dos autores — romantismo de herdança e encerebração inconsciente, apesar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalista — e que em Eça de Queiroz, ainda ultimamente, na fabulisação dramatica dos **Maias**, mostrava o topoete grisalho familiar, **ga-ga**, como quem diz: "hei de morrer na casa só por teima..." Ahi por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado consul para a Havana, e, dessa epocha até a morte, (isto é, durante os vinte e sete annos mais fecundos e melhores de sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, tres, quatro mezes, o maximo, separadas por tres e quatro annos d'ausencia, e na mais completa desatenção pelas transformações radicaes que, durante esse tempo, a sociedade portugueza ia soffrendo. Essas vindas á patria, passava-as Eça de Queiroz em Lisboa, num quarto andar do Rocio, ou, depois de casado, no Porto, a dormir de dia, almoçando á noitinha, e a sahir, só quasi depois do lusco-fusco, á palestra com velhas relações, ou nos restaurantes, com admiradores, de quem elle se deixava cordialmente approximar, despresando-os com a elegancia mais polida, até que a manhã clareava os vidros dando de mão á comedia litteraria.

A este periodo de vinte e sete annos, fóra de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de mór folego, como o **Crime do Padre Amaro**, o **Primo Bazilio**, o **Mandarim a Reliquia**, as **Cartas de Fradique Mendes**, os prefacios do **Almanack Encyclopedico**, a **Illustre Casa de Ramires** e alguns escriptos mais que se diz dei-



xou inéditos (2). Escorrida a summula do que antigas e aturadas leituras daquelles livros me permitem pensar sobre o seu merito, concisamente direi de cada qual só o bastante á illucidação do meu juizo geral sobre a gloria do escriptor, sua categoria hierarchica na serie, e do seu papel na epocha em que veio. E' a maneira de, com o espirito de justiça que me guia, a penna se me não tresviar pelo meio das ballelas parvas dos jornaes, e dos que me lerem sentirem o quanto a minha imparcial razão pede equidade: para os mortos, retirando a uns o exaggero de gloria que outros, maiores, desconhecera — mais perto do nosso coração e na nossa raça — á hora de morrer tragicamente.

**Crime do Padre Amaro** pôde chamar-se, em romance, a obra capital do romancista, que, tendo podido estudar o thema em pleno fôco de beaterio nacional, enquadral-o em fundos nossos, fez por esse factio, uma obra integra, a que, todavia, faltam o realce duma intensa psychologia, dum estylo feito e duma linguagem escrupulosamente castiça e portugueza. A Oliveira Martins, cujo senso critico, em obras de imaginação, não valia grande coisa, ouvi, todavia, dizer, lucidamente, que "era este o unico romance que Eça de Queiroz trouxera no ventre, e tudo mais eram trabalhos de humorista". **Primo Bazilio** é um caso de adulterio num meio de pequena burguezia. No artigo sobre Ramalho, (**Renaissance**) leio os seguintes periodos: "seria, diz Eça, um romancista extraordinario, si fosse psychologo como é desenhista e tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitude caracterisante".

"Uma obra admiravel que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da epocha, á **Pickwick**, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o comico contemporaneo".

Coisa interessante vem a ser que, neste projecto d'obra jocosa, alvitrado ao amigo, melhor, muito melhor do que idéa complexa de romance, se pôdem catalogar o **Primo Bazilio**, os **Malas**, e as molduras comicas do **Mandarim** e da **Reliquia**, que são, antes, humo-

(2) Nasceu na Povia de Varzim em 1846; formado em direito em 1867. Publicou na **Gazeta de Portugal**, entre outros contos, o **Milhafré**, **Memorias de uma forcea**, o **Senhor Diabo**, etc., e na **Revolução de Setembro**, a **Morte de Jesus**, que Junqueiro diz ter paginas deslumbrantes.

O **Crime do Padre Amaro**, que dissemos ter sido alinhavado e notulado durante os annos de Coimbra, Evora e Leiria, e inserto na **Revista Occidental** em 1875, conta a primeira edição de livro, ou definitiva, em 1878-79, e em 1880 a segunda, ou inteiramente refundida e recomposta. O **Primo Bazilio** teve a primeira edição em 1878; o **Mandarim**, em 1880; a **Reliquia** em...; **Os Malas** em 1888. **As Cartas de Fradique Mendes** appareceram, com biographia, na **Revista de Portugal**, em 1889-90. Os prefacios do **Almanack Encyclopedico** pertencem a 1896-97, e emfim, a **Illustre Casa de Ramires** acha-se incompletamente publicada na **Revista Moderna**, de Pariz, 1898-99, por ter cessado a publicação desse jornal. Não ha, até o presente, outras publicações em livro, do escriptor.

radas crueis de diabo côxo, judiarias de picaro em licença de vinho iconoclasta, irmãs gemeas das caricaturas de Bordallo, do que propriamente sustancias dramaticas autopsiadas sobre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da força viril, do instincto amoroso, da consciencia critica e da acção.

Sobre os **Malas**, juizo identico ao de **Bazilio**: uma galeria estranha de grotescos, **retratos-charge**, ligados por um fio de melodrama inverosimil, que dir-se-ia visto em certos actos internacionaes de peças de Sardou (3).

A mais completa ausencia de vida interior nos personagens que quasi todos falam, procedem, pensam, segundo alguma falha moral d'irresponsaveis, com a vida da ironia litteraria do autor, e a força de negação que nos faz agradecer a Deus, a providencia de nunca a sua obra poder vir a tornar-se popular.

Não conheço da **Casa Ramires** senão bocados da **Revista Moderna**, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gavete e restos de pachorra prosante, com assignaladas asthmas d'entrecho e bastantes rugas de precoce antiguidade. Porque Eça de Queiroz o reviu, e dizem que refez, resalvo juizo ingrato, esperando que uma edição livresca m'o esclareça a toda a luz.

Do **Mandarin** e da **Reliquia**, que dizer? Em ambos a narrativa phantastica são duma moldura trocista de casa de hospedes e coio de beatos, repisada do serão da S. Joaneira do **Padre Amaro**, (o tal romance que Eça de Queiroz tinha no ventre) e até com typos identicos que mal dispõem o leitor, com suas grossas mordacidades e garotadas d'escolar, a suggerir-se o crepusculo d'assombro sob que deve ser recebido, num, a corrida macabra por Pekin; no outro, o sonho historico da Judéa de Antipas Herodes e Jesus Christo.

Dada essa impressão geral das obras d'Eça, publicadas em volume até agora, fixemos num succinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras. A primeira coisa que salta é a pobreza structural do estylo e a miseria profunda do vocabulario repisado. Comparando trabalhos de maturidade com os primeiros ensaios da **Gazeta de Portugal**, e edição primitiva do **Padre Amaro**, sente-se que o escriptor, neste campo, declinou, ou, melhor talvez, não progrediu, e que a abundancia e finura dos motivos pittorescos, realçadas nestes primeiros escriptos, não foram supridas, á proporção que iam murchando, por nenhuma dessas outras qualidades de factura que traz a pratica d'escrever, lapidadora da fórma, variadora infinita das cadencias, que enriquece o rythmo, areja, e precisa, nas suas arestas de rosa, a joia do vocabulo, transformando, pouco a pouco, o teclado rude da palavra,

(3) **Fernanda, Odette, etc.**



num maravilhoso aparelho registrador de sensações e notulações do eu vibrante.

Quem, por exemplo, ler de seguida o **Primo Bazílio**, a ultima edição refundida do **Padre Amaro**, os **Maias**, as molduras grotescas do **Mandarim** e da **Reliquia**, e a introdução das **Cartas de Fradique Mendes**, não pôde furtar-se, a uma impressão de lazeira monotonica, de fadiga acustica, ante esse estylo d'impressões physicas, mordacidades destructivas, vivazes sem alcance, — estylo de periodos curtos e, ás vezes, pelos rebocos successivos da recópia, pouco nítidos, cuja estrutura derreada se repete em rozarios d'orações identicas de rythmo, sem inversões nem cadencias, traíndo o esforço duma observação sem subsídios, e a amnesia da phantasia que, perdido o habito do sonho, não pôde mais, pela seccura congenita, recorrer ao sentimento.

Tudo isto resulta do precoce esgotto myelasthenico e cerebrasthenico do romancista, que sendo, de nascença, um fraco, creára desde moço necessidades sensuaes que haviam de lhe desbaratar a força neurica antes de tempo.

De facto, perdido o estomago pelo habito dos exotismos culinarios, das ceias artistas, té de manhã, com vicios loiros, cortados pelo esforço horrivel de ter graça entre dois males — falseada a hygiene do trabalho, que nos homens de penna cada vez mais requer viriculturas sollicitas, desinfecções moraes, meticulosas — a ancia d'amar, eleganciar, viver, feita centupla, o pobre neurasthenico achou-se subito com uma pavorosa despeza de força, para o que dez mil calorias como a sua seriam talvez pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruia.

Deste esfalfamento precoce, a derivante primeira é embotarse-lhe a phantasia lucila dos primeiros trabalhos, essa japonezice extranha que ás vezes passa na curva de certos periodos seus, damasquinando a seda dum oiro velho de **foukoussa**, e não lhe ficar para o aperfeiçoamento da fórmula, esse retardatorio instincto de pureza castiga que, sem excluir nervosidade, fizesse do seu estylo, um estofa unido, electrico, drapejando em pregas nobres, elastico de trama como a gaze, espumando o ar da graça rosea, do néologismo technico, da modernidade perversa sob o contorno antiquado em que as artes d'escrever desabrocharam desde a intervenção do objecto d'arte na vida do poeta e do escriptor. Outras ruinas após fazem sequencia: o equilibrio das faculdades creadoras perdido a ponto d'elle em certas obras. (nos **Maias**, por exemplo, e alguns capitulos da edição refundida do **Padre Amaro**) ver primeiro que o espinhaço do entrecho, detalhes incoordenados, episodios secundarios captivando-o pela mancha, pelo escandalo da **charge**, ironia perversa do paradoxo: toda a noção de drama, isto é, d'acção, reduzida, por vezes, a librettos de farça e fabulações.

de melodrama, sem mór escrupulo pelas realidades da vida, e força cohesiva da logica, num fim pueril de galvanisar enormidades de satyra, que para logo lhes tiram todos os visos de razão... Pelo dialogo, poucas vezes o character dos typos se retrata: umas vezes, invade-os a **blague**, ou a linha moral em outras se desmente, a tropeçar em contradições dum profundo vasio psychologico; o que elle apercebe das fallas é o detalhe que julga caracteristico, e quando muito se queda em pittoresco; ou as figuras não fallam e é elle que vâe contando o que ellas dizem, esmaltada a resenha dalgum dichote ou phrase realista, que só, porém, recorta a silhueta externa, dá o contorno do vulto, e uma ou outra vez as arrebanha em grupo, e dá semelhanças atavicas de classe, sem, todavia, fixar por dados psychicos infinitas successões d'estados affectivos, equações d'algebra moral, aquillo que se lhes poderia querer do typo vivo, inconfundivel, uno e sem irmão na série psychologica. Claro que um estylo assim bohemio, de visão quasi exclusivamente physica e monotona, e vocabulos exiguos, poucos, pintando mal, orchestrando peor a musica do periodo, estylo anti-grammatical, pouco desenvolvido no systema osseo, puído de cosmopolitismo, co'a lingua grossa da regurgitação franceza, indigerida, raro será apto a exprimir do homem mais que a besta obrante, a descrever-lhe os costumes, o passo, o porte, idas e voltas no ergastulo da vida, a sarabanda toda das modalidades exteriores — isto em detrimento dessa sensibilidade intellectiva, analytica, que attingem outros, como Balzac, Stendhal, Tolstoi e Georges Elliot, á força de reflexão pessoal, d'interpretações eruditas, continuas, do proprio **eu**, chegando a colleccionar factos moraes como quem colleciona **bibelots**, e a authenticar em finas plurigraphias chamadas romances, todas as doenças moraes do homem moderno. missão superior das litteraturas contemporaneas. Na especie de secura precóz a que pendera, mercê desses vinte e sete annos longe do canto de terra escolhida para theatro das suas fabelas e pinturas, a mesma paysage em que era eximio prosaista (como a fórma não seja senão um capricho de côr, particular) e de que ha no **Padre Amaro** e no **Mandarim**, tão lindos pannos decorativos, a mesma payzagem parece que perdera nelle a idyllica frescura, o **impromptu** matinal, arco-irizado, revertendo a descriptivos, como a payzagem de Cintra e corridas de cavallos dos **Maias**, donde a emoção debanda a açoites de humorada, na acidez dum espirito que regatêa a gloria do sol e a magica ridente dos seus campos.

A falta de temperamento philosophico, cultura philosophica, deviam leval-o, disse, a ver por fóra em vez de olhar para dentro; em vez dum psychologo frequentador de todas as horas do homem, á procura do **eu** determinista, em vez dum creador d'almas, como



os grandes — a sua organização discursiva, a sua impressionabilidade cortical do detalhe physico e da palavra viva que o releva o foram transfazendo, pouco a pouco, num chronista mephistophelico de vicios, num pintor de genero, algo maldoso, ou, se mais de largo querem, num romancista de costumes. Sudermann, Hauptman, Strindberg, Ibsen, Bjørnstjern-Bjoernson, Tolstoi, Dostoiwsky, Henrik Sienkiewsky, Gogol, Gunard-Heiberg, Balzac, Stendhal, Shakespeare, Georges Elliot, Arthur Pinero, François de Curel, são pintores de caracteres, vendo de dentro para fóra o homem espirito, nas suas catastrophes de sentimento e decomposição da vontade, soffrer a lei ironica que lhe domina todas as fal-lazes energias.

Sacher Masoc, Knut-Hansun, os dois Goncourts, os dois Marguerittes, Paul Adam, o proprio Zola, com o seu registro de impressões nervomaniacas, os seus detalhes intensos, a sua paixão do descriptivo, (brique-à-braquismo, payzagismo) e aquelle estylo renovado incessantemente em dictionarios d'artes e officios, construções rebuscadas, notações extravagantes, são romancistas de costumes, vendo de fóra para dentro o homem de relação, comparsa ridiculo num drama cosmico gigante, fantoche movido por sensações e instinctos bestas, é que assim surge no drama ou no livro, como esses bonecos cortados num fundo opaco, e feitos valer á luz pelos contornos.

Os primeiros, ou escriptores d'idéas, dizia Balzac, representam os personagens em relevo, consegue dar-lhes autonomia moral, fazel-os unos; os segundos, escriptores d'imagens, só sabem caracterisar medianias, os costumes e traços por onde o homem se assemelha a uma classe e resabe ás pechas da sua profissão. Neste grupo de romancista de costumes, os typos são sempre poucos, por se não tratar d'almas differentes, mas de documentos duma certa vida quotidiana — poucos, e esses poucos vulgares, sem noblificação nem epopéa —; o drama, ou falta, ou em vez dum nucleo d'acção, é apenas pretexto chlorotico de kodaks; a psychologia, curta, porque não ha curiosidade das situações do coração, todo o esforço cifrando-se em fazer render a sensação pittoresca, cujo primeiro rosiclér é a forma, que attráe o leitor pelo byzantinismo do vocabulo, mordacidade mais ou menos vivida da critica e bizarría artistica da syntaxe. Eis o caso desse terrivel Eça de Queiroz, que de mais teve sobre os representantes equilibrados do grupo, o predicado da ironia corrosiva, do rir, sem echo, de caveira e de mascara, por onde a blasphemia baba como por uma bocca de voyou que tivesse nascido gentilhomem.

Eis o que, com pequeninas variantes, percebe, nos romances e contos do escriptor, quem lá fizer leitura comparada e paciente: mui poucos typos, que, desenvolvidos ou retraídos, são, por todos



os livros, versões de tres ou quatro manequins invariaveis (4); uma certa importancia dada á descripção, sobretudo nos **Maias**, no **Amaro** e na **Reliquia**; mui pouco drama, que a não ser no **Padre Amaro** e **Primo Bazilio**, é uma fabula incoherente, ligando mal instinctos bestiaes; a cada instante, a interferencia do pamphletario, demolindo com chufas a bôa fé do leitor quanto á illusão real da narrativa; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, agredindo por vicio d'educação, por frialdade de sangue, por **ignorancia negadora**, e que seria tremenda se tem sido posta ao serviço duma philosophia profunda, e duma moral d'instinctos definidos. O homem para elle é uma machina do tempo ainda da mechanica rude, movendo-se por grosseiras sensações e instinctos porcos, deboche, avareza, inveja, gula: a vida, sem idéal, não levanta o olhar aos vastos céos, nem estreluz d'esperanças pantheistas, é uma coisa triste, réles, reduzida a malandrices, com intermittencias de luxuria, num meio duma natureza cumplice que parece reflectar-se no humus de todas aquellas immundicies. Dos enigmas da alma moderna, onde, diz Bourget, parece que "toda a superioridade faz chaga, toda a complicação, dôr, e toda a riqueza, miseria" — dos phrenesis grelhantes da duvida, dos esperecimentos da personalidade e da vontade, que pelo tempo fóra se vêem chamando nevrose, pessimismo, nihilismo, mysticismo — do excesso, emfim, do elemento mórbido, em detrimento do são, reparador, que tantos problemas intimos explica, Eça de Queiroz nada commenta, perscruta, entende ou interpreta, d'entretido c'os fantoches autobiographistas do seu escarneo, movendo-se no despafamento do seu cosmopolitismo de consul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortaes duma ironia que faz luxo em deformar p'ra estarrecer, e as incertezas da memoria falseada por vinte e sete annos d'ausencia, longe da raça tolerante de que elle se fez, ao mesmo tempo, parasita e algoz, e cuja vida julgou chinesa e decomposta, só porque ao seu **dandysmo** despro-

(4) "...assim, diz v. que os meus personagens são copiados uns dos outros.

Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reproducção duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo e sem saliencia (como a nossa incontestavelmente é) — como queria v., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus typos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespa individualidade, a possante e destacante **personalidade** que pôdem ter, e téem, os typos duma vigorosa civilização como a de Pariz ou de Londres?

V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras differenças que não seja o nome e o feitio do nariz? Em Portugal, ha **só um homem** — que é sempre o mesmo, ou sob a fórma de **dandy**, ou de padre, ou d'amanuense ou de capitão: é o homem indeciso, debil, sentimental, bondoso, palrador, **deixa-te-ir**, sem móla de character ou de intelligencia que resista contra as circumstancias. E' o homem que eu pinto, — sob os seus costumes diversos, casaca ou batina. E é o portuguez verdadeiro. E' o portuguez que tem feito este Portugal que vemos..." (**Carta respondendo a um artigo sobre os MAIAS, por mim publicado no REPORTER, Data de 8 de agosto de 1888, Bristol**).

ve reestudal-a com impassibilidades de philosopho e pudores austeros de moralista. Se me perguntarem agora qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei de eu dizer? Qual é a moral naturalista, zolaica, que põe as creaturas como pilhas d'instinctos, molhos de forças naturaes, travando luctas onde a mais bem armada dellas é que vence? Que da narrativa impassivel destas luctas, sae, por contraste, uma força de protesto, talhada em aspiração do homem para um idéal de graça que lhe foge? Bom Deus! mas impossivel subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei!— Daquellas forças e instinctos, só um numero pequeno atravessa as organizações taradas que elle avôca, e tão fugidias, essas, que quasi não fazem eixo no typo, desmentindo-se, incoherenciando-se sempre que isso convenha ao improviso sardonico do romancista. Amaro e Carlos da Maia, dois voluptuosos sentimentaes, descambam em odientos bilhostres, quando o primeiro, farto d'Amelia, quer della descartar-se, e quando o segundo, sabendo-se irmão de Maria Eduarda, continúa a ser o seu amante. Além disso, na obra d'Eça, a aspiração idéalista é imprecisa, raras balbuçiações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoista, não quer ver Triboulet chorar no meio da orgia dos senhores. Direi então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garoto, pelos phrenesis da vida gosadora, e demazelos da educação litteraria e scientifica, nunca conscientemente pôde realisar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os germens de litteratura social que porventura haveria no seu genio, desabrochassem em obras fortes, autopsias d'alma, musculaturas de luctas, raivas d'interesses, o todo por sequencias de razão critica, numa sciencia profunda de relações e de conjunctos. Assim mercê das futilidades dum espirito que ficou sempre embryonario, as qualidades fortes, que originariamente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, venho a dizer, vinte e sete annos de exilio propositadamente isolado de toda a observação e constatação da vida patria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhas, deformando-se, por exemplo, em chufa, a ironia sem força philosophica; em catitismo, o **dandysmo**; em virtuosidades de quadrista episodico, a mais nervosa força litteraria moderadamente vista em organização d'artista portuguez...

Talvez não valha a pena, depois do que dito fica, averiguar da capacidade critica e philosophica do romancista; mas quem se quizer prover de razões p'ra julgar certo, folheie na **Revista de Portugal as Cartas de Fradique Mendes**, particularmente a especie de biographia que do pretendido Brummel, Eça de Queiroz trouxe, sobre reminiscencias do **Cenaculo**, dos **vencidos da vida** e do **dandysmo** ridiculo de que nunca pôde emancipar-se. Tal como o romancista queria dal-o, Fradique era o typo synthetico, idéal, das perfeições da epocha decursa entre os finaes do reinado de

Napoleão III e a actual quadra democratica: especie de homem-Larousse, de figurino polyedrico de todos os **records** do espirito e do corpo, d'Adonis philosophico e cyclista, d'Ahasverus fígado em Belac e Jeronymo Condeixa — crystallisação do que Eça julgava ser o complexo de perfeições do habitante superior da Cosmopolis, a cidade-resumo das civilisações livrescas de Pariz.

Oriundo dos Açores e com a ascendencia morgada d'Anthero, o idolo do grupo, bacharelado em Coimbra, na contemporaneidade da tia Camelia e das diatribes a Castilho — lendo os **Chatiments** no Penedo da Saudade, á lua, entre guitarras, commungando a "arte nova" de Lecomte de Lisle, Mallarmé, Diex e Baudelaire, (dito **fumista** ao tempo, por alguns) — com a monomania de Pariz a desnacionalisal-o, antes do buço adoptando a camisa vermelha de Garibaldi e a philosophia particularista de Proudhon — indo quatro vezes á Arabia, por causa da archeologia, e nenhuma ao Algarve por causa d'Ossonoba, chorando a perda da Aisacia e Lorena e ignorando, diz Prado, num artigo da **Revista Moderna**, "até que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em Africa territorios que eram dezenas e centenas de Alsacias e Lorenas, proprias e não alheias" — indo sem **orientalismo** serio á Terra Santa pollucionar nas ruínas o crevetismo francez, com rabonas pintadas do **boulevard** — clarescurando o typo com remoques da gente do **Cenaculo** e dos **vencidos**, já murchos uns, sem critica exacta outros, e quasi todos brigando, pelas diversidades d'origem, em vez de nos darem desse espirito uma idéa de todo inconfundivel, — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as regiões da idéa forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando ás religiões e ás sciencias, paradoxos — Fradique, de que Eça faz um tecedor jocundo de **sophismas**, da raça ironica dos despotas affeitos a thronar sem competencias — Fradique, querendo ser o typo idéal do homem moderno, generalizador e artista, amoroso e encyclopedico, nada mais consegue, pelas deficiencias pychicas do romancista, sem anglophilia de mulato, sua paixão estrangeira de renegado, seus catitismos de alfacinha, do que realisar um caso fruste de **poseur**, um destes philosophos do **Monde où l'on s'ennuie**, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biographia curiosa, teirmarmos em querer ver luzir no craneo d'Eça um espirito de pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; babista no Oriente, para "desvendar o babismo"; positivista, queimando incenso e myrrha "na ara da humanidade", com os positivistas rituaes, nos dias festivos de kalendarío comtista; theosopho, nas paginas da **Revista Espirita**; nihilista, com o principe Koblaskini, antropologista, linguista, occupado de religiões, litteraturas, direi-



to celtico, magia chaldaica, povoações lacustres, sellos... Não lhe resalta a transcendentalidade, porém, de tres ou quatro traços lampejantes, como seria mistér para o transformar num symbolo lucido, senão por diffusões, incongruencias, parola, resvaia no conselheiro Acacio a serio, uma especie de cretino megalomano que nos põe a alivitar bem pobres coisas sobre a mentalidade superior dos taes **vencidos**.

Querem saber, por exemplo, como Fradique teve a "paixão da Historia"? Aos onze annos, a avó mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. "Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma **Encyclopedia de antiguidades romanas**, que tinha estampas, li com surpresa, que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam tambem para a escola, como eu, pela mão dum servo, denominado o **capsarius**, e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comerem a merenda — que elles chamavam o **ientaculo**. Pois, meu caro, escreve elle a Oliveira Martins, no mesmo instante a veneravel antiguidade destes habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que nelles me humilhava tanto".

A razão da compra duma quinta não deixa tambem de revelar a phase acacial a que o Eça philosopho propendera.

"A compra da quinta do **Saragoça** em Cintra, realisára-a Fradique para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto donde um dia tinham partido, levados por um ingenuo tumulto de idéas grandes, os buscadores do mundo, de quem herdára o sangue e a curiosidade do **além!**"

Em culinaria, traz esta mirabolante opinião: "o parlamentarismo e o constitucionalismo estragaram em Portugal a cabidella de frango".

Fradique, saloia dos carnavaes: "... sempre que lia num jornal uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua opinião era que — mais vale um pataco que duas philosophias a voar".

Fradique, protector de bichos: "... uma vez, em Pariz, correndo a uma estação de fiacres, para nos salvarmos dum chuveiro que desabava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias, (onde Fradique cobiçava umas **nove musas dansando entre loireiraes**) encontrámos apenas um **coupé**, cuja pileca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as **nove musas**". Por uma tal introdução,



sentem-se as cartas, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos d'almanack, sem estylo epistolar, sem improvisação rom-pante, em trabalhosos periodos occupando-se d'extravagancias pueris, aphorismos sedições, pedanterias dos **cormorans soireux** do Hotel Bragança, a desencantar muito fetichista quanto á infal-libilidade dos deuses, á impeccavel exteriorisação dos seus al-tares.

Direi, por conclusão, que Eça de Queiroz é um genio falhado pelo máu uso que de si proprio fez na traga d'escriptor, genio que se amesquinhou por indisciplina philosophica, predominio d'instinctos mundanaes, falta de fé num idéal intenso e absorvente.

Dos tres ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promet-te, na memoria dos homens, vida longa, que, á uma, é duvidoso o portuguez em que estão escriptos, e, á outra, hão de matal-os qualidades de **dilettantismo**, ainda seductoras e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia iconoclasta, que em cincuenta annos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, co-meçarem a rir doutra maneira. **Eça de Queiroz é um escriptor eu-ropeu, não um escriptor nacional.** Na historia do portuguez es-cripto, vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; a d'Eça, nunca.

Por isso, tantos bombasticos artigos chamando-lhe unico, tan-tas homenagens huguescas chorando-o como pedra angular da lit-teratura lusitana, me parecem alguma coisa fóra de proposito, e por ventura armando á successão da corôa sem herdeiro. Este cor-tejo não é talvez tanto o enterro dum morto, como o exhibismo da litteratice gato-pingando o seu memorial de pretendente. Só as-sim pôde explicar-se a choradeira de rôda do maior desnaciona-lizador que teve Portugal modernamente, do genio cynico que tão mal comprehendeu a sua missão moral de homem de penna, e que em vez de erguer a alma do paiz para idéaes centralistas, que o defendessem contra a morte; em vez de arraigar nas almas, ger-mens de trabalho; de patria e de família, gastou a vida a negar, a deprimir, a dar supremacias a modernices francezas, a fazer des-erer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prosti-tuição.

Adorem-no, embora, os complicados e os artistas: é dever seu, tratando-se dessa venenosa flôr de raça espuria, desse impulsivo chronista das perversões do sexo e do character; como artista mo-derno. Eça de Queiroz é um caso raro e curioso; glorifiquem-no os litteratos e os mundanos — mas sem dizer a cinco milhões d'analphabetos: váe allí um deus que cumpre venerar. Porque es-ses cinco milhões d'analphabetos não téem que ver com Eça de Queiroz, e a propria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se poderem tornar outros tantos milhões de malandrins.



Houve, é certo, nesta metade de seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul nem **dandy**, e de tudo escreveu paginas supremas, e fez da lingua dura dos chronicons, um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como ha sete seculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que, seja o que fôr, não é menos esperto nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilisação do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxonio ou latino, surto em paiz de própria fortuna!

O que esse precisa é desanesthesiar a cabeça do pezado estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus braços, proceder por sua iniciativa, expulsar os que o roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é este o fito de quantos, nesta hora d'angustias, amam a patria; se é proposito de todos resuscitar, pelas aquisições parciaes da archeologia, da historia, da agricultura, da industria, das artes e das letras, um espirito nacional que faça de nós no mundo, um aggregado politico indiviso — como se explica esta apotheose ao escriptor dissolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jáz no Porto esquecido e tratado como um cão?

**FIALHO D'ALMEIDA.**



---

---

# MACHADO DE ASSIS

---

## CARTAS INÉDITAS

Rio, 7 de Março de 1897.

Exmo. sr. dr. A. Coelho Rodrigues.

Tenho a honra de communicar a V. Exa. que a quantia de 100\$000, a mim entregue por V. Exa. para as despesas da Academia Brasileira de Letras, foi por mim transmittida ao sr. dr. Inglez de Souza, thesoureiro da Academia, em sessão da Directoria desta. A Directoria incumbiu-se de agradecer a valiosa offerta. Tendo-lhe lido a carta de V. Exa. de 11 de janeiro, nada lhe disse do meu proprio sentimento ácerca do autór verdadeiro da doação, que V. Exa. declara ser pessoa que quer ficar occulta, mas é mui provavel que todos participem da minha suspeita de que a pessoa é V. Exa., cujo acto generoso fica assim realçado pela modestia.

Para si ou para outrem, receba V. Exa. os agradecimentos da Academia, com os protestos do respeito e estima com que sou

De V. Exa.

Mto. att.º e adm.º. obrigado

MACHADO DE ASSIS.



Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1898.

Exmo. sr. Cons. Lafayette Rodrigues Pereira.

Soube hontem (não direi por quem) que era V. Exa. o autor dos artigos assignados *Labierno*, e publicados no *Jornal do Commercio*, de 25 e 30 de janeiro e de 7 e 11 do corrente, em refutação ao livro a que o dr. Sylvio Romero poz por titulo o meu nome.

A espontaneidade da defesa, o calor e a sympathia dão maior realce á benevolencia do juizo que V. Exa. alli faz a meu respeito. Quanto á honra deste, é muito, no fim da vida, achar em tão elevada palavra como a de V. Exa. um amparo valioso e solido pela cultura literaria e pela autoridade intellectual e pessoal.

Quando comecei a vida, V. Exa. vinha da carreira academica; os meus olhos affeçoaram-se a acompanhá-lo nesse outro caminho, onde nem o direito, nem a politica, nem a administração, por mais alto que o tenham subido, puderam arrancal-o ao sabor particular das letras em que ainda agora prima pelo conhecimento exacto e profundo. A pessoa que me desvendou o nome de V. Exa. pediu-me reserva sobre elle, e assim cumprirei. Sou obrigado, portanto, a calar um segredo que eu quizera publico para meu desvanecimento. Queira V. Exa. aceitar os meus cordiaes agradecimentos, e dispor de quem é

De V. Exa.

Att.º admor. e obr.º patricio

MACHADO DE ASSIS.

---

(1) — Devemos estes dois preciosos autographos de Machado de Assis ao nosso distincto collaborador sr. Mario de Alencar. — N. da R.



---

---

## RESENHA DO MEZ

---

### BRASIL-ALLEMANHA

O Brasil rompeu as relações diplomaticas com a Allemanha. A Allemanha affrontou-o, cruel e deliberadamente, mettendo a pique, contra todas as regras de direito internacional e contra todos os principios de humanidade, o navio *Paraná*, que navegava sob o pavilhão brasileiro e com tripulação brasileira.

O Brasil cumpriu o seu dever. Cumpriu-o, porém, um pouco fóra de horas e não o cumpriu integralmente. De relações rotas com a Allemanha devia ter ficado desde o momento sinistro em que as tropas germanicas, calcando seculos de civilização e reduzindo a pó todas as conquistas liberaes das nações modernas, puzeram os pés para dentro da fronteira belga e desfecharam contra os belgas o primeiro tiro de canhão.

Através da Belgica aniquillada, o golpe foi attingir, na face e no peito, a todos os paizes civilizados. Só a Inglaterra, entretanto, repelliu a affronta. Não a quizemos acompanhar; ninguém, no mundo inteiro, quiz acompanhá-la. Explicou-se até, commodamente, o seu gesto, de uma alta e suggestiva nobreza, como sendo apenas um movimento reflexo de alarma pela sua propria segurança. Não eram os principios de direito nem o amor á liberdade dos povos fracos que a punham em pé, de armas nas mãos:

era apenas o velho e prosaico instincto de conservação...

Pois que fosse! Instincto de conservação não o podem ter os povos como o têm os individuos? A legitima defesa que, nos codigos de todas as nações policieadas, figura como um direito imprescriptivel de todo o cidadão, será acaso, para os povos, um erime ou uma immoralidade?

Por instincto de conservação, uma vez que os principios abstractos não podem nem devem mover os Estados, agisse tambem, naquele instante, o Brasil e teria agido com a clarividencia e com a dignidade que os seus destinos reclamavam. O protesto contra o assalto á casa alheia mais forte e mais bello tornaria agora o protesto contra o assalto á propria casa, se é que, de todo em todo, o não teria evitado. Uma voz que elama justiça, por mais debil que seja, nunca morre sem eco.

Não reeriminemos, porém. O que lá foi, lá foi. Ha erros que podem ser emendados. Tarde movemos o braço, mas não tão tarde, felizmente, que o gesto se apague no ar sem vibração e sem sentido. E não se apagará, se o povo e o governo fizerem o que a cada qual delles cumpre agora fazer. Ao povo cumpre offerecer á patria serenamente, tudo o que ella reclamar — haveres e sangue, o corpo e o espirito, o conforto e a vida; ao governo cumpre dar mais um passo para a frente, o passo que fal-

to para que pudessemos dizer que tínhamos cumprido integralmente o nosso dever — o passo heroico que decidirá do presente e do futuro e que levará o Brasil pelo rumo da honra e da grandeza.

Não se arreceie o governo de dar esse passo. O Brasil irá docilmente; elle está habituado aos espinhos e aos precipícios da estrada da dignidade... O seu passado responde pelo seu presente e pelo seu futuro. Quando, em 1862, tivemos a dolorosa questão ingleza, o Brasil estava talvez mais doente do que está hoje: as instituições militares, corroidas pela ferrugem do relaxamento e da imprevidencia, escassa e incerta protecção asseguravam ao paiz e do sul já subiam, espaçadas, mas inquietadoras, as primeiras lufadas do tremendo temporal paraguaio, que se avisinhava. O Brasil, entretanto, não hesitou: rompeu com a Inglaterra...

Foi uma temeridade. E' verdade que não nos faltaram applausos até na propria Inglaterra, paiz singular onde ha sempre um espirito liberal para applaudir todas as afirmações de independencia, venham de onde vierem, e um coração generoso para admirar todos os actos nobres, pratique-os quem os praticar. Mas é tambem verdade que, se a Inglaterra nos quizesse aggređir, não se moveria um só soldado ou um só marinheiro das outras nações para nos amparar.

Jogamos tudo para salvar a nossa dignidade — e salvamol-a. O governo de então comprehendeu que não ha fraqueza que justifique ou desculpe certas inercias e que para os povos, como para os individuos, se nem sempre é possível viver com honra, é sempre possível morrer.

O governo de hoje não precisa de outra lição, nem poderia invocar qualquer outra.

O momento é de actos decisivos e radicaes. Se a situação politica é melhor agora do que era em 1862, — ao nosso lado estão a flôr do liberalismo universal e a voz dos mais poderosos canhões do mundo — mais perigoso, por ser perfido e

deshumano, é, entretanto, o adversario de agora.

As nossas relações com a Inglaterra reataram-se com suavidade e nobreza, por um movimento de reflexão e arrependimento da nossa adversaria, a qual não teve pejo de confessar o seu erro e de levar, pela voz do embaixador especial que mandou ao campo de batalha onde nos mediamos com a tyrannia paraguaia, estas palavras de satisfação e reconciliação ao nosso Imperador:

— Vi com pesar as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amizade entre as duas côrtes. Nego, da maneira mais solemne, qualquer intenção de offender a dignidade do Brasil. Aceito completamente e sem reserva a decisão de sua magestade e o rei dos Belgas e serei feliz em nomear um ministro para o Brasil, logo que Vossa Magestade Imperial estiver prompto para renovar as relações diplomaticas.

A Allemanha não é susceptivel destes accessos de cortezia. Ella ignora como se move a cabeça para, numa inclinação ligeira, fazer um cumprimento e os labios para, num sorriso amistososo, amaciar a aspereza irreflectida de um gesto... A sua cortezia não vae além da rigidez mechanica de uma continencia militar.

Sem que o seu orgulho se abata e a sua força esmoreça, a Allemanha não nos dará nunca a satisfação leal, franca e completa que temos o direito, e o dever, de exigir pela affronta que nos fez.

Tudo é necessario, portanto, que envidemos para que se lhe minguem a força e lhe desfalleça o orgulho.

O governo não póde parar no meio do caminho que tomou. Tem de ir até o fim. O fim é a guerra...

Avance até lá sem receio e vacillação. Bem sabemos que a nossa politica externa sempre se caracterisou pela dignidade na moderação. Mas sabemos tambem que a moderação não é o encolhimento, o recuo, o silencio, o repouso: é apenas a opporrtunidade na acção. Se

o governo ainda não o percebeu, o povo, com o seu maravilhoso instinto, já sentiu que chegou a hora da guerra e que nessa guerra está a salvação do Brasil.

O governo que não estremeça de pavor. A nação está ao seu lado neste instante e ao seu lado estará no dia tenebroso da luta. O vermelho escuro do sangue que acaso venha a tingir os nossos campos e as nossas aguas dilue-se, esbate-se, transforma-se e ganha estranhas fulgurações no espirito de cada um de nós, ao toque do ouro vivo da gloria que rola, em catadupas, sobre todos quantos padecem e morrem pela liberdade e pela honra de sua terra.

A visão da guerra é menos aterradoradora, em todo o seu horror, que a visão do desprezo universal e do amesquinamento aos proprios olhos.

O Brasil, pela sua extensão territorial, pelas suas riquezas naturaes, pelo numero de seus filhos e pela sua posição na America do Sul, tem uma alta missão historica a cumprir. Não a cumprirá jámais se persistir na politica de meias providencias, de avanços e recuos, de ameaças e contemporisações em que deploravelmente se enliçou. A timidez e a humildade podem ser virtudes no individuo; nos povos, são symptomas de incapacidade ou decadencia. A marcha de uma nação viril não pôde ser interrompida a cada instante, como a de um cardiaco que a dyspnea atormenta, pela constricção do susto:—tem que ser uma progressão continua methodica e segura para a frente e para os cimos.

Ou declaramos a guerra já, ou cairemos amanhã no isolamento, no abandono e na vergonha.

Hoje entraremos na lucta de cabeça erguida; amanhã talvez já isso não seja mais possível... Hoje, teriamos por nós a sympathia e o respeito de todos os povos que, ao lado dos alliados, se batem pela liberdade e pela civilisação; amanhã, teriamos apenas — se não tivéssemos coisa peor — um sorriso frio de protecção e desprezo...

## ALBERTO TORRES

O fallecimento de Alberto Torres representa neste momento para o paiz uma das perdas mais sensiveis. Alberto Torres não era apenas um espirito de vastissima erudicção, como tantos outros que existem no paiz. Era mais do que isso. Era um espirito efficiente, isto é, um creador e um propagador de ideias. A erudicção em si, por mais bella que seja, é quasi sempre esteril, quando não é fecundada por um largo espirito de acção e por um sentimento vivo das realidades.

Alberto Torres não se illustrou pelo simples prazer egoistico de se distinguir dos seus patricios pelo



brilho do seu saber. Illustrou-se para servir ao seu paiz e para se tornar um obreiro de grandes e alevantados ideias. Nisto é que está a distincção da sua personalidade e isto é que dá ao seu desaparecimento a significação de uma perda nacional.

Poucos espiritos terão hoje, no Brasil, a orientação profundamente nacionalista que elle tinha e o amplo descortino com que elle encarava todos os problemas sociaes que interessam particularmente ao Brasil e as grandes questões que abalam a humanidade em geral.

Os livros que publicou podem ser atacados, mas revelam incontestavelmente uma somma enorme de ideias uteis e embora de vez em

quando pequem por excesso de generalisações e desgaviem para a utopia mais rasgada constituem em suas linhas geraes, uma sementeira inexaurivel de vigorosos ensinamentos politicos e destacam-se na literatura brasileira, pela envergadura das suas concepções e pela sua natureza especia- lissima.

Revelam, quando menos, a fibra de um sociologo e de um pensador, individualidades demasiado escasas no meio nacional.

Por mais de um titulo Alberto Torres foi um homem superior e é, com profundo pezar, que registamos o seu desaparecimento.

## BIBLIOGRAPHIA

*Artistas Bahianos* —  
(Indicações biographicas) — por Manoel  
R. Querino.

Está aqui um livro precioso, e honesto. Edifado na Bahia em 1911 só agora chega a S. Paulo. Gastou na viagem cinco annos apenas. Foi feliz o autor. Outros ha, igualmente valiosos, dados á luz no Norte e no extremo Sul, que ainda não chegaram, e não chegarão nunca, talvez. No entanto as nossas livrarias andam pejudadas de novidades beligerantes francezas, dadas a preço este anno, inclusive a ultima frasearice *faisandée* do sr. Willy. Isto mostra que a França está muito mais perto do Brasil do que o proprio Brasil.

No prologo do livro o sr. Torquato Bahia diz: "A nossa preocupação de falsas grandezas não nos dá tempo de volver olhos a coisas minimas?".

Coisas minimas chama elle á arte e ao que lhe diz respeito E' isso mesmo. O sr. Torquato é bom psychologo. D. Quijote, no empenho de romper moinhos e salvar Dulcinéas inexistentes, esquecia de pôr aveia ao Rossinante. D. Quixote — paiz, preocupadissimo com alta bellica, moinhos de vento,

Dulcinéas hyperboreas e quejandadas visões, esquece de examinar as roupas que traz no corpo e inventariar os moveis que tem em casa. E' isso mesmo. E Manuel Querino completa o pensamento do sr. Bahia com estas palavras rispidas:

"Não me foi possivel precisar as datas de nascimento e morte deste artista (fala do esculptor Chagas) porque ninguem ignora o pouco apreço a que são votados os homens que se levantam por esforço proprio, glorificando a terra de seu berço; e assim é que intelligencias peregrinas por ahi vegetam, desprovidas de bafejo aulico, desde o tempo do despotismo atarrador até hoje, em plena civilização de palavras, unida a uma democracia que se tem distinguido por banquetes e desfalques, sem ideal decente, sem escrupulos, e balda de patriotismo."

E' isso mesmo! Mas vamos ao livro. Manuel Querino é membro do Instituto Historico da Bahia, e é preto, como nol-o revela o seu retrato. Isto só lhe accrescenta o valor. Ser preto é ser humilde, partir do nada, encontrar na vida todos os obices do preconceito social e dispender para a obtenção das coisas minimas um esforço duplo do requerido pelos que nascem limpos de pigmentos. Honra lhe seja pela ardua tarefa levada a cabo com tanta modestia e discernimento. Não é nem faz obra de critico, amontoa simplesmente material para que os Taines maiores e menores da terra impem de sabios a custa do esforço alheio. Sub-intitula o seu livro de Indicações biographicas — e reúne tudo quanto em annos de labor conseguiu colher relativo aos esculptores, pintores e musicos bahianos. Na esculptura biographica vinte e sete artistas, alguns esculptores, a maioria simples san- teiros.

A Bahia foi e ainda é uma verdadeira fabrica de imagens religiosas. Desde os tempos colonias é lá que se abastecem as igrejas todas do paiz. A bella imagem ingenua e primitiva, como a quer o nosso po-

vo, imagem que lhe fale lingua intelligivel ao seu mysticismo congenial só lh'a fornece a Bahia. Santos que attendem com os olhos a todos os fieis, como aquella *N. S. do Carmo* e o *Senhor da Redempção*, de Chagas — o cabra, o quaes "qualquer que seja a posição do observador, parece que o acompanham com a vista devido á boa collocação dos olhos". Santos que apiedam a alma como o celebre *S. Pedro de Alcantara*, do Convento de S. Francisco, na Bahia, obra de Manuel Ignacio, tão sincera e commovente que tentou a D. Pedro II quando lá o viu. Quiz S. M. possuir a obra prima "mas teve que ceder á resistencia opposta pelos franciscanos". Bellos tempos em que se resistia á vontade do imperante! Fosse ho, e o proprio santo era capaz de vir a correr pelos proprios pés, na ancia de "engrossar" o padreiro com antojos. Os esculptores da Bahia no periodo aureo, Chagas, Felix Pereira, Sabino dos Reis, Manoel Ignacio, Paranhos, os Peçanhas, Baptista Franco, Baião, Aurelio Silva, Sacramento, Setubal, Erotides, Rocha Barros, Lisboa, Gomes Junior e outros, não eram simples santeiros, eram de facto esculptores porque punham na sua obra amor, carinho e individualidade. Profundamente religiosos, mysticos por temperamento, não por negocio, insuflavam no barro cosido, no jaspe e na madeira todo o sentimento que lhes ia n'alma, como aquelles artistas italianos anteriores a Raphael, Frei Angelico, Donatello, e *tutti quanti*. Essa arte, caracteristicamente bahiana e só lá refflorida, entrou a decahir depois que com o engrossar do commercio passou d'arte a negocio, e o artifice substituiu o esculptor. Veiu em seguida a concorrência européa, a Italia despejou para cá imagens "lindas" feitas ás grozas por anarchistas atheus e por machinas menos deistas ainda. A esculptura bahiana cedeu o passo aos invasores e mais não disse. A par com imagens, genero de grande sahida, os esculptores

bahianos exercitavam a veia na fultura de obras profanas, nobilissimas. Erotides, que nasceu em meados do seculo passado e tomando como professor a um celebre Beirão, tamanqueiro portuguez guindado á esculptura á força de perseverança, breve ao mestre excedeu "como Raphael a Peregrino", especializou-se em miniaturas em jaspe e casca de cajazeira "no que é inexcedivel". Suas obras espalharam-se pelo mundo, sobretudo Portugal, Inglaterra e França; seus typos de rua: ganhadeiras com gamellas de fructas ou peixe, criadas eom samburás de compras, negros aguadeiros, bufarinheiros, etc; seus jaspes "*Grega domando tres leões*"; "copia de uma gravura ingleza"; "*Creoula em grande gala*"; a "*Vivenda do Camponez*," contendo casa, arvoredos, curral de bois, uma mulher com trouxa de roupa, duas cabras pascendo, um cavalleiro, gallinhas, pintos, pombos e outros animaes em redor da casa;" a "*Lucta de dois leões*, dividida em tres grupos; a "*Aguia suspendendo um carneiro*"; outra apanhando uma cobra; o "*Trabalho interrompido* — tigre que devora uma cabra e "de repente olha para os lados receando alguma cousa" (esculptura que talvez suggeriu a A. Junior o seu quadro celebre); "*Lucta do touro contra dois leões e uma leoa* (é notavel a inclinação de Erotides para lidar leões!); "*Veado sobre uma rocha*, tida como sua obra prima; tudo isso e muito mais anda esparsso pelo mundo sem que a nossa critica d'arte tome conhecimento dellas e lhe balanceie os meritos — tanto vivemos alheios de nós proprios. Rocha Barros esculpiu bustos muito louvados, de Gutemberg, Galeno, Vitello (?) e Hugo; e Baião varios *Caboclos* e *Caboclas* para as festas de 2 de Julho.

O leitor paulista abre a bocca ante este dois de Julho. Que será? Foi aquella batalha homerica travada nos areas do Pirajá, cantada com fogo Erebeo por Castro Alves. E' a hora das epopeas Das Iliadas reaes,

Ruge o vento do passado  
Pelos mares sepulchraes.  
E' a hora em que a Eternidade  
Dialoga com a Immortalidade...  
Fala o heroe com Jeovah!...  
E Deus—nas celestes plagas —  
Colhe das glorias nas vagas  
Os mortos de Pirajá  
... A pugna immensa  
Travara-se nos cerros da Bahia...  
O anjo da morte pallido cosia  
Uma vasta mortalha em Pirajá.  
—Neste lençol tão largo, tão exten-

so  
Como um pedaço roto do infinito...  
O mundo perguntava erguendo um  
grito:

—Qual dos gigantes morto rolará?  
Esta epopeia o povo bahiano  
commemora piamente em festejos  
annuaes e varios esculptores talha-  
ram o *Caboclo* symbolico que nellas  
passeia victorioso.

A proposito do patriotico feste-  
jo conta Manoel Querino um inci-  
dente havido entre o general And-  
rea, presidente da provincia, e o  
povo. Queria o general que figuras-  
se no prestito em vez do *Caboclo*  
classico, uma *Cabocla*, por conside-  
rar humilhante para os portuguezes  
aquelle triumpho. Como os portu-  
guezes já se casavam com as na-  
turaes do paiz “não havia razão  
para continuar um emblema que  
significava uma nação esmagando  
outra. Achava prudente que se fi-  
zesse uma cabocla, representando  
Paraguassu”, e desapparecesse o ca-  
boclo”. O povo não concordou, e  
em nome delle foi parlamentar a  
palacio o major Umburanas. Houve  
troca de razões e o veterano con-  
cluiu gritando: “*O cabocloão ha de  
sahir, custe o que custar, ainda que  
eu morra; o emblema pertence a  
nós e não ao governo*”. E sahiu  
Felizes tempos, tempos heroicos em  
que o povo tinha vontade, e tinha  
por si Umburanas! E chama a esse  
tempo o sr. Querino “tempo de des-  
potismo aterrador!” Hoje um se-  
creta demolia o cabocloão a porrete  
e o povô a chanfalho. E nem cabo-  
clo nem cabocla.

Por essas e outras é que céus e  
terras se moviam quando os heroes  
bahianos pugnavam:

Debruçados do ceu... a noite e os  
|astros

Seguiam da peleja o incerto fado...

Tal povo merecia essa attenção  
da noite e dos astros, como ainla,  
no cantal-os, estylo de condor. Va  
a gente hoje meter a noite, os astros,  
Jeovah, as epopeias, as iliadas, a es-  
piarem o Contestado... Voltando  
ao livro: Manoel Querino lança ao  
publico uma collecta de materiaes  
que vale por uma revelação. De-  
nunciou uma jazida riquissima de  
obras d'arte ignoradas. Compete  
agora á critica estudal-a a fundo,  
joeirar a ganga e incorporar o que  
for de valia á Arte nacional. Em  
outra occasião falaremos da pintu-  
ra da qual M. Querino aponta na  
Bahia nada mais nada menos do  
que 94 culturas!

M. L.

## AS ARMAS DE S. PAULO

Em nosso n. 8, de agosto do anno  
findo, referimo-nos á deliberação  
do sr. prefeito municipal de São  
Paulo de abrir um concurso para  
a escolha do brazão da cidade. Es-  
se concurso teve a 8 de abril solu-  
ção definitiva. Desde esse dia,  
pois, a cidade de S. Paulo possui  
o seu brazão de armas.

Criou-o o acto n. 1057, do pre-  
feito municipal, dando execução á  
lei n. 1930, de 3 de Dezembro de  
1915. Em virtude dessa lei, como  
já tivemos occasião de dizer, o  
sr. dr. Washington Luis abriu um  
concurso para a escolha das armas  
da cidade, e nomeou um jury com-  
posto dos srs. dr. Carlos de Cam-  
pos, monsenhor dr. Benedicto de  
Souza, dr. Eduardo de Aguiar de  
Andrada, Mario Villares Barbosa  
e Nestor Rangel Pestana. Esse jury  
não julgou digno de acceptação  
nenhum dos projectos apresentados  
e nesse sentido lavrou parecer pro-  
pondo a abertura de nova concor-  
rencia. Concordou o prefeito, que  
nomeou para fazer a escolha do pro-  
jecto a mesma comissão, alterada  
apenas com a entrada do pintor  
sr. Benedicto Calixto, que substi-

tuiu o sr. Mario Villares Barbosa, actualmente ausente na Europa.

Terminado o prazo do segundo concurso, reuniu-se de novo a comissão a 2 de Março e lavrou o seguinte parecer:

“Attendendo, pela segunda vez, ao appello da Prefeitura de São Paulo, numerosos concorrentes, em um esforço brilhante, disputaram a honra de dar á cidade o seu braço de armas.

Em presença de todos esses projectos, a comissão nomeada para os julgar deliberou classificar em primeiro logar o n. 7; em segundo o n. 27 e em terceiro o n. 1.

Em virtude dessa classificação ficam as armas de São Paulo constituidas de accôrdo com o escudo representado pelo projecto n. 7.

A comissão julgadora baseou a sua escolha nas seguintes considerações:

De todos os trabalhos que figuraram no concurso, é o projecto n. 7 aquelle que obedece de uma maneira mais completa ao antigo e verdadeiro preceito heraldico, de que toda a belleza de um braço de armas reside na simplicidade de sua concepção. O autor adoptou para a fórma do escudo a portugueza ou flamenga; nesse escudo gravou apenas um emblema e em toda a sua composição, exceptuando os attributos externos, empregou apenas um esmalte e um só metal.

De todas as fórmas de escudo, é a das antigas cidades e villas de Portugal a mais singela e, adoptando-a, o artista não só favoreceu o conjunto, como indicou, de realce, a origem portugueza de S. Paulo.

Na impossibilidade material de representar dentro dos limites restrictos de um braço toda a historia da cidade, o autor teve a feliz inspiração de adoptar o unico emblema capaz de resumir de uma fórma eloquente toda a historia de seu povo: — o symbolo do Bandeirante, titulo de gloria dos filhos desta terra! — De um jacto esse symbolo não só evoca as primeiras

e arduas lutas dos tempos remotos das conquistas, quando diante da bandeira intrepida e altiva se dilatavam os limites do Brasil primitivo, como representa, ainda, com o seu braço armado e o seu guante de aço, a acção sempre pujante do paulista em todas as phases do Brasil historico.

O autor adoptou para o emblema o metal symbolico da lealdade e da nobreza e, para o campo, o esmalte representativo da altivez e da audacia. Emblema, metal e esmalte se completam em uma harmonia perfeita, tornando o braço eminentemente parlante.

A comissão julga, todavia, que, sem alterar a concepção, algumas pequenas modificações contribuiriam a dar maior realce ao escudo.

O artista, por exemplo, representou o braço armado movente do flanco dextro e muito acertadamente justificou essa disposição por ser esse o lado nobre do braço. Embora muito generalisada, essa disposição, em heraldica, não é rigorosamente correctea. Movente do flanco dextro, deve-se mostrar o braço esquerdo do guerreiro. Mas, como o braço da acção é o braço direito e o emblema figura a mão empunhando não uma simples bandeirola, mas uma haste lanceada em acha d'armas, somos de opinião que seria preferivel sacrificar a idéa do lado nobre e, invertendo a disposição, mover o braço direito do cavalleiro do flanco sinistro, collocando ainda o emblema em uma posição mais symetrica em relação ao chefe e á ponta do escudo.

A suppressão da espada de côpos em cruz favorecia, igualmente, o aspecto do conjunto; obedece esta suggestão á preocupação de não sobrecarregar o braço de emblemas e de evitar a repetição de symbolos.

Sem entrar na discussão do criterio a que obedeceu o autor do projecto para a escolha das côres do corpo e alma da divisa que, aliás, se afasta dos limites a que deve ficar circumscripto o braço de armas de uma cidade, a comissão

opta pela repetição das côres do escudo nos seus accessorios, como é de bôa regra, em heraldica.

Quanto á alma da divisa, a comissão já teve o ensejo de se pronunciar a seu respeito por occasião do primeiro concurso em que ella figurou: completa o escudo e tra-

“pendão de quatro pontas farpadas  
“ostentando uma cruz de góles, a-  
“berta em branco sobre si, da Or-  
“dem de Christo, içada em haste  
“lanceada em acha d’armas, tudo  
“de prata. Encima o escudo a co-  
“rôa mural de ouro, de quatro tor-  
“res, com tres ameias e sua porta



duz de uma maneira vibrante a indole do povo paulista.

Nessas condições serão brazonadas as armas da cidade pela fórmula seguinte:

“Escudo portuguez de góles com  
“um braço armado movente do  
“flanco sinistro empunhando um

“cada uma. Supportes: dois ramos  
“de café de sua côr. Divisa: “Non  
“ducor, duco”, de góles em listão  
“de prata”.

Finalizando, a comissão julgou ainda dever propôr uma menção de aceitação a todos os projectos que figuraram no concurso e uma men-

ção especial para os ns. 13, 16 e 19, que apresentaram trabalhos mais completos. S. Paulo, 2 de Março de 1917. (Assignados) — Carlos de Campos, mons. Benedicto Paulo Alves de Souza, Eduardo de Aguiar d'Andrada, Benedicto Calixto de Jesus, Nestor Rangel Pestana''.

O projecto n. 7 é da autoria do dr. Guilherme de Almeida e do pintor José Vasth Rodrigues.

De accôrdo com esse parecer, o dr. Washington Luis, prefeito municipal de S. Paulo, expediu o seguinte acto:

**ACTO N. 1057, DE 8 DE MARÇO DE 1917**

*Manda publicar o braço de armas para a cidade e municipio de São Paulo.*

O prefeito do Municipio de São Paulo, usando das attribuições que lhe são conferidas por lei, resolve mandar publicar o braço de armas da cidade de S. Paulo, escolhido nos termos do art. 1.º da lei n. 1930, de 3 de Dezembro de 1915 e art. 13 e 14 do acto n. 867, de 16 de Fevereiro de 1916.

Art. unico — O braço de armas da cidade e municipio de S. Paulo consta do seguinte: "Escudo portuguez de góles com um braço armado movente do flanco sinistro empunhando um pendão de quatro pontas farpadas, ostentando uma cruz de góles, aberta em branco sobre si, da Ordem de Christo, içada em haste lanceada, em acha d'armas, tudo de prata. Encima o escudo corça mural de ouro, de quatro torres, com tres ameias e sua porta cada uma. Supportes. dois ramos de café de sua cor. Divisa: NON DUCOR, DUCO, de góles em um listão de prata".

Prefeitura do Municipio de São Paulo, 8 de Março de 1917, 364.º da fundação de S. Paulo. — O prefeito, *Washington Luis P. de Souza*. — O Director Geral, *Arnaldo Cintra*.

## ENSINO PRIMARIO

*Collaboração da familia no trabalho escolar.*

Constantemente, no nosso paiz, attrictos diversos surgem nas escolas e nas familias em virtude de mal-entendidos entre discipulos e mestres. As mais das vezes questões sem a minima importancia provocam lutas que, em certos casos, tornam-se violentas e vão mesmo até ás *secções livres* dos jornaes, bem como ás cartas denunciatorias ás autoridades superiores do ensino, ou aos officios de queixas contra o professor, com todo o cortejo de asperezas e agruras proprias a esses factos, tudo concorrendo afinal para desprestigio dos educadores, contrariedades dos chefes e aborrecimento das familias.

Noutras occasiões uma palavra mal ouvida, um gesto equivoco, uma expressão infeliz geram um estado de guerra entre o lar e a escola, o que não é absolutamente edificante. De um lado a familia a proceder acintemente, de outro o mestre a fazer pirraças; intervem a politiquice soez em nome dos mais inconcessaveis interesses... é inutil concluir que só o desproveito geral nasce de semelhantes inconveniencias, muito mais frequente do que geralmente se suppõe. Considere-se que já a simples antipathia é tão pernicioso ao trabalho quanto mais os successos de mór vulto!

Bem avisados e conhecedores desses acontecimentos, os paizes adiantados em materia de instrução publica tem dado largos passos no sentido de se favorecer um estado de coisas muito superior ao exposto, trazendo o auxilio das familias e a de todos o cidadãos intelligentes e operosos ao trabalho da escola, participaçãõ essa indispensavel para o progresso dos alumnos e dos proprios ensinantes, tantas vezes malquistados e até mais ou menos peiados nos seus trabalhos por questões de nonada.

Encarada a escola como o natural prolongamento do lar, numerosas foram as *ligas* e *associações* de paes e de mães de familia, ou ainda de simples almas caridosas, afim de trazerem seu valioso concurso ao mestre cuja função educativa, importantissima, tanto se reduz se attendermos ao numero restricto de horas que o alumno passa na escola, comparado com o durante o qual está na sua casa, ou apenas sob a responsabilidade paterna. Sabemos não serem muitas as familias que, tendo os filhos na escola publica, occupam-se em verificar e acoroçoar o adiantamento dos mesmos quer os instruindo, quer educando-os. E é exactamente neste ponto que reside a principal differença entre a escola publica e a escola particular, qualquer que seja o credo a que esta se filie. A primeira, mantida com o dinheiro de todos, recebendo crianças de todas as procedencias, não podendo eliminar alumnos por serem de côr (como ainda agora, em Petropolis) ou por pertencerem a partidos politicos ou grupos religiosos diversos, tem uma difficilissima e delicada missão que não escapa mesmo ao investigador descuidoso. Demais, o facto da familia haver escolhido uma determinada escola para o filho denota da parte della certa orientação educativa e uma attenção e vigilância muito favoráveis á obra do educador, segundo observa o pedagogista portuguez Albano Ramalho, no seu livro de impressões de viagem.

A escola privada pode, pois, seleccionar os alumnos, só mantendo as crianças que convierem aos seus intuitos por quaesquer motivos, e esse facto, insignificante na apparencia, é a chave do problema da melhor frequencia de taes estabelecimentos, e do exito do trabalho educativo, com relação aos ideaes que se pretenderem criar no espirito dos alumnos de semelhantes institutos de ensino.

Resulta disso, dessa collaboração muito mais assidua dos paes dos discentes das escolas privadas, a apparente superioridade numerica

nos resultados das mesmas sobre os estabelecimentos de publica instrução, isto é, aquelles mantidos pelo Estado e, portanto, obrigados a matricular discipulos de todas as classes sociaes e de todos os principios e até os que norma alguma professam. Como bem nota o citado Albano Ramalho, a comparação há de ser feita não entre numeros brutos, e sim entre percentagens, levando-se ainda em conta o que acima foi dito.

De maneira que na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Belgica) e nos Estados-Unidos da America do Norte as instituições que trazem á obra escolar formas variadas de auxilio estão muito generalizadas e, pelos excellentes serviços prestados, é de crêr que proliferem não só onde já existm como tambem nas outras partes do mundo ainda não em gôzo de tão grandes beneficios.

O concurso é prestado ora sob a forma de assistencia médica e dentaria, ora pelos fornecimentos de roupas e alimentação (sopa escolar, ração supplementar), ora em dadivas de livros, cadernos e mais utensilios escolares necessarios, ora com a abertura de bibliothecas escolares infantis e para adolescentes assim como para adultos, ora favorecendo-se festas escolares, passeios e mais diversões apropriadas, e ainda no socorro aos paes afim de qu os filhos possam frequentar assiduamente as classes, etc.

E', porém, sobretudo pelo amparo á formação do caracter, pelo patrocínio no que diz resepeito ao fortalecimento da educação moral que essas *ligas* e *associações* prestam um inestimavel serviço.

Sob tres pontos de vista deve ser exercida a cooperação da familia ou dos philanthropos na vida da escola: quanto á educação physica, quanto á educação intellectual, quanto á educação moral.

1. — Relativamente á EDUCAÇÃO PHYSICA vê-se logo que, desde o periodo de gestação, podem as mães concorrer para a efficacia do trabalho escolar futuro, cunprindo as regras prescriptas pelos

hygienistas; de tal maneira a criança nascerá robusta e é dos tempos e da autoria de Juvenal (42-125) o preceito *mens sana in corpore sano*. Depois, na primeira infancia, quantos cuidados a observar no aleitamento, na passagem para a alimentação solida, no vestuario, na habitação e até nos brinquedos a fornecer á criança! Cada assumpto destes, que se attenda convenientemente, é um proveito immediato para a robustez do corpo, de que dependerá o bom temperamento, o grau de resistencia á fadiga e ás molestias, a assiduidade ás aulas, a disciplina, a calma na vida do alumno, a alegria de viver, abençoada alegria que jámais existirá ao lado de um systema nervoso irritado, ou de um estomago preguiçoso, de musculos flacidos, ou ainda de um sangue pobre.

E os desvêlos para que se não estraguem os órgãos dos sentidos, e os carinhos para não se deteriorarem os dentes das crianças! Entretanto, por causas multiplas, a maioria dos paes ignora quasi completamente que nessas pequenas cousas está uma parte da felicidade dos filhos. Muitos paes, olhando a prole enfraquecida por ter crescido ao Deus dará e porque herdou mazelas dos progenitores, dizem orgulhosos, na sua inconsciencia, "os moços de hoje não prestam, são fracos; no meu tempo, sim, é que havia gente forte; eu, com esta idade, ainda tenho mais saude do que os filhos". De quem a culpa entretanto?!

2. — Na parte referente á EDUCAÇÃO INTELLECTUAL a ajuda que a familia poderá dispensar ao professor é de dupla natureza— ou instruindo simplesmente o alumno, sem a preocupação prejudicial, está claro, de formar pequenos sabios senão apenas ampliando lentamente as noções compatíveis com a perfeita saude physica e mental do educando (este trabalho exige muita finura e observação especiaes da vida infantil); — ou então exercitando os processos mentaes que devam ser desenvolvidos, por atra-

zados. Há treinos faceis e adequados ao aguçamento das facultades acquisitivas, das conservatorias e das elaborativas, cuja synthese constitue a intelligencia. Todavia como taes exercícos estão fóra do alcance de muitas pessoas e exigem certas precauções da parte de quem os applica, melhor será que a collaboração, neste capitulo, só se manifeste quando solicitada pelo docente.

3. — Com referencia á EDUCAÇÃO MORAL não custa descobrir que é aqui que transcende a valia de cooperarem mestres e discipulos nas tarefas escolares, *peri* e *post* escolares. Tratando-se da escola publica, leiga, os principios são precisam ser apresentados quotidianamente no seio do lar domestico e na continuidade da vida escolar, não só por palavras, o que evidentemente não basta, mas e de modo necessario, por exemplos que edifiquem. Inutil é prégar por palavras que não por exemplos; não só inefficaz como prejudicialissima é a contradicção entre o meio escolar e o meio familiar. Para que os preceitos se gravem no subconsciente do alumno, e só então servem como normas de conducta, devem elles ser sempre ouvidos na casa e na escola, em harmonia de vistas; observados na vida de ambas e do meio ambiente; e ainda praticados por imitação dos naturaes modelos (paes e mestres).

Sejam de vez afastados os comentarios deprimentes, os boatos malevolos e inconsistentes, a intriga aviltante, as questiunculas de intolerancia religiosa, politica e quejandas; congreguem-se todos os esforços no sentido de ser a criança rodeada no lar e na classe dos mesmos optimos ensinamentos, dos mesmos elevados ideaes.

Se a familia professa alguma religião, que mande os seus filhos ás igrejas catholico-romanas, aos templos evangelicos, ás synagogas judaicas, ás mesquitas mahometanas, aos templos positivistas, etc., conforme fôr o caso para, nesses meios apropriados, receberem as crianças

os ensinamentos dessas crenças. Tal ensino religioso completará o trabalho moralizador da escola, collocando a fé ao lado dos princípios universaes e leigos, para a formação de mais solidos caracteres; evite a escola ataques ás crenças dos alumnos, abstenham-se os sacerdotes das diversas seitas de referencias desairosas ás escolas publicas, oralmente e por escripto, pois taes conceitos gerarão a anarchia mental, moral e religiosa nas crianças, segundo temos observado.

Se o professor se esforça por inculcar bellos preceitos da mais pura moral christã, como, por exemplo: **NÃO FAÇAES A OUTREM A-QUILLO QUE NÃO QUIZERDES QUE OS OUTROS VOS FAÇAM, DEVEIS AMAR-VOS UNS AOS OUTROS COMO A VO'S MESMOS, NÃO SE DEVE PERDOAR SO' SETE VEZES MAS SETENTA VEZES SETE VEZES**, encontrando os discipulos, em casa ou algures, preceitos e praticas contrarias a esses ensinamentos biblicos, claro é que não será no curto prazo de quatro ou cinco horas de convivencia na escola que os bellissimos princípios de moral ficarão tão intimamente gravados no espirito do alumno que vão servir de base para a sua conducta na vida, porque a escola prepara a vida (*non scholae sed vitae discimus*, já dizia Seneca).

Pesa-nos no emtanto declarar que nada temos ainda no Brasil a este respeito de collaboração da familia na escola. Indagando bem, percebe-se até uma certa indisposição quanto á escola publica, da parte de numerosos membros da nossa sociedade, má vontade que nada mais é do que a incomprehensão absoluta do alcance social da escola e do papel que ella representa no evoluir da humanidade. Não é menosprezando a escola e muito menos desprestigiando o professor que se há de obter para o Brasil o que outros povos mais adiantados tem obtido para si. Nunca o des-

prezo ao mestre primario gerou energias civicas na massa da população de paiz algum: collaboração effectiva da familia na escola tem, entretanto, operado maravilhas onde ella se pratica.

Quaes são, porém, os meios de obter a entrada, na tarefa escolar, das familias ou dos philanthropos apenas? Varios são elles e nosso intuito não é apresentar um quadro completo dos expedientes possiveis e sim, unicamente, dar algumas indicações nesse sentido.

Em primeiro lugar expurgue se o magisterio de alguns elementos maus que porventura possue e quicá tolerados por motivos estranhos á pedagogia. Isto levantarão moral da classe e a collocará bem no seio da sociedade. Não nos esqueçamos jámais de que o mestre deve ser o exemplo vivo da moralidade inatacavel.

Depois erie-se o habito, que entre nós não existe, de visitarem as familias, por si ou por seus representantes, as escolas locais, para conhecerem-n'as de perto, para saberem como se tratam ahí as crianças, qual o regimen disciplinar, qual o methodo do professor, etc. Os professores devem ser os primeiros a querer mostrar a excellencia do trabalho que fazem e procurarão, a bem da propria tranquillidade e bom nome, revelar a vida escolar em toda a sua intimidade. Desse modo gerarão uma solida confiança no animo dos interessados — parentes ou quem quer que seja —, confiança que será de valor real na efficiencia educativa.

Mais uma vantagem que advirá das visitas — o desembaraço do professor. Em geral o professor nosso é acanhado a todos sabemos que o acanhamento profissional é um mau companheiro do mestre.

Crie-se tambem o *livro de apontamentos, caderninho de notas, boletins do alumno* ou que outro nome convenha e ahí, para uso exclusivo do educador e do encarregado

do discípulo, sejam indicadas as faltas commettidas bem como as correções, se foram feitas e de que maneira. Esse livrinho, reservado, será escripturado sem rancor, sem espirito prevenido, superiormente, de parte a parte, e por elle muitos dissabores desaparecerão.

Não convindo o *livrinho de apontamentos*, o melhor é organizar-se em cada localidade, independentemente da acção do Governo, uma junta de pessoas cultas e interessadas pela causa do ensino, junta essa á qual competirá a solução dos mal-entendidos entre mestres e paes de alumnos que, assim, perderão o costume de dar ouvidos a quantas invencionices a crança haja por bem dizer em casa, baseada na credulidade excessiva dos paes.

Ao <sup>esp</sup>spirito inventivo dos entusiastas cabe descobrir outras vias, de accôrdo com as condições locais, para que seja uma realidade, entre nós, aquillo que os povos mais civilizados reconheceram há muito como necessario e que praticam com vantagens dignas de uma superior imitação. — *Carlos da Silveira.*

## BRASIL-ALLEMANHA

“Os discursos que se pronunciam desta tribuna, da tribuna de onde se ora ao povo rosto a rosto, em dias como estes, não podem emprehender largas excursões pela benevolencia dos ouvintes. Em torno do homem que lhes fala, as multidões engrossam como os mares ao redor do veleiro, que, de crista em crista, se vae aguentando nas aguas agitadas. No meio dos successos que se apressam em ondas encapeladas e sobreerguidas, não ha lugar para o trabalho do raciocinio equilibrado em deducções e argumentos. A eloquencia ahí é a da concisão das vozes de manobra entre os assovios do vento, ou a dos clarões do pharol entre os cabecos dos abrolhos.

Eis porque não me é dado agradecer, como quizera, aos oradores

que me acabam de saudar em vosso nome, as honras do seu entusiasmo, e a vós, brasileiros, que me cercaes, este concurso immenso, estes applausos, estas aclamações, tão minhas conhecidas, que seriam uma glorificação para quem as merecesse, se as pudesse merecer alguma coisa, neste mundo, senão a idéa impessoal, a idéa augusta, a idéa soberana, em volta da qual giramos, os atomos humanos, que o sopro eterno conduz para o eterno desconhecido.

A mim não me assiste senão o merito de ter sido o homem de uma só convicção, amadurecida numa vida inteira: de ter sido sempre, entre as tortuosidades da politica, o espirito da linha recta, a recta da liberdade e do direito; de ter sido, até hoje, um obreiro irreductivel da verdade, cavando na consciencia, no coração, no instincto, na mira das realidades e comunicada, sem transações, aos meus semelhantes, custasse o que custasse, partidos, regimens, derrotas, espoliações, affrontas, riscos e amarguras de toda ordem, contanto que se salvasse a minha fé, a minha sujeição á evidencia interior dos meus deveres para com a humanidade, para com a Patria, para com a justiça, expressão viva da existencia de Deus, entre os homens.

Quizestes-me ouvir hoje. Exigistes a minha presença nesta vasta assembléa. Ditastes-me uma ordem, a que o homem publico, nesta conjuntura, não podia desobedecer. Obrigastes-me a quebrar o silencio, por mim resolutamente guardado ha muito e não intervalado senão de longe a longe, de muito longe em muito longe, para exonerar as minhas responsabilidades nesta crise universal, em que, a meu vêr, se acha envolvida a duração do nosso regimen, a conservação do nosso territorio, a preservação da nossa nacionalidade.

Para que o quizestes? Para que seria, se não era para escutar-des alguns accents dessa pertinacia na recta que me tracei a mim mesmo desde o começo da confla-



gração européa, e que, apenas se me offereceu a occasião inevitavel, busquei mostrar nos estava traçada a todos, brasileiros, americanos, christãos, homens civilizados? Para que teria sido, senhores, se não fosse para vos dar mais um testemunho da minha confiança, originaria, constante, inalteravel, da victoria dessa causa, grande sobre todas as causas grandes, sublime acima das mais sublimes, que tão energeticamente atráe o Brasil para o seu centro de gravitação irrisistivel?

Pois bem, concidadãos, esse testemunho aqui o tendes nos meus applausos á intervenção popular em um lance da nossa historia, que sem a interferencia do povo nunca se resolveria, e que, apesar della, ainda não está resolvido. Necessario era que tomasseis nas mãos o litigio supremo, que a vossa vontade se enunciasse nas ruas, peremptoria e intransgredível.

Mas, agora, ainda mais necessario será que não cesseis este movimento, que não abaleis desta attitude, que não descanseis na marcha para a frente, que saibaes manter até ao cabo o zelo da vossa dignidade, e acceiteis, sem entibiar, sacrificios, perigos, contratempos, resistindo aos sophismas do egoismo, da indolencia ou da covardia. Para sossobrar a causa dos allia-dos era mistér que o genero humano perecesse. Para que o Brasil errasse, abraçando-se com ella, seria preciso que todas as leis moraes desaparecessem da regencia do mundo; e. em hypothese tal, desgraçados seriam os que sobrevivessem a essas leis, fóra das quaes a vida não valeria a pena de se viver.

Não, senhores! Quando se trata da propria substancia da humanidade, negada e destruida, quando se trata da essencia mesma das nações, desmentida e abalada, quando se trata de salvar do diluvio dabarbarie todo o passado, todo o presente e todo o futuro do mundo christão, não ha obstaculos que possam atemorizar os povos, grandes ou pequenos, se uma solidarie-

dade universal os associa no mesmo campo, debaixo das mesmas tendas. Tudo se tem de expor, com o animo em Deus, para salvar tudo. Lembrae-vos daquella famosa batalha naval, que immortalizou o nome de Farragut.

Estreita é a passagem. Os torpedos, seguros da sua sinistra missão, esperam no fundo com a morte provavel, quasi certa, o atrevimento da quilha temeraria. Mas a voz do grande almirante se levanta como a voz da honra. "Leve a breca os torpedos! Avante!" "Damned torpedos! "Go ahead!" As naves se abalam. A capitanea transpõe galharda o passo, a victoria estende os braços aos homens de fé na sua causa, a democracia, a liberdade, o christianismo triumpham nas bandeiras dos que põem acima de todos os riscos, o seu brio, as suas crenças, os seus deveres.

Em occasiões destas, concidadãos meus, ou antes, nesta occasião, porque como esta nunca houve na historia do universo, o povo não pôde entregar a ninguem as suas reivindicações, as suas necessidades, o seu destino.

A nota Wilson não é a obra de um homem: é a obra do povo americano, victorioso das hesitações do seu governo após dois annos de opinião publica agitada e vibrante contra as promessas e falacias, as concessões e recuos, as idas e vindas, em que a diplomacia de Berlim entretinha a diplomacia de Washington, generosa e illudida, enquanto nos torpedeamentos successivos do "Falaba", do "Gullight", do "Nebrasca", do "Lusitania", do "Armenian", do "Arabic", do "Aneona", do "Persia", do "Sussex" e de tantos, tantos outros, até hontem, a pirataria alleman varria do oceano a propriedade americana, as mulheres e crianças americanas, a bandeira americana, nesse vil systema de traições e impiedades, a guerra submarina, a que o genero humano deve dar caça, como se deu aos corsarios do Mediterraneo, aos cannibae da America, aos "thugs" da India, aos "boxers" chinezes, a todos esses

phenomenos do instinetto da carniceria e da pilhagem, que a policia das nações civilisadas banii da superficie do globo.

Dado esse trabalho da politica alleman, que rasteja por toda a parte, que em todas as profundidades, mergulha, que se infiltra em todas as camadas, que suborna todos os interesses, que invade todas as espheras, essa politica de intriga e peita, de conspiração e revolta, de incendios e machinas infernaes, essa politica de espionagem e contaminação universal que se projecta até ao seio da administração dos paizes em armas contra ella; dada a brutalidade cynica desse elemento que se resgatou de todas as leis divinas e humanas, e que em tudo se sente, jogando, comprêendo, espreitando, ameaçando, tramando, nem mesmo a guerra declarada basta, para assegurar uma nação, quando ella não tenha os olhos abertos sobre os que a governam, de que elles não a esqueçam, não a compromettam, não a sacrificquem.

Vêde, concidadãos: vêde, reflecti, e explicae. A Russia cuidava estar seriamente em luta com os Imperios centraes. Havia-lhes declarado guerra. Tinha os seus exercitos contra elles em campanha. Exhibia as suas finanças em gastos colossaes. Perdia nos campos de batalha milhões de homens. Estava ligada para a vida e para a morte ás potencias alliadas. Um pacto de honra a obrigava a não liquidar senão de accôrdo com ellas a paz e a situação ulterior da Europa. Mas, por baixo de todas essas apparencias, roja uma trama de Isariotes. O polvo de Wilhelmstrasse estende os tentaculos até Petrogrado. O kaiser tem collaboradores no seio da nobreza russa, da côrte russa, da dynastia russa, do exercito russo. Generaes, ministros, principes, trabalham envolvidos nessa teia, pela paz em separado e pelo abandono da alliança. A acção militar claudica, atrasam-se as operações, desastres inexplicaveis annullam o poder gigantesco das massas moscovitas. Até que

um dia a sensibilidade nacional, advertida pelos rumores subterraneos da traição, accorda a subitas, uma força imprevista ergue da gleba o titão esmagado, o throno imperial desaparece, e as prisões do Estado se fecham sobre os administradores, os magnatas, os generaes amigos do inimigo. A nobreza adhere. E os grãos-duques annuem. O Santo Synodo subscrive. Os exercitos, com as esquadras, exultam. E, num paiz de dez ou doze milhões de soldados em armas, não ha influencias militares que ousem abraçar-se, em nome da classe, com os seus membros accusados, suscitando questões militares em beneficio da Allemanha, privada alli agora dos seus Judas e ameaçada nas suas instituições. A Russia libertada não reconhece a nenhuma ordem, a nenhuma casta, a nenhum principado, a ninguém, a coisa nenhuma, espada, bastão ou sceptro, o direito de se sobrepôr á nação e trail-a impune-mente.

Eis a grande lição. Preciso é não a esquecer. O Brasil não tem categorias politicas, não tem castas, não tem privilegiados. E' um paiz de cidadãos, com um governo de leis e um regimen de liberdade. Não substituiu o mando da realza pelas insignias da força. Combateno no militarismo de origem nacional. Agora, quando o ameaça o militarismo estrangeiro, é para o combater que conta com os seus homens de espada, certo de que elles não a utilizarão nunca, senão para morrer pela Patria, e sustentar a ordem constitucional.

Pela ordem constitucional, pela patria é que estaes aqui reunidos, concidadãos meus. Não me enganava eu em me crêr o vosso mais fiel interprete, quando, em Julho do anno passado, na grande capital argentina, depois de concluida a minha missão diplomatica, ergui a voz, para combater em nome da lei internacional, a falsa neutralidade, que violava essa lei grosseiramente, assistindo impassivel ao desmoronamento systematico das

convenções de Haya pelo martelo dos hunos.

Desejaria ter errado. Congratular-me-ia hoje commigo mesmo de ter então visto e previsto o mal. Mas, ponto por ponto, em todo o meu ver e prever, me deu a mais estrondosa razão o curso dos successos. E' que já era facil ver e prever, quando não se tratava senão de applicar o bom senso á itelligencia dos acontecimentos e as leis moraes á dedução das previsões. As leis moraes e o senso moral não podiam falhar num dos casos mais obvios de sua applicação, a que tem assistido a historia da humanidade. O diagnostico e o prognostico estavam ao alcance da menos intrincada medicina. Mas os interesses do egoismo politico turvaram a razão dos grandes Esculapios, e o mundo neutro está hoje quasi todo no vórtice da conflagração, porque os guias das nações não souberam oppor, em tempo, ao menos no terreno moral de um protesto generalizado a resistencia do genero humano aos adversarios do prussianismo. Protesto e não guerra.

Não foi a guerra o que eu pré-guei em Buenos Aires; foi a evidencia da solidariedade entre os povos não atacados e os povos atacados na causa da legalidade internacional que estes representavam. Não foi a guerra o que alli sustentei; foi a lei da correspondencia inevitavel entre a segurança dos neutros e a reivindicación do direito constituido, cuja queda o kaiserismo proclamava. Não foi a guerra o que eu advoguei naquella solennidade memoravel; foi a união resoluta dos neutros em reprimirem, com um acto collectivo de reprovação absoluta, a insurreição de pan-germanismo contra a existencia de todas as nações independentes.

Se, logo ás primeiras explosões da revolta insana contra o direito constituido nas convenções de Haya dizia eu "Os signatarios dessas convenções levantassem o clamor publico da censura universal contra o arrojo das paixões embriaga-

das do delirio do orgulho, a torrente da desordem ter-se-hia moderado, senão recuasse". Minha confissão era, e continua a ser agora ainda mais energicamente, que a selvageria germanica recuaria diante dessa barreira formidavel. Ora, para começar a erigil-a, não se requeria a iniciativa das grandes potencias armadas. Todas as nações eram obrigadas a esse movimento, porque todas eram contraentes nos actos juridicos de Haya, todas por elles deviam acudir, quando violados, todas prevaricaram, repudiando esse dever, commu a todas.

Como ellas, o Brasil prevaricou em seu proprio damno; e a sua prevaricção mal se attenu'a, por brilhar em tão luzida companhia. Entre as nações, como entre os individuos, os grandes, pela sua mesma grandeza, podem contar mais com o seu poder que com o seu direito. Mas, os pequenos só com o seu direito podem contar contra a soberbá dos poderosos. Nesta situação, porém, dominada pelos mais altos interesses humanos, qualquer que fosse a nacionalidade, cuja voz se levantasse, imporia, determinaria, arrastaria o concurso das outras. Se viesse a ser o Brasil, esse Brasil do valor moral de cujo rompimento de relações com a Allemanha tantos encarecimentos agora se tecem na Europa e nos Estados Unidos — se viesse a ser o Brasil, a sua attitude repercutiria em todo o continente a opinião publica, já em braza na grande Republica da America do Norte contra as vacillações do seu governo, se elevaria a uma altura de pressão decisiva, as outras democracias americanas, suas irmans, se lhe seguiriam, e a insolencia aggressiva do germanismo entraria em vasante.

Os dois annos de liberdade, que se lhe deixaram, com a criminosa connivencia de todos os governos neutros, essa larga tolerancia, essa cumplicidade monstruosa o acoroçaram, de vesania em vesania até á systemasiada exterminação do povo belga, á brutali-



dade cynica da guerra submarina e ao privilegio bestial assumido pela derrota de assolar, na retirada, as regiões abandonadas pela occupação militar.

Os neutros renunciaram ao papel glorioso de evitar, de atalhar, de represar essa inundação de crueldade. Mas, a sua abstenção animou até ao extremo do extremo a demencia truculenta do inimigo do genero humano, inculcando-lhe coragem para lhes lançar á cara o repto da guerra submarina.

Esse repto era a declaração geral de guerra a todos os neutros, porque era o prégão, deitado a todos elles, de que a Allemanha não distinguiria, nesse tratamento illegal e barbaro, entre o commercio das nações neutras e o commercio das nações belligerantes, que as selvagerias allemans contra a propriedade commercial dos belligerantes se estenderiam á propriedade commercial dos neutros, que no mesmo exterminio se amalgariam os navios, as tripulações, os passageiros de todas as nacionalidades.

Então é que os neutros se lembraram de protestar. Um protesto em resposta á mais insolita de todas as declarações de guerra!

As declarações de guerra presumem-se reguladas pelas normas juridicas da guerra. A primeira das normas juridicas da guerra é a das immunidades reconhecidas ás populações e aos individuos não combatentes, principio de humanidade que, desde Grocio, desde a primeira metade do seculo dezeseis, se considera, em tempo de guerra, como a divisa capital entre a barbarie e a civilisação. O direito, assumido pela Allemanha, de metter a pique os mercantes, sem aviso prévio, nem consideração de especie alguma para com as vidas humanas alli transportadas, abolia esse principio terminantemente, rasgadamente, desafioradamente. Era, portanto, a declaração de guerra, mas uma declaração de guerra aggravada pela illegalidade, pela deshumanidade, pela brutalidade, pelo inaudito da provocação.

Essa opinião bastava, claro está, bastava ser minha, para não ser exacta. Mas graças a Deus, é, afinal, a opinião sustentada na mensagem do presidente dos Estados Unidos e formulada na resolução do Congresso Americano. Os Estados Unidos "não declaram" a guerra, aceitam, reconhecem, annunciam o estado de guerra já existente. Os actos da Allemanha importam no estado de guerra, a que a nação americana se submete.

Mas, esta situação não era, não é, diversa da nossa. Não. Era, e é absolutamente a mesma situação do Brasil. De onde resultou, para os Estados Unidos, o estado de guerra, por elles reconhecido? Da nova fórmula do bloqueio instituido com a nota comminatoria do afundamento dos navios, sem prévio aviso, nem contemplação de ordem alguma com as vidas humanas. Da promulgação dessa fórmula, seguida, pouco depois, de actos de execução no torpedeamento de um vaso mercante americano, emanou, para o governo de Washington, a guerra em estado inevitavel de acção actual, a guerra decretada, não pela Republica americana, mas pelo Imperio allemão.

Este, porém, não intimou a fórmula selvagem do bloqueio, a comminação do exterminio dos passageiros e equipagens embarcados nos vasos mercantes, não dirigiu essa categorica ameaça unicamente á patria de Wilson. Endereçou-a a todos e a cada um dos neutros, communicou-a a todos os neutros e a cada um delles, endereçou-a, especialmente, solenemente, ao Brasil, e, dahi a dias, a poz em effectividade com actos de execução cruéis em um vaso mercante brasileiro, tres de cujos tripulantes morreram assassinados, no barbaro assalto naval, pelos corsarios allemães.

Pois bem, senhores: do mesmo caso, dos mesmíssimos elementos, de uma situação só, mas commum aos dois paizes, vamos derivar para o da America do Norte, para os Estados Unidos, a inauguração do estado de guerra, para o da Ame-

rica do Sul, para o Brasil, a continuação do estado de paz. Por que, senhores? Por ser um direito internacional além do equador, outro aquem, um para os "yankees", outro para os brasileiros? Ou porque as vidas brasileiras valham menos do que as vidas americanas? Ou porque exista uma soberania para as nações poderosas, outra para as fracas? Ou porque haja uma honra para a grande Republica do norte, outra para a vil Republica do sul? Ou porque a vergonha seja de uma tempera no Mississipe, de outra no Amazonas, e o brio córe mais depressa em Washington do que no Rio de Janeiro?

Resolvam os que souberem. Eu não logro atinar como condições absolutamente identicas no facto e no direito, em um só continente, sob a mesma legalidade e na mesma occasião, possam determinar em dois paizes independentes, civilizados e livres, dois estados juridicos diversos, duas situações politicas oppostas. A Republica norte-americana passou rapidamente do protesto ao rompimento de relações, do rompimento de relações á guerra. A Republica sul-americana tentou limitar o protesto e, afinal, com a interrupção de relações, lançou ancoras ao fundo.

Ha de garrar até á guerra. Lá irá ter arrastada pela reiteração das aggressões, mas não antes que a pirataria sábia nos mate mais alguns brasileiros, e a manopla germanica nos marque no outro lado do rosto. Tremenda fatalidade é essa da rotura da paz entre dois Estados. Mas não se lhe resiste, quando a essa fatalidade se vê arrastada com violencia uma nação tranquilla e innocente, em desaggravado dos seus cidadãos exterminados a tiros de canhão e arremessos de torpedos.

Aliás, se ahí chegarmos, como parece inevitavel, a nossa actividade terá de se limitar ao territorio brasileiros e suas aguas. De entrarmos em campanha não se nos abria ensejo, a não ser que o elemento allemão, realisando as suas as-

pirações inveteradas, se insurgisse agora nos nossos Estados meridionaes; o que não se crê provavel neste momento, quando os imperios centraes, assediados pelo mundo, começam a sentir o peso da sua ruina, cujas proporções um levante germanico no continente americano aggravaria immensamente, incompatibilizando com a America a Allemanha, já incompativel com a Europa.

Nem por isso, entretanto, deixará de ser consideravel a nossa contribuição, nem por isso deixará de ser util o nosso modesto, mas nobre contingente na luta dos Titães. Além do concurso de uma nação de vinte e cinco milhões de almas, com a sua solidariedade, cujo valor moral não se poderia desconhecer, entraremos para a victoria definitiva com a nossa associação ás esquadras alliadas no policiamento do Atlantico meridional; entraremos com a vastidão e a variedade maravilhosa das situações do nosso litoral, seus ancoradouros, seus abrigos, suas ilhas, suas bases de operações navaes; entraremos com a nossa alliança commercial, com a importancia do nosso commercio, com o thesouro da nossa clientela no trabalho ulterior de resistencia á penetração mercantil e colonial do germanismo, precursora da sua absorpção militar.

Contida nestas linhas, que naturalmente, que necessariamente se lhe acham traçadas, a nossa intervenção na guerra, que tudo nos impõe, e não se evitaria senão á custa de prejuizos irreparaveis, de temporisações humilhantes, de erros desastrosos ao nosso futuro, a nossa interferencia, digo, a nossa participação na guerra, se nos vae levar a sacrificios, não é a sacrificios, que excedam a tensão possivel da nossa capacidade, os limites supportaveis da nossa abnegação, da nossa coragem, da nossa honra, a extensão exploravel dos nossos recursos, dilatados pelas collaborações uteis que adquiriamos na nossa reorganisação nacional, nem que nos constranjam a necessidade al-

guma de nos desviarmos da orbita normal das nossas instituições, para legitimar anomalias inconciliáveis com o nosso regimen.

Sim, concidadãos meus, assentae, sobre tudo, no espirito, esta verdade, que, acima de todas, recomendo, neste momento, ao vosso civismo, esta verdade, em que, para o caso occorrente poderemos dizer que se encerram a lei e os prophetas. Se a guerra não pôde ser enesejo ás reivindicações populares, para sahirem da ordem constitucional, não pôde a guerra servir de pretexto á acção do poder.

Nisto vos toco, senhores, porque já me chegaram aos ouvidos, através dos clamores patrioticos da imprensa, rumores de um trabalho pela dilatação dos orgams militares do governo á custa dos seus orgams civis. E não pôde haver insinuação que mais devamos atalhar, logo ao começo, com toda a nossa energia.

Não: para que as armas tenham a liberdade necessaria aos seus movimentos, não se ha mistér de que assumam um dominio incompativel com os nossos direitos. Nem a França, nem a Inglaterra, nem a Italia sahiram das regras do systema constitucional, para criarem essa estupenda organização militar, que assombra o mundo. Não são os chefes dos exercitos, mas os delegados da Duma, os que estão no governo da Russia redimida, succedendo ao imperio militar, destronado pelos elementos liberaes. Com essas potencias da guerra se vão medir os Estados Unidos em rasgos de força e grandeza. Mas ninguem seria capaz de murmurar alli que, para assegurar á organização das tropas e esquadras norte-americanas a mais poderosa amplitude, seja mistér desalojar o presidente da Republica da sua primazia constitucional, entregando-a aos ministros militares. A sua docilidade á posição que lhes attribue á lei fundamental é tão necessaria, na guerra, como na paz, á ordem da paz, ou á ordem da guerra, como a docilidade corespondente dos ministros civis a essa mesma lei.

Os que della discrepassem, não iriam a caminho da salvação da patria, iriam a caminho do nosso captivo, não concorreriam para a desprussianização da politica do mundo, mas para a prussianização da politica do Brasil. Muito vale o nosso territorio, muito os nossos navios, muito as vidas dos nossos concidadãos. Mas mais do que tudo vale a liberdade, que está muito acima de todas as organizações politicas, e não é nossa: pertence ao genero humano, cuja integridade não podemos lesar, alienando com ella o que a lei da nossa criação nos deu, para merecermos nosso logar entre as obras do Criador. Cara é a patria. Mas mais cara a liberdade, e a humanidade ainda mais cara. Se a patria se deshumana e se captiva, os corações altivos, os espiritos sãos, as raças nobres abandonam a terra do seu berço em busca da humanidade e da liberdade. Com uma e outra é inconciliavel o militarismo. A Allemanha o attesta!

Se á Allemanha, pois, declararmos a guerra, não será, não poderia ser, para criarmos um Brasil novo á semelhança da Allemanha. Combatendo o kaiser-assu', não poderemos admittir os kaisers-mirins. De não menos de tres ditaduras, todas militares, já gosaram a excellencia os nossos vinte e sete annos de existencia republicana. A experiencia é cabal. Tentar-a outra vez seria precipitar o Brasil inteiro na mais justa das revoluções. Promovel-a agora, aconselhal-a agora, insinual-a agora diante do inimigo, ás portas da guerra, seria commeter a mais negra das traições; traição á liberdade, traição á patria, traição á causa dos nossos alliados.

Essa causa, a causa que se debate nesta guerra, é a causa da emancipação das nações oprimidas; não é a da escravidão das nações livres. A ella somos compellidos, reduzidos, arrastados. Mas, buscando na escoria do mal, todo o minerio precioso, que com ella se encontre de envolta, não sahiremos

desta guerra sem grandes benefícios, se o paiz a dirigir, e não renunciarmos ás leis do nosso regimen. Com ella teremos a possibilidade unica de encararmos seriamente e seriamente resolvemos o caso da germanisação do Brasil meridional.

Nella estreitaremos intimamente as grandes amizades europeas e americanas, a que tudo devemos e ainda mais ganharemos em dever no nosso vindouro desenvolvimto. Por ella entrando em contacto com a politica das grandes potencias liberaes, alargaremos, consolidaremos, melhoraremos a nossa democracia.

Que haja nesta guerra a competencia de muitas rivalidades não se nega. Mas o que lhe constitue a essencia, o que lhe dá o typo, o que a define, é outra coisa: é o encontro da força com o direito, do governo pela justiça com o governo pela espada, dos povos livres com os oppressores de povos. E' a guerra da liberdade contra o militarismo. E' a guerra das nações contra os despotas. E' a guerra da Gran-Bretanha, a mãe dos Parlamtoes, da França, a mãe da revolução, da Republica norte-americana, a mãe das federações modernas, contra o kaiserismo teutonico e o sultanismo turco. E' em summa a guerra da democracia contra a autoeracia. A prova está na transformação moscovita. O throno des ezares cahiu, para que a coherencia liberal da grande alliança illuminasse em todo o esplendor da sua harmonia a luta gigantesca.

Desse fóco luminoso nos acercaremos, e agora acceleradamente, inobstavelmente. Sob os seus raios, dentro em pouco, se verá, unido num só corpo, todo o continente americano. O acoite da pirataria acaba de passar pela Republica Argentina; e a nossa grande irman do Prata não pertence á raça das nações resignadas, por cuja cartilha um povo de brio não desembainha a espada antes de esbofeteadas nas duas faces.

Amanhan, na America inteira se

ouvirá o clarim da nova alvorada. Deus não desencadeou a conflagração para consumir o genero humano, mas para o salvar. Da grande calamidade vae emergir a grande renovação. Na curva do horizonte roxeado pelo sangue começa a se anilar a aurora de um mundo melhor. Cabirão os governos do arbitrio, e surgirão os governos da lei. Hontem, a Russia. Amanhan a Alemanha. Depois, outros.

Oxalá que nós tambem, meus concidadãos, nos embebamos desse contagio regenerador, o bom contagio, o contagio do verdadeiro heroismo, do heroismo humano, do heroismo liberal, do heroismo christão, e que a nossa nacionalidade, a nossa constituição, a nossa vida social, retemperando-se nessas fontes, nos sanhem o presente, e nos assegurem no porvir melhores dias, para que a nossa entidade moral cresça, para que mereçamos o nosso logar na superficie da terra. Então poderei começar a ver realizado, no declinio dos meus annos, o sonho patriotico da minha mocidade: um Brasil em cujos primeiros surtos o nosso coração possa divisar, como na visão de Milton, "uma nobre e poderosa nação, erguendo-se á semelhança de um homem robusto que despertou, sacudindo as suas suas cadeias." (Ruy Barbosa — Discurso no Rio de Janeiro).

## REVISTAS E JORNAES

HOMENS  
E COISAS NACIONAES

COTEGIPE INTIMO

Cotegipe, ainda que apreciase os lazares, havia de ser trabalhador. Não se occupa em vão os mais variados cargos na actiidade publica durante quarenta e nove annos cheios como o foram os do Brasil, de 1840 a 1889, plenos de factos culminantes, de rivaes temerosos, de lutas civicas, de contendas sérias. Tempo houve, em 1885, no qual foi simultaneamente Presiden-

te do Conselho, Ministro de Estrangeiros e do Imperio, Chefe do partido conservador e tambem Chefe do grande e inextinguivel partido da caridade, por nome a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro.

Cotegipe madrugava. Emquanto muito amanuense bocejava na cama, pensando na proxima promoção, o eminente politico deixava o leito para, ao romper do dia, passar os olhos pelos jornaes. E delles quantos conheceu... Era o primeiro café intellectual, ás vezes com assucar, ás vezes bem amargo. Bebido o trago de imprensa, Cotegipe, se era simples parlamentar, marcava nos jornaes, com um traço, as publicações dignas de leitura atenta: se governo, marcava-as para providencias deste. Em seguida passava do que fôra escripto ao que devia escrever. A sua correspondencia assidua tinha destinatarios em todo o Imperio e no estrangeiro.

Na carta corriqueira o lapis corria pelas entrelinhas traçando a resposta, não raro tão nitida, tão perfeita, que o auxiliar solerte apenas copiava.

Escrevia devagar, reflectindo, colhendo expressões amadurecidas no pensamento. Não lhe aprazia resenhar e gostava de dizer muito, dizendo claro.

Quando não respondia de proprio punho, para evitar omissões de endereço, cuidadoso mencionava quaesquer titulos honorificos, scientificos ou militares dos destinatarios.

Findo o serviço epistolar, ia ouvir as pessoas que o esperavam, sobretudo quantas traziam interesses ou negocios ligados á administração da Santa Casa, surdamente caridosa e complexamente difficil.

Recebia-as numa sala contigua á de espera, uma por uma, sem promiscuidade, nem audiencia de terceiros. Nem sempre é agradável falar de si perto dos outros.

Cotegipe attendia os solicitantes matutinos despachava-os, obstando sem desprimor de polidez as exposições que para pedir, por exemplo, um lugar no Recolhimento das

Orphãs queriam remontar á velha culpa de Adão e Eva. Findo o almoço, fumava um Havana forte, accendendo-o quasi com volupia, pois pretendia que de accender devagar depende, em parte, o bom charuto.

Punha-se a passeiar ao comprido da sala. Era a hora concentrada, do affluxo da reflexão, da coordenação de idéas, da memoria, aliás admiravel, permittindo-lhe responder aos discursos mais extensos dos adversarios mais tenazes sem apontamentos, sem o olvido de minucias. Aliás gostava de responder incontinentemente ao competidor, allegando que "o intervallo lhe esfriava os nervos"

Homem publico, sobrecarregado de tarefas, só a poder de muito methodo conseguia tempo e folga para acudir áquellas tarefas, accrescidas das de amizade, cortezia e sociedade, sobremaneira do seu agrado. Quando appareciam encargos novos, Cotegipe achava geito como que para empurrar o tempo já preenchido e repartil-o com os recémvindos encargos, fiando-se em alto grão na confiança no proprio valor, na calma, na sua intuição e no seu prodigioso poder assimilador. Assim fôra desde estudante, na velha Faculdade de Olinda. Todo esse capital se achou, com o correr dos annos, dobrado pelo juro inapreciavel do trato humano, da experiencia dos dias, de tudo quanto o ente de escol vai sommando enquanto se aproxima a subtração brusca ou vagarosa da sepultura.

Findas as occupações diarias, recolhia-se para, ao anoitecer, despachar o expediente da pasta da Santa Casa, expediente volumoso e variadissimo como o de qualquer Secretaria do Estado. Gostava de jogar a manilha ou o voltarete, o celebre voltarete que contra elle voltou o dicto de certo adversario: "O Sr. Cotegipe, a mais bella intelligencia deste paiz, estragada pela chalaça e pelo voltarete".

Entretanto esta diversão era tida por Cotegipe como "salutar ao cerebro sobrecarregado".

Um dos infallíveis parceiros do jogo era o Senador José Ignacio Silveira da Motta, que muitas vezes se assentava á mesa da manilha ou do voltarete, depois de ter accusado vehemente no Senado o partido ou os Governos dos quaes Cotegipe fazia parte.

A regra geral das relações entre os politicos do segundo reinado foi a cordialidade entre rivaes partidarios extremados, não raro amigos extremos. Havia na sociedade carioca muito maleriado; mas era logo percebido por numerosissima gente bem educada. Tomava-se chá em pequeno e em chicara grande.

A casa de Cotegipe sempre foi divertida. Della ainda ha hoje quem falle com reaes saudades. A's quintas-feiras Cotegipe recebia. As filhas, senhoras de fino trato e de varios idiomas, sustentavam a conversa, não raro em francez, allemão ou inglez, com diplomatas.

As recepções muito cheias, de agrado e de visitas. A uma dellas Cotegipe declarou aos hospedes que se cifraria a méra palestra, por haver fallecido a esposa do Senador Saraiva, com o qual estava de relações restringidas a cerimoniaosa saudação.

Assim foi nas diversas residencias cariocas de Cotegipe: em 1871, na rua de S. Clemente n. 70, em 1873, no Rocio n. 86, hoje praça Tiradentes; em 1875, na rua Dous de Dezembro n. 53, hoje Christovão Colombo; em 1877, na rua Senador Vergueiro n. 9, como Ministro da Fazenda. Nesta casa permaneceu por muitos annos e no telephone della, n. 1.037, quanta cousa interessante ouviu e disse.

Ahi exhalou a 13 de fevereiro de 1889 o ultimo suspiro, ahi chegou á familia enlutada o telegramma de pezames de D. Pedro II: "Sinto-o muitissimo. Estimo-o desde cincoenta annos..." Parodiando um personagem de Murger, o Soberano poderia ter exclamado: "*Oh! mon régime, c'est vous qu'on enterre!*" — (Eseragnolle Dória — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

OCTAVE MIRBEAU

Era um bello typo normando, como Flaubert, Barbey d'Aurevilly e Maupassant, que tinha nascido no mesmo anno em que elle, isto é, em 1850.

Destes tres é a Flaubert que elle se assemelhava menos do ponto de vista intellectual e a Barbey, que mais se assemelhava, apesar das apparencias. Mirbeau deve ser considerado como pertencente a escola naturalista, ao grupo dos discipulos de Zola. Mas, foi por um desvio que elle chegou ao naturalismo. Originario de familia conservadora, educado no collegio dos jesuitas de Vannes, que parçe entretanto ter-lhe deixado más recordações, a julgar pelo seu romance *Sebastien Roch*, Octave Mirbeau adheria plenamente, no primeiro periodo de sua carreira, ás doutrinas politicas e religiosas que lhe tinham inculcado seus paes e seus professores. Foi nesse tempo e com esse espirito que elle publicou em 1882 o seu famoso artigo sobre os comediantes, artigo que provocou grande celeuma. Pouco tempo depois fundou um pamphleto hebdomadario intitulado *Grimaces*, onde se affirmava catholico, militarista e realista e invectivava furiosamente contra os republicanos. Evidentemente essas paginas de ha trinta e cinco annos devem espantar os jovens leitores de hoje de Mirbeau, que não conheceram senão um Mirbeau convertido por principios exteriormente differentes. O que é singular é que a evolução de Mirbeau tenha sido tão tardia. Geralmente essa evolução opera-se ao sair do collegio. A nova phase das convicções de Octave Mirbeau não data sómente da celebre questão que conheceis e na qual tomou partido ostensivamente, mais uma vez, sob a bandeira de Zola. *Grimaces* tinham cessado de apparecer em 1884. Em 1886, 1888 e 1890 Mirbeau dava successivamen-

te tres romances de forma naturalista e de pensamento terrivelmente emancipado. *O Calvaire* obtinha a aprovação de Paul Bourget, na opinião do qual esse livro era "um dos mais originaes que têm apparecido ha annos pela magistral simplicidade da factura, a sinceridade emocionante e a coragem em por a nu' secretas feridas da alma. Trata-se de aventura de um rapaz, dominado, arruinado e envelhecido por uma Dallila do *demi-monde*, uma Sapho. Como o uso era então escrever romances que não fossem sómente crises, mas biographias completas, Mirbeau nos mostra o seu heroe creança, depois soldado em 1870. E não dissimula o seu horror da guerra. Do mesmo modo que Sebastien Roch, sahindo do seu collegio de jesuitas, no tempo dessa mesma campanha, diz: "Vou partir e bater-me e nem sei mesmo porque vou partir e bater-me". Deve-se notar que se Mirbeau teve algum exaggero outrora nas suas theorias antimilitaristas, em 1914 poude, entretanto, proclamar seus procedimentos patrioticos e sua fé na victoria. Quanto ao terceiro romance dessa época, *L'Abbé Jules*, é a aventura de um padre revoltado que volta ao paganismo e deixa a sua fortuna em testamento ao primeiro de seus collegas da diocese que lançar a batina ás urtigas. Só dez annos mais tarde é que appareceu o *Jardin des Supplices*, pesadello chinês com intenções satyricas. *Les Memoires d'une femme de chambre*, *Vingt et un jours d'un neurasthénique*, a 628-E 8, e *Dingo*, são menos romances do que series de episodios, anedotas e impressões sobre assumptos diversos. Mirbeau tinha, por muito tempo, collaborado nos jornaes literarios e ficou sendo jornalista mesmo no livro. Era, além disso, autor dramatico, com o *Mauvais Bergers*, peça sobre o socialismo e as greves, com pequenos actos mordenes como *L'Epidemie* e *Le Porte Feuille*, em que certo Jean Guenille, precursor do Crainquebille de Anatole France é preso como vaga-

bundo pelo commissario de policia, a quem entrega uma carteira contendo dez mil francos que encôntrou na rua; com *Les affaires sont les affaires*, forte estudo da alta finança, que vale *Turcaret et Mercadet* e que desde 1903 pertence ao repertorio da Comedia Franceza; e enfim, com o *Foyer*, onde se põe em scena um typo de pretensa philanthropia e sem escrupulos. — (Paul Souday — *Le Temps* — Paris).

## LLOYD GEORGE

O problema da excepcional fortuna politica de Lloyd George e de suas extraordinarias alternativas apresenta duas phases: uma pessoal, a outra nacional. Como se operou no espirito desse homem uma transformação que o fez passar de tribuno revolucionario a supremo representante da nação inteira numa luta de vida ou de morte? E como a mesma opinião publica que até o principio da guerra o detestava faz d'elle agora um idolo, procurando apoio na sua pessoa? A resposta á primeira pergunta é de caracter psychologico: Lloyd George, não obstante todas as suas antigas predilecções pelas ideias democraticas, não é homem de pensamento, mas homem de acção. Todo o seu ardente apostolado democratico não tinha sido, na realidade, a expressão de uma fé apaixonada por essas ideias, o que bem demonstra o facto de que não trouxe nenhum elemento novo de pensamento ao movimento democratico. Tinha tido a intuição simplesmente, com o instincto vidente do homem de acção, de que essas ideias correspondiam ás necessidades e aos desejos das massas naquelle momento da vida do seu paiz, e havia-se lançado nessa propaganda porque ellas lhe davam um meio de empregar e desenvolver as extraordinarias potencialidades de acção do seu temperamento. Assim, quando uma tempestade imprevista transtornou de choque todo o mundo dentro do qual elle

agia, Lloyd George, homem sincero e forte, cheio de energias primordiais, não encontrou no seu espirito nenhum obstaculo historico que impedisse de volver a sua enorme capacidade de acção para uma tarefa nova e adaptal-a ás novas necessidades historicas. E foi assim que o tribuno subversivo de hontem, o demagogo detestado não teve a menor difficuldade moral em trocar o seu papel e converter-se no supremo organisador e guia do seu povo em guerra. Mas como poudes vencer as difficuldades externas, como poudes impor-se, fazer com que o acceptassem como o homem do destino, os mesmos elementos da nação que até á vespera da guerra o consideravam como a suprema desgraça nacional? E' este um dos mais delicados problemas da psychologia collectiva das nações e das raças. Graças ao meu profundo conhecimento da Inglaterra e do seu character psychologico e moral, creio poder affirmar que o assombroso exito de Lloyd George é devido nada menos do que a isto: que Lloyd George "não é inglez". Mas, ao contrario, representa tudo quanto se póde imaginar de mais contrario espirito dos inglezes. Filho de Galles, de antiga raça celtica, isto é, da raça que foi combatida e repellida para as montanhas pelos invasores saxões, Lloyd George, o proprio aspecto de sua pessoa, o olhar sonhador e iluminado, na paixão violenta e concentrada, com que organisa a sua actividade consagrada á tarefa que se impoz, na multiplicidade simultanea de sua alma, representa mais violento contraste com as capacidades certamente poderosas mas lentas, fleumaticas, hierarchicas e disciplinadas do temperamento dos anglo-saxões, que constituem o substractum fundamental da nação. Esta convergencia de qualidades e capacidades oppostas, do ardente, rapido e multiplo pensamento e da actividade febril no espirito celta de Lloyd George, com a lenta, pesada, ponderada e disciplinada capacidade de applicação propria da grande maioria nacio-

nal, é uma grande fortuna para a Inglaterra, e a revelação da excepcional dedicacão politica desse povo, que soube passar dos preconceitos e das paixões de recentissimas luctas internas á situação actual elegendo como se tivesse uma só vontade, uma só voz, o homem que se mostrava mais apto para a tremenda situação da guerra e para a solução dos seus problemas complexos e vastos. Este facto do homem exotico que justamente pela diversidade de suas qualidades e capacidades relativamente á massa nacional chega a ser, num momento dado da historia, o guia mais proprio da nação, tem-se repetido na Historia algumas vezes. Homens como Mazzarini e Alberoni com a sua frieza intellectual de filhos da Renascença italiana, com o seu espirito subtil, diplomatico e crítico, puderam reger os destinos da França e Hespanha e conduzir especcialmente a primeira a uma profunda transformação, precisamente por causa do contraste de suas qualidades com o temperamento apaixonado e primitivamente turbulento dos povos que deviam governar. Ha tambem o exemplo de Napoleão, desse menstro genial e colossal creator, de estirpe italica que levou a sua noção de realismo a machiavelismo e sua força de vontade a desordem sentimental e theorica da Revolução Franceza, dominando-a no interior e dirigindo-a no exterior á realisacão do seu destino supremo de revolução mundial. — (Olindo Malagodi — *La Nación* — Buenos Aires).

#### PORQUE MORREU METCHNIKOFF

Apesar dos seus setenta e tres annos, Metchnikoff não morreu por causa da sua idade avançada. Seguindo os seus proprios ensinamentos, havia-se conservado sempre bem disposto e provavelmente teria vivido muito mais se não fosse uma affecção cardiaca, hereditaria em sua familia. Ha muito tempo elle sabia que essa doença lhe arrebataria a vida. Entretanto, el-

le viveu mais tempo do que os seus immediatos antepassados, os quaes succumbiram todos devido a este padecimento. Por occasião do jubileo de Metchnikoff, que se celebrou no Instituto Pasteur quando elle completou 70 annos, o illustre sabio russo chegou a predizer o seu proximo fim. E fez um quadro, em que assignalou as edades em que falleceram seus avós, seus paes, seus irmãos e irmãs. Quadro que indica terem elles morrido, respectivamente, aos 45, 51, 54, 64, 65, 67 e 68 annos de idade. "Todos desapareceram antes de alcançar a minha idade", dizia elle, de modo que me sinto tentado a attribuir a minha idade ao regimen da minha vida. Durante muitos annos segui um methodo baseado sobre a convicção que conservo, dos damnos que nos provêm do nosso apparelho digestivo. Pensa-se geralmente que os organismos que se criam em nosso tubo digestivo não são capazes de causar damno algum. Por mim, creio que possuímos grande numero de microbios damninhos que encurtam a nossa existencia, trazendo-nos prematuramente a velhice. Por isso, fiz em mim mesmo uma experiencia nos ultimos 18 annos, com a esperanza de fazer desaparecer esse infausto resultado. Abstive-me de comer toda a especie de alimentos cru's (inclusive saladas, fructas não cozidas, etc.), e bebi com regularidade leite coallado, o qual contém microorganismos capazes de destruir os organismos prejudiciaes que todos temos. Só fiz isso durante 18 annos. Esse regimen deve seguir-se desde a meninice. Actualmente, nos consideramos muito favorecidos quando chegamos a uma idade de 70 annos e nos sentimos ainda capazes de realisar o nosso trabalho diario. No futuro, o limite da actividade humana será uma idade mais avancada. Mas para alcançar um feliz resultado será preciso dispor de uma larga preparação scientifica.

O Metchnikoff intimo era tão interessante como o Metchnikoff sabio. Certo dia, achava-se elle sózinho no seu laboratorio, quando

chegaram, para visital-o, varios viajantes estrangeiros. Como o sabio estivesse a lidar, um dos visitantes observou:

— Sem duvida, alguma experiencia interessante o demorou aqui até agora...

— Veja, respondeu-lhe Metchnikoff, — e levantava um prato com alguma coisa de que se exhalava delicioso odor — é visto que trabalho. Estou fritando talhadas de banana com manteiga...

Na realidade, Metchnikoff não se limitava exclusivamente ao seu regimen alimenticio. Pelo facto delle aconselhar tanto a coalhada, muita gente suppunha que se limitava a isso a sua alimentação. Tomava-a com regularidade. Mas precisava de mais. Comia de todas as coisas que geralmente se servem nas mesas francezas, e de vez em quando tomava vinho, embora fosse um dos primeiros a assignalar os maus effeitos que o alcool produz nas arterias. Attribuia ao uso do alcool uma parte dos casos de velhice prematura; outra parte ás enfermidades; e outra aos organismos deleterios do intestino, as quaes se criam com os alimentos que não estão cozidos.

Morreu no dia 15 de julho do anno passado. A sua ultima visita ao laboratorio foi no dia 13. Chegou cedo como de costume, e trabalhou o dia todo. Mas não tratou de occultar a anciedade que lhe causava a debilidade do seu coração. Quando suspendeu o seu trabalho para regressar á casa, disse aos discipulos:

— Amanhã é 14, não é verdade? Assim, não trabalharemos. Receio que seja este o ultimo dia em que passo aqui. Não posso viver dois dias mais. Morrerei amanhã...

Com effeito, morreu no dia 15 de julho. Pelo profundo affecto que consagrava á França, provavelmente elle preferia morrer no mesmo dia da commemoração da Bastilha.

— Legou-nos um encargo muito pesado, disse-me um dos seus discipulos. Tinha-nos feito prometter que deseccariamos o seu cadaver para que verificassemos os estra-

gos que a velhice produz. Isso foi, para nós, uma coisa horrível, por mais que estejamos habituados á dissecação. Tivemos que cumpril-o, e descobrimos que realmente tinha morrido de uma lesão cardíaca, sem que nenhum outro organ estivesse affectado. (Arno Dosh — Fieuret — *World's Work*, Nova York).

## ZORRILLA

Nasceu em Valladolid a 21 de fevereiro de 1817 e falleceu a 23 janeiro de 1893, esse que bem se póde chamar o poeta dos poetas e que, segundo Menendez y Pelayo "será querido e admirado enquanto pulsar o coração hespanhol e enquanto houver uma reliquia do espirito da nossa raça". Filho de José Zorrilla, funcionario da Administração da Justiça, Zorrilla passou alguns annos da sua meninice em Valladolid e depois em Sevilha e Madrid, para onde se mudou a sua familia. Sendo em 1832 desterrado seu pae, acompanhou-o no exilio. Depois cursou alguns annos de direito em Toledo e Valladolid. Mas tão mal se dava com as leis, que um dia, abandonando a casa paterna, montou a cavallo e fez-se de rumo para a Côte. Tinha vinte annos quando em 1837 o fizeram conhecido os versos que recitou no enterro de Larra. Nesse mesmo anno publicou o primeiro volume de suas *Poesias*, ao qual logo se seguiram outros seis em que se encontram as suas melhores composições lyricas: *Indecision*, *El día sin sol*, *La duda*, *Gloria y orgullo*; e as admiraveis lendas arrancadas á tradição popular: *Para verdades el tiempo*, *A buen juez mejor testigo*, *Recuerdos de Valladolid*, *Príncipe y rey*, *Las dos rosas*, *El capitán Montoya*, *Justicia del rey D. Pedro*, *El escultor y el duque*. Tinha surgido assim um poeta tão grande e tão hespanhol como Lope de Vega, que convertia em épica moderna a mesma materia legendaria que Lope fixara em drama. Outros livros de versos produziu Zorrilla, e entre elles os

*Cantos del Trovador*, além de dramas, todos cheios de poesia. Em 1846 seguiu Zorrilla para França, de onde voltou por ter-lhe morrido a mãe. Então voltou a Bordeus e Paris, vendeu á Casa Baudry a propriedade de suas obras e conquistou a amizade de Dumas, Musset, Gautier e outros. Morto seu pae volveu a passar algum tempo em sua casa solarenga de Torquemada. Escreveu o grandioso poema de Granada em 1852 e em 1855, depois de curta demora em Paris, embarcou para o Mexico onde teve a amizade do desgraçado imperador Maximiliano. Após onze annos de ausencia, voltou á Hespanha em 1866, vivendo e escrevendo na Catalunha até 1881, em Valladolid e em Madrid. Em junho de 1889 foi solennemente coroado em Granada e a 23 de janeiro de 1893 baixou ao tumulo o poeta mais assombroso e popular que tem tido a Hespanha. Porque na verdade Zorrilla, mais do que admirado, é querido por encarnar o espirito não só da Hespanha mas de toda a raça hispanica. A prova disso está na sua popularidade em todas as republicas sul-americanas, popularidade tão grande ahi como na peninsula. Foi toda a sua vida errante, um aventureiro, um bohemio, até que as côrtes lhe votaram uma pensão em 1884. Suas obras enriqueceram, entretanto, os livros e continuam a enriquecer os emprezarios. Vendeu *D. Juan Tenorio* por uma somma infima e no entanto essa peça ha annos dá á Sociedade de Autores mais do que todas as peças de todos os outros autores reunidos. Jámais poude acabar Zorrilla qualquer coisa com perfeição: tinha nascido improvisador e elle mesmo confessa que *El puñal del godo* foi escripto em vinte e quatro horas. O temperamento poetico de Zorrilla é eminentemente épico e tem suas mais fortes raizes na imaginação. E que imaginação assombrosa! Seu espirito está povoado de visões, fantasmas, anjos e diabos, que, como diz Valera, ora o exaltam, ora o atormentam, ora o deleitam ou o ater-

ram. O poeta apparece então como um energumeno ou como possesso. E na descripção desses seres sobrenaturaes sua imaginação, e a abundancia e força de seu brilhante espirito têm tal magia, que nos fazem ver a nós tambem esses seres vagos e informes, cuja tenebrosa essencia para elle e para nós continu'a occulta:

Sueño ,estrella o espectro, quien  
eres?  
Qu'e buscas, fantasmas? Qu'e  
quieres de mi?  
No hay sin ti ni dolor ni place-  
res?  
No hay lecho ni tumba ni mun-  
do sin ti?

Mas Zorrilla está todo em suas lendas e contos fantasticos tomados da tradição popular. Foram, de resto, suas lendas que o fizeram popular, porque nellas era toda a Hespanha que cantava por sua bocca, como outr'ora cantou pela bocca dos jograes a épica do Romancero. E que canta esse errante trovador? A Hespanha que se foi. Sua poesia épica, são lendas hespanholas e christãs. O que se diz das lendas de Zorrilla deve applicar-se aos seus dramas. São lendas dramatisadas. Os seus dramas não são obras de arte e estudo, mas improvisações brilhantes e ephemeras. Um dia necessita dinheiro e vae á casa de Garcia Gutierrez, que tambem não o tem. Projectam ambos escrever um drama em tres dias, *Juan Dandolo*, para sairem dos apuros. A peça tem exito, e então Zorrilla logo escreve outra, tão atropelladamente como a primeira. Em menos de cinco annos compõe assim, vinte e duas obras.

Zorrilla foi, em summa, um poeta espontaneo e original, de uma força creadora inesgotavel, sem estudos nem mestres, improvisador, falando em verso com a mesma facilidade com que em prosa, senhor de rythmos e cadencias, profundamente hespanhol, apaixonado da tradição hespanhola e das lendas populares, poeta verdadeiramente nacional. — (Julio Cejador — *La Revista Quincenal* — Barcelona).

## VARIIDADES

### BARBA E CABELLO NA POLITICA E NA HISTORIA

E' extranho como no caprichoso volver dos tempos e dos factos se póde estabelecer uma certa parentella entre os pellos que nascem no craneo humano e das ideias especialmente politicas que nelle germinam e pullulam. Dahi talvez a indagação de um humorista, que procurava subteis relações entre a politica e a... pellitica. Em geral as venerandas perucas têm sido sempre symbolos de conservatorismo, ao passo que os bigodes e a barba de liberalismo. As vezes, porém, as opiniões, segundo as épocas e os lugares, e mesmo segundo as classes dos cidadãos, divergem quanto ao significado que se attribue aos cabellos loiros ou aos curtos, aos bigodes para cima, ou para baixo, á barba quadrada ou em ponta, etc. Houve quem dissesse que os tartaros, na antiguidade, moveram frequentes guerras aos persas e aos chinezes por um motivo bizarro: é que estes usavam os bigodes para baixo, em vez de os usarem para cima. E, segundo parece, os tartaros consideravam isso como uma offensa ao seu amor proprio. Nas velhas leis sumptuarias romanas e medievas, encontramos ás vezes normas severas que regulam a arte de pentear-se e de barbear-se. A peruca importada por Veneza da França em 1665 encontrou primeiro a opposição do Conselho dos Dez, o qual, por decreto de 29 de maio de 1668 a prohibiu rigorosamente. Mas os venezianos não deviam ser então muito obedientes ao governo, porque o decreto resultou inefficaz e a peruca, pouco a pouco, se impoz, a ponto de se tornar commum no seculo XVII e de se fazer mesmo della no XVIII um uso verdadeiramente nacional. Narra Molmenti que não era considerada como pessoa seria quem andava privado della, nem podia concorrer aos cargos publicos. Nos tempos merovingeos a perda dos cabellos

era considerada como uma grande desgraça, tanto quanto a perda da liberdade. Não foi sempre igual, mas varia e incerta a sorte da barba no decorrer dos seculos e a travéz das peripecias politicas. Alexandre, o Grande, a fazia raspar aos seus soldados, julgando-a appendice perigoso na guerra. Carlos Magno, ao contrario, a fazia conservar. E os marechaes de França tinham predilecção especial pelas costelletas. Tida a principio em especial consideração pelos padres de Igreja (porque o barbear-se significava ter a presumpção de corrigir a obra de Deus), a barba foi depois objecto de anathemas em furibundas bulas papaes. Pela metade do seculo XVI era prohibido aos bispos usar barba emquanto se reputava ornamento indispensavel a barba aos embaixadores. E' de lembrar-se o occorrido com Luiz VII. Em 1146, depois de umas prédicas de Pedro Lombardo, o rei se julgou obrigado, em consciencia, a dar o bom exemplo aos seus subditos, submettendo-se ás ordens dos bispos. E fez-se tosar a longa barba que lhe ornava o queixo. Eleonora d'Aquitaine, sua mulher, princeza caprichosa, revoltou-se contra isso, e quiz ridicularisar o esposo. O rei respondeu contritamente que não era aquillo motivo para brincadeira. O tom de penitente em que falava o rei acabou por tornal-o ridiculo aos olhos da rainha, a qual prestou logo ouvidos aos galanteios de um namorado pouco devoto de Pedro Lombardo, mas em compensação dono de uma bellissima barba. Luiz VII, percebendo a coisa, censurou a esposa. Mas esta não só continuou a fazer das suas, mas pediu e obteve divorcio. E quereis saber no que fundou a rainha o seu direito? "Eu, diz ella, fui enganada: pensei que me casava com um principe e casei-me com um... frade". Eleonora passou a segundas nupcias com Henrique, duque da Normandia, depois rei da Inglaterra, que ella levou logo a mover guerra á França. Pequenas causas, grandes effeitos! Tres seculos de guerra e

tres milhões de mortos, por causa de um bispo que tinha condemnado os cabellos e a barba. Mas o adversario declarado invencivel, teve a barba na pessoa de Pedro I, o Grande, czar de todas as Russias. Elle não podia tolerar a barba e, querendo combatel-a, reuniu a 25 de agosto de 1698 os maiores dignitarios da Côte, isto é, as mais bellas barbas do Imperio. Escutou-os a principio com paciencia. Mas logo, subitamente, tomando de uma tesoura, cortou a barba ao feld-marechal Schein, a Rodonowski e a outros ainda. Em seguida a isso Pedro, o Grande, teve uma ideia luminosa. Lançou imposto sobre a barba: os grandes negociantes pagaram a cem rublos por anno a licença de a usarem; sessenta rublos os cortezaos e os officiaes; trinta, os empregados e os pequenos burguezes; um *copek*, dos camponezes e os cidadãos. E o dinheiro choveu. Mas choveram tambem os protestos e as rebelliões. A barba se tornou para alguns motivo de orgulho nacional; para outros, signal de ideias revolucionarias. Dos tempos napoleonicos até a revolução de 1830, em França, traziam bigodes sómente os militares. Hoje, cahiram de moda as romanticas costelletas, as barbas e os bigodes, as peras napoleonicas, etc. O habito de esanhoar-se completamente se diffunde cada vez mais, especialmente nas classes elevadas. Cada vez mais nos tornamos calmos e positivos e preferimos outros meios de expor as nossas ideias. Mas certa influencia exercem os acontecimentos sobre a moda, embora a gravidade da hora que atravessamos não nos deixe pensar nisso. Mas se ha uma barba que nos interessa é justamente a barba inculta, intonsa e aspera, a barba em batalha do heroico *poilu*... (Gino Bellincioni. — *Cultura Moderna* — Milão).

#### AS CARTAS ANONYMAS

Não é recente a mania de escrever cartas anonymas. Na Republi-

ca de Veneza a delação por escripto subira quasi a ser um systema de governo: todo o cidadão podia a qualquer hora do dia ou da noite, depositar em lugar apropriado, no canto do palacio dos Doges a sua delação, o seu relatorio ou as suas queixas, que eram cuidadosamente estudados pelo Conselho dos Dez. Em Florença depois houve a *tamburazione*, assim chamada porque o receptaculo das cartas anonymas tinha justamente a forma de um tambor. Nos nossos dias as cartas ou escriptos anonymos são muito communs, mas tornaram-se um verdadeiro flagello com a guerra actual. Como a calumnia verbal é estreitamente ligada á verbomania, assim tambem as cartas anonymas têm quasi sempre a sua origem na graphomania, que é uma manifestação morbida de indole psychologica. Os hystericos não têm escrupulo nenhum em levantar as accusações mais inverosimeis contra amigos e parentes e até contra pessoas desconhecidas; e as mais das vezes taes accusações, confiadas a cartas anonymas, são redigidas em termos frios, medidos e de maravilhosa perfidia. Têm toda a apparencia da sinceridade e da verosimilhança, e consideradas superficialmente conseguem ás vezes persuadir e convencer, de sorte que as victimas envolvidas na insidiosa trama inventada pelo anonymo malfazejo difficilmente podem fugir ás consequencias e provar a sua innocencia. Em seu livro *Les Hystériques*, publicado em Paris em 1883, Legrand du Saulle narra um caso typico "o caso La Ronciere" pelo qual toda a França se apaixonou em 1835. Trata-se do seguinte: — a familia do general M., commandante da celebre escola de cavallaria de Saumur, era perseguida por cartas anonymas — declarações de amor, insultos triviaes, ameaças. Ao mesmo tempo um official amigo da familia recebia cartas escriptas com a mesma calligraphia que o incitavam a comprometter a filha solteira do general. Do conjuncto dessas cartas, das allusões e minu-

cias que continham, resultou cahirem as suspeitas sobre um certo tenente de La Roncière, e como essas suspeitas se accentuassem, tornando-se quasi certeza, o general intimou-o a não se apresentar mais em sua casa, onde antes era bem recebido. Passadas algumas semanas succedeu um facto extranho: ás duas horas da madrugada a professora da joven Maria de M. suppondo ouvir lamentos suffocados no aposento desta, penetrou ahi e com grande espanto viu a moça por terra, amarrada e ensanguetada. Socorrida immediatamente, Maria contou que um homem mascarado, mas que ella tinha reconhecido ser o tenente de La Roncière tinha entrado no seu aposento, quebrando os vidros da janella e depois de ter inutilmente tentado violental-a lhe tinha vibrado varios golpes de punhal em lugares delicadissimos do seu corpo. Os progenitores, por motivos facéis de comprehender, mantiveram o mais profundo segredo em torno ao pretenso attentado. Mas dois dias depois a senhorita Maria dansava com muito desembaraço em um baile da guarnição. E é de notar-se que nunca quiz mostrar as suas feridas, nem mesmo á sua mãe. Entretanto, o general continuava a receber cartas anonymas, nas quaes o autor do delicto se vangloriava delles nos termos mais odiosos, dando prova de um cinismo revoltante. Afinal a familia decidiu-se a denunciar o tenente de La Roncière, que foi preso. Iniciado o processo penal, o defensor mostrou todas as inverosimilhanças, contradicções e impossibilidades materiaes que a accusação continha. As cartas anonymas, escriptas com papel identico ao usado pela senhorita Maria e que não era facil de encontrar no commercio foram reconhecidas por quatro peritos como não apresentando semelhança alguma com a calligraphia do tenente de La Roncière, enquanto que nellas se encontravam as caracteristicas voluntariamente alteradas da letra da accusadora. E o defensor concluia que as cartas ano-

nymas eram obra da senhorita Maria e que o attentado não se realisara senão na imaginação dessa moça allucinada e nevropathica, a qual, de resto, já tinha dado provas de invenções romanticas e phantasticas. A opinião publica, porém, tomada de piedade pela pretensa victima, tinha já dado o seu "verdictum", que foi confirmado pelo jury com a condemnação a dez annos de trabalhos forçados por tentativa de violencia carnal e ferimento voluntario, admittindo-se, porém, a circumstancia attenuante. O pobre tenente de La Roncière teve de cumprir essa pena inteira e só foi rehabilitado em 1847.

Um escriptor francez, que depois teve de ficar em tratamento durante algum tempo numa casa de saúde, por doenças nervosas, tinha a extranha mania de escrever a si mesmo cartas de admiradores imaginarios, que começavam mais ou menos assim: "Caro e illustre mestre, — a obra prima com que recentemente enriqueceste a litteratura franceza..." e assim por deante. Mania relativamente inocua, porque não trazia damno a ninguém. Mas o caso pathologico mais interessante é o seguinte, referente a um joven estudante, originario dos Balkans, que se havia matriculado na Universidade de Bruxellas, e que por algum tempo seguiu o meu curso de psychologia: transferindo-me para Paris recebi um dia com grande surpresa a visita do estudante, que parecia embaraçado e preso de uma grande agitação. Convidado amistosamente a explicar a causa da sua perturbação, N. confessou entre lagrimas que soffria de uma doença nervosa de natureza moral que o obrigava a escrever cartas anonymas contra os seus melhores amigos. Submetti-o durante alguns dias a um exame attento e eis quaes foram os resultados: N., com 25 annos, nada sabe dos seus precedentes hereditarios, e limita-se a dizer que o pae era um violento e a mãe frequentemente doente. Ambos analphabetos. Em creança foi recebido na escola

de um convento, e após tres annos de Escola Normal tornou-se professor primario na sua aldeia. Cinco annos depois, com as suas economias, seguiu para Bruxellas, onde se matriculou na Faculdade de Letras e Philosophia. Ahi conheceu uma estudante russa, da qual se apaixonou, mas como a familia della se oppunha á união, elle começou pela primeira vez a escrever cartas anonymas, nas quaes fazia a principio o louvor do "joven estudante honesto e laborioso" e depois, pouco a pouco, acabando por injuriar e ameaçar. Desde esse momento não o abandonou mais a mania das cartas anonymas. N. é pallido anemico, desnutrido, soffre de vertigens e de cephalalgias, especialmente frontal e occipital. A insufficiencia e a irregularidade da alimentação produziram<sup>(1)</sup> nelle absoluta falta de appetite e a ausencia do instincto nutritivo. A anemia causada pela desnutrição deve ser neste caso considerada como causa principal das perturbações psychicas e das allucinações. As pupillas são largas, de reacção demoradissima. O doente fala durante o exame clinico com a maior lucidez e bom senso, indicando as singularidades do seu caso. Diz, por exemplo, que o desejo de escrever cartas anonymas se lhe torna uma obsessão, que a todo o custo deve ser satisfeita, mas isso cria um circulo vicioso porque apenas foi expedida a carta já elle sente a necessidade imperiosa de escrever outra para attenuar-lhe os effeitos e ás vezes para desmentil-as e sempre sob o veu do anonymato. Sentia-se, para citar as suas proprias palavras, "moralmente paralyzado". Tendo-se sujeito depois disto aos cuidados de um professor belga especialista de molestias nervosas, um anno depois N. escrevia de seu paiz communicando que havia readquirido a sua força de vontade, o dominio de si mesmo, e que não era mais "obceçado pela mania de escrever cartas estupidas". Em dezoito cartas anonymas, foi possivel observar, do ponto de vis-

ta graphico, que as linhas são quasi sempre irregulares com intervallos ou muito largos ou muito estreitos; as letras têm altura desigual e frequentemente incompletas, indicando nervosismo, cegueira moral, inquietação. A escripta tem sempre um aspecto artificioso e as qualidades do papel, o seu formato, os erros orthographicos voluntarios, tudo revela o desejo de occultar a verdade e de enganar, como ainda demonstra a alteração da vontade e da personalidade, a insufficiencia psychica ao menos momentanea dos individuos atacados da mania das cartas anonymas. (Ossip Lourié, *Grande Revue*, Paris).

#### O SYSTEMA METRICO E A GUERRA

Vamos sahir agora da tutella commercial e industrial dos allemaes. Será, por isso, indispensavel intensificar as relações commerciaes entre a Europa, a Inglaterra, a Russia e os Estados Unidos. Ora estas ultimas tres potencias são precisamente as unicas ou quasi as unicas que não têm ainda oficialmente adoptado o systema metrico. E' claro, todavia, que para facilitar as transacções commerciaes será necessario usar das mesmas medidas, das mesmas unidades de cumprimento, de peso, de capacidade, de moeda, etc. Será, em summa, necessario substituir os methodos antiquados, que tornam os calculos longos e complicados, difficeis até aos que se habituaram a elles desde a infancia, pelo systema metrico tão simples e pratico. A superioridade do systema metrico está sufficientemente attestada pelo facto de que a maior parte dos paizes civilizados já o adoptou. Sómente a Inglaterra, os Estados Unidos e a Russia é que até agora o não adoptaram oficialmente, com grave damno para o commercio. Na Inglaterra o uso do systema metrico foi declarado facultativo em 1897. Nos Estados Unidos, muito antes: em julho de 1866, por uma lei cu-

jo art. I é assim formulado: O Senado e a Camara dos Estados Unidos, reunidos em Congresso, resolvem declarar, depois da promulgação desta lei, legal em todo o territorio dos Estados Unidos o uso dos pesos e medidas do systema metrico, e que nenhum contracto e nenhum acto juridico será annullado ou sujeito a objecções pelo facto de ser baseado em pesos e medidas do systema metrico. Tudo isto constitue, sem duvida, bons augurios para a adopção universal do systema metrico. Entretanto, a experiencia tem demonstrado que em todos os paizes em que o systema metrico é facultativo não se pôde fazer muito para generalisalo. Os negociantes são contrarios visivelmente a mudar os seus habitos e abandonar tradições seculares. Pois não vemos na propria França os mercieiros, os vendedores ambulantes obstinarem-se em contar por libras, por um quarto de libra (demi-setier); os marinheiros a avaliarem as distancias em nós, em braças em *encableures*, cerca de duzentos metros; os camponezes referirem-se ainda ao pé, a polegada, á linha; e a lingua corrente usar das velhas unidades monetarias: o *louis*, o escudo, o soldo? Isto ainda não é tudo. Além da perturbação que produziria durante algum tempo o abandono dos systemas aos quaes se habituaram, ha, pelo menos na Inglaterra e nos Estados Unidos, uma questão tão de principio a regular. A massa da população desses paizes sabe que representa cinco oitavos na industria e no commercio mundiaes, e pensa que mais do que a ella toca aos outros tres oitavos abandonar as medidas proprias pela regra de que a minoria deve ceder á maioria. Essa objecção seria fundada se os inglezes e os norte-americanos tivessem um systema unico de pesos e medidas e se este systema fosse tão simples, claro e logico como é o nosso systema metrico. Mas esses systemas estão longe de ser assim. A complicação das medidas inglezas, as difficuldades que gera

o emprego de multiplos e submultiplos não decimaes são muito conhecidas dos commerciantes. E isso não é nada ainda em confronto com o chaos das medidas em uso nos Estados Unidos. Para não se dar senão um exemplo, notamos que o *bushel* tem cerca de cincoenta valores diversos segundo as mercadorias a que se applica e segundo o Estado em que se faz a medida. O peso do *bushel* pôde assim variar de quatro a cento e trinta libras, sem cessar de ser legal. Podiam ser citadas outras muitas extravagancias do mesmo genero, mas esta basta a dar uma ideia da vantagem que offereceria ás transacções commerciaes a adopção do systema metrico decimal em todos os paizes. E' de desejar que uma das consequencias beneficicas da guerra seja essa. — (*Revue Scientifique*, Paris).

#### O CRUZEIRO DO SUL

E' bem conhecida dos rutilos a larga discussão travada a respeito da interpretação do celebre terceto de Dante, referindo-se ao Cruzeiro do Sul sem nunca tel-o visto e sem poder vel-o:

"Io mi volsi a man destra, e posi  
All'altro polo, e vidi quattro stelle  
Non viste mai, fuor ch'alla prima  
gente."

"Voltei-me para direita, e puz minha imaginação no outro polo, onde vi quatro estrellas, só vistas pelos primeiros homens." Essas quatro estrellas, diziam os commentadores de então, symbolisam as quatro virtudes cardeaes, praticadas e respeitadas sómente pelos primeiros homens. Na verdade, porém, Dante não pensou nisso. A allusão era directamente astronomica, isenta de todo o symbolismo. Dante, como toda a pessoa decente, foi um apaixonado da Astronomia e um erudicto no systema astronomico de Ptolomeu. Era mesmo forte em meteorologia. Pois bem: Ptolomeu

collocava o Cruzeiro do Sul — sem entretanto dar-lhe esse nome — na constellação do Centauro. Ora, Dante, cultivava relações com alguns astrónomos arabes. Dada a latitude da Arabia, o Cruzeiro do Sul, o seu ponto culminante é visível de lá. Mas, prescindindo da supposta amizade com aquelles astrónomos, o facto é que Dante conhecia os globos celestes deixados pelos arabes na Italia, e nos quaes estava desenhado o Cruzeiro do Sul. A allusão de Dante com sua enigmatica phrase "Non viste mai, fuor ch'alla prima gente", referindo-se ás quatro estrellas do Cruzeiro, revela a sua grande erudição em astronomia para aquelles tempos.

Desde que a invisibilidade do Cruzeiro do Sul para a Europa ou o Hemispherio norte não será eterna, quando tornará elle a ser visto desse hemispherio? Tomando como ponto de referencia a estrella mais austral do Cruzeiro e, portanto, a que mais se faz rogar para ser vista do outro hemispherio, e tambem a mais formosa, a que forma o pé do symbolo — Alpha Crucis — o calculo das coordenadas equatoriaes dessa estrella nos diz que ha 3.500 annos deixou de ser vista da latitude de 45 graus norte, isto é, do centro da França, Norte da Italia, etc. As outras tres estrellas, Beta, Gama e Delta, do Cruzeiro, puderam ser vistas durante bom tempo, depois de desaparecer a estrella Alpha pois todas ellas têm menor declinação austral do que esta. Entretanto, não ha mais de 2.000 annos a cruz ainda podia ser vista do limite sul da Hespanha, de Gibraltar, por exemplo, pois a declinação da Alpha Crucis era então de 52 graus. Disto se deduz que a Hespanha é o paiz que viu o Cruzeiro do Sul até o ultimo momento e o primeiro da Europa que tornará a vel-o. Mas, se tomamos como valor medio de latitude norte 45 graus mais ou menos, o centro da França, toda a Italia, boa parte da Austria, etc., o Cruzeiro do Sul tornará a ser visto dalli no anno 12.300, permanecendo visível durante doze mil annos. Sua altu-

ra maxima sobre o horizonte europeu ou boreal terá lugar seis mil annos depois, isto é, no anno 18.300, culminando a 15 graus e 30 minutos no horizonte de latitude media indicada, podendo ser vista então de toda a Inglaterra e do extremo sul da Suecia. Indiscutivelmente terá corrido muito tempo quando esses paizes projectarem uma festa nacional que esteja á altura do celeste acontecimento... (Martin Gil—*La Nación* — Buenos Aires).

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

#### *Brasil:*

O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817 — Trabalho de Vicente Themudo Lessa—S. Paulo.

A BANDEIRA DO ANHANGUERA A GOYAZ EM 1722 — Henrique Silva — Rio.

LITTERATURA NACIONALISTA — Andrade Muricy — Petropolis.

DISCURSO — O que pronunciou Abelardo Vergueiro Cesar no almoço offereecido aos voluntarios paulistas pela officialidade do 1.º Regimento de Infantaria, a 10 de Novembro de 1916, na Vila Militar do Rio de Janeiro.

TRAÇOS ALEGRES — Caricatura a crayon, por Abelardo Maia — Recife.

AMORES DE GENTE NOVA— Romance de Raul de Azevedo — Manãos.

MOYSE'S — Poema biblico de Menotti Del Picchia — Itapira.

EXCELSIOR — Ns. 1 e 2 — Março e Abril de 1917 — Juiz de Fóra.

COMEDIA — Ns. 18, 19 e 20 — Abril de 1917 — Rio.

RENASCENÇA NATURISTA — N. 6 — Março de 1917 — São Paulo.

O CRIADOR PAULISTA — N. 3 — Março de 1917 — S. Paulo.

INDUSTRIA E COMMERCIO— N. 12 — 20 de Abril — Rio de Janeiro — A destacar: O novo Funding, por Serzedello Corrêa; O Estado do Paraná, por Osear Corrêa;

A' margem das massas fallidas, por Annibal Duarte.

ARCHIVOS DA UNIVERSIDADE DE MANA'OS — N. 1 — Anno V — Dezembro de 1916 — Manãos — Trabalhos de Braul e Pinto, Benjamin de Araujo Lima e Raphael Benaion.

REVISTA DOS MILITARES— N. 81 — Março — Porto Alegre.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — S. Paulo, Março de 1917 — Principaes trabalhos: Da ingerencia do fallido na verificação de creditos, por Waldemar Ferreira; Portos de commercio, por Clodomiro Pereira da Silva; Consultas e pareceres, por Alfredo Pujol; O formidavel progresso dos Estados Unidos, por Victor de Suesnay.

VIDA MODERNA — Ns. 308 e 309 — Abril — S. Paulo — Trabalhos de Olavo Bilac. Armando Prado, Monteiro Lobato, Gustavo Teixeira, Manoel Carlos, Saul Maia, Leo Vaz, Octacilio Gomes, etc.

REVISTA FEMININA — N. 35 — S. Paulo, Abril — Trabalhos de Jesuina de Barros, Orlando Margal, Wenceslau de Queiroz, Ameelia de Oliveira, Aurea Pires da Gama, Mario Setti, etc.

REVISTA AMERICANA — Ns. 5 e 6 — Fevereiro e Março — Rio — Principaes trabalhos: Bibliothographia de José Maria da Silva Paranhos, pelo sr. Rio Branco; L'Arbitrage au Brésil, pelo professor Sá Vianna; Relações entre os Estados Unidos e o Brasil. Uma nuvem que passa, pelo sr. Helio Lobo; Meus sete peccados, poesia por J. M. Goulart de Andrade; A' margem das grammaticas, por José Oiticica; Notas á Historia da Revolução de 1817 de monsenhor Muniz Tavares, pelo sr. Oliveira Lima; Impressões dos Estados Unidos, pelo sr. Rodrigues Doria; Spi-noza, por Januarie Lucas Gaffré; A civilização do Brasil nos fins do seculo XIX, de Rocha Pombo; Oda Continental, por José dos Santos Chocano; O triste fim de um poeta de raça, por Alipio Machado; As fronteiras do Brasil, por J. C. Gomes Ribeiro; Versos de Alfredo

de Assis; Selecta Camoneana classificada, por Arthur Bomilear.

A CIGARRA — N. 64 — 18 de Abril — S. Paulo — Trabalhos de Emilio de Menezes, Amadeu Amaral, Martins Fontes, Guedes de Melo, Cornelio Pires, João Felizardo, Oavo Bilae, Manuel Leirod, Guilherme de Almeida, Ulysses Sarmiento, René Thiollier, Alcanta Carreira, J. Marques da Cruz, Carneiro Leão, Caio de Mello Franco, etc.

OS QUE TRIUNFAM — Novela Romantica, de Souza Costa — Edição da Livraria Francisco Alves.

APOLLO — N. 1 — Janeiro de 1917 — Rio — Trabalhos de Colatino Barrozo, Legenda das aguias divinas; Da Costa e Silva, Verhaeren; Ildefonso Falção, A' Humanidade; Olegario Marianno, Canço da Saudade; Mario Pederneiros, Madrigal; Lima Campos, Vitraes; Caio de Mello Franco, Arrependimento; Hermes Fontes, Transformação; Gonzaga Duque, Sangra-Vida; Alvaro Moreyra, Mãos Postas; Rodrigo Octavio (filho), Do Sonho e da Saudade; etc.

*Estrangeiro:*

ATLANTIDA — N. 17 Anno II — Lisboa, 15 de Março de 1917 — A destacar: Columbano, por Manuel de Souza Pinto; Saudades tragico-maritimas, por Affonso Lopes Vieira; A Sorte do Cambaia, por Henrique Lopes de Mendonça; O meu Natal em Mansurah, por Manuel Monteiro; A função social da guerra europeia na Historia da Humanidade, por José de Mattos Braamcamp; O meu enterro, por A. Rita Martins; Cartas a uma rapariga loira, por Julio Dantas; A cobra de Teófilo Braga e as tradições portuguezas, por Marques Braga.

A AGUIA — Ns. 61, 62 e 63 — Janeiro a Março de 1917 — Porto — A destacar: Fanny Owen e Camillo, pelo Visconde de Vila-Moura; Tentativas pedagogicas, por Alfredo Coelho de Magalhães; Musicos portuguezes, por D. Miguel Sotomaior, com apresentação de Vi-

la-Moura; Etnographia artistica, por Virgilio Correia; O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da industria nacional, por Alfredo Bensaude; A Educação religiosa, por Leonardo Coimbra; Ciencia e educação, por Antonio Sergio; Colonização, climas e linguas, por Affonso Cordeiro.

ESTUDOS DE LITERATURA — Artigos varios de Fidelino de Figueiredo — Lisboa.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — N. 78 — Buenos Aires, 12 de Março de 1917 — A destacar: Finanzas modernas. Ideas para la Republica Argentina, por Luis B. Tamini; Libertad constitucional y licencia práctica de la prensa, por Francisco Durá; Fiscalización de sociedades anónimas, por Mario A. Rivarola; Problemas educacionales, por Alejandro Calzada; El derecho social al trabajo, por Enrique F. Mann; De politica y religión, por Leopoldo Velasco; Inembargalidad de las dietas legislativas, por Luis Reynald O' Connor; Fallos de la suprema corte, por Raimundo Wilmart.

REVISTA COMERCIAL — N. 12 — Montevideo, Março de 1917 — A destacar: La proteccion a la industria, por Pedro de Castilla; El impuesto unico y el problema de la tierra, pelo dr. Andrés Máspero Castro; El Presupuesto, por Juan R. Garrone.

LA GRANDE REVUE — Fevereiro — Paris — Pour la Nouvelle Iliade, de Alexis Danan; La Jeune Italie: Une Guerre d'ineliation, por Aurel; Les "Songeries" d'un Peintre Soldat, por Hubert Morand; L'Obstacle au Service de Guerre obligatoire, por Paul Deprade; La Guerre et la Musique, por Louis Boisse.

REVUE BLEUE — Paris, Março de 1917 — Principaes trabalhos: La Guerre et L'Expansion économique française á l'E'tranger, por J. Siegfried e Raoul Péret; Miranda, Général de la Convention, por Paul Adam; O, Fils. d non ami, poesia de Eugène Hollande; L'Evolução de la Politique Wilsonnienne,

por Paul Louis; La Froideur anglaise, por E. Cammaerts; Moral e Kantienne et Moral e Humaine, por Bcutroux; L'Abri, por Adolphe Aderer; Une nouvelle e physionomie des Ruines, de Raymond Bouyer; Les Philanthropes et la Guerre, por Tony D'Ulmés; L'Education physique et la Prération militaire en Allemagne, por V. H. Friedel.

REVUE SCIENTIFIQUE — Paris, Março de 1917 — A destacar: Le Chapitre de la Guerre navale, por L. E. Bertin; L'Organisation méthodique des Recherches scientifiques en vue des Arts de la Guerre et de la Paix, por Gabriel Lippmann; Qu'est-ce que la "Biologie humaine?"; L'Afrique occidentale française, de René Chudeau.

MERCURE DE FRANCE — N. 450 — Paris, 16 de Março de 1917. A destacar: Herbert-George Wells sociologia, por Maurice Simart; La Mobilisation de l'Imagination, por Saint-Pol-Roux; Les Héritiera de la Succession d'Autriche, por Etienne Fournol; L'Origine des "clouds" d'Hindenburg, por Louis Courthion.

FRANCE-BRESIL — Paris, 24 de Fevereiro de 1917 — A destacar: Neutralité, por E. Montarroyos; Peuples et Gouvernements, por Georges Gévile.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 10, 11 e 12 — Março de 1917 — Paris — A destacar: Les Canons et les Munitions, por Maurice Spronck; La Vertu française, por Louis Madelin; L'Allemagne contre le monde entier, por Abbé Wetterlé; L'Art française après la guerre, por André Michel; Les Deux Propagandes, por Edmond Rostand; La Mairie, l'E'cole et l'Eglise, por Fernand Laudet; La Transfiguration des nations, por S. N. Watson.

REVIEW OF REVIEWS — N. 326 — Fevereiro de 1917 — Londres — A destacar: The Truth about thi Country's Food, por Alfred Stead; The Problem of Venereal Diseases, por Mrs Henry Fawcett; Willainy and Virtue the "Strand", por A. Croom-Johnson.

LA REVISTA DEL MUNDO — Edição espanhola do "World's Work" — Nova York — Abril de 1917 — A destacar: El proceder de Japón en China; La Primera Exposición Aeronáutica Panamericana; Un Diario de Alemania.

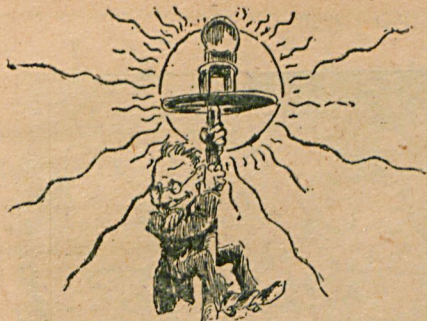
RASSEGNA NAZIONALE — Florença, 16 de Fevereiro de 1917 — I secoli della storia dell'India, por A. M. Pizzagalli; Carlo I e Zita d'Austria e la loro famiglia, por Angelo Raghianti; Attorno al Metstasio, de Raffa Garzia; L'infanzia dei Principi di Casa Medici, por Carolina Acerboni; La nave ritorna, por Maria Savi-Lopez.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — N. 11 — 1 de Março de 1917 — Principaes trabalhos: Le ragioni del Portogallo, por Magalhães Lima; La piu' grande Francia, por Probus; La psicologia della donna e la sua funzione futura, por Gina Lombroso; Il rialzo dei prezzi durante e dopo a guerra, por Emilio Bouvier.

LA REVISTA QUINCENAL — N. 5 — Março de 1917 — Barcelona — Principaes trabalhos: Por las tierras del dolor, por Johannes Joergensen; El cardenal Mercier, por Angel Salcedo Ruiz; Años de juventud del Doctor Angelico, por Armando Palacio Valdés; La emigración española y la guerra, por Eduardo Sanz Escartin; Problemas pedagógicos, por Rufino Blanco; Cancionero Español Musical Popular, por Felipe Pedrelli; Cavatinas, por Huberto Pérez de la Ossa.

# AS CARICATURAS DO MEZ

PÃO DE CEBO

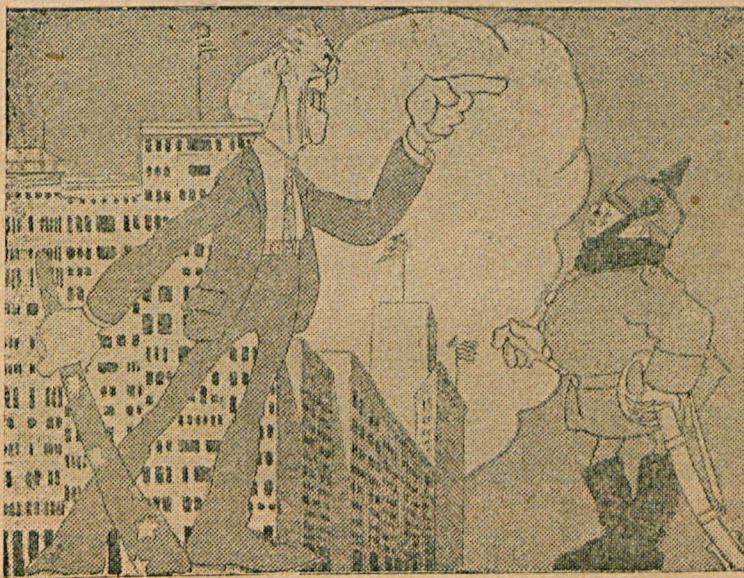


— Galgará?



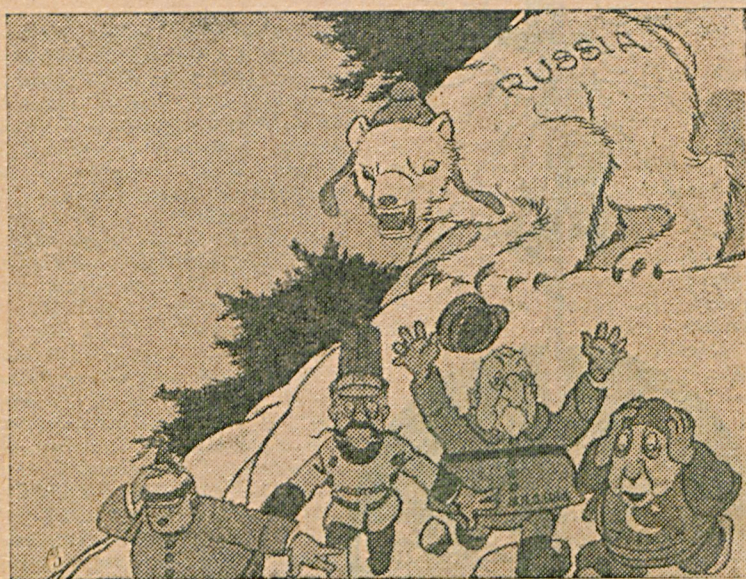
(“Gazeta de Notícias” —  
Bambino)

POTENCIAS



Wilson — Saiba que nos Estados Unidos tudo, tambem, é colossal!  
(“Caretá” — J. Carlos)

O AMIGO URSO



— Lá se foi tudo quanto o “marco” fiou.

(“Careta” — J. Carlos)



Um sucessão!! — *Three legged race* — Um sport inglez, genero alegre, na politica nacional.

(N. R.) — Ruy e Lauro não se casaram por causa da guerra ou das pernas.

(“Careta” — F. Carlos)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13.30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

**DESPACHANTES:**

**BELLI & COMP. — Santos:**  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—**Rio:** Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

**ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco** — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

**JOIAS** — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo

— **A CASA MARCELLINO** com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △  
**O ESTADO DE S. PAULO**

EXECUTA-SE QUALQUER  
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145  
TELEPHONE 725 S. PAULO

**Loteria de S. Paulo**

Em 18 de Maio

**100:000\$000**

**Bilhete inteiro . 5\$000**

**Quintos . . . . 1\$000**

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

# WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc. ; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

## AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime  
Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Aceitam pedidos para importação directa mediante modica commissão



# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor - Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno - Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director - Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# ESTABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÔ DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ VISETRÉ

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

Para CAFÉ    MANDIOCA  
ARROZ       MILHO  
ASSUCAR     FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-CILINDROS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-C**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

